

BILIONÁRIOS DE LAKE WISTE

WISTERIA BLOOMS

0123-1

THE MASTERMIND

0723-1

AMERICAN

DARLING DANIELA

0123-1

WAY!!

0723-2

GATACIC G

SECOND BEST

0123-2

QUEEN IRIS

0723-1

WISTE LOW

CHASING MEMORIES

0024-2

DAYS & FAIRY TALES

0123-1

WISTE LOW

VILLAIN ORIGIN STORY

ALMO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

122 D05
Front Cover

BILIONÁRIOS DE LAKE WISTER

WISTERIA BLOOMS

0123-2

THE MASTERMIND

0720-1

AMERICAN

DARLING DANIELA

1123-1

WAVE

0720-2

GALACTIC G

SECOND BEST

1123-2

QUEEN IRIS

0720-3

CHASING MEMORIES

002-2

DAVE'S FAIRY TALES

0720-4

W. LOW

VILLAIN ORIGIN STORY

AMOD

BILIONÁRIOS DE LAKE WISTERIA



REDESENHADO

DA AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

LAUREN ASHER

MARCADOR

BILIONÁRIOS DE LAKE WISTERIA



BILIONÁRIOS DE LAKE WISTERIA

AMOR
REDESENHADO

LAUREN ASHER

Tradução de
Catarina Gândara

 MARCADOR

info@marcador.pt

www.marcador.pt

facebook.com/marcadoreditora

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Copyright © 2023. LOVE REDESIGNED por Lauren Asher Os direitos morais da autora estão certos.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título: Amor Redesenhado — Bilionários de Lake Wisteria 1

Título original: Love Redesigned (Lakefront Billionaires #1) Autora: Lauren Asher

Tradução: Catarina Gândara

Revisão: Filipa Soares/Editorial Presença

Design da capa: Mary, Books & Moods

Paginação e arranjo de capa: Grá ca 99, Lda.

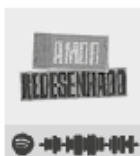
Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Grá cas, Lda.

1.^a edição em papel, Lisboa, junho, 2024

PLAYLISTS



Love Redesigned by Lauren Asher



Love Redesigned

Playlist



Fuck Love Songs

Playlist



Stressed and Depressed

Playlist



Get Hammered

Playlist



Duke Brass: Greatest Hits

Album - Duke Brass

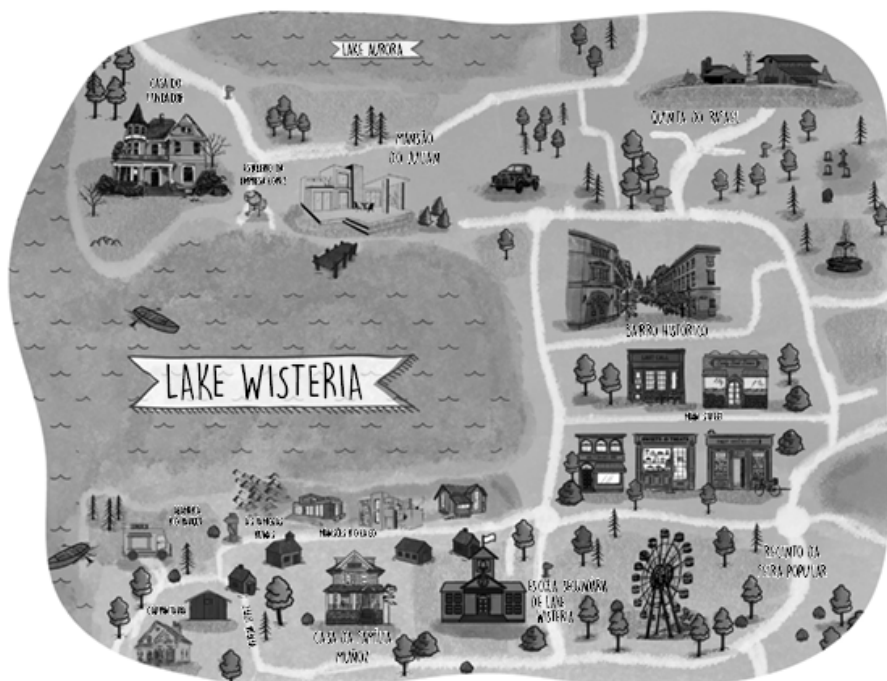


Para aqueles cuja linguagem do amor são palavras de a rmação. A vossa tara pelos elogios está em segurança comigo (e com o Julian Lopez).



AVISO RELATIVO AO CONTEÚDO

Esta história de amor tem conteúdo e tópicos explícitos que podem ferir a sensibilidade de alguns leitores. Para obter uma lista mais pormenorizada de avisos relativos ao conteúdo, é favor ler o código QR ou aceder a laurenasher.com/lrcw.



CAPÍTULO UM

Julian

Estou a dez segundos de perder a cabeça e a culpa é do condutor dolorosamente lento que está a obstruir a única estrada que leva à cidade.

O sol pôs-se há vinte minutos, deixando-me sem nada em que me concentrar para além da matrícula iluminada da Califórnia sobre a qual incidem os meus faróis. Resisto ao impulso de fazer sinais de luzes com os máximos e de buzinar, embora quase ceda quando o sedã preto da marca Mercedes-Benz se desvia ligeiramente para a berma antes de voltar à estrada.

Cálmate. 1 Só te faltam mais oito quilómetros para chegares à Main Street.

Embora me sinta tentado a ultrapassar o outro condutor para conseguir chegar a tempo do espetáculo de talentos do meu a lhado, não quero correr o risco de dani car o meu novo McLaren ao sair da estrada. Não passei os últimos anos da minha vida a convencer-me a mim mesmo a comprar o carro dos meus sonhos só para dar cabo da suspensão uma semana depois de me ter sido entregue.

O som altíssimo do toque do meu telemóvel assusta-me conforme o nome do meu primo pisca no ecrã. Respiro fundo antes de premir com força o botão do volante.

— Onde diabos estás? — O som do murmúrio áspero do Rafael preenche o automóvel.

— Chego daqui a dez minutos.

Segue-se um resmungo desaprovador.

— Mas o espetáculo começa daqui a cinco.

— Não te preocupes. Vou chegar antes de o Nico subir ao palco.

— Não me parece que isso seja possível, visto que ele vai fazer a primeira atuação.

Mierda. 2

— Não fazia ideia.

— O programa foi alterado à última hora, depois de alguns miúdos terem adoecido. Mande-te uma mensagem esta manhã a dizer isso. — Nem se dá ao trabalho de esconder a irritação.

As minhas mãos apertam o suave volante de cabedal.

— A reunião em Lake Aurora demorou muito mais do que esperava.

— Claro que demorou.

— As coisas devem abrandar em breve.

— Claro que vão abrandar. — O tom áspero dele só serve para aumentar a minha irritação.

Antes de a mulher dele lhe ter pedido o divórcio, há dois anos, as pessoas chamavam ao Rafael o primo Lopez descontraído, dado que estava constantemente a fazer tudo para pôr um sorriso no rosto de toda a gente.

O seu profundo suspiro corta o silêncio.

— Não faz mal. O Nico vai entender.

O meu a lhado pode ser um miúdo de oito anos maduro para a idade, mas não é assim tão maduro. E depois de tudo aquilo por que passou com o divórcio dos pais, recuso-me a acrescentar o meu nome à sua crescente lista de desilusões familiares.

— A tua mãe guardou-te um lugar na última la do auditório, caso consigas chegar a tempo.

— Rafa, vou che...

Ele desliga antes de ouvir o resto da minha frase.

Pendejo.³

Ultimamente, eu e o Rafa temos discutido com muita frequência, sobretudo por causa da má atitude dele e do meu horário sobrecarregado devido à gestão da empresa de construção do meu falecido pai. Embora me esforce para equilibrar a minha vida pessoal e o facto de a empresa Empreendimentos de Luxo Lopez se ter expandido muito para além daquilo que o meu pai alguma vez sonhou, não estou a conseguir.

Passo os olhos pelo espaço estreito ao lado da estrada. O declive está enlameado, mas, ainda assim, dá para conduzir por ele durante a mão-cheia de segundos de que preciso para ultrapassar o carro que está à frente do meu.

Para de pensar no assunto e fá-lo.

O terço que a minha mãe pendurou no retrovisor rodopia quando viro o volante para a berma e carrego a fundo no acelerador. O motor

acelera as

rotações quando troca de mudanças e os pneus chiam.

Fico com o coração na garganta quando o outro automóvel guina para a direita e bloqueia o caminho que estava livre.

Foda-se. Foda-se. Foda-se!

O tempo parece acelerar enquanto os nossos automóveis chocam. Os meus faróis estilhaçam-se e o metal range quando a dianteira do meu carro embate contra o para-choques traseiro do outro. Sou lançado para a frente, apenas para ser puxado na direção oposta quando o meu cinto de segurança ca xo.

Felizmente, os airbags não são ativados, embora o alívio que sinto não dure muito, porque qualquer centelha de esperança que eu tivesse de chegar a tempo ao espetáculo do Nico desaparece, deixando-me vazio de tudo, menos da vontade de gritar com este condutor irresponsável.

Conta até cinco. A memória da voz do meu pai puxa os os invisíveis enrolados à volta do meu coração, até que o aperto que sinto no peito me parece insuportável. Consigo recordá-lo claramente, enquanto me ajudava a acalmar-me depois de ter tido mais um pesadelo, respirando fundo as vezes que fossem precisas.

Nunca pensei que iria usar a mesma estratégia vinte e cinco anos mais tarde, mas aqui estou, com os olhos rmente fechados conforme me obrigo a contar as minhas inspirações até a dor no peito diminuir e parar de sentir que vibro de raiva.

A brisa do início de outubro atinge-me o rosto quando me encaminho para o outro automóvel. A condutora está curvada sobre o volante, com o cabelo escuro e pelos ombros a tapar-lhe a face, obstruindo a minha visibilidade.

Estico o braço para bater na janela, mas um guincho agudo vindo das colunas do carro impede-me de concluir o gesto.

— Não te preocupes! Estou a caminho! — A chamada desliga-se depois de dois toques.

O pânico da sua respiração torna-se mais evidente a cada oscilação rápida dos ombros dela.

— Ei. — Bato com o punho contra a janela quando ela não se digna a

reconhecer a minha presença. — Está bem?

A mulher levanta um dedo trémulo junto do vidro enquanto mantém a cabeça baixa.

— Um segundo. — A voz parece trémula.

Os músculos da minha barriga cam tensos.

— Precisa que chame uma ambulância?

— Não! Estou bem! — Vira repentinamente a cabeça na minha direção.

Vete a la chingada!⁴

— Julian? — O meu nome sai dos lábios cor-de-rosa e entreabertos da Dahlia Muñoz num murmúrio rouco.

Passaram-se anos desde a última vez que ouvi a Dahlia dizer o meu nome na sua voz suave, e aquilo atinge-me com mais força do que uma marreta a bater-me no peito.

A última vez que a vi foi no batizado do Nico, há oito anos, quando nos tornámos padrinhos dele. Ambos arvorámos expressões felizes perante as nossas famílias, mas a tensão e o silêncio desconfortável entre nós quase me fez sufocar, sobretudo porque não voltámos a falar desde o funeral do meu pai, um ano e meio antes.

A Dahlia cou em Stanford o ano inteiro, incluindo durante as férias de verão, enquanto eu mantive a distância porque era um cobarde.

Um cobarde que foi apanhado de surpresa quando ela apareceu com o Oliver, o meu ex-companheiro de quarto e novo namorado dela. Nunca pensei que eles se tornassem amigos e muito menos um casal, embora isso zesse todo o sentido, tendo em conta os comentários que o Oliver fazia sobre a minha paixoneta pela Dahlia e a maneira como olhava para ela, apesar de saber o que eu sentia.

Desde o batizado, ambos zemos um excelente trabalho no que toca a evitarmo-nos — ou, pelo menos, tínhamos feito, até ela ter arruinado todos os nossos esforços com a visita-surpresa desta noite.

— Dahlia. — Uma intensa necessidade de fugir apodera-se de mim quando os olhos dela deslizam pelo meu corpo.

Escondo o meu choque à medida que ela sai do carro de cabeça

erguida, apesar de ter rímel a escorrer pelas maçãs do rosto e o queixo a tremer ligeiramente. Só vi a Dahlia chorar duas vezes nos trinta anos em que a conheço

— uma vez quando partiu o braço a tentar derrotar-me numa competição de trepar às árvores e a segunda no funeral do pai dela.

Tal como a maré com a lua, sou incapaz de resistir à atração gravitacional da Dahlia quando o meu olhar lhe percorre o corpo de cima a baixo.

A T-shirt branca simples que usa favorece a sua pele dourada e o cabelo castanho ondulado, enquanto as calças de ganga rasgadas parecem mais

elegantes do que funcionais, tendo em conta a maneira como os joelhos saem dos enormes buracos. As curvas dela equilibram na perfeição as maçãs do rosto altas e o queixo pontiagudo, criando a melhor combinação de suavidade e sensualidade.

Sinto um formigueiro na base do pescoço e, quando levanto o olhar, vejo os olhos vermelhos e inchados da Dahlia semicerrados na minha direção. A maquilhagem estragada não retira nada à beleza dela, embora os círculos escuros que tem por baixo dos olhos me façam falar antes que o meu cérebro tenha tempo para me apanhar.

— A tua cara está uma desgraça.

Pinche estúpido.⁵ Contrariamente à minha mãe e ao meu primo, não sou uma pessoa que goste de pessoas, e isso vê-se claramente.

Os anéis de ouro da Dahlia reluzem ao luar quando ela esfrega as maçãs do rosto, fazendo um esgar.

— Tinha qualquer coisa no olho.

— Nos dois? — Adoto uma postura mais rígida e cruzo os braços.

A Dahlia limpa os cantos dos olhos com os dois dedos do meio.

— Uma pessoa decente não chamaria a minha atenção para essa mentira.

— Desde quando é que somos decentes um com o outro?

— Nunca é demasiado tarde para começar.

Devido à nossa ligeira diferença de altura, ela é obrigada a inclinar a cabeça para trás para olhar bem para mim. Os seus olhos cor de avelã recordam-me das noites de há muito, em que cávamos até tarde na carpintaria, meticolosamente obcecados a pintar o meu mais recente projeto.

Qualquer determinação que eu tivesse, desaparece rapidamente quando a Dahlia funga.

— São alergias. — O tom defensivo que usa, aliado ao nariz que não para de tremer, faz com que o meu peito se contraia num ato de derradeira traição.

Que diabos se está a passar aqui e o que é que tenho de fazer para conseguir que pare?

Mantenho uma expressão facial neutra, apesar de sentir o meu batimento cardíaco acelerado contra as costelas. A Dahlia não resiste muito tempo ao meu escrutínio antes de se deixar cair contra a porta com um suspiro.

Sinto vontade de dizer alguma coisa, mas as palavras escapam-me.

O toque do meu telemóvel estilhaça o momento.

— Merda!

As sobrancelhas dela quase tocam na raiz dos cabelos.

— Qual é o problema?

És tu. És sempre tu.

O som estridente de sirenes abafa a minha resposta. Todos os músculos do meu corpo cam rígidos quando uma série de veículos dobra a curva em la única. Um carro dos bombeiros e uma ambulância encabeçam a brigada de segurança, seguidos do xerife, dos seus delegados e do trólei de Lake Wisteria.

Só podem estar a gozar comigo.

A Dahlia pragueja para as estrelas.

— Dios, dame paciencia con mi mamá. 6

— Era com a tua mãe que estavas a falar? — indago, tando-a.

— Infelizmente.

É típico de Lake Wisteria transformar um choque ligeiro numa crise comunitária.

Não é com os automóveis que estão preocupados. É com ela.

A Dahlia é mais do que a minha rival de infância. É a Rainha dos Morangos de Lake Wisteria, que está novamente de regresso a casa depois de ter passado anos a viver o seu sonho na Califórnia.

E tu és o cabrón7 que quase a atirou para a valeta.

Esfrego as têmporas, que estão a latejar.

— Achas que conseguimos fugir antes de eles chegarem aqui? — O olhar da Dahlia passa de mim para o meu carro.

— A culpa é toda tua. — As palavras escapam-me inadvertidamente.

Bastam uns minutos na presença da Dahlia para eu retomar o mau hábito de falar sem pensar.

Acrescenta isso à longa lista de razões pelas quais deves evitá-la.

— A culpa é minha? Não estaríamos metidos neste sarilho se tu não tivesses tentado pôr-te à minha frente — a rma com a mão na anca.

— Precisava de chegar a um sítio.

— Bem, eu estava... — Ela ergue os braços.

Normalmente, anseio por silêncio, mas há algo no facto de a Dahlia se fechar ao primeiro sinal de oposição que me deixa frustrado.

Luzes fortes e intermitentes banham-nos com sombras vermelhas, brancas e azuis quando alguns dos bombeiros saltam do carro para avaliar a cena, enquanto dois paramédicos determinam rapidamente que tanto eu como a

Dahlia estamos bem.

O chefe dos bombeiros, que é um homem mais velho, puxa a Dahlia para lhe dar um abraço.

— Pela descrição da tua mãe, parecia que estavas a morrer.

Ela revira os olhos.

— Sabes bem quão excessivamente protetora ela consegue ser.

O chefe dos bombeiros despenteia o cabelo da Dahlia.

— A tua mãe tem boas intenções.

— O Lucifer disse o mesmo em relação ao Inferno. — A Dahlia penteia o cabelo com uma expressão tensa.

— Dahlia! — A Rosa salta do trólei e corre para a lha com um terço numa mão e um frasquinho de água benta na outra. A minha mãe também sai do trólei, com um grupo de pessoas atrás dela, transformando o nosso acidente automóvel numa reunião municipal.

— Mami. — A Dahlia olha para a multidão que se junta atrás da la dos delegados. — Precisavas de ter envolvido toda a gente?

— Não comeces. ¿Qué pasó? 8 — A Rosa observa a lha da cabeça aos pés antes de arrancar a tampa do frasquinho de água benta.

Pela primeira vez esta noite, os olhos da Dahlia brilham mais do que as estrelas por cima de nós.

— O Julian bateu no meu carro.

Aquela fedelha.

A Rosa olha xamente para mim, como se eu tivesse cometido um crime.

Empertigo-me ao ouvir a voz da minha mãe quando ela avança de rompante para junto de nós.

— Julian? Diz-me que não é verdade.

— Mãe.

A minha mãe arranca o frasquinho de água benta das mãos da Rosa e faz-me uma bênção rápida antes de me borrifar com aquilo.

— O que é que te passou pela cabeça para tentares atirar a Dahlia para fora da estrada?

— É uma pena ter falhado.

O chefe dos bombeiros disfarça uma gargalhada com uma tossidela.

O olhar furioso da Dahlia ameaça queimar um buraco no meu rosto.

— Não me digas que passaste aqueles anos todos a planear o meu assassínio,

apenas para falhares agora.

— Acredita no que te digo. Não voltarei a cometer o mesmo erro.

Ela faz-me um pirete.

— Dahlia Isabella Muñoz! — A Rosa puxa a mão da lha.

— Luis Julian Lopez Junior! — diz a minha mãe, numa espécie de grito murmurado, ao mesmo tempo.

A minha mãe só usa o meu primeiro nome em ocasiões muito raras — e em que está muito furiosa —, portanto, o melhor que tenho a fazer é controlar-me antes que ela perca a calma.

Eu e a Dahlia suspiramos no mesmo instante e os nossos olhares cruzam-se, dispersando os meus pensamentos até me restar apenas um.

Ela.

O xerife aproxima-se da cena, evitando que me envergonhe ainda mais.

Felizmente, o delegado que tem uma vendeta pessoal contra mim mantém-se afastado, o que é uma bênção, dada a minha má sorte de hoje.

Conhecendo a Dahlia, tornar-se-ia amiga dele só para me despeitar.

O xerife mais velho puxa a Dahlia para um abraço de urso rápido.

— E então, o que é que aconteceu aqui?

— Devia prender o Julian por tentativa de homicídio.

O sorriso malvado da Dahlia faz soar um alarme gritante na minha cabeça.

Vêm-me à mente memórias que passei anos a eliminar e que passam

diante dos meus olhos como uma bobina cinematográfica assombrada.

A maneira como o sorriso dela aumentava sempre que eu cava atrapalhado e falava sem pensar.

O brilho dos olhos dela ao olhar para mim enquanto nós — não, enquanto eu nos arrastava rigidamente pela pista de dança durante a quinceañera⁹ dela.

A forma como tinha uma expressão semelhante durante o discurso de m de curso, quando foi a melhor aluna e me agradeceu, a mim, que fui o segundo melhor aluno, por lhe ter dado luta durante todo o secundário.

É patético como um simples sorriso da Dahlia consegue despertar incontáveis memórias, todas aquelas que deviam car no passado, a par de quaisquer sentimentos que tive, em tempos, por ela.

A verdade é que não sei porque é que a Dahlia Muñoz regressou, mas nada de bom pode sair disto.

Nada de bom, de todo.

1 Cálmate: Acalma-te.

2 Mierda: Merda.

3 Pendejo: Idiota.

4 Vete a la chingada!: Não me lixes!

5 Pinche estúpido: Idiota de merda.

6 Dios, dame paciencia con mi mamá: Deus, dá-me paciência para aturar a minha mãe.

7 Cabrón: Cabrão.

8 ¿Qué pasó?: O que é que aconteceu?

9 Quinceañera: Comemoração dos quinze anos das raparigas latinas, que marca a transição de menina para mulher.

CAPÍTULO DOIS

Dahlia

Se eu soubesse que o meu regresso a Lake Wisteria iria incluir um ataque de pânico, um acidente de automóvel e um trólei cheio de pessoas da cidade à espera de me cumprimentar, teria cado em São Francisco. Vim a descobrir que o meu plano de fugir dos meus problemas tinha algumas falhas importantes, a começar pelo homem que passou a maior parte da sua vida a tornar a minha insuportável.

As luzes de emergência lampejam sobre o rosto bronzeado e angular do Julian, lançando um fulgor vermelho sobre ele, como um halo diabólico, enquanto fala com o xerife.

Estive tão embrenhada em evitar o Julian ao longo dos anos que não reparei no quanto ele amadureceu durante esse tempo.

Que não reparei? Na verdade, estava decidida a ignorá-lo.

Luzes vermelhas intermitentes atraem os meus olhos para o seu maxilar angular, apenas para voltarem a roubar a minha atenção quando realçam os seus lábios suaves e a barba por fazer.

Com base no meu olho para roupas de luxo e nariz para cabedal italiano verdadeiro, consigo ver que a indumentária que o Julian usa esta noite deve ter custado, facilmente, dez mil dólares, uma avaliação que, por si só, é chocante.

Contudo, apesar do fato impecável, do cabelo escuro perfeitamente cortado e dos luxuosos mocassins de estilista, consigo vislumbrar alguns fragmentos do Julian desalinhado que conheci.

O ligeiro alto no nariz, depois de eu lho ter partido acidentalmente com uma cotovelada.

Uma cicatriz branca e na que lhe percorre a maçã do rosto por barbear, de quando pensámos que era boa ideia competir para ver quem conseguia saltar mais alto de um baloiço.

O rme cerrar dos lábios sempre que alguém fala com ele — um hábito que

apanhou quando éramos miúdos, para se impedir de falar quando não devia.

Quando pressente que estou a tá-lo, o Julian olha na minha direção. O

desdenhoso passar dos seus expressivos olhos castanhos pelo meu corpo devia irritar-me mais do que qualquer outra coisa, mas a pele de

galinha que se espalha por mim mostra que tem o efeito oposto.

Viro as costas ao Julian, num esforço de autopreservação, e deixo que a mãe dele, a Jose na, e a minha, se alvorocem à minha volta. As duas melhores amigas têm ambas cabelo e olhos castanhos, mas as alturas, as feições e as personalidades diferentes distinguem-nas uma da outra.

Embora as nossas mães se tenham tornado melhores amigas ao crescer juntas no México, eu e o Julian não nos tornámos melhores amigos, de todo. Na melhor das hipóteses, somos amigos de família, e, na pior, somos rivais de infância que transformam tudo numa competição.

— Emagreceste. Tens a certeza de que tens andado a comer bem? — A minha mãe belisca-me as maçãs do rosto de sobrolho franzido e com uma expressão sombria. — O que achas? — Vira-me para a Jose na.

A expressão amarga desta com rima a observação da minha mãe.

— Nada que alguma comida saborosa não consiga resolver. Já sabes, panza llena...

— Corazón contento¹⁰ — termina a minha mãe.

É uma pena que a comida caseira apenas vá encher o buraco vazio na minha barriga, não aquele que tenho no peito.

A minha mãe inspeciona o meu cabelo pelos ombros.

— ¿Y qué pasó con tu pelo? ¹¹

— Cortei-o.

— Mas porquê? — geme.

Só sou capaz de soltar um suspiro longo e exagerado.

— Adoro, sobretudo por causa do motivo pelo qual o cortaste. — A Jose na pisca-me o olho.

Um corte de cabelo foi o que o médico me receitou depois do meu desgosto amoroso, a par de uma caixa de Zolofit para manter a tristeza à distância.

A minha mãe agarra-me pelos ombros enquanto me analisa da cabeça aos pés.

— Estou contente por estares em casa. Com o resto, podemos lidar

depois.

— Eu também. — Falha-me a voz. Não há nada que eu quisesse mais do que os abraços da minha mãe e a sua crença inabalável de que o Vicks VapoRub cura

tudo, incluindo um coração partido.

A Jose na coloca as mãos nos meus ombros e aperta-mos.

— Não te preocupes. Vamos fazer com que tudo melhore, a começar por um bocadinho do meu pozole.

A minha mãe é uma pessoa que se preocupa com tudo, mas a Jose na é uma pessoa que resolve tudo, tal como o lho.

Se ao menos o Julian também tivesse herdado a empatia dela.

O xerife pigarreia e interrompe a nossa reunião.

— Dahlia.

— Sim?

— O Julian quer manter isto o cioso e pagar o arranjo de ambos os carros.

— Então não vai apanhar uma multa ou ter de fazer serviço comunitário obrigatório por ter batido no meu carro?

O xerife dá uma pequena gargalhada.

— Queres que ele faça isso?

— Só se conseguir prometer-me que ele tem de fazer o tipo de serviço que o obriga a apanhar lixo nas bermas das estradas durante horas. — Estalo os dedos.

— Esqueça isso. Durante dias.

— Mija¹² — avisa a minha mãe, e a Jose na ri-se.

— De que outra maneira é que ele há de aprender a lição? Alguém podia ter cado gravemente ferido.

O xerife lança-me um olhar conhecedor.

— Para sermos justos, tu devias ter encostado à berma se estavas a ter problemas com o carro, em vez de teres continuado a conduzir.

— Problemas com o carro? — Franzo as sobrancelhas.

— O Julian já me explicou tudo. Se alguma vez voltares a ter problemas de motor, encosta à berma e liga a alguém a pedir ajuda.

Porque é que o Julian Lopez inventou uma história para me encobrir em vez de dizer ao xerife que eu estava demasiado ocupada a chorar para conseguir conduzir como deve ser?

Talvez porque planeia chantagear-te mais tarde.

A minha mãe dá-me um apertão compreensivo na mão e a tensão que sinto nos músculos desaparece.

— Fá-lo-ei.

O xerife inclina o chapéu.

— Agora que está tudo resolvido, o melhor é levar toda a gente de volta ao auditório da escola, para assistirem ao espetáculo de talentos. Algumas destas pessoas deviam estar na cama antes que os seus medicamentos façam efeito às dez da noite. — Assobia e aponta para o trólei. — Vamos dispersar!

— Nós vamos de boleia com os nossos lhos. — A Jose na manda o xerife embora, acenando com a mão.

Os delegados em am a multidão protestante dentro do trólei enquanto os paramédicos e os bombeiros se dirigem para a cidade, deixando as famílias Muñoz e Lopez sozinhas.

— De que espetáculo de talentos é que ele estava a falar? — pergunto-lhes.

— Daquele que a escola preparatória faz todos os outonos. — A Jose na volta a entregar o frasquinho de água benta à minha mãe. — Por falar nisso, seria ótimo que te juntasses a nós! O Nico ia adorar ver-te e, depois, podemos ir todos jantar fora.

Sinto a garganta a secar. Por muito que queira ver o meu a lhado e dar-lhe o maior dos abraços, jantar com as pessoas que melhor me conhecem parece-me outra situação indutora de pânico que preferia evitar esta noite.

— Tenho a certeza de que a Dahlia está cansada — diz o Julian, naquele seu tom enfadado.

Ou estou com um aspeto tão merdoso como me sinto ou o Julian está a dar a entender que não me quer no espetáculo.

Aposto na segunda opção.

Considero a hipótese de ir ao espetáculo de talentos para lhe provar que não tem razão, mas depois penso no que isso acarretaria.

Estás preparada para ver todas as pessoas da cidade?

Não. De nitivamente, não. Foi uma pequena bênção ser poupada à comissão de boas-vindas desta noite, portanto, o melhor é não abusar da sorte.

Depois de dois anos afastada daqui, vou acabar por ter de enfrentar toda a gente, mas hoje não é esse dia.

— O Julian tem razão. — As palavras deslizam-me pela língua como se fossem adagas e o sacana tem a audácia de parecer orgulhoso da minha admissão. — Estou bastante abalada com tudo o que aconteceu e, depois de ter passado o dia inteiro a conduzir, a única coisa que quero é ir descansar.

— Oh. — o sorriso da Jose na esmorece, granjeando-me outro esgar do lho dela.

— O que achas de o Julian te deixar em casa a caminho do espetáculo, e eu e

a Jose na podemos levar o teu carro para o auditório? — sugere a minha mãe.

O meu olho direito estremece. Se esta mulher não tivesse passado a minha vida inteira a criar-me, nunca mais voltaria a falar com ela. Ela sabe que o Julian é o meu maior inimigo, a par dos petiscos de pan dulce à meia-noite e de conduzir na Califórnia em hora de ponta.

— Mas... — O meu protesto morre quando a minha mãe me lança um olhar de aviso. — Está bem.

O Julian semicerra os olhos enquanto tira as chaves do bolso.

— Vamos. Não quero chegar atrasado à atuação do Nico.

Os dedos da Jose na voam pelo ecrã do telemóvel.

— Não te preocupes. Estou neste momento a enviar uma mensagem ao diretor, a pedir que mudem a hora da atuação dele.

A cabeça do Julian vira-se na direção da mãe dele.

— Não podias ter feito isso antes de eu ter tido um acidente porque estava a tentar chegar a horas ao espetáculo?

A Jose na encolhe os ombros conforme continua a escrever.

— Não me pediste.

Mordo a língua para me impedir de dar uma gargalhada. Tenho a certeza de que o Julian preferia morrer a pedir ajuda a alguém, incluindo à mãe. É uma doença crónica que herdou do falecido pai.

Tiro a minha carteira da mão da minha mãe, dou-lhe um beijo e dou outro à Jose na antes de me dirigir para o automóvel do Julian. Assemelha-se a uma nave espacial, com todas as linhas acentuadas e pormenores cromados, e tenho a certeza de que também voa como uma se ele acelerar um bocadinho.

Tenho di culdade em processar como é que o tipo que considerava um luxo comprar um jogo de vídeo novo se tornou neste bilionário que está à minha frente e que tem um McLaren azul-elétrico. A minha mãe jura que o Julian nunca deixou que o dinheiro lhe subisse à cabeça, mas aposto que tem um ego insuportável e um complexo de Deus.

Enquanto eu tive um enorme sucesso com a minha empresa de design de interiores e com o meu programa televisivo de remodelação de casas, o Julian acertou em cheio depois de ter ajudado o Rafa, o primo dele, que é um génio e programador informático, a criar o Dwelling, o motor de busca de imobiliário mais popular que existe, quando tinham, respetivamente, vinte e três e vinte e cinco anos.

A ideia pode ter começado como mais uma das tentativas loucas e

malsucedidas do Rafa de criar a próxima grande app, mas depois evoluiu e transformou-se numa empresa de milhares de milhões de dólares, com investidores, um conselho de administração e os primos Lopez a conseguir um lugar na cobiçada lista de 30 Under 30 da revista Forbes.

Eu e o Julian levamos a mão à porta do passageiro ao mesmo tempo.

A mão dele roça nas costas da minha e uma faísca de reconhecimento ganha vida.

O cheiro da água-de-colónia dele — limpa e cara — invade-me o nariz. Faz-me comichão antes de um espirro me sair disparado. Dou um salto e o meu rabo roça no Julian.

Oh, céus.

— Salud¹³ — diz e abre a porta de rompante.

— Que cavalheiro — respondo-lhe num tom seco.

Ele segura a porta com mais força até que a sua pele dourada ca branca.

— Não posso permitir que a tua mãe pense que eu sou outra coisa que não cavalheiresco.

— Não precisas de te esforçar tanto. Ela pensa que tu és a pessoa mais importante desde que Jesus caminhou sobre a água.

A gargalhada rouca do Julian, suave e quase inaudível por cima de uma rajada de vento, tem uma quantidade inaceitável de in uência sobre o ritmo do meu coração.

Atiro-me para o banco do passageiro e bato com o cotovelo na manete das mudanças quando tento desviar-me do Julian, o que me faz estremecer.

— Nos vemos allá¹⁴ — grita a minha mãe, antes de acelerar estrada abaixo, a ouvir em altos berros «Mi Primer Millón», uma das canções preferidas do meu pai. Quando o Julian me fecha a porta, afundo-me no banco de cabedal suave. A vibração faz qualquer coisa ranger perto do capô do carro, portanto, ele dá a volta pela parte da frente e ajoelha-se.

Lança um olhar furioso ao para-choques durante o que parece uma eternidade antes de entrar no automóvel com uma expressão assassina e uma postura tensa.

Nenhum de nós diz nada conforme ele leva novamente o carro para a estrada e carrega com o pé no acelerador.

Antigamente, encheria o silêncio com perguntas para chatear o Julian, mas, esta noite, fecho-me em mim mesma.

É só mais uma coisa que mudaste por causa do Oliver e da família dele.

O silêncio consome-me quando nos aproximamos do meu carro e vejo os danos causados pelo choque. Além de o meu para-choques se assemelhar a uma lata de gasosa esmagada e de o pisca traseiro estar solto, o resto do automóvel parece não ter danos.

A tua terapeuta caria orgulhosa de ti por reparares nos aspetos positivos.

Depois de ter perdido a entrada da reserva do local do casamento e de a minha nova agente me ter informado de que a comunicação social tinha sabido hoje do fim do meu noivado, preciso de todas as vitórias que conseguir.

— Estás demasiado calada. — A voz áspera do Julian interrompe-me os pensamentos alguns minutos depois.

Cerro as mãos com tanta força que as minhas unhas se enterram nas palmas.

— Isso não devia fazer-te feliz, depois de todas aquelas alturas em que me imploraste que parasse de falar?

Aquilo cala-o, embora o silêncio só dure um minuto antes de ele falar novamente.

— Sempre soubeste como fazer uma entrada em grande. — Mantém os olhos xos na estrada.

Talvez a náusea eu tenha batido com a cabeça, porque devo estar a alucinar. O

Julian acabou de tentar conversar duas vezes sem ser interrompido pelo álcool ou pela mãe.

Afundo-me ainda mais no banco.

— Quer acredites quer não, queria passar despercebida durante algum tempo.

— Isso é impossível.

Depois desta noite, temo que ele possa ter razão. Se conseguisse evitar toda a gente durante algumas semanas, enquanto me oriento, seria um milagre.

— Não é que eu goste de toda esta atenção. — Tudo o que quero fazer é desaparecer e ngir que a minha vida na Califórnia não está a ruir.

— Diz a mulher que tem o seu próprio programa televisivo e uma marca de decoração em lojas espalhadas pelo país. — Para de apertar o volante como se o fosse esganar.

Finjo ofegar.

— Julian Lopez, és um fã secreto do meu programa televisivo?

O rosto dele continua impossível de ler.

— Tenho coisas melhores para fazer com o meu tempo.

Au.

— Tenho a certeza de que passares todas as noites com a tua mãe ocupa grande parte dele.

O que quer que tenha levado o Julian a tentar falar comigo morre quando o meu comentário merdoso atinge o alvo.

Passados uns minutos, passamos pelo letreiro Bem-vindos a Lake Wisteria, cujo tema gira à volta dos morangos, que se gaba do nosso famoso Festival dos Morangos e que tem um novo lema que diz o seguinte: Terra natal de Dahlia Muñoz, celebridade do design de interiores e sensação dos reality shows.

Pouso a cabeça nas mãos e solto um gemido.

Lá se vai o passar despercebida.

O anúncio de néon do Restaurante Early Bird brilha como a estrela polar, guiando-me em direção a casa quando chegamos à esquina da Main Street. Da alegre decoração de outono no meio da Praça da Cidade até às faixas penduradas nos candeeiros de rua que promovem o Festival das Colheitas, que vai ser realizado em novembro, tudo em Lake Wisteria é caloroso e acolhedor.

É compreensível que a popularidade da nossa pequena cidade tenha aumentado, tanto entre os turistas de verão que visitam a nossa praia como entre os abastados residentes de Chicago, que querem um lugar para escapar durante o m de semana. O charme costeiro e único da era vitoriana consegue transportar qualquer pessoa para os nais da década de 1800, e o fraco serviço de rede de telemóvel também pode

fazer com que se sinta isso.

Depois de passar dois anos longe daqui, devia estar assoberbada pela excitação e pela nostalgia, sobretudo com todas as decorações de Halloween, mas sinto o corpo entorpecido quando passamos pela zona de fotogra as decorada com abóboras, pela gigantesca fonte de morangos iluminada por luzes cor de laranja e roxas e pelo parque onde o meu pai nos levava sempre, a mim e à minha irmã.

O Julian vira para sair da modernizada Main Street e dirige-se para sul. A parte mais a sul da cidade, onde ambas as nossas famílias cresceram, não tem propriedades milionárias à beira-lago nem um colégio privado de elite como a zona sul mais acima ou os edifícios modernos e as comodidades da Main Street e do quadrante oriental. E também não temos a riqueza histórica associada ao Bairro Histórico a norte, mas o que temos é a melhor pizaria da cidade, portanto, quem precisa de uma mansão luxuosa ou de um apartamento moderno com ginásio quando posso ter uma You Want a Pizza Me entregue em casa no espaço de dez minutos ou menos?

O único semáforo que nos impede de chegar a casa da minha mãe muda de

amarelo para vermelho. Enquanto o tempo passa lentamente, lembro-me de quão tortuosamente tensas as coisas estão entre mim e o Julian.

Em tempos, éramos amigos com um lado competitivo saudável. Depois, a puberdade apanhou-nos na escola preparatória e formou-se uma nova rivalidade, impulsionada pelas hormonas e pela imaturidade.

Contudo, agora, não passamos de estranhos.

Uma mão invisível enrola-se em volta do meu pescoço e aperta-mo até eu car sem fôlego. Luto contra o peso que ameaça consumir-me, apenas para fracassar quando relanceio para o primeiro homem que me partiu o coração.

Precisou de dezanove anos para o conquistar e de apenas seis palavras para o destruir.

E não tenciono esquecer isso.

10 Panza llena, corazón contento: Barriga cheia, coração feliz.

11 ¿Y qué pasó con tu pelo?: E o que é que aconteceu ao teu cabelo?

12 Mija: Minha Iha.

13 Salud: Santinho.

14 Nos vemos allá: Vemo-nos lá.

CAPÍTULO TRÊS

Julian

ADahlia ca a olhar pasmada para a placa da rua.

— Vereda Lopez?!

Mantenho-me calado enquanto passo pela rua onde cresci antes de virar para a dela.

— Porque é que haveriam de dar o teu nome a uma rua?

A reação da Dahlia foi precisamente o motivo pelo qual protestei quando o presidente da câmara quis honrar publicamente as minhas contribuições monetárias. Embora não me arrependa de ter feito uma doação de dez milhões de dólares, gostava de o ter feito anonimamente.

A Dahlia desaperta o cinto de segurança conforme eu encosto junto da sua casa de infância, que tem o estilo de um rancho. Guarda muitas memórias das nossas duas famílias, incluindo eu e o meu pai a trabalharmos juntos na sua remodelação quando eu era adolescente. Embora as ores e as decorações mudem consoante a estação do ano, a pintura azul-clara e o friso branco não mudaram desde que zemos a remodelação.

Esta casa pode estar muito distante dos meus atuais projetos, mas continua a representar tudo aquilo que adoro no que respeita à construção. Foi durante o projeto de remodelação da casa dos Muñoz que me dei conta de que, tal como os meus pais, tenho uma paixão por reparar coisas.

Casas. Problemas. Pessoas.

É um defeito de carácter que passei anos a tentar eliminar, apenas para o ver voltar à superfície nas alturas mais inconvenientes.

Como agora.

A minha incapacidade de ignorar o silêncio invulgar da Dahlia é a

única explicação razoável que justifica que eu tenha tentado conversar com ela duas vezes.

E vê só quão bem isso correu.

Puxo o travão de mão com força suficiente para o fazer estremecer.

A rigidez dos músculos da Dahlia é igual à dos meus quando leva a mão ao manípulo da porta.

— Obrigada pela boleia. — O peito dela oscila com uma expiração prolongada. — E desculpa o que aconteceu ao teu carro. — O pequeno franzir do nariz dela faz-me engolir uma resposta maldosa. — Devia ter encostado à berma e ter esperado até me acalmar.

— Está tudo bem? — A agressividade anterior do meu tom de voz desapareceu, substituída por algo muito pior.

— Só estou cansada. — Abana negativamente a cabeça.

— Manter falsas aparências deve ser esgotante.

— Há mais alguma coisa que me queiras perguntar?

Um raio de luz vindo do alpendre reflecte-se naquela monstruosidade que é o anel de noivado dela, quase me cegando.

Como é que está o Oliver?, é o que me apetece perguntar-lhe, com todo o ódio que sinto pelo meu antigo companheiro de quarto.

Já escolheram a data do casamento, visto que estão noivos há dois anos?

E, só por curiosidade, ele admitiu que me apunhalou pelas costas ao ir atrás de ti?

As perguntas bailam-me na ponta da língua como setas venenosas.

— Não.

— Perfeito. E agora, se não te importas, tenho encontro marcado com As Raposas Prateadas e não quero chegar atrasada.

As Raposas Prateadas?

Merda. As coisas devem estar piores do que eu pensava. A Dahlia só guarda as maratonas do programa As Raposas Prateadas para as

ocasiões em que se sente mais em baixo, como quando o pai dela morreu ou quando o sacana daquele futebolista de quem ela gostava lhe chamou «cabra puritana» quando ela se recusou a ter relações com ele depois do primeiro encontro.

Antes que ela tenha hipótese de abrir a porta, agarro-lhe a mão. O contacto físico faz-me sentir um formigueiro na palma da mão, portanto, largo a dela como se fosse um bastão de dinamite aceso.

Falamos os dois ao mesmo tempo.

— Humm, eu devia...

— Tens de...

— É melhor pôr-me a andar, para não perderes a atuação do Nico — a rma a toda a velocidade antes de saltar para fora do carro.



Ajudo-a a tirar a mala do porta-bagagens. Resmungando um «obrigada», a Dahlia desata a caminhar apressadamente para casa, com a mala de marca a levantar poeira atrás dela.

Não sei o que se apodera de mim para voltar a falar, mas não consigo impedir-me de lhe perguntar:

— Vemo-nos por aí? — O meu coração martela-me a caixa torácica enquanto espero pela resposta dela.

— Porquê? — replica, parada nas escadas que levam ao alpendre.

— Porque sou curioso.

— Espero que não estejas já a planear todas as maneiras como me podes torturar. — A provocação não tem a mínima convicção.

— Torturar-te é o meu passatempo preferido.

Uma faísca brilha nos olhos dela antes de se apagar como um incêndio no meio de uma tempestade de neve.

— Alguma vez exploraste a tua necessidade de transformar tudo numa competição, para compensares o teu enorme complexo de inferioridade?

A Dahlia faz-me sentir mais exposto num fato feito à medida do que alguma vez me senti estando nu, porque onde a maior parte das pessoas vê um tipo reservado que está a uma interação de se transformar no sacana da cidade, ela vê-me como eu sou.

O verdadeiro eu.

O eu inseguro.

O eu pelo qual passei os últimos dez anos a sentir aversão, porque representa tudo aquilo que detesto em mim mesmo. Essa pessoa foi fraca, tímida e, porra, demasiado orgulhosa para fazer o que quer que fosse além de sofrer em silêncio enquanto vivia a vida cheio de inseguranças.

O melhor que tenho a fazer é lembrar-me de que a Dahlia sabe tudo sobre mim e conhece as partes de mim que passei uma década a eliminar.

Com efeitos imediatos.

Quadros de avisos com o tema do outono deslizam a toda a velocidade ao meu lado enquanto passo a correr pelas salas de aula escuras da minha juventude e me encaminho para o auditório que acabou de ser remodelado.

Não sei como, mas consigo chegar a tempo de ver o Nico entrar no palco vestido com um fraque e usando os seus óculos mais coloridos. A multidão bate

palmas su cientemente alto para abafar o bu do do meu primo quando me sento na cadeira vazia que está entre ele e a minha mãe.

Tendo em conta o cabelo excessivamente comprido do Rafa, as calças de ganga gastas e a camisa amarrotada, ninguém adivinharia que o homem é podre de rico. Continua a conduzir a mesma pick-up que conduzia nos tempos do secundário e recusa-se a substituir o telemóvel desatualizado, apesar de ser um cromo da tecnologia. A única coisa em que esbanja dinheiro é com o Nico, mas até isso tem um limite rigoroso, porque não quer estragar o lho com mimos.

Toda a tensão do corpo do Rafa desaparece quando o Nico se senta diante do piano de cauda e passa as mãos pelas teclas de mar m. Não sou pessoa de me gabar, mas, um dia, o meu a lhado há de estar no topo, a par de todos os músicos mais consagrados. O miúdo só tem oito anos e já sabe tocar três instrumentos, um dos quais aprendeu

sozinho, vendo tutoriais do YouTube.

A atuação do Nico é seguida por uma ovação em pé e o meu primo esboça um sorriso raro enquanto assobia e grita o nome do lho.

Estou à espera de que a boa-disposição do Rafa desapareça assim que o pano cai, mas mantém-se mesmo depois de as luzes se acenderem e de a minha mãe desaparecer no meio da multidão, em busca do Nico.

— Fico contente por nalmente decidires agradecer-nos com a tua presença, tendo em conta o teu horário de trabalho atarefado e tudo isso. — O Rafa dá-me um apertão no ombro.

— Tu não és aquele tipo que todos os dias passa o dia inteiro à frente de um computador, a fazer programação até car com os olhos em bico?

O Rafa encolhe os ombros.

— Já não. Contrariamente a ti, agora arranjo tempo para fazer outras coisas além do trabalho.

Não é que eu queira passar a maior parte dos meus dias a trabalhar, mas que mais é suposto fazer com o meu tempo livre? Ir aos encontros que a minha mãe organiza?

Não, obrigado. Já lá fui, já z isso, e, de caminho, z um inimigo na pessoa do delegado da cidade, depois da última tentativa de arranjinho feita pela minha mãe com a ex dele.

Levantamo-nos dos nossos lugares e o meu primo empurra-me suavemente para a saída.

— Lembras-te de quando nos embebedámos naquela cabana em Lake Aurora?

— Qual das vezes?

O sorriso dele só aumenta.

— No m de semana em que a Dahlia cou noiva.

Não sei como, mantenho uma passada estável.

— Estou a ter alguma di culdade em lembrar-me.

Ele espeta-me um dedo nas costas.

— Provavelmente, é por causa de todo o álcool que ingeriste.

— Um bom primo ter-se-ia embebedado comigo.

— E correria o risco de tu morreres a dormir, depois de sufocares no teu próprio vômito? Nem pensar nisso. A tua mãe nunca me teria perdoado.

— Tenho a certeza de que terias todo o gosto em assumir o papel de meu substituto.

O Rafa revira os olhos castanho-escuros.

— Seja como for, nunca me esquecerei do que disseste nessa noite.

Os meus pulmões paralisam.

O Rafa agarra-me no ombro.

— Não te calavas, repetindo que se tivesses uma segunda oportunidade com a Dahlia, farias as coisas de maneira diferente.

Preciso de todas as minhas forças para manter um tom de voz neutro à medida que lhe digo:

— Estava bêbado.

— E?

— Ela está noiva.

— Segundo a tua mãe, já não está.

Mierda. 15

— Como é que ela descobriu isso?

— Como é que achas? A Rosa contou-lhe.

— E assim começa o chisme16. — Não espero menos do que isso das duas melhores amigas, que são inseparáveis desde o jardim de infância.

O esgar do Rafa aumenta.

— É difícil manter um segredo quando está espalhado pelas redes sociais desde esta noite. A Dahlia até tem o seu próprio hashtag a

circular e tudo.

Sinto a barriga às voltas enquanto as perguntas saltitam na minha cabeça, tornando impossível inventar uma resposta.

Porque é que eles terminaram o noivado?

Há alguma hipótese de reatarem?

Seria o Oliver o motivo de a Dahlia estar a chorar há bocado, antes de eu ter chocado com ela?

— Não. — O Rafa lança-me um olhar de aviso.

— O quê? — Pestanejo.

— O que quer que seja em que estás a pensar, não o faças.

— Foste tu que falaste nela.

— Porque queria ser eu a contar-te as novidades, antes de a tua mãe começar a murmurar-te ao ouvido que esta é a tua oportunidade.

— A minha mãe murmura uma série de coisas ao meu ouvido sobre com quem me devo dar e, no entanto, não me vêes a ceder à pressão dela.

— A Dahlia é diferente e sabes isso perfeitamente.

— Isso já não importa, porque quaisquer sentimentos que eu tivesse pela Dahlia já não são relevantes. — Sinto algo contorcer-se no meu peito.

A resposta do Rafa é abafada pelo berro que o Nico dá.

— Papi! — O Nico larga a minha mãe e corre pelo corredor fora.

O meu primo ajoelha-se a tempo de o Nico se atirar para os seus braços abertos.

— Estou tão orgulhoso de ti. — O Rafa endireita os óculos do lho.

A testa do Nico enruga-se quando ele franze o sobrolho.

— Mas não me ouviste a errar?

O Rafa bufa.

— Foste perfeito, como sempre.

O Nico, que deve ter herdado as tendências perfeccionistas de mim, tenta explicar a fí a que cometeu, apenas para ser interrompido pelas cócegas que o Rafa lhe faz.

— Não! — O meu sobrinho contorce-se nos braços do pai.

— Desculpa. Não consigo ouvir-te. O que estavas a dizer? — O Rafa leva a mão à axila do Nico, fazendo-o guinchar e contorcer-se mais.

Embora o Rafa possa mostrar-se fechado para o resto do mundo, com o lho, todo ele é carinho. A maneira como o meu primo age com o meu a lhado, apesar de todos os problemas que tem, faz-me ter esperança de que, um dia, venha a sarar.

Posso não ter vivido nada que se compare àquilo por que o Rafa passou, mas sei que não é fácil esquecermos alguém. A Dahlia ensinou-me essa lição há muito tempo e é uma lição que não tenciono esquecer em breve.

15 Mierda: Merda.

16 Chisme: Coscuvilhices.

CAPÍTULO QUATRO

Dahlia

O meu primeiro dia o cial de regresso à cidade foi tranquilo, muito provavelmente porque não saí de casa. Com a minha mãe e a minha irmã, a Liliana, ocupadas a trabalhar na orista, não z mais nada a não ser olhar para o teto.

É estranho passar de não ter tempo para almoçar e para ir à casa de banho, para mal sair do quarto a menos que seja estritamente necessário. A minha mala de viagem, cheia de indumentárias caras e modernas, está no chão, intocada —

o que, por si só, é um sinal de aviso.

Desde o secundário que sempre tive tendências ansiosas e perfeccionistas, mas a depressão é um problema mais recente e uma luta que travei sozinha durante meses, antes de procurar ajuda.

A minha terapeuta, a doutora Martin, é uma mulher maravilhosa que cobra uma pequena fortuna por casa sessão. Embora o dinheiro já não

seja um problema para mim, hesito no que toca ao compromisso emocional, mas ela foi-me vivamente recomendada pela minha agente, portanto, resolvi arriscar há oito semanas e não me arrependo de o ter feito.

Não tenho a certeza de onde estaria sem a doutora Martin. Ela tem uma paciência interminável, a voz mais calma do mundo e termina todas as sessões com um provérbio jamaicano que eu só consigo compreender mais tarde, quando o vou pesquisar.

Hoje, ela quase não fala durante a primeira metade da nossa sessão de telessaúde, deixando-me falar incessantemente sobre os meus erros e os meus fracassos.

Aperta as mãos, fazendo com que as pulseiras de ouro da Cartier chocalhem contra a sua pele castanho-escura.

— O que é que a fez car com o Oliver durante tanto tempo?

A paciência inesgotável dela é testada quando eu co sentada a pensar. Já z

esta pergunta a mim mesma anteriormente, mas, nessa altura, a minha visão da vida estava toldada pela amargura, pela autoaversão e por uma nuvem escura de depressão.

— A relação foi boa durante muito tempo. — O que tornou a sua perda muito mais difícil.

A terapeuta faz um minúsculo aceno de cabeça que me dá coragem.

Demoro mais sessenta segundos a dizer estas quatro palavras.

— Ele fazia-me sentir especial.

«Ele nunca te mereceu.» O Oliver puxou-me para um abraço depois de eu ter desatado a chorar quando estava a embalar as coisas no quarto do dormitório do Julian, coisa pela qual nunca recebi sequer uma simples mensagem de agradecimento.

«Gosto de ti... muito mais do que um amigo devia gostar», disse-me o Oliver, imediatamente antes do período de férias do nosso terceiro ano da universidade, depois de passarmos um ano a manter um caso platónico.

Antes disso, fora fácil relegá-lo à categoria de amigo depois de o

Julian me ter magoado, mas os olhos azuis, o cabelo loiro e o sorriso descontraído acabaram por me conquistar.

«És tão talentosa e mereces ser apreciada.» Foi o Oliver que me incentivou a publicar a minha primeira fotografia na página Designs da Dahlia nas redes sociais. Era uma imagem com grão do meu primeiro apartamento e, até hoje, mantive-a lá no topo da página por causa de tudo o que representa.

Eu estava vulnerável e procurava conforto em nos sítios errados, incluindo junto da família do Oliver, que se envolveu a fundo no meu negócio assim que começou a ajudar a produzir o nosso programa de televisão.

— A relação foi sempre assim? — sonda a doutora Martin.

— Antes de termos cado noivos, tivemos sete anos de relacionamento típicos. Houve muitos momentos bons, misturados com alguns maus. O Oliver dava a entender que era a ovelha negra incompreendida da família, mas vim a descobrir que, na verdade, era o lobo mau.

Se ela cou surpreendida, não o mostra.

— Ele fazia com que parecesse que, juntos, éramos capazes de tudo, contudo, quando nalmente fomos testados, fracassámos.

Eu fracassei. Em vez de dar a mim mesma valor suficiente e de me afastar, mantive-me na relação porque, estupidamente, não queria abdicar de algo em que investira tanto tempo. Mas isso não teve importância, porque, a pouco e

pouco, o Oliver foi-se afastando, deixando-me a lidar sozinha com o desgosto de nunca poder ter um filho meu.

— As coisas pioraram significativamente depois do acordo pré-nupcial e do exame médico, embora eu tenha mostrado cara alegre e tenha escondido a minha dor enquanto as câmaras estavam a filmar, porque adoro o meu emprego e as pessoas com quem trabalho, e porque a última coisa que queria era abdicar de tudo isso por causa dele — declaro conforme roo as cutículas.

E, no entanto, perdeste tudo na mesma.

Não tenho programa de televisão, não tenho amigos para lá de alguns membros da equipa de imagens e não tenho esperança de alguém me vir a amar, depois de ter sido rejeitada porque «não era a mulher que

ele queria».

O Oliver bem podia ter admitido que eu não tinha o útero que ele queria, mas estou a divagar.

A doutora Martin baixa a cabeça, num gesto compreensivo.

— É próprio da natureza humana evitarmos tudo o que nos possa causar sofrimento.

— Foi muito fácil atirar-me de cabeça ao trabalho, mas, enquanto o meu negócio prosperava, uma parte da minha alma morreu.

A pele em redor dos olhos dela suaviza-se.

«Vou dizer aos meus pais que não vais. Mais uma vez», salientou o Oliver, com um bu do, antes de sair disparado para a mansão dos Creswell, deixando-me a olhar inexpressivamente para a parede durante horas, para depois car a chorar até adormecer.

«Ainda não é demasiado tarde para romperes o noivado e encontrares alguém mais adequado para o teu futuro», murmurou a mãe do Oliver ao ouvido dele, pensando que eu ainda estava na casa de banho.

«Felizmente, alguém irá dar continuidade ao apelido Creswell», comentou o pai do Oliver à medida que a mulher passava fotogra as da ecogra a da lha em volta da mesa de jantar.

Depois do meu exame médico, senti que a nossa relação tinha levado um tiro no coração e que eu era a única que estava a tentar consertá-la.

A doutora Martin termina a nossa sessão com outro provérbio jamaicano que não reconheço e passo os dez minutos seguintes a pesquisar a frase «Rockstone a riva bottom nuh know sun hat»¹⁷, em vez de chorar até adormecer, o que já é uma vitória.



O meu segundo dia na cidade corre mais ou menos da mesma maneira, embora a minha consulta psiquiátrica me tenha voltado a fazer passar um mau bocado emocional. Se tudo correr bem, o aumento da dosagem de antidepressivos e o meu empenho renovado em dedicar-me a atividades mais agradáveis irá ajudar a melhorar a minha disposição, embora ainda esteja um pouco cética, dado que mal me apetece sair de casa, quanto mais decorar uma.

Estou a contar que o meu terceiro dia de volta a Lake Wisteria siga o mesmo padrão de me deixarem em paz, mas, quando nalmente me arrasto para fora da cama às duas da tarde, em busca de comida, sou surpreendida ao encontrar a família Lopez espalhada pela nossa casa, para o tradicional encontro de famílias de domingo.

A minha irmã cutuca o telemóvel como se o ecrã a tivesse ofendido pessoalmente, enquanto a minha mãe e a Jose na se atarefam a cortar legumes na cozinha. O Rafa ignora por completo a canção «Robarte un Beso», que sai aos gritos da coluna portátil que está ao lado dele, conforme vê um jogo da Liga Mexicana na televisão.

— ¿Madrina? 18 — O Nico é o primeiro a dar pela minha presença e desata a correr para mim. Passaram uns anos desde a última vez que o vi, a não ser em videochamadas, e cresceu cerca de sessenta centímetros. — Voltaste! — grita, pondo os braços em volta das minhas pernas.

— Olá. — Só agora tive consciência do quanto precisava de um destes abraços de urso do Nico.

O meu a lhado espreita para o meu rosto com os seus enormes olhos castanhos.

— Tive saudades tuas.

— Eu também tive saudades tuas. — Luto contra a escuridão que ameaça voltar a envolver-me. — Como está o meu a lhado preferido?

— Sou o teu único a lhado. — Ele dá pequenas gargalhadas.

— Por enquanto.

— Não! Não podes fazer isso. — Aperta-me as pernas com mais força e uma gargalhada suave escapa-me dos lábios quando me larga apressadamente. —

Tenho estado a tocar a bateria que me ofereceste no meu aniversário! É do melhor que há! — O Nico matraqueia o ar com um par de baquetas invisíveis.

— Pois, obrigadinho por isso. — O Rafa lança-me um olhar furioso.

— No Natal, talvez lhe ofereça uma guitarra elétrica e um amplificador.

O olho do Rafa começa a tremer enquanto o Nico dá um soco no ar e solta um: Boa!

Mimar o meu a lhado é algo que faço com naturalidade, embora as últimas prendas tenham sido entregues por um estafeta em vez de lhas ter oferecido pessoalmente. Sei que uma bateria ou uma guitarra elétrica caras não compensam a minha ausência, mas o Nico merece o melhor, especialmente depois de tudo aquilo por que ele e o Rafa passaram.

Eu não conhecia bem a ex-mulher do Rafa, e não era por falta de tentativas da minha parte, mas sei que nunca se esforçou por se integrar na nossa família.

O Rafa levanta-se do sofá e puxa-me para me abraçar.

— Todos tivemos saudades tuas.

A minha primeira tentativa de dar uma resposta sincera fracassa, portanto, opto pelo humor.

— Pelo menos, as tuas boas maneiras não desapareceram a par do teu sentido de estilo.

O comentário granjeia-me um revirar de olhos do homem carrancudo que veste uma camisa de anela, calças de ganga desbotadas e um velho boné de beisebol. Em qualquer outra pessoa, acharia que a indumentária inspirada num lenhador seria horrenda, mas, no Rafa, funciona, graças à sua beleza e massa muscular.

Basicamente, o Rafa é como se fosse o meu irmão mais velho, logo, pre ro ter uma intoxicação alimentar a dizer que ele é atraente, mas isso não impede todas as mulheres da cidade de o gritarem alto e bom som.

O Rafa liberta-me do abraço.

— Quanto tempo planeias car por cá desta vez?

— Não tenho a certeza. Depende de algumas coisas relacionados com o trabalho e assim.

— Vais ter de ir a nossa casa, para veres a bateria do Nico.

O Nico sorri de orelha a orelha.

— Boa! Podes ver-me tocar e depois podemos construir aquele Lego

especial que me ofereceste... oh! E também podes conhecer a Ellie. Ela é mesmo simpática e bonita, e é a mais xe.

— Quem é a Ellie? — O facto de me falhar a voz trai as minhas emoções. Por mais que eu queira passar tempo com o meu a lhado, não me sinto minimamente preparada para isso. Porque estar perto do Nico sempre me fez

desejar ter a minha própria família um dia, e agora...

— É a minha melhor amiga! — Os olhos do Nico iluminam-se.

— É a ama dele. — Algo sombrio passa pelo rosto do Rafa antes de ele controlar a expressão.

A minha mãe disse-me que o Rafa mudou bastante depois do divórcio e do diagnóstico de retinite pigmentosa do Nico, e a verdade não podia ser mais evidente, tendo em conta a sua expressão severa e o olhar assombrado.

O Nico esboça um sorriso que me lembra imenso o pai dele, se não contarmos com os dentes em falta.

— Sim, está bem. E agora, queres jogar um jogo comigo e com o Tío19?

Uma explosão de ansiedade atinge-me em cheio no peito.

— Hum...

— Por favor! — O Nico junta as mãos como se suplicasse.

— Bem... — Engasgo-me na resposta.

O Rafa inclina a cabeça.

— Vá lá. Precisamos de mais uma pessoa, porque o meu pai não quer jogar connosco. — O Nico puxa-me a mão.

— Só porque o Julian ganha sempre. — O Rafa despenteia o Nico.

O Nico arrasta-me para a caixa de Monopólio ainda fechada que está pousada na mesa de pequeno-almoço da cozinha, enquanto o pai volta ver o jogo na televisão. O meu a lhado puxa uma cadeira para mim, como um cavalheiro, e ca à espera.

Quando não me mexo, dá umas palmadinhas no assento, de sobrolho

franzido.

— Senta-te.

O pedido dele aumenta o buraco do meu peito, até que co com di culdade em respirar.

— Não posso. — A dor que sinto no coração intensi ca-se a cada batimento.

— Porquê? Vai ser divertido! — O Nico franze ainda mais o sobrolho.

Abrça-me a mim mesma e dou um grande passo atrás.

A expressão intrigada no rosto do Nico só aumenta o charme dele e a minha angústia.

— Estás bem? Pareces triste. — O lábio inferior dele começa a tremer.

O Rafa olha de relance por cima do ombro.

— Estás bem?

— Preciso de ir à casa de banho. — Saio disparada para o corredor com a vista enevoada. Sinto-me desorientada quando passo pelo meu quarto e continuo a avançar pelo corredor em direção à casa de banho de visitas que partilho com a minha irmã.

Lá se vai a teoria de os antidepressivos fazerem efeito.

As lágrimas caem-me pelo rosto, num frustrante ato de traição. Passei de sofrer de um entorpecimento interminável há dois meses para agora sentir demasiadas coisas ao mesmo tempo e chorar mais nos últimos dias do que chorei a vida inteira.

Sê paciente contigo mesma e con a no processo.

Que se lixe o processo. Não tenciono sair do quarto até que...

Alguém me puxa violentamente pelo cotovelo e ofego quando sou arrastada para trás.

— Espero bem que tenhas um bom motivo para teres perturbado o meu lho. — A voz áspera do Rafa sobressalta-me.

— O quê?! — Recuo.

— Estás... a chorar? — Semicerra os olhos, fazendo um esgar e atirando-me de volta ao passado.

«Estou tão farta de te ver a teres pena de ti mesma.» O Oliver franze os lábios numa expressão de repugnância.

«Consegues ngir diante das câmaras sem qualquer di culdade, mas quando se trata de mim, nem sequer te dás ao trabalho de fazer o mínimo dos mínimos.» As palavras dele são venenosas e enchem o meu corpo de autoaversão e desespero paralisantes.

«Liga-me quando a Dahlia por quem me apaixonei estiver de volta», disse-me por mensagem mais tarde nessa noite, apenas para voltar uma semana depois para me dizer que estava tudo terminado entre nós.

— Dahlia! — A voz áspera do Rafa prende-me ao presente.

Limpo o rosto com a manga da camisola.

— Desculpa ter perturbado o Nico. Sabes que nunca o faria propositadamente.

— O que é que se passa? — A aspereza do Rafa desaparece.

Não tenho a certeza do que me passa pela cabeça para me abrir com o Rafa, de todas as pessoas, mas não posso deixar que ele pense que eu perturbei o Nico sem razão nenhuma.

— Eu... sabes... — Merda. — Tenho evitado estar perto de crianças desde

que descobri que nunca poderei ter lhos.

O Rafa pestaneja algumas vezes.

— E depois viste o Nico...

Anuo, incapaz de completar a frase dele, sobretudo por causa do aperto que sinto na garganta.

— Só passaram alguns meses desde que recebi a notícia... — Um soluço corta-me o resto da frase.

O Rafa puxa-me para os braços dele, como o meu pai fazia sempre que eu me magoava ou que estava doente.

— Lamento.

Não me tinha apercebido do quanto precisava de ouvir aquela palavra até as lágrimas começarem a correr-me pelas maçãs do rosto. Não tenho a certeza de quanto tempo o Rafa me aperta nos braços enquanto choro, mas só me larga quando a minha respiração ca regular e as lágrimas já não lhe molham a camisa.

— Podes... — Dou uma fungadela. — Podes, por favor, manter isto entre nós?

Ele afasta-se, fazendo um esgar.

— Ninguém sabe?

Abano negativamente a cabeça.

— Só o Oliver e a família dele.

— O teu segredo está em segurança comigo.

— Obrigada. — Deixo cair os ombros.

Lançando-me um último olhar de relance por cima do ombro, o Rafa deixa -

me parada sozinha no meio do corredor.

Dirijo-me para a casa de banho e o clique ensurdecedor da porta a fechar aumenta o vazio que cresce dentro de mim.

Passaram-se dois meses e não estou melhor do que estava no dia em que o Oliver acabou o nosso relacionamento de nove anos. Esteve-se nas tintas para o nosso programa televisivo ou para a vida que criámos juntos. Merda. Estava-se nas tintas para tudo, exceto para aquilo que ele queria. A mulher perfeita. Uma casa pitoresca com vista para a baía. Dois lhos e um cão, a brincar juntos atrás de uma cerca de madeira branca, como uma comédia dos anos cinquenta.

Era o futuro que se esperava dele e um futuro que eu ameacei arruinar.

Contrariamente ao desgosto com que me debati depois de ter perdido o meu pai, isto é diferente.

Eu estou diferente.

Agarro-me ao rebordo do lavatório de porcelana e obrigo-me a enfrentar a pessoa em que me tornei.

Descomposta. Dani cada. Deprimida.

É difícil reconhecer o quanto me desleixei durante os últimos meses. A pessoa quebrada em que me tornei está muito longe da mulher que acordava todas as manhãs cheia de energia, entusiasmada com a escolha da roupa que ia vestir e que se maquilhava independentemente de ter planos para estar diante das câmara ou não.

Tenho saudades da pessoa que era. Tenho tantas saudades dela que estou disposta a fazer o esforço necessário para a recuperar, mesmo que isso signi que ter de ir a sessões adicionais de terapia e fazer os trabalhos de casa difíceis que preferia evitar.

— Consegues recuperar. — O meu murmúrio quebrado enche o silêncio. —

Podes provar ao Oliver e a todas as outras pessoas que não te quebraram. —

Desta vez, falo num tom mais forte, deixando as palavras fazer efeito. — E

podes travar esta batalha contra ti mesma e sair dela mais forte porque o zeste

— acrescento com uma sensação de nalidade enquanto empurro os ombros para trás, endireito as costas e passo os dedos pelo cabelo despenteado.

De agora em diante, vou começar a viver novamente. Só preciso de me lembrar de como fazer isso.

17 Rockstone a riva bottom nuh know sun hat: As pessoas protegidas não sabem o que é passar di culdades.

18 Madrina: Madrinha.

19 Tío: Tio.

CAPÍTULO CINCO

Julian

-É muito simpático da tua parte chegares com uma hora de atraso —
murmura a minha mãe enquanto me encurrala na sala de jantar vazia.

Devia ter percebido que o pedido dela para a ajudar a pôr a mesa era uma armadilha.

— Tive de terminar uma coisa de trabalho.

— A um domingo?

Mantenho-me em silêncio à medida que disponho os talheres. Ela balouça para trás e para a frente.

— Queria perguntar-te...

— Aguentaste mais um minuto do que eu estava à espera. — Bato com o dedo no mostrador do relógio que me custou um milhão. É a coisa mais cara que tenho, tudo porque apostei contra o Rafa, que acreditava que nos íamos tornar bilionários depois de a nossa app Dwelling ser cotada na Bolsa de Nova Iorque.

Contudo, co contente por o Rafa ter tido razão, embora quase tenha chorado quando tive de comprar relógios iguais para os dois, que valem mais do que a minha atual casa e automóvel combinados.

— Mijo.²⁰ — A minha mãe cerra os lábios.

— Sim?

— Queria falar contigo sobre a Dahlia.

— O que é que ela tem? — A minha voz não tem qualquer in exão.

— Sei que vocês têm as vossas diferenças, mas não podes pôr isso de lado e mostrar-te simpático enquanto ela está a recuperar? Neste momento, a Dahlia está numa situação delicada.

— Pois, eu reparei. — É evidente para qualquer pessoa com olhos na cara que a Dahlia está a um comentário de se desmoronar, mas o que eu quero é saber porquê. O Oliver era um idiota pretensioso, mas, segundo a minha mãe, parecia

respeitar a Dahlia, portanto, porque é que terminaram uma relação de sucesso passados nove anos?

— A Rosa quer que a Dahlia que cá durante algum tempo — a rma a minha mãe, falando baixinho. Fecho os olhos, e ela continua: — Estava a pensar que seria simpático da tua parte fazeres um projeto em conjunto com ela, para a ajudar a não pensar nos problemas.

Abano negativamente a cabeça.

— Eu e a Dahlia não trabalhamos bem em conjunto. — Fosse qual fosse a atividade, cávamos sempre de lados opostos. Visitas de estudo. Clube de debate. Modelo das Nações Unidas. Se tivéssemos uma oportunidade para nos defrontarmos, aproveitávamo-la e debatíamos sempre.

— Por favor, pensa nisso. — A minha mãe junta as palmas das mãos.

Faço uma pausa de três segundos.

— Já pensei. A resposta continua a ser não. — Ter a Dahlia por perto já é su cientemente difícil depois de ter passado anos a evitá-la. Se trabalhasse com ela, iria expor-me a uma série de problemas que não tenho interesse nenhum em visitar nesta vida.

— Mijo. — A minha mãe cruza os braços.

— Não estou a tentar ser difícil, mas temos pontos de vista totalmente diferentes no que diz respeito ao design.

— E então? Acho que partilhar coisas vai ser bom para ela. A Rosa diz que a Dahlia tem estado com uma branca criativa durante os últimos dois meses, portanto, envolver-se num tipo de trabalho diferente pode inspirá-la — insiste.

— Pareces ter-te esquecido daquela vez em que a Dahlia disse que um dos meus projetos era uma caixa cinzenta feia.

A minha mãe arvora uma expressão amarga.

— Para sermos justos, ela não estava propriamente errada.

É a minha vez de lhe lançar um olhar furioso.

— Disseste-me que tinhas gostado.

— Disse isso porque foste tu que a zeste, mi amor²¹. Sendo tua mãe, é impossível não adorar tudo o que tu fazes. — Dá-me uma palmadinha no rosto, com os olhos a brilhar.

Emito um ruído que vem do fundo da garganta.

— Imagina o que poderia acontecer se, por uma vez na vida, vocês juntassem as vossas duas mentes brilhantes.

Só há uma mulher na minha vida por quem eu faria tudo para lhe agradar e, por acaso, está a olhar para mim como se, sozinho, eu pudesse salvar o mundo, bastando para isso que aceda ao pedido dela.

— Por favor? — pede-me ela, naquele seu tom esperançoso.

Abano negativamente a cabeça, na esperança de também devolver algum bom senso ao meu cérebro.

— Oh. — Os ombros da minha mãe descaem.

Podias usar o pedido dela em teu proveito...

Um plano começa a formar-se.

— Na verdade, talvez pense nisso, com uma condição.

A minha mãe anima-se imediatamente.

— Qual?

— Quero que pares de tentar fazer-me arranjinhos com as lhas de todos os teus amigos.

— De que outra forma poderás conhecer alguém especial, tendo em conta o teu horário de trabalho louco?

— Isso é problema meu.

— Pensei que estavas interessado em casar e criar uma família...

Não lhe respondo.

Ela franze o sobrolho.

— Não me digas que o Rafa te incutiu medo do casamento.

— Não, não incutiu. — O que é chocante, tendo em conta a perspetiva que ele agora tem sobre a vida e tudo isso.

— Gostava que tivesses um lho enquanto eu ainda sou su cientemente nova para andar a correr atrás dele.

— Em relação a isso... — Embora o casamento faça parte dos meus planos, ter um lho não faz, e isso é um facto que afugentou metade das mulheres com quem tive casos.

Ser criado por pais que passaram anos a debater-se com a infertilidade teve um enorme impacto sobre mim e não espero que haja muitas pessoas que compreendam o que senti ao ver o meu pai sofrer em silêncio, enquanto a minha mãe se debatia com depressões, abortos espontâneos e um nado-morto que quase a matou na mesa de operações.

Dado que a minha mãe quase morreu para me dar um irmão, não tenciono ter lhos, a menos que a mulher com quem case esteja disposta a adotar.

— Qué? — A minha mãe inspira ruidosamente.



Esfrego a nuca.

— Sabes que não sou uma pessoa que gosta de crianças.

— Então e o Nico? — O tom dela ca mais agudo.

— É uma exceção à regra.

— Isso é por causa do que eu...

— Não!

O olhar vidrado da minha mãe passa pelo meu rosto antes de o afastar.

— Está bem. Vou respeitar a tua vontade.

O peso enorme que fazia pressão contra o meu peito desaparece.

A minha mãe morde o lábio inferior.

— Vou aceder ao teu pedido, mas preciso que me prometas uma coisa.

— O quê?

— Por favor, faz com que este processo seja agradável para a Dahlia. Tu podes não estar interessado em fazer de mim uma sogra em breve, mas a Dahlia, e a Lily também, são o que mais próximo tenho de minhas lhas, e não vou permitir que a perturbes quando ela já está em baixo.

A minha mãe consegue fazer com que eu sinta que tenho dois

centímetros de altura, apesar de ser muito mais alto do que ela.

— Não vou perturbá-la. — Baixo o queixo, sentindo-me envergonhado.

Ela junta as mãos e bate palmas uma vez sonoramente.

— Ótimo! Agora, quando falares sobre isso com a Dahlia, certifica-te de que parece ser tudo uma ideia tua.

— Mãe.

— É melhor ir ver da Rosa, antes que ela incendeie a casa. ¡Te quiero!

22 —

Dá-me um beijo no rosto antes de correr para a cozinha.

Os domingos na casa da família Muñoz não mudaram desde que eu nasci, embora, com o passar dos anos, tenha havido algumas pessoas que apareceram e desapareceram, como é o caso do senhor Muñoz e do meu pai, que faleceram com poucos anos de diferença. O Rafa tornou-se um membro permanente à mesa depois de ter sido informalmente adotado pela minha mãe, depois da morte do irmão do meu pai quando ainda éramos pequenos.

O meu a lhadado faz um bom trabalho de manter a conversa com histórias do seu disfarce de Halloween, que está ao virar da esquina, e do aniversário do amigo dele. A Lily, a irmã de vinte e sete anos da Dahlia, dá seguimento às

histórias do Nico, enquanto o resto de nós se distrai facilmente com a cadeira vazia e o prato de comida intocado que estão ao meu lado.

A dada altura, a Lily leva um tabuleiro ao quarto da Dahlia, apenas para regressar quinze minutos depois com o prato quase cheio.

— Ela não tinha fome? — A Rosa levanta-se e tira-lhe o tabuleiro das mãos.

— Só comeu um bocadinho. — A Lily abana a cabeça.

Toda a gente ca a olhar xamente para os restos de comida, como se fossem uma prova importantíssima. A Dahlia foi educada da mesma maneira que o resto de nós, com três regras essenciais: não mentir, não fazer batota e não deixar comida no prato.

A minha mãe dá um pontapé na minha cadeira e, em silêncio, forma

as palavras: Vai falar com ela.

— Volto já. — Levanto-me da cadeira.

A rugas que sulcam o rosto da Rosa suavizam-se conforme analiso a minha lista mental de prós e contras.

Pró: Estás a tomar a atitude certa.

Contra: Não parece propriamente certa.

O rápido abanar de cabeça do Rafa e o seu esgar zangado fazem com que duvide de mim mesmo.

Pró: A tua mãe vai deixar de te arranjar encontros.

Contra: Vais car preso a trabalhar com a Dahlia.

Digo a mim mesmo para me calar e respiro fundo.

A minha mãe levanta os dois polegares, como se dissesse: Obrigada.

Antes que perca a coragem, saio da sala de jantar. O som do meu coração a bater desenfreadamente enche-me os ouvidos quando paro diante da porta do quarto da Dahlia. Levanto a mão para bater à porta, mas deixo-a a pairar por cima de uma or pintada à mão.

Descrever a Dahlia como talentosa seria um insulto. Ela tem um dom que lhe foi dado por Deus de transformar os objetos mais corriqueiros em obras de arte, embora eu nunca tenha saído da minha zona de conforto para a elogiar pelo seu talento.

Quando torno a levantar a mão para bater à porta, esta abre-se de rompante.

— Julian? — A Dahlia olha para mim boquiaberta, com os olhos inchados e o nariz vermelho.

— Olá. — En o as mãos cerradas nos bolsos.

— Há alguma razão para estares à espreita à porta do meu quarto? — Olha

para o corredor vazio.

— Preciso de falar contigo.

Ela semicerra os olhos.

— Desde quando é que queres falar comigo de tua livre e espontânea vontade?

— Desde que a minha mãe me pediu para o fazer.

A gargalhada oca que ela dá é arrepiante.

— Continuas a fazer tudo o que a tua mãe te pede? Não é de admirar que ainda estejas solteiro.

— Eu sabia que era um erro vir aqui — resmungo para mim mesmo. A Dahlia nunca irá concordar com a ideia de trabalharmos juntos num projeto se eu lho pedir diretamente.

A minha armadilha forma-se mais depressa do que a minha boca consegue mover-se.

— Podes pôr-te a andar. — A Dahlia leva a mão à porta.

Levanto a mão para a impedir de me fechar na cara.

— Espera.

— O que foi? — Uma ruga corre-lhe pelo meio da testa.

— Tu e o Oliver acabaram de vez?

Os olhos transformam-se em fendas.

— Estás a perguntar só para te poderes regozijar com isso?

— Não. — Embora aquela falsa acusação me faça ter vontade de fazer isso mesmo.

Não sejas mesquinho, Julian.

Ela é a primeira a desviar o olhar.

— Sim. Acabámos de vez.

— Nesse caso, talvez queiras livrar-te desse anel. — Não consigo evitar lançar um olhar furioso à peça de joalharia de mau gosto e fazer um esgar.

— Já tentei. — A mão dela forma um punho trémulo.

— Como é óbvio, não tentaste o su ciente.

Algo lampeja nos olhos dela.

— Estou à espera de ter notícias do advogado dos Creswell antes de me livrar dele.

Os ricos e os seus advogados. Embora agora possa ser rico, nunca permitirei que um advogado trate dos meus assuntos pessoais desta maneira. Os meus pais ensinaram-me que as pessoas que querem ser respeitadas têm de o merecer

primeiro, e nada diz «cobarde» como depender de um advogado para fazer o nosso trabalho sujo.

— E o que é que esse advogado disse? — pergunto-lhe antes de pensar bem no assunto.

— Recebi há uma hora a notícia de que posso fazer o que bem entender com o anel.

— Que conveniente. — A minha voz mantém-se inexpressiva, embora as minhas palavras atinjam o alvo.

— Estás a insinuar que eu estou a mentir? — As narinas dela estremecem. O

silêncio que se segue à pergunta da Dahlia responde por mim. — Sabes que mais? Estou com vontade de te provar que estás enganado.

Há coisas que nunca mudam.

Embora esteja ocupado a lembrar-me das incontáveis vezes que a Dahlia tentou fazer isso mesmo, ela apanha-me desprevenido quando tira o anel do dedo e mo estende.

— Toma.

— O que queres que eu faça com isso? — Dou um grande passo atrás.

— Não faço a mais pequena ideia, mas tenho a certeza de que terás todo o prazer em livrar-te dele, tendo em conta a quantidade de olhares furiosos que já lhe lançaste.

Porra. Enquanto eu estava ocupado a catalogar a próxima jogada dela, a Dahlia estava ocupada a fazer o mesmo.

Xeque-mate.

Estico a mão para o anel sem o menor tremor, embora o meu coração esteja a bater desenfreadamente quando os nossos dedos se tocam.

Arranco-lhe o anel das mãos e avalio a pirosa exibição de riqueza que encaixa em qualquer pessoa menos na mulher que está à minha frente. Embora a Dahlia adore joias — o que é evidente, tendo em conta a interminável rotação de anéis, brincos e colares —, detesta alianças espalhafatosas que se podem encontrar em qualquer joalheria local.

«Quero uma aliança vintage como a da minha mãe», disse uma vez à irmã, enquanto olhavam embasbacadas para o anel de noivado de primo, durante uma festa de aniversário.

«Nem pensar nisso! Eu quero uma aliança igual à da mulher do presidente da câmara», retorquiu a Lily sorrindo de orelha a orelha.

«Mas é tão básica», respondeu-lhe a Dahlia, franzindo o nariz.

«Isso não importa nada, desde que seja grande», desdenhou a Lily.

A Dahlia pigarreia, despertando-me violentamente daquela recordação.

— Queres livrar-te disto? — pergunto-lhe.

Ela anui.

Nada me agradaria mais. Embora...

Repentinamente, tenho uma ideia. Uma ideia terrível e estúpida, que me faz agir primeiro e pensar nos arrependimentos depois.

— Está bem, desde que te juntes mim enquanto o faço. — Tirá-la de casa provavelmente far-lhe-ia bem. O meu pai insistia sempre para que a minha mãe saísse de casa quando estava com uma das suas depressões, portanto, sei que resulta.

Além disso, tenho a sensação de que ela estará mais disposta a concordar com ter uma relação de trabalho comigo se eu jogar as cartas certas.

O olhar da Dahlia saltita entre mim e o ecrã do televisor que está em pausa no quarto.

— Não sei. Neste momento, estou um bocadinho ocupada.

— Oh, erro meu. Podes continuar com a tua festa de autocomiseração.

—

Mostro claramente que olho de relance para a confusão da cama dela. A manta roxa mal se consegue ver por baixo da montanha de lenços de papel usados e das embalagens de chocolate.

— Desculpa?! — replica, arregalando os olhos.

En o o anel no bolso.

— Depois mando-te um vídeo do que quer que acabe por fazer com o anel.

Tenho esperança de que consigas arranjar tempo para o ver enquanto vês vários episódios de As Raposas Prateadas e choras que nem uma madalena.

— Não estou a chorar que nem uma madalena.

Os meus olhos percorrem-lhe o rosto por mais um segundo antes de lhe virar costas.

— Às vezes, és um idiota chapado — grita-me a Dahlia.

— Vemo-nos no próximo domingo. Ou não. Tenho a certeza de que vais estar muito ocupada e tal. — Não me dou ao trabalho de olhar para trás, embora lhe faça um último aceno de despedida por cima do ombro.

A Dahlia murmura qualquer coisa inaudível e, de seguida, diz:

— Sabes que mais? Vou contigo.

Apanhei-te.

Antes de me virar para ela, apago o sorriso.



— O que é que aconteceu às tuas ocupações?

— Considera o meu calendário livre.

Espero que isto não me expluda na tromba.

Últimas palavras famosas.

— Remodelaste o interior. — A Dahlia passa a mão pelo tabliê da velha carrinha do meu pai.

— Hum hum. — Ponho a mão no apoio de cabeça do banco dela e faço marcha-atrás no caminho de acesso da casa dos Muñoz.

O meu pai era o meu herói, o meu melhor amigo e o meu futuro sócio de negócios, portanto, não soube o que fazer com o meu desgosto quando ele morreu. Restaurar a carrinha acabou por ser uma das melhores maneiras de lidar com a perda do meu pai, embora isso tenha acontecido uns anos demasiado tarde.

A Dahlia passa a palma da mão pelo banco de cabedal suave.

— Quantas vezes é que ele disse que ia remodelá-la? Umas cem?

Talvez umas mil, mas não viveu o suficiente para o fazer.

O meu pai teve muitos sonhos durante a sua curta vida, incluindo remodelar a carrinha, mas morreu antes de os conseguir concretizar.

A velha dor surda que sinto no peito reaparece, como uma ferida que nunca chegou a sarar completamente. Felizmente, a Dahlia para de falar no meu pai, dando-me espaço para pensar sem que a memória dele me distraia.

Infelizmente, todas as coisas boas chegam ao fim, incluindo o silêncio dela passados cinco minutos.

— Espera! Para! — A Dahlia quase me arranca a mão do volante.

— Não. — Continuo a conduzir, passando pela rulote de nieve de garrafa²³

estacionada ao pé da alameda do Parque de Lake Wisteria. Ajudá-la a livrar-se do anel é uma coisa, mas parar pelo caminho para comprar nieve? Nem pensar nisso.

— Por favor? — Ela junta as mãos em súplica. — Há anos que não como um gelado do Cisco!

— Estamos em outubro.

— E então?! Podíamos estar no meio de uma tempestade de neve, e continuaria a querer um.

— Isto não fazia parte do plano. — Os meus músculos cam ainda mais

tensos.

— Juro por Deus que vou saltar do carro, literalmente, se não encostares já.

— Pelo menos, deixa-me acelerar primeiro para que isso me valha o trabalho de preencher outro relatório da polícia. — Carrego mais a fundo no acelerador.

Contrariamente ao meu McLaren, a velha carrinha do meu pai queixa-se quando troco a mudança.

O olhar furioso que a Dahlia me lança transforma-se rapidamente no pior tipo de arma que tem no seu arsenal.

Olhos de cachorrinho.

— Por favor, Julian. Não me importo de implorar para irmos ao Cisco.

Raios me partam. Todas as células do meu corpo acordam ao ouvir o som do meu nome na voz dela.

— Faço qualquer coisa. Por favor.

Boa sorte para lhe dizeres que não quando ela está com este ar e esta voz.

— Começa por te calares. — Abrando e faço inversão de marcha no separador central.

— Boa! — A Dahlia abana o punho em sinal de vitória.

Reprimo o impulso de sorrir enquanto conduzo em direção ao parque e paro diante do Cisco. Há algumas famílias sentadas nos bancos enquanto os miúdos correm por ali, provavelmente a aproveitar as últimas semanas de tempo decente.

— Despacha-te. — Pego no telemóvel e começo a ler os trinta e-mails que recebi no curto espaço de tempo que passou desde a última vez que os consultei.

A Dahlia leva a mão ao puxador da porta, mas hesita.

— Na verdade, tens razão. Está demasiado frio para um gelado do Cisco.

— Estás a falar a sério? — Paro de olhar para o telemóvel.

— Sim. Vamos embora. — Faz um aceno de mão para o volante à medida que olha para o parque. A tensão dos ombros dela, aliada ao olhar apreensivo, denuncia o seu nervosismo.

Embora a Dahlia sempre se tenha debatido com problemas de ansiedade desde que éramos jovens, isto parece-me algo diferente.

Ela está diferente.

Suspiro e abro a minha porta.

— Onde é que vais? — O pânico escorre-lhe na voz.

Fazer uma coisa estupidamente simpática.

— Está a apetecer-me um gelado do Cisco.

Afasto-me antes de cair em mim e de me lembrar de todos os motivos pelos quais a Dahlia é equivalente a más notícias.

20 Mijo: Filho.

21 Mi amor: Meu amor.

22 Te quero: Amo-te.

23 Nieve de garrafa: Gelado caseiro típico do México.

CAPÍTULO SEIS

Dahlia

O primeiro passo do meu plano para esquecer o meu ex-noivo inclui uma nieve de garrafa com sabor a manga do Cisco, que é mais conhecido como a melhor rulote de comida que existe na cidade. Devoro a minha sobremesa enquanto o Julian batuca com o dedo no telemóvel, fazendo sejam quais forem as coisas importantes que os bilionários fazem a um domingo à noite. A dada altura, sai da carrinha para atender uma chamada, deixando a sua nieve com sabor a limão sem vigilância e pronta para eu lha roubar.

Não posso ser responsabilizada pelas minhas ações. No mínimo, estou a fazer um favor aos abdominais do Julian ao tirar-lhe a guloseima das mãos.

Quando acabo de comer os dois copos, ele deita-os para o lixo antes de nos irmos embora do parque, com a banda Morat aos berros nas

colunas. Embora eu e o Julian sejamos muito diferentes, partilhamos o mesmo excelente gosto em música, um facto que eu nunca admitiria à frente dele.

Contrariamente ao que aconteceu na primeira noite em que aqui passei, aprecio a cidade e vejo o quanto cresceu enquanto estive afastada. Embora alguns negócios estejam fechados durante o inverno, dado que não há muitas pessoas que queiram passear ao ar livre junto ao lago quando está frio, a maior parte deles permanece aberta durante todo o ano e isso já acontece desde que foram fundados em finais do século XIX.

Algumas das minhas lojas preferidas, como a loja de materiais de construção Hole in the Wall, o restaurante Holy Smokes e o talho Surf & Turf, foram passadas de geração em geração, mas também há algumas lojas mais recentes, como a pastelaria Sweets & Treats, que me despertam a atenção.

— Onde vamos? — pergunto ao Julian passado um minuto.

— A um dos meus estaleiros de construção. — Ele baixa o volume.

— Juro que te irei assombrar para toda a eternidade se, esta noite, acabar enterrada debaixo de dois metros de cimento.



— Sinto-me lisonjeado por queres passar toda a eternidade comigo.

— Os olhos dele brilham.

Os meus transformam-se em duas fendas.

O Julian levanta a mão direita.

— Não precisas de te preocupar. Enquanto a minha mãe te adorar, vou permitir que continues viva.

— Não tenho a certeza se deva car horrorizada com a ameaça ou impressionada por estares disposto a aturar-me só porque a tua mãe me adora.

Ele responde-me aumentando o volume da música.

Cabrón!

Quando o Julian sugeriu que me livrasse do anel, visitar um estaleiro

de construção não era o que eu tinha em mente.

— Anda. Vamos. — O Julian troca os ténis por botas de construção usadas antes de me obrigar a calçar um par de botas de borracha horrendas que rangem a cada passo que dou à medida que me aproximo da vedação.

Ele tira um capacete de segurança branco de detrás da barreira e põe-o na cabeça.

— A sério? — Franzo o nariz.

— Segurança antes de tudo. — Liga a lanterna do capacete e, depois, começa a tratar do dele.

Que se lixem os gajos de boné de beisebol com a pala para trás e calças de fato de treino cinzentas. Os homens de capacete de segurança e botas de trabalho são o meu novo fetiche, graças ao Ken Construtor que está parado à minha frente, com braços musculados e maçãs do rosto lindas de morrer.

Já sei que a minha terapeuta vai atirar-se de cabeça para este tópico durante a sessão da próxima semana.

— Estás bem? — A voz do Julian sobressalta-me.

— Sim — consigo dizer.

O Julian abre a cancela e caminha à minha frente para o pátio das traseiras da vivenda semiacabada. Vou atrás dele, prestando atenção a ferramentas e materiais que possam estar espalhados pelo chão.

O Julian para ao lado de uma betoneira vazia que está ao pé da parede traseira exterior que dá para o lago.

— Estás a gozar! — De todas as coisas que o Julian podia ter sugerido, nunca

teria adivinhado que podia ser isto.

— Tens alguma ideia melhor?

— Não, mas isto parece um ato criminoso.

Ele ca calado conforme pega nos materiais. A T-shirt branca perde rapidamente a alvura quando a poeira da construção se agarra ao tecido. As calças de ganga sofrem o mesmo destino, com o azul a

transformar-se em cinzento quando ele despeja a mistura seca para dentro da máquina.

Embora seja provável que o Julian não tenha voltado a tocar numa pá desde que inaugurou os escritórios luxuosos da sua empresa numa esquina da Main Street, exsuda com ança enquanto trabalha.

Quem me dera que o pai dele pudesse vê-lo agora.

Era difícil afastar estes dois um do outro, sobretudo quando estavam embrenhados num projeto conjunto. Mas depois o Luis Senior faleceu subitamente na sequência de um ataque cardíaco e deixou o Julian, que tinha vinte anos, a debater -se com o negócio da família e uma mãe destroçada.

Posso não gostar do Julian por cem motivos diferentes, mas terei sempre imenso respeito por ele e pelos sacrifícios que fez pela família, incluindo desistir de Stanford.

O Julian pragueja para si mesmo pela segunda vez, lançando um olhar furioso ao quadro elétrico.

— Tens a certeza de que sabes o que estás a fazer? — pergunto-lhe.

— Só porque já não trabalho no estaleiro, não signi ca que seja incompetente.

— Podias ter-me enganado, tendo em conta o pontapé que deste na betoneira quando pensaste que eu não estava a prestar atenção.

Ele coça o nariz com o dedo do meio, espalhando poeira cinzenta na cana.

Levanto a mão e limpo-a, sem pensar duas vezes.

O Julian olha para mim como uma pessoa olha para o sol — com partes iguais de dor e fascínio.

Dou um grande passo atrás e ponho as mãos atrás das costas.

— Diz-me lá, de que vale seres bilionário se não tens pessoas ao teu dispor a tempo inteiro, prontas para fazer tarefas complicadas como estas?

— Quem te disse que não tenho?

— Nesse caso, porque é que não telefonas a alguém para nos vir

ajudar com este teu plano-mestre?

O Julian semicerra os olhos.

— Porque se o meu pai ainda estivesse vivo, dava-me um chuto no rabo se eu pedisse ajuda para fazer cimento. Ele ensinou-me estas coisas quando eu era da idade do Nico.

Uma dor atravessa-me o peito quando ele fala do pai tão descontraidamente.

Quantas vezes é que implorei ao Julian que se abrisse comigo depois de o pai dele morrer? Dezenas? Centenas? O Julian ergueu um muro em volta de si mesmo para impedir e cazmente a entrada de toda a gente, incluindo eu.

Ele prime com força o botão de alimentação, apenas para praguejar quando nada acontece.

— Precisas de ajuda?

— Sei o que estou a fazer. — O Julian ca com as costas tensas.

Caímos num silêncio confortável enquanto ele desmonta a máquina. Distraio-me com as estrelas que reluzem na superfície do lago conforme o Julian lê o manual de instruções no telemóvel.

— ¡Chingada! 24

— O que é que aconteceu? — Viro rapidamente a cabeça para ele.

Ele deixa cair o cabo como se se tratasse de uma cobra viva.

— Nada.

— Por favor, diz-me que não te esqueceste de veri car se estava ligada à corrente.

— Claro que veri quei. — A lua por cima de nós ilumina o ligeiro rubor que lhe sobe pelo pescoço.

A ideia de o Julian veri car tudo obsessivamente exceto se a betoneira estava ou não estava ligada à corrente faz-me dobrar o corpo e desatar às gargalhadas até car com dores nos pulmões.

— É a última vez que faço uma coisa simpática por ti — declara e resmunga mais qualquer coisa em voz baixa.

— Desculpa! — A minha voz sai roufenha.

— Não, isso não é sincero.

— Perdoas-me? Por favor? — Pestanejo sedutoramente.

Ele arvora uma expressão furiosa.

— Só se não contares esta história a ninguém. Especialmente ao Rafa.

— Juro-te do fundo do coração. — Traço um xis invisível por cima do peito.

— Se contares a alguém, vou partilhar aquele vídeo teu a beberes vinho de pacote.

— Guardaste-o? — Fico de olhos arregalados.

— A chantagem não tem prazo de validade.

A ideia de ele guardar vídeos cómicos de quando andávamos na Universidade de Stanford não devia fazer-me sentir alegre e carinhosa, sobretudo quando se trata do Julian, mas, só de pensar nisso, o meu estômago começa às voltas.

Mantenho um tom de voz displicente quando digo:

— Não tens nada a temer. O teu momento de incompetência está em segurança comigo. — Ele afasta-se a bufar, levando a extensão atrás e prometendo voltar daí a um minuto.

Sem o Julian aqui para me distrair, debato-me com as minhas emoções caóticas. Esfrego a ténue linha branca deixada pelo anel no meu dedo, como se esfregasse uma nódoa, desejando que desapareça juntamente com toda a dor que sinto pela minha relação.

Antiga relação.

Para conseguir seguir em frente, preciso de começar a libertar-me do passado e de tudo o que me faça lembrar o noivado rompido, a começar pelo anel.

«É tudo o que sempre desejei e mais do que isso», menti enquanto levantava a mão trémula na direção da equipa de Imagens contratada pelos Creswell para lmar o nosso noivado muito público.

«Muitas mulheres gostariam de ter um anel como esse», disse-me o

Oliver quando me apanhou sem aquela monstruosidade no dedo depois de ter estado a treinar.

— Estás com dúvidas? — A voz profunda do Julian faz-me virar para ele.

— Tens a certeza de que a capacidade de ler pensamentos não foi adicionada à tua última atualização de software?

O olhar furioso que me lança não tem o impacto habitual.

— Sempre foste muito expressiva.

— Nem todos nascemos com a capacidade de não sentir nada.

— Eu sinto coisas — resmunga.

— Tipo, o quê?

— Excitação. — Tira o meu anel do bolso com um sorriso louco que só vi em duas outras ocasiões: quando o obriguei a levar-me ao baile de nalistas como castigo por ter tido melhor nota do que eu no exame de acesso à universidade e quando o defesa da equipa de futebol americano do liceu, que me chamou

«cabra puritana», foi apanhado num escândalo de traição.

Nunca z perguntas sobre isso ao Julian, mas suspeito que ele teve algo que

ver com o futebolista ter sido apanhado em agrante e ter cado no banco e proibido de jogar durante o resto do ano.

— Estás bem? — pergunta-me naquele tom de voz carinhoso que reserva para a mãe.

As minhas botas rangem quando oscilo para trás.

— E se isto for má ideia?

— Tencionas voltar para ele?

— Não. Sem dúvida alguma.

— Queres vender o anel?

Considero aquela opção durante uns segundos antes de abanar a

cabeça.

— E transferir essa energia negativa para outra pessoa? Não.

— Eu podia comprar-to.

Solto um ofego que quase me faz sufocar.

— O quê?!

O Julian avalia o anel.

— É horrendo, portanto, não te daria mais do que cem por ele.

— Cem dólares? Mas vale...

— Cem mil — interrompe-me.

— Isso é muito dinheiro. — Os olhos saltam-me das órbitas.

O Julian encolhe os ombros.

Idiota. Contrariamente a ele, ainda me lembro dos dias em que ainda não era bilionário, na altura em que as nossas famílias encomendarem piza com ingredientes adicionais era considerado um luxo.

O Julian roda descontraidamente o anel no dedo mindinho.

— Mas... — O suor perla-me a testa.

Fazê-lo desembolsar cem mil dólares até me parece bem...

— A oferta expira daqui a três...

Espera lá. Para começar, porque é que ele quer comprar-me o anel?

— Dois...

O que é que isso interessa? Aproveita!

— Está bem! — grito.

— Aceitas?

— Sim.

— Ótimo. Agora que já resolvemos isso... — Atira o anel para dentro da betoneira. O diamante é engolido pela espessa mistura de cimento

enquanto a máquina gira sem parar.

— Julian! — Dou um salto para carregar no botão vermelho de paragem de emergência, mas ele puxa-me com força antes de lá chegar. Fico sem ar nos pulmões quando embato violentamente contra o corpo dele.

Os nossos capacetes batem um no outro e o meu cai ao chão à medida que me debato para me soltar. O Julian põe o outro braço em volta da minha cintura e aperta-me com mais força, impossibilitando qualquer fuga.

— O que estás a fazer? — sibilo como um animal ferido.

— A salvar-te de ti mesma. — Arrasta-me para mais longe, sem sequer deixar que os meus pés toquem no chão.

— Isto é a sério?! Porque é que te ofereceste para pagar este dinheirão por um anel que ias deitar fora? — Solto um guincho enquanto empurro o músculo duro como aço que prende rmente o meu corpo.

— Vai valer cada centavo.

— Mas... — A minha resposta perde-se algures no caos da minha mente.

— Tu não gostavas do anel.

— O quê?! — Empurro-o para trás.

— Aposto que o detestaste assim que o Oliver se ajoelhou e abriu o clichê que é aquela caixinha da Cartier.

Levar com uma tábua na cara seria menos surpreendente do que ouvir este comentário.

— Porque pensarias uma coisa dessas? — Fico com a pulsação acelerada.

— Porque, tal como ele, o anel era enfadonho, detestável e simbolizava tudo aquilo que ele e a sua família pretensiosa armada aos cucos representam. — As palavras do Julian atingem-me com uma violência que me faz tremer as pernas.

O Julian viu o Oliver e a família dele como eram verdadeiramente.

Uma bela fachada.

Senti-me confortável em manter a farsa porque o Oliver me deu a entender que era diferente, mas, na verdade, não passava de mais um clone dos Creswell, desesperado por receber uma herança e por ter a aprovação dos pais.

E eu era a mulher que o impedia de ter isso.

O Julian larga-me quando deixo de conseguir debater-me e a minha mente vagueia conforme a betoneira continua a girar.

O m da minha relação começou com um acordo pré-nupcial e, a partir daí, as coisas pioraram rapidamente enquanto eu estava atolada em tarefas como sessões de aconselhamento pré-marital e rastreios de saúde.

«É o protocolo habitual para pessoas como nós», disse-me o Oliver enquanto

me entregava um monte de papelada mais grosso do que a minha coxa referente ao acordo pré-nupcial. Embora eu contasse ter de assinar um acordo desses, tendo em conta a situação nanceira dos Creswell, o conteúdo chocou-me.

«Um rastreio de saúde genética?», perguntei-lhe, franzindo o sobrolho, e o Oliver limitou-se a desprezar a minha preocupação. «É uma formalidade.»

Pegou-me na mão e apertou-ma. «Encara isso como uma medida de proteção», acrescentou.

Eu z um esgar. «Uma medida de proteção contra quê?»

«É linguagem-padrão», disse-me, passando rapidamente para a secção seguinte, que ditava quanto eu iria receber por cada lho que desse à luz. E o bónus monetário que receberia se amamentasse.

Céus, devia ter fugido depois dessa reunião, mas, em vez disso, con ei nele.

Sinto um aperto na garganta e começo a ofegar.

— Mírame25 — ordena-me o Julian.

Não consigo. Pelo menos, não enquanto me sentir assim.

— Vou ter contigo à carrinha — digo-lhe.

— Se queres o anel, eu tiro-o da betoneira — a rma o Julian para as minhas costas.

Abano a cabeça com força su ciente para fazer chocalhar o meu cérebro já destrambelhado.

— Não. — Fico com os olhos rasos de lágrimas, a um segundo de caírem.

É bom que não desates a chorar à frente do Julian, portanto, vê se te recompões e se te pões a andar daqui para fora.

— Vem ter comigo quando isso tiver acabado. — Luto contra o impulso de me enroscar sobre mim mesma enquanto aceito que essa parte da minha vida acabou.

— Está bem.

Os pulmões esvaziam-se de ar quando expiro pesadamente enquanto me viro.

Cada passo que dou para longe da betoneira parece uma pequena vitória e sinto -

me orgulhosa por conseguir chegar à carrinha sem derramar uma única lágrima, embora o buraco crescente que se abre no meu peito ameace consumir-me.

No entanto, contrariamente ao que z antes, luto contra isso. Não quero chorar mais por causa de um homem que me descartou como se eu fosse um pedaço de lixo.

Recuso-me a fazer isso.

Começando agora mesmo.

24 Chingada: Oh, merda.

25 Mírame: Olha para mim.

CAPÍTULO SETE

Dahlia

Um clarão vermelho e branco desperta-me a atenção.

— Para a carrinha!

O Julian trava a fundo e somos lançados para a frente. Solto um gemido quando o cinto de segurança se tranca e me esmaga o peito.

— O que se passa? — Os olhos dele percorrem-me rapidamente o rosto.

Encosto a mão ao peito.

— Além do facto de quase me teres provocado um ataque cardíaco?

— Pediste-me para parar.

— Não desta maneira!

— Desculpa.

— Não faz mal. Dá-me um segundo. — Desaperto o cinto de segurança.

— Onde é que vais? Está escuro como breu lá fora.

— Quero ver uma coisa. — Saio da carrinha e encaminho-me para o sítio que me chamou a atenção.

O cartaz de Para Venda colocado diante do portão parece-me ilegal e sinto-me tentada a roubá-lo para impedir que outra pessoa faça uma oferta pela casa dos meus sonhos.

Os candeeiros de rua que bordejam o caminho de acesso iluminam a mansão de estilo rainha Ana que se ergue no cimo de uma pequena colina. Apesar da madeira deformada e da falta de manutenção, a casa que, em tempos, pertenceu a um dos fundadores da nossa cidade é lindíssima, com uma arquitetura elegante, uma vista sem par sobre o lago e uma ligação histórica à cidade.

Não é apenas a casa de um dos fundadores, é a casa que sonhei remodelar um dia. Desde pequena que dizia que tinha três desejos e um deles era ser proprietária desta mansão azul.

Agora tens dinheiro e uma oportunidade de tornar isso realidade.

A súbita explosão de entusiasmo põe-me a cabeça a andar à roda, fazendo-me

sentir embriagada com a ideia de restaurar uma casa como esta.

Seria uma idiota se não aproveitasse esta rara oportunidade. Já estava obcecada com as casas dos fundadores muito antes de me dedicar à carreira de design de interiores. A história do passado destas casas, a sua estética e a vista para Lake Wisteria e para a orresta que ca para lá dele fazem com que seja fácil apaixonarmo -nos por elas e impossível esquecê-las.

Uma casa não te vai salvar da depressão. Fala a voz da razão.

Não, mas a minha terapeuta disse que devia dedicar-me a atividades que me façam feliz e esta casa seria um bom começo.

— Isto é mesmo verdade? — Dou um piparote no cartaz, para ter a certeza.

— Parece ser. — O Julian para ao meu lado e pega no telemóvel.

— O que estás a fazer?

— Quero saber quanto é que pedem pela casa.

— Não! — roubo-lhe o telemóvel.

— Não podes impedir-me de sentir curiosidade.

— Estás proibido de tocar nesta casa. — As casas dos cinco fundadores originais raramente são postas à venda, portanto, nem morta vou permitir que o Julian a compre.

— O teu nome consta do título de propriedade?

— Ainda não. — Diabos me levem se vou permitir que este projeto me escape. É precisamente o tipo de casa que podia ajudar a despertar novamente a minha criatividade, ao mesmo tempo que me obrigaria a tomar as medidas necessárias que a minha terapeuta me anda a recomendar há meses.

O Julian arranca o telemóvel dos meus dedos cerrados.

— Nesse caso, é jogo limpo.

— Jogo limpo? Como é que isso é possível quando tu és o Homem do Monopólio local?

— Sinto-me lisonjeado por esse raro elogio. — O tom de voz seco não faz jus às palavras.

— Que horror. Lo juro por Dios...26

Ele bate com o dedo no ecrã antes de levar o telemóvel ao ouvido.

— Sam. Olá. Desculpa ligar tão tarde, mas isto é importante. A primeira coisa que quero que faças amanhã de manhã é contactares um vendedor...

Torno a arrancar-lhe o telemóvel da mão e corro na direção oposta.

— Olá, Sam. Fala a Dahlia Muñoz. Como está?

— Eu... hum.... desculpe, disse Dahlia Muñoz? — A voz masculina torna-se mais estridente no m da pergunta.

— Sim.

— A Dahlia Muñoz, fundadora da empresa Designs da Dahlia?

— A própria.

— C'um caras — murmura o Sam para si mesmo.

Deito a língua de fora para o Julian enquanto carrego no ícone de alta-voz.

— Sou o seu maior fã! — grita o Sam. — Espere. O que está a fazer com o Julian?

— Infelizmente, conhecemo-nos.

O Julian lança-me um olhar furioso.

— Não acredito que o Julian nunca me disse nada. Ele sabe que eu sou obcecado pelo seu... tudo!

— Ah, sim? — pergunto-lhe.

— Claro que sim! Pergunte ao Julian. Ele ca sempre irritado quando eu vejo o seu programa sentado à secretária durante a minha pausa de almoço.

— Porque é que acha que isso acontece?

— Não faço a mínima. — O Sam bufa.

Dou uma gargalhada.

— Não é como se ele não pudesse aprender uma coisa ou duas consigo. A sério, adoro o que fez na última temporada com a Mansão do Caos. É um dos meus designs preferidos, ao qual regresso sempre que preciso de um pouco de inspiração.

— Tendo em conta os designs do Julian, isso deve acontecer com frequência.

O Sam dá uma gargalhada que parece um latido conforme o Julian me fulmina com o olhar.

Viro-lhe as costas e encosto o telemóvel ao ouvido para falar com o Sam.

— Sam, oiça. Detesto interrompê-lo, mas tenho um pedido especial para lhe fazer e não tenho muito tempo.

— Diga. — O Sam fala com convicção.

— Seja o que for que o Julian lhe diga para fazer, não o faça. Pelo menos, não no que respeita à casa do fundador.

— Mas ele é meu patrão.

— Está interessado num emprego novo? Porque estou disposta a contratá-lo...

— Já chega! — O Julian arranca-me o telemóvel da mão. — Sam, volto a

ligar-te amanhã. Desculpa novamente ter-te incomodado tão tarde.

— Mas... — A voz de pânico do Sam desaparece quando o Julian desliga.

— É um tipo amoroso. Só por curiosidade, quanto é que lhe pagas?

— Não me vais roubar o assistente. — O Julian semicerra os olhos.

— Quer dizer, achas que é considerado roubo se ele quiser sair da empresa?

O Julian franze ainda mais o sobrolho.

— Se gostas da casa, terás de fazer uma oferta competitiva.

— Mas tu és bilionário.

— E então?

— E então como diabos queres que faça uma oferta superior à tua?

Ele afaga o queixo como se fosse um vilão malvado.

— Percebo o teu problema.

— Ótimo. Agora faz-me um favor e nge que nunca viste a casa, e carei com um dívida eterna para contigo.

— Uma dívida eterna para comigo? — Baixa a voz, despertando centenas de borboletas dos seus casulos.

Nem. Pensar. Nisso.

— Deixa-me car com a casa. Por favor. — Inclino a cabeça para trás.

— Não estou no negócio da caridade.

— Desculpa?! — Enuncio cada sílaba.

— Não é nada pessoal. Preciso de terrenos e esta casa tem-nos. Numa destas propriedades cabiam facilmente dez das minhas casas.

Atiro as mãos ao ar.

— Estás a ver? Só isso é motivo su ciente para eu a comprar.

— Porque não sabes capitalizar uma oportunidade? Isso é estupidez, não é uma justi cação.

Fecho as mãos em punhos ao lado do corpo.

— Não é uma estupidez dar valor à história de uma casa.

— Eu dou mais valor ao lado nanceiro.

— E achas que eu não dou? Uma casa histórica pode valer tanto dinheiro quanto uma construção nova, se a remodelares corretamente.

— Não estou a dizer que isso não seja possível, mas os cálculos serão sempre a meu favor, por mais que te esforces.

Solto um gemido.

— Por quanto vendes uma das tuas casas?

— Três milhões, mais coisa, menos coisa.

Fico de olhos arregalados.

— Três. Milhões. De. Dólares? — Quando eu era miúda, as casas em volta do lago costumavam custar menos de um quarto de milhão.

— Sim. — O Julian é o primeiro a desviar o olhar.

— E quantas casas é que já demoliste?

— As su cientes.

— Cinquenta? — Ele ca em silêncio. — Cem? — pergunto-lhe, não recebendo mais do que um piscar de olhos. — Duzentas?

O Julian continua calado.

Abano a cabeça.

— Uau. A este ritmo, vais car sem casas dentro de poucos anos.

— É precisamente por isso que preciso de uma propriedade como esta, para resolver o nosso problema de oferta e procura.

Está na altura de mudar de estratégia.

— Queres que eu implore? — Baixo a voz.

Mordo o interior da bochecha para me impedir de sorrir quando o Julian pestaneja duas vezes. Embora eu e ele tenhamos usado muitas táticas de guerra psicológica ao longo dos anos, a sedução nunca foi uma delas. Mas, raios, se isso signi ca garantir a casa dos meus sonhos, estou disposta a namoriscar com ele e a fazer um negócio com o diabo.

— Não. — Fica com o maxilar tenso.

— Não me importo de pedir de joelhos.

Baixa os olhos para os meus lábios antes de desviar o olhar.

— Cala. Te.

Agarro-lhe no queixo e obrigo-o a olhar para mim.

— O que é que queres?

O Julian afasta bruscamente a cabeça das minhas mãos e dá um passo atrás.

— O raio do oposto disto.

— Deixo-te em paz se desistires da casa. — Passo-lhe o dedo pelo meio do peito.

— Eu sabia que trabalhar contigo era um erro. — Faz um movimento brusco.

— O quê?

— Nada. — O olhar do Julian desliza entre mim e a propriedade durante um minuto completo antes de voltar a falar. — E se, em vez disso, dividirmos a coisa ao meio?

— Desculpa?

— Tu queres a casa e eu quero o terreno. Tenho a certeza de que podemos trabalhar em conjunto para obtermos ambos o que queremos.

— Quem te diz que o município te deixaria construir outra casa aqui?

— Isso é problema meu.

— Queres que apostemos tudo em conjunto, na esperança de conseguirmos requalificar a propriedade e construir mais algumas casas nela?

— Exatamente.

— Isso nunca resultará. — Abano a cabeça.

— Porquê? — O franzir de sobrolho dele regressa em força.

— Porque um de nós tem estilo e... alerta, não és tu. — Contrariamente à dedicação do Julian ao estilo moderno de meados do século, o meu estilo de design rústico moderno é o oposto. Dedico-me a cada casa com o mesmo objetivo de salientar a arquitetura original e aliar diferentes estilos de design de interiores.

Uma das principais razões pelas quais comecei a ganhar popularidade foi o facto de a minha abordagem ser diferente de todas as outras. Nunca tive medo de misturar estilos diferentes, incluindo o estilo moderno de meados do século que o Julian tanto adora, e isso ajudou-

me a destacar-me.

Ele aperta a cana do nariz com força suficiente para deixar uma marca.

— Estás a testar a minha paciência.

— Surpreende-me que ainda te reste alguma no que toca a mim.

Ele resmunga para si mesmo antes de voltar a falar.

— Podes ter total controlo criativo em relação à casa.

— A sério?

— Sim.

— E se o município recusar o teu pedido de requalificação?

— Nesse caso, teremos de remodelar a propriedade e vendê-la por um preço que justifique o meu investimento de tempo e de recursos — diz-me.

— Que recursos?

— Se tencionas restaurar esta casa nos próximos três anos, precisarás da minha empresa para o fazer.

— Porquê?

— Porque a única outra empresa de construção que existe na cidade tem uma lista de espera de um ano porque está ocupada a renovar o hotel.

Merda. Não quero esperar um ano quando esta é a altura perfeita para me

ajudar a sair do meu bloqueio criativo.

Ainda assim, apesar de estar entusiasmada, fazer uma parceria com o Julian preocupa-me. Só trabalhámos juntos num outro projeto, na universidade, e acabou comigo a ter expectativas irrealistas.

Consoo imaginar vividamente o Julian a destruir a casa para construir o seu bairro ideal, com casas brancas e cinzentas feitas de partes iguais de cimento e vidro. A história desta propriedade seria apagada e substituída por linhas duras e frias que se assemelham ao homem que está à minha frente.

Estremeço e afastamento a imagem da mente.

Por muito que a ideia de trabalhar com o Julian me desagrade, a ideia de ele demolir esta casa desagrade-me ainda mais.

— Conta comigo — declaro antes de ter oportunidade de me convencer a mim mesma a não aceitar a proposta.

26 Lo juro por Dios: Juro por Deus.

CAPÍTULO OITO

Julian

Eu e o Rafa encaminhamo-nos para as cadeiras de cabedal que estão desocupadas ao fundo do Café Angry Rooster. Passaram-se semanas desde a última vez que estivemos juntos sozinhos. Com ele a gerir a app Dwelling e eu a resolver os problemas que surgem à medida que a empresa Empreendimentos de Luxo Lopez se expande para as cidades lacustres vizinhas, temos andado muito ocupados.

Há dias em que gostava de voltar atrás no tempo e reviver os momentos em que acordava às cinco da manhã para trabalhar numa construção com o meu pai em vez de ir para o escritório. Foram alguns dos dias mais felizes da minha vida e aqueles em que, ultimamente, penso cada vez com mais frequência.

Não sou feito do mesmo tecido empresarial que os meus concorrentes e isso salta à vista em todas as minhas interações. Ultimamente, a vontade de contratar outra pessoa para gerir a parte empresarial do meu negócio é mais forte do que nunca, mas não conheço ninguém a quem possa confiar esse tipo de responsabilidade.

O Rafa deixa-se cair na cadeira de cabedal.

— Hoje, quando estava a vir para a cidade, vi uma coisa interessante.

— O quê?

— Alguém pôs à venda uma das casas dos fundadores.

— Hum. — Bebo um gole do café gelado com uma dose extra de caramelo, espuma de caramelo e uma pitada de natas. Aquela delícia açucarada atinge-me a língua, melhorando imediatamente o meu humor, apesar do homem carrancudo que está sentado à minha frente.

— É aquela que tu andaste a namorar há uns anos. — O Rafa inclina a

cabeça.

— Pois é.

— Bem... vais comprá-la desta vez?

O café doce escorrega-me pela garganta como ácido.

— Porquê?

O Rafa semicerra os olhos.

— Porque não és o tipo de pessoa que deixa escapar uma oportunidade como esta. O terreno, por si só, faz com que seja uma das propriedades mais valiosas da cidade.

— Vou comprá-la em parceria com a Dahlia. — Sinto a barriga às voltas.

O Rafa levanta uma sobrancelha, com uma expressão condescendente.

— E achaste que isso era boa ideia porque?

— Porque a minha mãe me pediu que o zesse.

— Claro que pediu. Ela anda a planear o vosso casamento desde que estavam os dois nas respetivas barrigas.

O copo de plástico deforma-se sob os meus dedos, tal é a pressão que exerço.

— Ela está preocupada com a Dahlia.

— Estamos todos. — A expressão dele suaviza-se. — Mas isso não signi ca que tenhas de ser o cavaleiro encantado de cinto de ferramentas reluzente que a vai salvar.

— Se um cinto de ferramentas for reluzente, é claramente para chamar a atenção.

— Não é isso que estou a dizer e sabe-lo.

— Pois sei, mas não vai ser um problema. — Fico com os ombros tensos.

— O que é que te passou pela cabeça para comprares uma casa com ela e a remodelarem juntos, como a Dahlia fez todas aquelas vezes

com o Oliver?

A tensão espalha-se pelo meu corpo.

— Isto não é nada parecido com isso.

O Rafa olha xamente para mim.

— Tens alguma coisa que queiras desabafar? — pergunto num tom brusco.

— Estás a cometer um erro — resmunga ele.

— Não estava à espera de que compreendesses. — Ninguém consegue compreender, por mais que se esforce.

Eu e a Dahlia temos uma história complicada, em que nos antagonizamos e fazemos sobressair as melhores — e, por vezes, as piores — versões de nós mesmos. Esse tipo de ligação não desaparece, por mais que eu tenha passado muitos anos a desejar que isso acontecesse.

— Compreendo o su ciente para te aconselhar a não formares uma parceria com a mulher por quem estiveste apaixonado em tempos.

— Sei o que estou a fazer. — Esfrego o rosto com a barba por fazer.

— E eu sei o que tu tencionas fazer, mas a vida tem uma maneira estranha de lixar até os nossos melhores planos. — Desvia os olhos desdenhosamente.

— Vamos trabalhar juntos num projeto, não vamos apaixonar-nos.

A Dahlia certi cou-se de que isso não era possível depois de começar a namorar com o meu ex-companheiro de quarto depois de eu ter desistido de Stanford.

O Rafa bufa.

— Porque trabalharem juntos correu tão bem da última vez.

Cerro os dentes enquanto me lembro da única vez que eu e a Dahlia trabalhámos juntos: foi num projeto universitário para a cadeira de Psicologia.

Foi uma decisão que tomei por ciúmes e tornou-se no primeiro erro de uma longa lista de erros que cometi no que diz respeito à Dahlia.

Namoriscar com ela. Beijá-la. Afastá-la, porque, depois da morte do meu pai, não sabia como processar o medo de perder mais alguém que amava.

— É precisamente isso que me preocupa. — O Rafa aponta para mim.

Pestanejo umas quantas vezes.

— Isso, o quê?

— Essa tua expressão.

— De que estás a falar?

Ele imita uma expressão que tenho a certeza de que não pode ser a minha.

— No mames. 27 — Atiro-lhe um guardanapo amarfanhado.

— Pensei que já a tinhas esquecido.

— E esqueci. Estava apenas...

— A recordar?

— A pensar — corrijo-o.

— Por favor, vê se pensas mais, porque é evidente que não o tens feito ultimamente.

— Ajudar a Dahlia a esquecer o Oliver é a atitude certa a tomar. — A nal de contas, fui eu que os apresentei.

«Regressas em breve, certo?», perguntou-me o Oliver enquanto eu estava em pânico, a comprar um bilhete de avião para voltar para casa, após ter sabido do ataque cardíaco do meu pai.

«A Dahlia veio ajudar-me a embalar as tuas coisas para tas enviarmos, visto que estás demasiado ocupado para responder a uma mensagem», disse-me o



Oliver por mensagem um mês depois de eu desistir de Stanford. «E obrigado por nos teres avisado de que não ias voltar, idiota. É o m da nossa amizade», acrescentou.

Quando dei por isso, a Dahlia tinha uma relação com o idiota que era tão egocêntrico que era de espantar que o tamanho do ego ainda não o tivesse sufocado.

Não passa uma semana sem que eu não me arrependa de me ter tornado amigo do Oliver e dos erros que cometi e que o empurraram e à Dahlia para os braços um do outro.

Estou com câibras nos dedos por estar há tanto tempo a batucá-los no tampo da mesa da sala de reuniões. É difícil não me sentir nervoso depois de um dia cheio de reuniões com gestores de projeto, arquitetos, engenheiros e designers de interiores.

O meu diretor-geral, o Mario, mexe nalguns documentos que tem à frente.

— Todas as licenças que solicitámos para os nossos projetos foram suspensas porque a pessoa responsável meteu licença de paternidade.

— E ninguém a vai substituir? — Franzo o sobrolho.

— Não. Aconteceu a mesma coisa há dois anos, quando a Abbie teve gémeos.

Dou um suspiro frustrado. Se trabalhasse numa cidade maior, como Detroit ou Chicago, não teria este tipo de problemas. A minha vida seria muito menos stressante se as operações do dia a dia não parassem porque algumas pessoas estão com gripe ou porque uma pessoa vai ter um bebé.

E também seria mais solitária. A ideia de tornar a mudar-me para longe da minha família faz-me interromper esse pensamento.

— Reajustem os calendários para que todos os nossos funcionários tenham trabalho regular durante as próximas semanas. Não deve ser demasiado difícil, visto que o município aprovou as nossas licenças para as vivendas. — Viro-me para o Ryder. — Há novidades?

O Ryder, o meu gestor de projetos, para de batucar com a caneta na prancheta. Já trabalha comigo há sete anos e trabalhou arduamente para ser promovido para este cargo antes de fazer trinta e oito anos. Graças a ele, posso dormir mais tranquilamente porque sei que controla a minha equipa como um sargento disciplinado.

Inclina-se para trás e ena as mãos na cabeleira escura.

— Acho que já não precisamos de nos preocupar com o senhor Vittori.

— Como assim? — Paro de batucar na mesa.

— Retirou todas as ofertas que tinha feito em relação às casas disponíveis na área.

— Porquê?

— Não tenho a certeza. Segundo o município, não comprou nenhuma propriedade nem nenhum lote de terreno, portanto, talvez tenha avançado para outra cidade. Não é que o Julian lhe tenha dado muita escolha. — Os olhos castanho-escuros do Ryder iluminam-se.

— Não gosto nada disso. — Nem dele.

Tenho desconado do Lorenzo Vittori desde que, sem motivo aparente, regressou a Lake Wisteria vinte e três anos depois da morte dos pais, e essa desconanção não se deve a ele ter apresentado propostas concorrentes em relação às propriedades lacustres ou aos mexericos que correm pela cidade sobre ele querer candidatar-se a presidente da câmara.

A cidade pode tê-lo recebido de braços abertos, mas eu não conto com o nele nem nos seus falsos atos de altruísmo. Independentemente de quantas vezes ele vai à missa de domingo ou quantas horas passa a fazer voluntariado no abrigo de animais. Tanto quanto sei, está a lavar o dinheiro sujo do tio dele através de diferentes empresas e instituições de benevolência, tudo com o pretexto de ser um bom samaritano que quer fazer a diferença.

O Vittori pode ter passado os primeiros dez anos de vida aqui, mas muita coisa aconteceu nos anos que se seguiram.

O meu assistente de vinte e cinco anos, o Sam, desliza para dentro da sala de reuniões armado do auricular, do tablet e de um sorriso luminoso que lhe chega aos olhos castanhos.

— A equipa de arquitetos está à espera na sala de reuniões B para rever os planos para as vivendas. Também coloquei a equipa de design na sala C, portanto, quando terminar aqui, eles podem apresentar-lhe as ideias para o beco sem saída.

— Ótimo.

O Sam ajusta o auricular por cima do cabelo loiro-escuro.

— Oh, Julian, quando tiver algum tempo livre, peço-lhe que ligue ao presidente da câmara de Lake Aurora. Tem algumas perguntas a fazer-lhe sobre as infraestruturas da cidade e quer apresentar-lhe uma ideia.

— Obrigado. — Esfrego os olhos. Apesar de ter dormido oito horas a noite



passada, ainda me sinto cansado.

Quando as ações da Dwelling foram cotadas na Bolsa de Valores de Nova Iorque e a nossa empresa foi cotada em bolsa há uns anos, senti-me revigorado pelo meu novo estatuto de bilionário e pela perspectiva de transformar a empresa de construção do meu pai, que estava a ter problemas, nos Empreendimentos de Luxo Lopez. Contudo, agora que alcancei tudo aquilo com que o meu pai sonhou e mais ainda, sinto-me sem inspiração, exausto e com um ressentimento crescente por todos os novos projetos a que me dedico.

Pensei em várias opções para reacender a minha paixão, como voltar fazer um projeto individual ou mudar a equipa de designers, mas nunca levo essas ideias avante. Parte de mim tem medo de que eu nunca mais volte ao escritório, depois de me lembrar do que sinto quando invisto sangue, suor e lágrimas num projeto.

A noite passada foi prova disso. A Dahlia não foi a única a car com um brilho nos olhos perante a perspectiva de remodelar a casa do fundador.

Eu também quei.

Depois de um longo dia cheio de reuniões, sinto-me aliviado por regressar à minha mansão isolada, na margem norte do lago, que ca longe dos restaurantes, dos parques e dos casais que me lembram daquilo que quero, mas não tenho.

Nos últimos quatro anos tive três outras casas, todas na zona sul da cidade.

Embora as dunas e a praia fossem muito mais agradáveis do que a margem norte, que é mais pequena e mais rochosa, não suportava estar rodeado de turistas, casais e famílias.

Atiro as chaves e a carteira para o prato de vidro que está ao lado da porta principal antes de virar à esquerda para a cozinha digna de um

chef com janelas que dão para o Bairro Histórico, embora o rugido da minha barriga me distraia rapidamente da vista panorâmica.

Filas ordenadas de refeições pré-cozinhadas ocupam a prateleira do meio do frigorífico, cortesia da minha empregada. Ponho no micro-ondas a primeira refeição a que deito as mãos, sento-me na ilha da cozinha e ligo o telemóvel ao sistema de colunas de som.

Mesmo com a música a tocar aos berros na casa toda, o barulho dos talheres contra o prato é mais desagradável do que usar uma serra de cimento à meia-

noite.

Não gosto de silêncio tanto quanto as pessoas pensam que gosto. Na verdade, com o passar dos anos, comecei a detestá-lo porque me lembra de tudo o que não tenho.

Um lar em vez de uma casa.

Uma mulher para amar, cuidar e apoiar.

Uma razão para acordar todos os dias, que não seja o emprego ou as pessoas que dependem de mim para ter um salário regular.

O dinheiro pode comprar muitas coisas, mas não consegue preencher o enorme vazio que sinto no peito e que aumenta de ano para ano. Aquilo que me costumava satisfazer já mal preenche a ânsia incessante. Trabalhar excessivamente. Encontros casuais que nunca levam a nada mais sério. Passar todo o meu tempo livre com os meus familiares enquanto ignoro o desejo de formar uma família minha.

Já nada disso me atrai e começo a car preocupado.

«Mejor solo que mal acompañado»²⁸, disse-me o meu pai, na sua voz rouca e trovejante, depois de eu ter apanhado o meu grupo de amigos a gozar comigo pelas costas.

A dor atravessa-me o peito. Quando era mais novo, revirava os olhos e perguntava ao meu pai em que página da Internet roubara a sua última citação, mas agora sei apreciar o facto de ele ter o ditado certo para cada situação.

Céus, perdi a conta da quantidade de vezes que desejei que ele estivesse aqui, a dizer um provérbio sempre que precisávamos de o ouvir.

Quando a pessoa certa aparecer, vais dar-te conta, digo a mim mesmo.

Mas e se a pessoa certa sempre tiver estado presente e eu tiver dado cabo de tudo porque era um idiota de vinte anos que não sabia o que fazer?

Esta pergunta tem-me mantido acordado desde que a Dahlia voltou na semana passada, a par dos cenários de «e se...» que poderiam ter acontecido se eu tivesse lidado corretamente com a dor da perda do meu pai em vez de me ter isolado.

27 No mames: Não gozes.

28 Mejor solo que mal acompañado: Mais vale só do que mal acompanhado.

CAPÍTULO NOVE

Dahlia

-Tens rede nessa cidadezinha de onde vens? — pergunta-me a minha agente, a Jamie, assim que atendo o telefone.

— Desculpa não te ter devolvido as chamadas. — Estremeço.

Foi fácil evitar a Jamie depois de ouvir a primeira mensagem de voz que me deixou, em que me perguntava como estava a correr o planeamento do meu próximo lançamento de decoração, mas evitar as chamadas e as mensagens dos meus outros amigos tem sido mais difícil. A Reina, a Hannah, e o Arthur — os três membros da equipa de Imagens de quem me tornei amiga durante as gravações de Remodelação na Bay Area — enviam mensagens todos os dias para o nosso chat de grupo, apesar de eu só lhes responder raramente, com uma mensagem a dizer Ainda estou viva.

Embora essa a rmação seja verdade, não estou propriamente a viver, portanto, até que isso aconteça, tenciono continuar a manter-me afastada de toda a gente.

A Jamie faz um pequeno ruído desdenhoso.

— Estou só a meter-me contigo. Que tal está a correr o descanso?

Tendo em conta que saí da cama antes do meio-dia, fui dar um passeio pelo bairro e ajudei a minha mãe a fazer o pequeno-almoço, consideraria o dia de hoje como uma vitória, apesar de só serem dez

da manhã.

Olha para ti, a ver o lado positivo.

— Bem. Estava a precisar de uma pausa — respondo-lhe.

— Depois de teres terminado aquela última temporada, não te recrimino.

— Pois.

— Como te estás a sentir, mentalmente?

— Tenho dias bons e outros... — Agarro o telemóvel com menos força.

— São uma verdadeira merda? — acaba a Jamie por mim.

— Exatamente.

— Sei que, neste momento, a vida te está a correr mal, mas as coisas vão

melhorar. Prometo-te que vão melhorar.

— Espero que sim. — O nó que tenho na garganta aumenta.

Depois de uma breve pausa, a Jamie torna a falar.

— Detesto ser o arauto de más notícias, mas fui contactada por um repórter com perguntas sobre o m da tua relação.

— Oh. — O meu corpo transforma-se em pedra.

— A minha equipa deu-lhe a resposta que aprovámos em conjunto.

A azia começa a borbulhar, subindo-me à garganta.

— Certo. — Além do Oliver e da família dele, a Jamie é a única outra pessoa que conhece o verdadeiro motivo do m do meu noivado, e espero que isso continue assim, independentemente que quantas vezes a Lily e a minha mãe tentem sacar-me respostas.

— Voltei a enviar o acordo de confidencialidade assinado para o Oliver e para o teu ex-agente, só por precaução.

— És a maior. — A minha gargalhada soa oca.

— Talvez não digas o mesmo daqui a um minuto.

Engulo o medo.

— O que é que se passa?

— Não sou o tipo de agente que queira incomodar-te quando estás numa pausa de que estavas mesmo a precisar, mas a equipa da Vida Seleta tem andado a fazer um monte de perguntas sobre os planos para a coleção do próximo outono e há um limite para a quantidade de vezes que os consigo evitar.

— Certo. — Fico com a respiração acelerada.

— Anunciaram números recorde para o teu último lançamento, portanto, estão entusiasmados por começar a planear o próximo.

— Claro. — Cerro as mãos para as impedir de tremer.

— A equipa quer saber quando é que lhes vais enviar os esboços preliminares.

Se quiseses fazer o lançamento em setembro e aproveitar o facto de estares em alta, eles têm de começar a produção antes do m de fevereiro.

Ainda não consegui sobreviver a este outono, quanto mais começar a pensar no próximo, mas não há problema.

Mentirosa.

O pânico enche-me o peito. Sempre que pego no tablet para começar a desenhar, os meus níveis de energia caem a pique, fazendo-me sentir derrotada ainda antes de ter oportunidade de começar.

— Se precisares de te afastar por uma estação...

— Não! — exclamo. Já trabalho com a empresa Vida Seleta há alguns anos e recuso-me a perder a última parceria que me resta. — Vou enviar-lhes os esboços iniciais antes do m do ano, logo, podes agendar as nossas reuniões para janeiro.

— Tens a certeza?

— Tenho. — Esfrego as têmporas, que estão a latejar.

— Ótimo! Vou informá-los disso.

— Fantástico. — Tenho o coração a bater violentamente contra as costelas quando lhe pergunto: — Por falar nisso, tens novidades em relação à proposta para o novo programa?

Embora, inicialmente, estivesse programado eu lmar outra temporada de Remodelação na Bay Area com o Oliver, o facto de termos terminado o noivado destruiu quaisquer hipóteses de isso acontecer, portanto, tenho esperança de que a Jamie consiga um contrato com outro canal de televisão. Adoro o meu trabalho e não passa um dia sem que sinta saudades dele e das pessoas que ajudei.

— Não, ainda não me contactaram, mas não deve faltar muito para te telefonar com a oferta de um novo contrato. — A voz dela parece incrivelmente alegre.

— Oh. — Deixo-me cair na cama. — Achas que não há ninguém interessado porque a proposta é diferente do meu último programa?

Senti-me grata pelos Creswell e pelos contactos que tinham, que, para começar, me ajudaram a conseguir o meu próprio programa, mas o enorme controlo que exerciam sobre o processo de produção não me deixou satisfeita.

Fiquei com vontade de ter mais controlo sobre a narrativa do programa. De ter mais clientes de todos os meios socioeconómicos. E de ter mais liberdade para falar de assuntos como o desgosto, a perda e grandes mudanças de vida, como o divórcio.

Embora não estivesse à espera de que as empresas de produção largassem tudo para assinar contrato comigo, já passaram algumas semanas e ainda não houve reuniões de seguimento.

De que é que estás à espera, quando a tua vida pessoal se transformou num meme da Internet?

Sinto os olhos a arder, mas pestanejo para afastar as lágrimas.

Depois de a Jamie desligar, sinto-me tentada a voltar para debaixo dos cobertores e dormir, mas, em vez disso, faço a escolha consciente de me levantar,



abrir a mala e procurar a bolsa de maquilhagem.

Un Muñoz nunca se rende²⁹, dizia sempre o meu pai.

E está na altura de recordar com se vive fazendo jus a esse lema.

Não quero sair de casa, mas, de qualquer maneira, decido fazê-lo porque a minha mãe e a minha irmã precisam da minha ajuda com uma encomenda enorme de centros de mesa para um casamento.

A orista da minha mãe, chamada Rosa e Espinho, situa-se no famoso Bairro Histórico na zona norte da cidade. A zona tem um nome adequado por causa dos edifícios de tijolo e cimento e do bairro de vivendas ao estilo de chalés que os rodeiam e que datam do início da fundação da cidade, em nais do século XIX.

O Bairro Histórico é o coração de Lake Wisteria. A maioria dos edifícios originais situa-se num raio de cinco quarteirões, incluindo a biblioteca, o banco, a câmara municipal, o posto de correios que, em tempos, usou pombos-correio, e uma escola minúscula, do tamanho de uma caixa de sapatos. Não éramos su cientemente abastados para viver aqui, mas a minha mãe conseguiu abrir esta orista minúscula há trinta e cinco anos, quando os meus avós se mudaram para a cidade por causa de um emprego.

É difícil não se reparar na Rosa e Espinho, com a tinta cor-de-rosa que cobre as paredes exteriores de tijolo e a montra com uma decoração outonal, cheia de ores vermelhas, cor de laranja e amarelas de todos os formatos e tamanhos.

Consegues fazer isto, cantarolo para mim mesma enquanto saio do carro e me dirijo para o passeio.

Pelo menos, estás com bom aspeto, acrescento. Em honra de me ter recomposto, escolhi a minha melhor indumentária, na esperança de que um pouco de cor e alguns acessórios melhorem o meu estado de espírito.

«Não precisas de estar constantemente a querer a atenção de toda a gente» —

este velho comentário da mãe do Oliver sobre a minha roupa surge do nada.

Quase torço o tornozelo ao lembrar-me disso.

«Espero que, um dia, te sintas su cientemente confortável na tua própria pele para parares de a tapar», disse-me ela, antes de me dar um boião de creme antirrugas.

«Devas parar...»

— Dahlia? És tu? — pergunta uma mulher atrás de mim.

A minha mãe estaca ao meu lado e vira-se, esboçando um sorriso.

Não. Não consigo fazer isto. Que se lixem os antidepressivos e os conselhos da minha terapeuta para sair de casa. Ajudar a minha família com as ores é uma coisa, mas ter de enfrentar pessoas é outra completamente diferente, com a qual não estou preparada para lidar agora que a notícia do meu noivado fracassado se espalhou.

A minha mãe agarra-me pelos ombros para me impedir de fugir.

— Vai fazer-te bem estar com velhos amigos.

Só que eu já não tenho amigos em Lake Wisteria. As minhas duas amigas mais chegadas, que conheci na escola primária, vivem em estados diferentes, e embora falemos ao telefone de vez em quando para saber notícias, não tenho conseguido falar com ninguém desde que soube o resultado do teste genético.

Estão as duas grávidas e entusiasmadas por terem lhos, o que faz com que me sinta deslocada.

A minha mãe obriga-me a virar-me antes de eu ter tempo de fugir para a orista.

— Nos vemos adentro. 30 — Dá-me um beijo na testa e fecha a porta da loja atrás de si.

— Eu sabia que eras tu! Só tu conseguirias transformar a Main Street na tua passarela pessoal. — A Alana Castillo, uma das minhas colegas de liceu, faz-me um aceno de mão.

De todas as pessoas do meu passado que poderia ter encontrado, a Alana é a melhor opção. Não só é simpática como também nos dávamos bastante bem no liceu, apesar de termos grupos de amigos diferentes.

O cabelo escuro da Alana brilha ao sol, realçando os diferentes tons de castanho. O homem alto, loiro e bem-parecido que está ao lado dela murmura-lhe qualquer coisa ao ouvido antes de se dirigir para a loja Tutu Cor -de-Rosa com a lha, que tem vestido um maiô, uma saia de balé verde uorescente e botas da tropa.

Luto contra a já habitual tristeza opressiva enquanto me forço a dizer descontraidamente:

— Olá.

Pelo menos, podias tentar soar entusiasmada por a ver.

A Alana põe os braços à minha volta e encosta a maçã do rosto à minha.

— Como estás?

— Bem.

— Estou a ver. — Ela faz-me gelar com um único olhar sabedor.

Dou um pontapé numa pedra invisível com a biqueira da bota.

— Já tive melhores dias.

— Foi por isso que voltaste à cidade?

— Isso e os cozinhados da minha mãe.

Ugh. Arrependo-me das palavras assim que as digo. Apesar de não ter podido vir ao serviço fúnebre que a cidade organizou para a mãe da Alana, por causa do calendário de Imagens, devia ter mais juízo e não falar em mães e em cozinhados.

O sorriso caloroso da Alana reduz a minha ansiedade.

— Não passa um dia em que não sinta desejos do pandebonos da minha mãe, portanto, percebo-te perfeitamente.

— Eram os melhores do mundo! A minha mãe ainda se recrimina por nunca ter pedido a receita à tua.

— Se quiseses, um dia destes, posso ensinar-vos a fazê-los.

— A sério? — Levanto as sobrancelhas.

Depois de viver em São Francisco, esqueci-me de como era estar rodeada de pessoas que se preocupam connosco. Tinha sorte se a empregada do café conseguisse escrever corretamente o meu nome, quanto mais perguntar-me como estava por se interessar genuinamente.

A gargalhada melodiosa da Alana consegue aquecer o mais frio dos corações.

— Claro. Toda a gente é bem-vinda à minha cozinha, com exceção da Missy.

— Não me digas que, ao m destes anos todos, ela continua a tentar roubar -

te as receitas?

A Alana expira sonoramente.

— Essa miúda só traz sarilhos, já desde o liceu. Tem boas intenções, mas só vai descansar quando vencer o Concurso de Pastelaria do Quatro de Julho.

— Dahlia! — A Lily espreita para fora da orista. — Precisamos da tua ajuda cá dentro!

— Lamento. É melhor entrar. — Lanço um olhar de desculpas à Alana.

— Não te preocupes. Tenho de voltar para junto do Cal e da Cami antes que eles se metam em sarilhos.

— Isso acontece muitas vezes?

— Só quando os deixo sozinhos por mais de cinco minutos. — Tem os olhos a brilhar.



— Foi bom ver-te. — Puxo-a para um abraço.

— A ti também. E não te esqueças de que podes vir ter comigo a qualquer altura para fazermos bolos.

— Olha que sou capaz de aceitar o desa o.

Depois de se ter enganado na contagem do inventário, a minha mãe foi a correr ao horto de Lake Aurora, deixando-me sozinha com a Lily para terminarmos o máximo de centros de mesa que conseguirmos com as ores que temos.

— E então... — A minha irmã interrompe a minha missão de fazer as tarefas de hoje sem pensar e sem falar.

Levanto os olhos do centro de mesa meio montado. Os olhos da Lily fazem-me lembrar os do nosso pai, com o castanho quase a ocupar as pupilas.

Enquanto eu sou mais parecida com a minha mãe, com a minha estatura mais baixa e mais curvas, olhos castanho-claros e feições mais suaves, a Lily herdou a altura, as feições mais pronunciadas e o pavio curto do nosso pai. Com os genes que tem, podia ter sido capa de revista, se não tivesse querido passar a vida inteira em Lake Wisteria, a gerir a orista.

Quando não digo nada, a Lily continua:

— Reparei numa coisa interessante.

— O quê?

— Já não usas o anel de noivado.

Engulo o enorme nó que tenho na garganta.

— Não.

— Onde é que está?

— Vais ter de perguntar ao Julian.

— Desculpa?! — guincha ela.

— Não faço a mais pequena ideia do que ele fez com o anel, depois de o ter atirado para dentro da betoneira.

O olhar dela desvia-se para a ténue linha pálida que me rodeia o dedo.

— Para dentro da betoneira?

— Sim. — Não consigo conter uma gargalhada.

— Uau.

— Eu sei. É um loucura, certo?

— Sem dúvida alguma. Mas é simpático da parte do Julian ter-te ajudado a

livrares-te dele.

— Não me digas que agora o achas simpático.

— Para sermos justas, ele amadureceu muito desde que vocês andaram na universidade. — Ela levanta as mãos.

— Não te consigo ouvir. — En o os dedos nos ouvidos.

— És completamente infantil. — Ela revira os olhos.

— O que é que aconteceu à irmã que me ajudava nas missões de reconhecimento para conseguirmos armas para o chantagear?

— Cresceu.

Lanço-lhe um olhar expressivo, que ela me devolve sem hesitar.

— A sério. Porque é que ele é o inimigo? E não me dês uma desculpa da treta sobre terem uma rivalidade desde que eram crianças, porque sei que é mais do que isso.

— O quê?! — Sobressalto-me.

— Posso fazer de conta de que não reparo em nada, mas isso não significa que seja idiota. Aconteceu alguma coisa entre vocês quando estavam na universidade, portanto, queres dizer-me o que foi?

— Nada.

— És uma péssima mentirosa.

Concentro-me no centro de mesa.

— Não quero falar sobre isso.

— Sabes que me podes contar tudo. Sou como o Fort Knox.

Passa um minuto inteiro antes de eu voltar a falar.

— Beijámo-nos.

A Lily guincha como um maldito miúdo no parque de diversões Dreamland.

— Eu sabia!

Lanço-lhe um olhar furioso.

— Que mais? Conta-me mais coisas!

— Não. — Tenho a sensação de ter o rosto em chamas.

A Lily ca de olhos arregalados.

— Vocês foram para a cama, não foi?

O caule de uma or estala entre os meus dedos.

— Lily!

A minha irmã levanta as mãos.

— Vá lá! Esperei anos para te fazer perguntas sobre isso. Pelo menos, tem piedade de mim e responde a algumas das minhas questões.

— Porque é que não me zeste perguntas sobre isto antes?

— Porque tu andavas a evitá-lo por algum motivo, logo, eu não ia tocar no assunto.

— Pois.

— Então, o que aconteceu? Tenho as minhas suspeitas, mas não tenho a certeza.

— É complicado. — Baixo o olhar.

— Quando é que percebeste que gostavas dele?

— Provavelmente, mais para o m do nosso primeiro ano na universidade. —

As saudades de casa e um projeto de Psicologia obrigaram-nos a contar um com o outro como nunca antes e, pouco a pouco, tornámo-nos amigos.

— E depois, o que é que aconteceu? — pergunta-me a minha irmã.

Beijei-o umas semanas antes de tudo na vida dele ter ido para o galheiro.

— O pai dele morreu. — Os meus ombros descaem.

— Oh.

— Pois.

— Faz sentido. Eu pensei que o sexo tinha sido mau ou qualquer coisa

do género...

Quase sufoco com a gargalhada que dou e a Lily solta um ofego.

— Aah! Foi assim tão bom?

Sinto o calor invadir-me as maçãs do rosto.

— Foi ótimo? — guincha.

— Recuso-me a falar contigo sobre isso. — Sobretudo, porque não há nada sobre o que falar. O Julian certi cou-se disso durante uma chamada de cinco minutos que destruiu qualquer esperança de alguma vez termos um futuro juntos.

«És uma distração de que não preciso», disse-me ele por telemóvel, depois de eu me ter oferecido para suspender o semestre e voltar para Lake Wisteria após a morte do pai dele.

«Foi apenas um beijo», declarou num tom inexpressivo, fazendo-me sentir a miúda mais idiota do mundo, depois de ter querido ajudá-lo com a empresa do pai, porque também era apaixonada por design.

«Lamento, mas não sinto o mesmo», a rmou depois de eu ter aberto o coração e de ter admitido que gostava dele de uma maneira verdadeira, crua e um bocado assustadora.

«Preciso de tempo», terminou, antes de desligar a chamada.



Foi a última vez que falei com ele por telemóvel. Todas as outras chamadas que z foram para o correio de voz, mesmo depois de ter ajudado o Oliver a encaixotar o quarto do dormitório.

É engraçado como podemos levar anos a criar con ança e como bastam poucas interações para a destruir.

A minha irmã interrompe as minhas memórias quando fala.

— Está bem. Posso respeitar a tua vontade. Só estou contente por vocês os dois já conseguirem estar juntos na mesma sala.

— Eu também — admito.

— A Jose na e a nossa mãe nunca disseram nada, mas sei que tinham saudades de ter toda a gente junta debaixo do mesmo teto. As coisas

nunca mais foram as mesmas depois de tu... — Não termina a frase.

— Depois de me ter mudado para São Francisco? — termino por ela.

— Sim. — A Lily estremece.

— Pensei que gostavas de ir lá passar férias.

— E gostava, mas não te vou mentir. Não há nada melhor do que juntarmo-nos todos no Natal e não há quantidade nenhuma de férias na grande cidade que possa substituir a sensação de estar em casa.

— Desculpa. — Deixo cair a cabeça.

A Lily dá a volta à mesa e puxa-me para um abraço apertado.

— Estou contente por teres voltado. Por agora, pelo menos.

— Eu também.

A minha mãe e a minha irmã deixam-me perto do cemitério, prometendo voltar daí a meia hora. Visitámos as três esta parte sombria da cidade muitas vezes ao longo dos anos, mas já passou algum tempo desde a última vez que aqui vim.

O ramo de rosas amarelas treme-me nas mãos enquanto atravesso o portão principal.

Poucas pessoas gostam de rosas amarelas tanto quanto o meu pai gostava e qualquer pessoa que o conhecesse já ouvira a história de como ele conhecera a minha mãe quando entrara na Rosa e Espinho à procura de ores para oferecer a outra mulher com quem se ia encontrar.

Esta memória deixa-me o coração pesado de mágoa. Perder um progenitor nunca é fácil, mas estar presente aos dezasseis anos quando o meu pai entrou em

paragem cardíaca numa ambulância foi devastador.

Felizmente, tive um conselheiro escolar que se preocupou comigo e me ajudou no processo de luto enquanto eu investia o resto da minha energia em conseguir a bolsa universitária de que sempre havia falado com o meu pai.

Inclino-me e coloco o ramo em frente da pedra tumular.

Hector Muñoz. Marido dedicado. Pai orgulhoso. Amigo acarinhado.

— Hola, Papi. 31 — Tenho o queixo a tremer. — Ha pasado un tiempo desde la última vez que hablamos. 32

Os pássaros chilreiam ao longe à medida que sou atingida por uma rabanada de vento. Fecho o casaco até cima antes de me sentar no chão.

— Agora, mais do que nunca, gostava que aqui estivesses. — Arranco uma folha de relva e enrolo-a no dedo. — Embora talvez seja melhor que não estejas.

Detestaria ver-te car furioso por causa do rompimento do noivado e ires parar à cadeira com uma acusação de agressão ao Oliver. — A minha gargalhada soa oca por causa do aperto que sinto na garganta.

Outra lufada de vento levanta algumas folhas ao longe.

— Cometi um grande erro. — A voz falha-me. — Fui tão idiota, Papi.
—

Fico com os olhos cheios de lágrimas, embora me esforce para que não caiam.

— Sabia que estava a cometê-lo, mas continuei a tentar fazer com que as coisas resultassem porque un Muñoz nunca se rinde.

O meu pai educou-nos para seguirmos o seu lema de ser el a ti mesmo — ser el a ti próprio —, e esforcei-me ao máximo por seguir os valores dele.

E, no entanto, falhaste.

— O problema foi que, enquanto tentava manter a minha relação intacta, esqueci-me de mim mesma. Abdiquei de todas as coisas que me tornavam especial porque pensava que era a coisa certa a fazer para tornar feliz a pessoa que supostamente me amava. — O aperto que sinto no peito torna-se insuportável. — Agora, apercebo-me de que a única pessoa que estava a desiludir era eu mesma. Deixei de con ar em mim e nos instintos que me diziam que merecia melhor.

Baixo a cabeça antes de continuar.

— Desculpa não ter vindo visitar-te muitas vezes nos últimos anos. Aqui entre nós, estava um pouco perdida. — Despedaço a folha de

relva antes de arrancar outra do chão. — Mas vou reencontrar-me. Porque os Muñoz nunca se rendem... nem sequer desistem de si mesmos.

E, quando abandonar Lake Wisteria depois das férias, espero que a minha alma já esteja totalmente sarada.

29 Un Muñoz nunca se rinde: Um Muñoz nunca se rende.

30 Nos vemos adentro: Vemo-nos lá dentro.

31 Hola, Papi: Olá, papá.

32 Ha pasado un tiempo desde la última vez que hablamos: Passou algum tempo desde a última vez que falámos.

A screenshot of a text message conversation. A grey bubble contains the text: "Porque é que estou a descobrir por uma pessoa que não é o meu filho que ele e a Dahlia vão renovar uma casa em conjunto?"

A screenshot of a text message conversation. A grey bubble contains the text: "O quê?! OS NOSSOS Julian e Dahlia?"

A screenshot of a text message conversation. A grey bubble contains the text: "Sim. Toda a gente na cidade está a falar de eles irem comprar uma casa juntos."

A screenshot of a text message conversation. A grey bubble contains the text: "Apontaram uma arma à cabeça do Julian?"

A screenshot of a text message conversation. A grey bubble contains the text: "Ou foi alvo de chantagem?"

A screenshot of a text message conversation. A grey bubble contains the text: "..."

CAPÍTULO DEZ

Dahlia

Faço os possíveis por ignorar os sons do telemóvel, mas, depois do oitavo toque, desisto. O chat de grupo das famílias Lopez-Muñoz continua apitar antes de eu ter tempo de ler a primeira mensagem.

Vou para o início das novas mensagens.

Não é difícil chegar a essa conclusão, visto que somos as únicas duas pessoas da cidade com esses nomes — por agora, pelo menos. O censo do ano passado referente a Lake Wisteria registou números recorde, por causa da praia lacustre, das enormes dunas, da crescente procura dos serviços do Julian e da sua exposição frequente aos meios de comunicação.

Não é de admirar que ele queira maximizar as oportunidades e requalificar propriedades para poder construir mais casas, visto que transformou a nossa cidade no seu jogo de Monopólio pessoal.

Mentalmente, envio-lhe um emoji de polegar levantado.

Ver o nome do Julian no meu telemóvel faz-me franzir os lábios.

[Redacted]
E pensar que passei vinte e sete horas em trabalho de parto para me desrespeitarem desta maneira.

[Redacted]
É por isso que eu sou o filho preferido.

[Redacted]
Isso é discutível, visto que o Julian comprou uma casa para a tua mãe.

[Redacted]
Só porque fechou negócio primeiro, depois de me dizer que podíamos comprá-la a meias.

[Redacted]
Estás a dizer-me que o Julian voltou a ser apanhado a ter um comportamento duvidoso? Considera-me chocada.

[Redacted]
LILIANA!

[Redacted]
A Josefina tem razão. Eu e o Julian vamos trabalhar juntos.

[Redacted]
Yes!

Casal poderoso!

Serei a única a estar assustada com a ideia de aqueles dois estarem prestes a depor as armas e trabalhar juntos?

Népia.

A casa é nossa, se a quiseres.

O Rafa a fazer uma piada? Talvez eu devesse comprar um bilhete de lotaria.

Todos nós crescemos com pouco dinheiro, portanto, passar de termos di culdade em pagar a hipoteca em alguns meses para pagá-la toda de uma só assentada deixa-me chocada.

Ainda tenho di culdade em acreditar que o Rafa e o Julian são bilionários.

Apesar de eu ter dinheiro su ciente para comprar o que quer que seja que eu e a minha família queiramos, sem me sentir culpada, nunca terei o mesmo nível de sucesso que eles.

Pego no telemóvel e penso numa resposta.

Ignoro a última mensagem da minha mãe, porque acho que ela não entende o que aquilo signi ca. Disse a mesma coisa em relação a mim e à minha irmã quando, há uns anos, redecorámos juntas a orista.

O meu telemóvel vibra com uma mensagem privada do Julian.

Por quanto?

1,2 milhões.

Temos de decidir imediatamente porque há outra oferta.

De quem?

De um idiota qualquer de Chicago. Está disposto a pagar mais, mas tenho uma boa relação com o vendedor.

Estás a explorar os outros em proveito próprio? Boa.

...

Só por curiosidade, conheces o outro comprador?

É o Declan Kane.

O QUÊ?!

Conhece-lo?

Ouvi FALAR dele. A família dele é o apelido mais sonante da indústria do entretenimento.

Bem, a única coisa que ele vai entreter esta noite é um ego magoado.

Fico boquiaberta. Ainda nem passaram duas semanas desde que concordámos com o plano.

Os meus dedos voam pelo ecrã.

Dói-me o rosto por estar a sorrir há tanto tempo.

Vê se acordas. É o Julian!

Atiro o telemóvel para o outro lado da cama.

Sei lidar com o Julian reservado. Por vezes, até o Julian competitivo consegue ser frustrantemente engraçado, embora nunca lhe dissesse isso, porque o ego dele não precisa de mais incentivo.

Mas um Julian gozão? Não tenho a certeza de ter a mínima hipótese contra este tipo de comportamento. A última coisa de que preciso é de despertar sentimentos antigos só porque ele me está a fazer sorrir genuinamente pela primeira vez em meses, com apenas algumas bocas.

Samuel Miller
Temos negócio?

Julian
Sim.

Samuel Miller
A casa é nossa. Vou mandar-te uma mensagem com os pormenores relativos à calendarização e a uma visita assim que tratar da papelada.

Julian
Eu não devia estar presente quando fizeres isso?

Samuel Miller
Tens um advogado disponível que possa rever todos os contratos antes de amanhã?

Julian
Pensando melhor, desta vez, fico de fora.

Samuel Miller
Vou dizer ao Sam para te enviar um acordo-tipo que indique a tua percentagem depois da venda da casa.

Julian

Deus te ajude, se a tua fasquia em relação aos homens está tão baixa.

O meu telemóvel vibra com outra mensagem do Julian. Como sofro de uma mente curiosa e de falta de autocontrolo, estico a mão para a ler.

O meu coração bate descompassadamente quando os três pontinhos aparecem e desaparecem quatro vezes seguidas, antes de a mensagem

seguinte entrar.

Ambos sabemos qual é a resposta a essa pergunta.

Encosto o telemóvel ao peito e co a olhar para o quadro de sonhos que z em criança. Embora o meu estilo de design tenha mudado com o passar dos anos e já não tenha uma obsessão por padrões oridos, a minha paixão por casas históricas nunca vacilou.

Houve muitas propriedades em Lake Wisteria que me despertaram a atenção, mas as casas dos fundadores roubaram-me o coração no primeiro dia em que o meu pai passou por elas de carro. Há qualquer coisa que me seduz nas vistas deslumbrantes, nas propriedades isoladas e na vista para o lago e para o Bairro Histórico, situado perto.

Sinto-me como se tivesse passado anos à espera de uma oportunidade como esta e tenciono aproveitar tudo o que o Julian e a empresa dele me podem oferecer depois de assinar o contrato.

A minha irmã entra de rompante no meu quarto passado uma hora, com um chapéu de cowboy cor-de-rosa e um vestido com demasiadas purpurinas.

— Calça os teus sapatos de salto mais confortáveis e põe o teu batom preferido, porque as irmãs Muñoz vão sair.

Ponho o programa de televisão em pausa e sento-me na cama.

— O quê? Desde quando?

— Há uma festa de máscaras no Last Call e a nossa presença foi solicitada.

— Não sei... — Embora o meu estado de espírito tenha melhorado graças aos antidepressivos e às sessões de terapia, não quero puxar demasiado por mim porque há uma linha ténue entre sair da minha zona de conforto e ser sugada por um buraco negro de pânico.

— Vai fazer-te bem sair, mesmo que por pouco tempo. — A minha irmã vasculha a minha mala, espalhando roupas de estilista caras pelo quarto.

Enquanto eu sou obcecada pela arrumação, a Lily é o equivalente humano de um tornado de força cinco, dando cabo do meu sistema de bolsas de arrumação e de roupas separadas por cores em poucos minutos.

Sinceramente, é impressionante, tendo em conta o tempo que demorei a arrumar tudo na mala.

A Lily espreita por cima do ombro.

— O que estás a fazer aí sentada? Sai da cama e trata do cabelo e da maquilhagem. — Bate palmas e grita: — Toca a despachar!

Ponho uma manta em volta dos ombros.

— Ainda não quero ver as pessoas da cidade.

— Porquê? — A Lily franze o sobrolho.

Mantenho-me em silêncio.

Ela revira os olhos.

— Preocupas-te demasiado com o que as outras pessoas pensam de ti.

— Não, não preocupo. — O meu tom de voz soa irritantemente defensivo.

— Nesse caso, por que outro motivo passaste a última semana em casa no quarto, à procura de qualquer desculpa para evitares ir à cidade?

Coço o nariz com o dedo do meio.

A Lily dá uma pequena gargalhada enquanto atira um blusão para cima da cama.

— Não te preocupes. A tua irmã mais nova vai salvar o dia.

— Como?

A Lily levanta um vestido cheio de brilhantes, franze o nariz e atira-o para cima do monte cada vez maior que tem ao lado.

— Considera esta noite como a tua primeira lição da arte subtil de te estares

nas tintas.

— Mas...

A Lily levanta a mão.

— Dá-me meia hora. Se detestares estar lá, podes voltar para casa.

— Qual é a segunda opção?

Ela estala os nós dos dedos.

— Vou mudar as palavras-passe do wi- e das plataformas de streaming, esconder a tua coleção de DVD d'As Raposas Prateadas e roubar todos os teus produtos de cuidados da pele exorbitantemente caros.

— Não te atreverias.

— Estás disposta a apostar o teu modelador de cabelo da Dyson?

— E as pessoas pensam que são as irmãs mais velhas que são as bullies. —

Deito-lhe a língua de fora.

A Lily puxa a manta até eu a largar e esta cair no chão.

— Vá lá. Juro que esta noite vai ser divertida. Além disso, as bebidas são gratuitas para as senhoras.

Mexo nervosamente num dos anéis.

— Na verdade, não devia misturar bebidas com a medicação.

— Eu não conto a ninguém que estás a beber cocktails sem álcool se tu também não contares. — Pisca-me o olho.

Por mais que eu queira dizer que não, o entusiasmo da minha irmã não me deixa fazê-lo.

— Está bem. Pronto. Mas só o tempo de beber um copo.

— Sim. Pois. Como queiras. — Tira um vestido vermelho do fundo da mala.

— Boa! Este é perfeito.

— E é suposto eu estar mascarada de quê?

Tira um papelinho triangular do bolso do blusão e prende-o na alça do vestido.

— Pre ro que sejas surpreendida por quem quer que adivinhe quem és.
—

Depois, atira-me o vestido.

— Lily!

Ela sai do meu quarto a correr e a gritar:

— Tens quinze minutos para te preparar, portanto, despacha-te!

CAPÍTULO ONZE

Dahlia

OBar Last Call não mudou desde a última vez que me fui embora, apesar de agora ter uma decoração de Halloween barata para comemorar o feriado. A multidão aumentou desde que chegámos, sobretudo porque pais e lhos já não andam pelas ruas a recolher guloseimas.

Inicialmente, sentia-me a transpirar e à beira de um ataque de pânico só de pensar em falar com alguém, mas ninguém toca no assunto do meu noivado rompido ou do Oliver, o que prova que a teoria da Lily estava certa.

Efetivamente, preocupo-me demasiado com o que os outros pensam.

Independentemente de se tratar da minha maquilhagem, da minha roupa ou das minhas escolhas de vida, permiti que as opiniões dos Creswell governassem a minha vida, transformando-me numa versão de mim mesma que comecei a detestar.

«Agora fazes parte da nossa família, portanto, tens de te vestir à altura disso», disse-me a mãe do Oliver enquanto me oferecia um vestido lindíssimo de um estilista, que era dois tamanhos abaixo do meu.

«Ninguém gosta de uma exibicionista.» A irmã dele esboçou um sorriso falso depois de eu ter derrotado toda a gente na noite de jogos.

«Nem isso me deixaste ganhar», murmurou o Oliver ao meu ouvido antes de me dar um beijo no rosto em frente ao público quando ganhei o prémio de Melhor Apresentadora na categoria de reality shows.

— Já voltei. — A Lily arranca-me daquelas memórias quando me passa outro daiquiri de morango sem álcool. Embora não seja a minha bebida preferida, aceito-o porque o Last Call não é conhecido por ter mixologistas de calibre mundial.

Pego no copo de plástico e bebo um gole.

— Sou a Jessica Rabbit?

— Quem? — A Lily franze o nariz.

— Esquece. — Abano a cabeça. — E a Julia Roberts em Um Sonho de Mulher?

A Lily dá uma gargalhada antes de beber o shot.

— Boa tentativa, mas não. O vestido é demasiado curto e faltam-te as luvas icónicas. E, agora, vamos dançar!

Agarra-me na mão e puxa-me para a pista de dança, que está apinhada.

Depois de algumas canções de dança em linha, as minhas preocupações desaparecem enquanto me descontraio e me divirto.

Sempre adorei dançar, tudo por causa dos meus pais e do seu hábito de transformarem a sala de estar numa pista de dança cada vez que as suas músicas preferidas passavam na rádio. Quando era miúda, nas festas de família, sentia-me envergonhada, mas, agora, anseio por ter uma relação como a deles.

Enquanto a Lily dá uma gargalhada e me faz rodopiar, sinto um arrepio na nuca. Rodo sobre os calcanhares das botas e dou de caras com o Julian a olhar xamente para mim.

Não. Não está a olhar xamente.

Está a devorar-me com o olhar.

A pele de galinha espalha-se pelos meus braços conforme ele arrasta os olhos escuros do meu corpo para o meu rosto. Levanto uma sobrancelha quando os olhos ardentes dele se cruzam com os meus, e o Julian desvia o olhar, de maxilar cerrado e com o punho encostado à coxa.

Aproveito-me da timidez dele para o ver bem. Desde a quantidade certa de antebraço nu até às calças de ganga que realçam as suas pernas musculadas, o Julian é, sem dúvida, o tipo de homem que me atrai.

Que diabos, o Julian rede niu por si só qual era o meu tipo na universidade e eu z tudo o que era humanamente possível para evitar

a verdade.

O Julian é atraente. É mesmo diabolicamente atraente, num estilo «podes olhar, mas não me toques».

Sinto um formigueiro nos dedos só de pensar nisso e cerro-os e aperto-os até carem dormentes.

Precisas de urgentemente de uma sessão de terapia.

Viro-me para chamar a Lily, na esperança de que ela me salve dos meus pensamentos, mas vejo que está entretida a dançar com um tipo que usa uma daquelas máscaras assustadoras que se iluminam.

Que maravilha.

Bebo apressadamente o resto da bebida e dirijo-me para o bar, escolhendo um sítio que não esteja na linha de visão direta do Julian. Contudo, antes de ter

oportunidade de levantar a mão para chamar o empregado, alguém me bate no ombro.

— Dahlia? És tu? — Uma voz rouca faz-me rodar sobre os calcanhares.

— Evan! — Esboço um sorriso ao antigo rei do baile de nalisas do liceu, adorado capitão da equipa de natação e primeira pessoa que beijei. Não aconteceu mais nada depois do nosso jogo de rodar a garrafa na fogueira do lago, mas lembro-me distintamente de ter passado várias semanas muito feliz.

— Surpreende-me que ainda te lembres de mim.

— Seria impossível não me lembrar depois de me teres convencido com falinhas mansas a emprestar-te os meus trabalhos de casa de Química para copiares durante todo o décimo ano.

O Evan era um dos rapazes mais giros do nosso ano e toda a gente, incluindo eu, estava obcecada com ele e com a sua personalidade simpática quando foi transferido para a Escola Secundária de Wisteria.

Contudo, avançando rapidamente dez anos, não sinto a mínima atração por ele. Engulo a desilusão enquanto lhe pergunto:

— Como estás?

— Muito melhor, agora que te encontrei.

A estranha sensação de estar a ser observada faz-me espreitar por cima do ombro. Estava à espera de ver o Julian a olhar para mim com um ar furioso, mas, em vez disso, está a fuzilar com o olhar o homem que está parado à minha frente.

— E tu, como tens passado? — A pergunta do Evan faz-me olhar novamente para ele.

— Bem, agora que voltei a casa.

Os olhos verdes dele percorrem-me o rosto, mas não me fazem sentir absolutamente nada.

— Gostaste de São Francisco?

— Sim, embora seja muito diferente de Lake Wisteria.

— Aposto que sim. Não há muitos sítios como a nossa cidade.

— E tu, como tens estado?

O Evan encosta-se ao balcão do bar.

— Melhor do que nunca. Substituí os meus pais na gerência do grande armazém, que, por sinal, tem uma secção dedicada à tua linha de decoração. Os teus artigos voam das prateleiras em menos de uma semana.

— A sério? — O sangue sobe-me às maçãs do rosto.

O Evan anui.

— Tanto os habitantes da cidade como os turistas adoram a ideia de comprar os teus artigos na tua cidade natal, portanto, podes continuar a desenhá-los. —

Pisca-me o olho.

Quando me lembro das minhas responsabilidades, só consigo sentir temor e aquela velha sensação de sufoco.

— Sim. Vou continuar.

Os olhos do Evan percorrem-me o corpo, deixando um rasto ardente, mas a minha pulsação mantém-se estável, o que me diz tudo o que

preciso de saber.

— Ouve... — Sou interrompida quando algo rme e quente se encosta às minhas costas. Viro-me e deparo-me com o Julian atrás de mim, com as narinas abertas e a dois segundos de começarem a deitar fumo.

— Evan. — A voz profunda e rouca do Julian faz-me sentir um arrepio nas costas.

— Julian. — O Evan inclina o queixo.

— Como estás? — A veia por cima do olho direito do Julian está a pulsar.

O Evan xa os olhos nos meus.

— Melhor agora que descobri que a Dahlia está cá.

— Porquê? — O tom irritado do Julian faz-me estremecer.

Porquê?! Piso a biqueira do sapato dele com o meu salto no. O idiota nem estremece, muito provavelmente porque é feito de gelo.

— Porque sempre a achei fofa. — Os olhos do Evan brilham.

Ugh. Fofa?

— Certo. — O Julian emite um som desdenhoso.

Provavelmente, a expressão ofendida do Evan é igual à minha.

— Por falar nisso, como está o teu irmão? — A pergunta do Julian cai do céu.

— Está bem. — O Evan inclina a cabeça para o lado.

Trocam um olhar que não consigo decifrar.

— O que aconteceu ao teu irmão? — intervenho.

O Evan olha em volta.

— Deu-se com a malta errada quando vivia em Nova Iorque, mas já entrou nos eixos e já tem a ajuda de que precisa.

— Fico contente por saber isso. — Levo a mão ao coração.

O Julian faz uma pausa no concurso de olhares assassinos para me

lançar um olhar indecifrável e, depois, desviar os olhos.

— Está a integrar-se bem no novo emprego?

— Sim. Obrigado por o teres ajudado a recompor-se. Como tem cadastro, teve di culdade em arranjar emprego e a tua empresa foi a primeira a dar-lhe uma oportunidade.

— Ainda bem que pude ajudar. — O Julian aproxima-se mais de mim, até eu não ter a certeza de onde termina o meu corpo e onde começa o dele.

Dou um passo pequeno e o Julian faz o mesmo. Quando levanto o pé para pisar o dele outra vez, o Julian põe-me a mão na anca, impedindo-me de o fazer.

O calor da palma da mão dele queima-me a pele. Os olhos do Evan passam do Julian para mim antes de voltarem ao homem volúvel que está atrás de mim.

— Bem, Dahlia, foi bom falar contigo, mas o melhor é ir-me embora. Tenho de me levantar cedo.

— Tudo bem. Gostei de te ver. — Abafo a irritação com um sorriso.

Atrás de mim, o Julian ca tenso. O Evan não volta a olhar na minha direção quando desaparece entre a multidão.

Liberto-me da mão do Julian e viro-me para ele.

— Que raio foi isto?

O Julian ignora-me enquanto bebe o resto do uísque.

— Fiz-te uma pergunta. — Espeto-lhe um dedo no peito.

— Ele não faz o teu género.

— E como é que saberias isso? — retruco.

— Simplesmente sei.

— Então faz o favor de partilhares, uma vez que eu claramente não sei. — O

facto de o Julian estar tão ciente das minhas necessidades irrita-me solenemente.

Ele franze o nariz como se estivesse enojado.

— O Evan é demasiado simpático.

— Tenho a certeza de que, para ti, isso parece um traço negativo, mas, para o resto de nós, a simpatia é algo bom. Na verdade, é o mínimo dos mínimos.

Os olhos dele pousam no meu rosto e demoram-se aí. Enquanto o olhar do Evan nem me fez pestanejar, o do Julian faz disparar a minha temperatura corporal.

— Ias faltar-te dele em menos de um mês.

— Como é que sabes? Nunca tiveste sequer uma relação.

— Isso pode ser verdade, mas conheço-te.

— Ah, sim? — Os meus pulmões deixam de funcionar.

O Julian ca calado à medida que levanta o meu copo vazio para o empregado de balcão. Não tenho a certeza do que me torna mais ousada — se é a irritação que me invade o corpo ou a necessidade insaciável de espreitar por trás da cortina da mente do Julian.

— Talvez eu precise de um homem como o Evan — digo-lhe. — Alguém carinhoso, atencioso e disposto a tratar-me bem.

— Isso é tudo muito bonito, mas também queres alguém que te desa e, e o Evan, que é o rei dos queridinhos da cidade, não é essa pessoa.

O choque é rapidamente substituído pelo horror.

Oh, céus. Será que eu e o Julian demos de tal maneira cabo um do outro que não conseguimos ser felizes com outras pessoas porque estamos constantemente à procura de uma discussão?

Abano negativamente a cabeça.

— Não ando à procura de um companheiro con ituosos.

— Não foi isso que eu disse.

— Então, o que foi?

O Julian faz uma pausa de uns segundos antes de voltar a falar.

— Há uma diferença entre alguém que te desafia a seres a melhor versão de ti mesma porque gosta de ti — faz um esgar — e alguém que quer uma discussão.

Sustenho a respiração.

O Julian pigarreia.

— Admite. Irias pisar o tipo com as tuas botas de sola vermelha reluzente e, provavelmente, ele agradeceria que o zesses.

— Podes ter a certeza de que o faria. Estas meninas são lindíssimas e caríssimas. — Bato com os calcanhares.

— Só esse comentário faz com que sejas digna do teu disfarce, porque só uma bandeira vermelha ambulante e falante faria um sorriso desses.

Liberto-me da atração gravitacional que ele exerce sobre mim.

— Desculpa?!

— O teu disfarce. — Passa lentamente os olhos pelo meu corpo, reforçando o que disse.

— La voy a matar³³ — murmuro para mim mesma.

— Não sabias? — O Julian passa o dedo pela ponta do papelinho triangular.

— Não. Foi a Lily que escolheu a roupa. — Inspiro profundamente quando a ponta do dedo dele toca no ponto sensível entre a alça do vestido e o meu

ombro.

— Hum. — O Julian afasta o dedo demasiado depressa, etindo a mão antes de a cerrar num punho.

Sou percorrida por um arrepio, apesar do ar quente que se cola à minha pele.

Porra. Como é que um simples toque na minha pele me pode saber tão bem?

Sinto-me grata pela iluminação fraca, caso contrário, o Julian teria percebido o quanto o toque dele me afetou.

O empregado de balcão poussa um copo de uísque em frente do Julian e eu agarro nele antes que ele tenha tempo de lhe pegar. Bebo um único gole antes de lhe devolver o copo enquanto tusso.

— Isso é nojento.

É o que mereces por roubar a bebida ao Julian.

— À tua. — O Julian encosta a boca à mancha deixada pelo meu batom e bebe um gole.

Os músculos da minha barriga cam tensos quando esborrata a marca. É o mais perto que os lábios dele estiveram dos meus desde a universidade e isso faz o meu corpo vibrar da mesma maneira.

Não me surpreenderia que a sarjeta comesse a cobrar-me renda, tendo em conta a frequência com que a minha mente lá vai parar.

— Desde quando é que bebes uísque? — Levanto os olhos para os dele.

— Desde que posso pagar os mais caros.

— Quanto é que pagaste por isso?

— O suficiente para aproveitar cada gota. — Bebe mais um gole, provocando -me outro arrepio nas costas conforme me observa com um fascínio predador.

Que se lixe a sarjeta. Vou diretamente para o inferno, tendo em conta a maneira como aperto as coxas.

— Por favor, diz-me que não pagaste mais de cem dólares por isso.

Ele franze o sobrolho.

— Duzentos?

A minha pergunta perde-se na música ensurdecadora que nos rodeia.

— Mil? — Falha-me a voz.

— Não espero que uma pessoa que bebe daiquiris de morango compreenda.

Pestanejo sedutoramente.

— Sabes, se passasses menos tempo a olhar para mim e mais tempo a procurar ativamente uma namorada, talvez não fosses um solteiro crónico e não

trabalhasses oitenta horas por semana para preencher o vazio da tua existência.

A carranca dele é demasiado reveladora.

— Da última vez que veri quei, éramos ambos solteiros.

— Eu sou aquela que namorou com um homem tóxico e controlador durante demasiados anos. Qual é a tua desculpa?

Encaro a inexpressividade dele como um desaio.

— Não consegues fazer uma mulher ter um orgasmo? — brinco.

O Julian semicerra os olhos até parecerem duas fendas.

— Talvez só aguentes um minuto?

O facto de ele respirar fundo diz mais do que quaisquer palavras.

— Há treinadores e medicamentos para esse tipo de problemas, portanto, não precisas de deixar que isso te impeça de encontrar o amor.

O Julian inverte o guião quando pousa a mão na minha anca e me aperta.

Antes de eu ter hipótese de falar, a palma da mão dele sobe-me pelo anco, acariciando-me as costelas.

Paro de respirar quando a mão me envolve a nuca. A maneira como me agarra não é desconfortável, mas, mesmo assim, contorço-me.

— O que estás a fazer? — Empurro-lhe o peito, sem sucesso.

Os dedos do Julian cam tensos, aplicando uma pressão ínfima no meu pescoço enquanto se inclina e me sussurra ao ouvido:

— Só porque sou seletivo em relação às pessoas com quem saio, não quer dizer que não saiba foder.

— E é suposto eu acreditar na tua palavra?

Os dedos apertam-me com mais força, tirando-me o ar por um segundo.

— Preferes que te faça uma demonstração?

— Estás a sugerir que vá para a cama contigo?

— De maneira nenhuma. Ir para a cama contigo seria...

Sinto um formigueiro em cada milímetro do meu corpo ao imaginar o Julian por cima de mim, com o olhar excitado a queimar-me conforme a boca se aproxima da minha...

Abano a cabeça e ele franze o sobrolho.

— Não precisas de parecer tão horrorizada com a ideia.

— Aversão é mais o que sinto.

— Mentirosa. — O polegar dele acaricia-me o pescoço.

— Continua a dizer isso a ti mesmo.

Ele olha furioso para os meus lábios, apelando a toda hostilidade que consegue sentir.

— Ainda me lembro daquela vez em que me imploraste que te beijasse.

Eu e o Julian dizemos uma série de coisas ofensivas um ao outro, mas tocar neste assunto é o mais baixo que ele pode descer e, francamente, não devia tê-lo feito.

Liberto-me bruscamente das mãos dele.

— Também implorei ao Oliver que zesse o mesmo, portanto, não deixes que isso te suba à cabeça. E, sinceramente, ele beijava muito melhor.

As minhas palavras atingem o alvo, obliterando o que quer que estivesse a surgir entre nós.

Deveria eu ter tido a atitude mais nobre e ter sido a melhor pessoa? Talvez.

Arrependo-me de ter optado por fazer o oposto disso? De maneira

nenhuma.

O Julian sabia o que estava a fazer quando usou o nosso beijo como arma.

Talvez da próxima vez pense duas vezes antes de tocar no meu único ponto fraco.

Ele.

33 La voy a matar: Vou matá-la.

CAPÍTULO DOZE

Julian

Depois do encontro de quinta-feira com a Dahlia no Last Call, sabia que o domingo seria desagradável. Quando tentei fugir ao jantar, a minha mãe recusou-se a aceitar a desculpa que inventei, alegando que a Rosa precisava de ajuda para consertar qualquer coisa na cozinha.

A Dahlia declara-me guerra assim que ponho os pés na casa dos Muñoz. Em vez de agir com um homem maduro de trinta anos e de pôr água na fervura, respondo aos comentários mesquinhos dela na mesma moeda durante a tarde inteira e o jantar de família.

As nossas famílias observam as nossas trocas de palavras como se assistissem a um campeonato de ténis, olhando de um lado para o outro a cada farpa certaíra.

A dada altura, as nossas mães apoderam-se da conversa, e a minha vira-se para mim com aquele olhar nos olhos.

— No outro dia, estive a falar com a mãe da Annabelle.

O meu corpo ca tenso, atraindo os olhos da Dahlia para os meus ombros levantados.

Porra.

— Mãe — aviso. Tínhamos um acordo para ela parar de fazer de casamenteira e, se ela não o cumprir, não cumprirei a minha parte de ajudar a Dahlia com a casa.

Isso é assim tão mau?

Pensando melhor, espero que a minha mãe quebre a palavra. Assim,

tereí a desculpa perfeita para escapar ao plano de remodelação e deixar a Dahlia entregue a si mesma.

O que seria bem feito depois da hostilidade que me mostrou hoje.

Não sejas mesquinho, Julian. Foste tu que falaste no beijo.

Inicialmente, senti que tinha razão na decisão de a antagonizar, sobretudo depois de ela ter feito aquele comentário sobre beijar o Oliver só para me irritar.

No entanto, quanto mais penso na reação da Dahlia, mais culpado me sinto em relação à conversa que tivemos no Last Call e à maneira como agi hoje.

Porque uma Dahlia magoada é uma Dahlia maldosa, e eu estava demasiado zangado para encarar a reação dela por aquilo que era.

Uma maneira de proteger a sua vulnerabilidade.

É evidente que a Dahlia está a debater-se com uma tristeza avassaladora e eu não estou a ajudar nada ao tratá-la daquela forma.

Não é demasiado tarde para pedires desculpa pelo que disseste.

A minha mãe faz um aceno de mão displicente.

— Eu sei. Eu sei. Esquece.

— Quem é a Annabelle? — A Dahlia não consegue esconder aquele brilho especial nos olhos.

— É alguém que chegou há pouco tempo à cidade e cuja família se mudou para cá vinda de Chicago. O Julian namorou com ela há uns meses, embora a relação tenha acabado de maneira bastante abrupta.

— Não me digas — retruque a Dahlia secamente.

— A Annabelle Meyers? — A Lily franze o sobrolho. — Não fazia ideia de que tinhas namorado com ela. — A expressão de desagrado no rosto dela provavelmente é igual à minha.

— Não valia a pena falar dela. — Alargo o colarinho.

— Julian! — exclama a minha mãe.

— Durante quanto tempo namoraram? — pergunta a Dahlia, no tom

mais doce e mais falso.

A minha mãe encosta a mão ao peito.

— Não muito, embora isso não tenha impedido o meu lho de lhe partir o coração.

— Surpreende-me que ela o tivesse considerado digno dela, para começar. —

A Dahlia esboça um sorriso sarcástico.

Não considerou. Mordo a língua, exibindo um autocontrolo admirável.

— Não comeces, mija — diz a Rosa, repreendendo a lha.

— Desculpa, Mami.

A minha mãe abana a cabeça.

— Não faz mal. Eu devia ter avisado a mãe dela antes de eles terem começado a namorar.

— Devias tê-la avisado de quê? — A Dahlia empertiga-se.

— O Julian deixa um rasto de mulheres tristes atrás dele.

— Não, não deixo. — Não sei porque sinto necessidade de me defender, mas, estupidamente, continuo: — E não parti o coração da Annabelle. — Para começar, ela teria de ter um coração e o nosso caso provou o contrário.

— Como é que sabes? — pergunta-me a Lily.

— Porque só saímos três vezes. — Tendo todas elas acabado comigo a acompanhá-la educadamente até casa e despedindo-me com um beijo no rosto.

Não houve excitação. Não houve química. Não houve aquela faísca especial que me faz ferver o sangue e car com a cabeça a andar à roda.

Para começar, tive di culdade em achá-la atraente, tendo em conta a maneira como maltratava as outras pessoas, incluindo os empregados e aqueles que considerava estarem abaixo dela.

Contudo, apesar dos defeitos da Annabelle, sei que o problema sou eu e não as mulheres com quem a minha mãe me marca encontros. Elas

estão à espera de um bilionário carismático que as leve a passear pelo mundo fora, mas isso não faz o meu género. Preiro escutar em vez de falar, preiro gestos discretos a grandes exibições de afeto e preiro trabalhar arduamente para partilhar o meu dinheiro com os outros em vez de arranjar maneiras de o gastar todo comigo mesmo.

E apesar de, inicialmente, algumas mulheres terem estado dispostas a aceitar isso, todas tiveram a mesma reação quando lhes disse que não estava interessado em ter lhos — pelo menos, não da maneira como elas queriam tê-los.

A minha mãe franze o sobrolho.

— A mãe dela disse-me que a Annabelle sentiu que havia algo de especial entre vocês.

— O melhor é arranjam-lhe um marido antes que ela caia em si — acrescenta a Dahlia.

— Ela não estava a pensar com clareza. — Lanço-lhe um olhar furioso.

— É evidente que não, se pensou que tinham algo de especial.

Lembras-te do pedido de desculpa que ensaiaste? Esquece-o.

— Dahlia! — guincha a Rosa.

— O que foi? — A Dahlia faz um esgar.

— Sabes bem o que foi. — A mãe lança-lhe um olhar de aviso.

— Perdón. 34 — E afunda-se mais na cadeira.

Esforço-me por esconder o sorriso.

A Dahlia coça a ponta do nariz com o dedo do meio.

— Já chega! — A Rosa atira o guardanapo para cima da mesa e aponta o dedo à lha. — Ficas encarregada de lavar a loiça.

— Mas fui arranjar as unhas ontem. — A Dahlia levanta as mãos, exibindo a manicura complexa.

— Nesse caso, usa as minhas luvas de borracha.

— Toma. — Coloco o meu prato em cima do prato vazio da Dahlia,

que faz um esgar.

A minha mãe também atira o guardanapo para cima da mesa, soltando um suspiro dramático.

— Já que te está a apetecer ajudar, também podes ir lavar a loiça.

— O quê?!

— A Dahlia não estaria metida em sarilhos se não tivesses passado o dia a implicar com ela.

— Foi ela que começou.

— E eu estou a acabar. Vai.

Arrasto a cadeira para trás e levanto-me, fazendo um esgar.

— Está bem.

Em silêncio, eu e a Dahlia recolhemos os pratos de toda a gente antes de entrarmos na cozinha.

— Tu lavas e eu seco? — pergunta-me a Dahlia quando a porta se fecha atrás dela.

— Não têm máquina de lavar loiça?

— Avariou-se ontem à noite.

Que maravilha.

— Já lhe dou uma vista de olhos quando terminarmos. — Coloco os pratos sujos no lava-loiça antes de arregaçar as mangas.

A Dahlia segue cada movimento que faço com um fascínio excitado, fazendo a minha barriga encolher-se.

Merda.

— Tens luvas? — pergunto-lhe.

A Dahlia desperta do transe em que estava por causa dos meus braços.

— Hum, sim. — Vasculha o armário por baixo do lava-loiça e pega num grande par de luvas cor-de-rosa.

Tiro-lhas da mão, ignorando o formigueiro dos dedos dela a tocar nos

meus.

Afastamo-nos ambos um pouco depressa de mais. Calço as luvas com demasiada força e quase rasgo uma delas.

A Dahlia vai à lavandaria procurar um pano de cozinha lavado enquanto eu me ocupo dos pratos.

Quando regressa, interrompe o que ia fazer para tirar uma fotografia de mim a lavar um prato.

— Oh. A cor das luvas realça mesmo as tuas maçãs do rosto.

— Apaga isso.

— Népia. — En a o telemóvel no bolso de trás e encosta-se à bancada ao meu lado.

Deixo cair o prato na água suja e o detergente forma espuma à medida que as gotas de água nos salpicam aos dois.

— Ei! — A Dahlia limpa umas gotas do rosto.

Aproveito a distração para lhe roubar o telemóvel do bolso de trás.

— Devolve-me isso! — A Dahlia estica a mão para o telemóvel, mas seguro-o por cima da cabeça dela.

Tenho di culdade em tirar uma das luvas de borracha por causa do detergente que a cobre, mas lá acabo por conseguir morder um dos dedos e puxá-la.

— Julian! — Arranha-me o braço com as unhas recém-arranjadas.

Oiço vagamente a Rosa a falar na sala ao lado, a perguntar se não é melhor vir ver de nós, apenas para a minha mãe lhe garantir que está tudo bem.

— Qual é a tua palavra-passe? — pergunto-lhe enquanto experimento combinações de números ao acaso.

— Vai-te lixar! — Vira a atenção para o sítio entre as minhas costelas que me faz saltar.

— Devolve-me isso. — Torna a fazer-me cócegas e largo o telemóvel.

Oh, porra!

O telemóvel cai no lava-loiça cheio de água e aterra no fundo com um baque assustador.

— Oh, meu Deus! Vou matar-te! — A Dahlia lança a mão ao telemóvel e puxa-o para fora. Há água a escorrer por todo o lado conforme faz os possíveis por voltar a ligá-lo.

Arranco a outra luva e passo os dedos pelo cabelo.

— Merda. Desculpa, a sério.

Ela faz um esgar tão furioso que dou um passo atrás.

— Desculpa?!

— Escorregou.

— Não estaria nas tuas mãos se não me tivesses atacado.

— Atacado? Parece-me um pouco dramático, não achas? — Deixo escapar uma pequena gargalhada. A minha reação parece atear o fogo que lhe brilha nos olhos.

— Eu mostro-te o que é ser dramático.

Com uma explosão de velocidade impressionante, arranca-me o telemóvel do meu bolso de trás e atira-o para dentro do lava-loiça como se fosse uma bola de futebol. O ecrã de vidro embate numa pesada panela de metal antes de se afundar na água.

Ficamos ambos boquiabertos quando o ecrã se ilumina momentaneamente antes de car negro.

— Não acredito que z isto. — A Dahlia olha para mim de olhos arregalados.

— Pois eu acredito — retruco num tom furioso.

Respira fundo cinco vezes.

Só que cinco vezes não chegam. Vinte inspirações depois, ainda estou a tentar abafar o impulso de gritar com a mulher que está ao meu lado.

El que se enoja pierde³⁵, o ditado que o meu pai usava com frequência ecoa na minha cabeça, reduzindo um pouco a irritação.

— Lamento imenso. Não sei no que estava a pensar. — A Dahlia esfrega os olhos.

— Lamentas? — pergunto-lhe num tom de voz descontraído.

— Sim.

Não sei explicar porque reajo assim, mas puxo a torneira exível e molho a Dahlia, como zemos incontáveis vezes quando éramos miúdos.

— Julian! — Ela levanta as mãos, salpicando água por todo o lado.

Ignoro o grito e lanço-lhe um jato de água fria para o rosto, dando-lhe cabo do penteado e da maquilhagem. Um misto de rímel, eyeliner e blush escorre-lhe pela cara abaixo.

Largo a torneira exível.

— Agora já aceito o teu pedido de desculpa. — Olho de relance para a T-shirt dela, que está ensopada. O tecido preto cola-se às curvas dos seus seios como uma segunda pele, realçando os...

— Que diabos?! — exclamo enquanto me engasgo com a água.

— Estavas com ar de estar a precisar de arrefecer. — A Dahlia atira-me com água su ciente para me ensopar o cabelo, a camisa branca e a parte da frente das

calças. Sinto a água fria na pele, mas sou invadido por uma onda de calor quando o olhar dela segue as gotas que escorrem pelos meus braços.

A Dahlia passa a língua pelo lábio inferior enquanto olha para os meus abdominais, que fazem pressão contra o tecido molhado.

— Gostas do que vês? — Sigo o olhar dela.

— Não estou impressionada. — No entanto, o leve rubor que lhe sobe pelo pescoço indica o contrário.

Pego na camisa pela bainha molhada e levanto-a para limpar o rosto que está a pingar. A Dahlia ca de olhos arregalados quando tem uma visão completa de tudo o que está por baixo do tecido ensopado.

— O que estás a fazer? — sibila.

— A limpar a porcaria que zeste.

A Dahlia passa os olhos pelos meus abdominais antes de seguir os músculos de nidos que desaparecem debaixo da cintura das minhas calças de ganga.

— Continuas a não estar impressionada?

— Agora que vi melhor, ainda estou menos. — Ela semicerra os olhos.

— Sempre foste uma péssima mentirosa.

— E tu nunca tiveste jeito nenhum para namoriscar.

— Tens uma coisa... — Limpo-lhe o canto da boca com o polegar. Ela inspira su cientemente alto para a ouvir por cima do rápido bater do meu coração.

A Dahlia inclina a cabeça para trás, deixando-me ver melhor os olhos velados.

Sinto um formigueiro nos dedos quando lhe agarro no queixo e me inclino sobre ela até carmos com os lábios a poucos centímetros um do outro.

— Para alguém tão determinado a agir como se não me achasse atraente, tens ar de quem quer desesperadamente ser beijada.

Ela abre repentinamente os olhos enquanto me empurra para longe.

— Céus! Não te suporto.

— O sentimento é mútuo.

A Dahlia atira-me a toalha da loiça e apanho-a um segundo antes de cair na poça que se formou aos nossos pés.

— Vou buscar um pacote de arroz para secar os telemóveis e a esfregona para limpar este caos — anuncia, com as maçãs do rosto coradas.

— Boa ideia, depois teres babado o chão todo. — Esboço um sorriso malicioso.

Estás a brincar com fogo, avisa-me a minha cabeça.

Errado. Estou a brincar com algo muito mais perigoso.

A Dahlia Isabella Muñoz.

34 Perdón: Desculpa.

35 El que se enoja pierde: Aquele que se zanga é quem perde.

CAPÍTULO TREZE

Dahlia

Quando o Julian me enviou uma mensagem há uns dias, para agendar uma visita à casa do fundador, pensei que isso signi caria que me ia reunir com a equipa dele, para vermos o trabalho que precisa de ser feito e para elaborarmos uma lista das tarefas pendentes de toda a gente.

Em vez disso, co surpreendida ao ver a velha carrinha do Luis Senior estacionada no caminho de acesso e o Julian parado no alpendre trabalhado que dá a volta à casa toda. Está encostado a um dos pilares com entalhes complexos que suportam o telheiro com telhas em forma de escama de peixe que ca por cima da cabeça dele.

— Pensava que o McLaren já estava arranjado — digo-lhe.

— E está, mas não me passa pela cabeça conduzir aquele carro no inverno, sobretudo depois do nosso pequeno incidente. — En a as mãos nos bolsos da frente das calças de sarja.

Deixo-me distrair rapidamente pela mansão. À luz do dia parece muito mais imponente, com torreões que sobem para o céu e uma torre na ala oeste que é tão alta que lança uma grande sombra sobre o relvado. A janela de vitral por cima da porta e o esquema de cores colorido, apesar de desbotado, acrescentam um toque pessoal.

A casa é fabulosa, apesar de ser evidente que foi negligenciada e que não foi mantida. Sou assaltada por ideias de como podia modernizar o exterior...

— Dahlia.

Levanto os olhos e vejo o Julian a olhar xamente para mim com uma expressão estranha.

— Onde é que está o resto da equipa?

— O Ryder e o pessoal estão a tratar de uma fossa séptica que rebentou num dos estaleiros.

— Que nojo. — Franço o nariz.

— Por uma vez, estou contente por não ser eu. — Passa os olhos pelo meu corpo. — Estás com um ar... interessante.

Cerro as mãos ao lado do corpo.

— Agora percebo porque é que não elogias os outros com frequência.

— Porquê? — O Julian levanta as sobrancelhas.

— Porque não tens jeito nenhum para isso.

Ele franze o sobrolho enquanto um leve rubor lhe sobe pelo pescoço.

— Estava a tentar ser simpático.

— Porquê?

— Porque sou um idiota — resmunga.

— Só demoraste trinta anos a admitir nalmente aquilo que eu tenho estado a tentar provar desde sempre.

Franze o sobrolho com força su ciente para formar rugas.

O meu passo está mais leve quando me encaminho para a casa com os meus botins não industriais.

O telemóvel do Julian toca antes de ter oportunidade de me responder. Olha para o ecrã antes de me mostrar quem está a ligar-lhe.

— Importas-te que atenda?

— Manda cumprimentos meus à tua mãe.

O Julian faz o que lhe peço. O que quer que a mãe lhe diga, fá-lo virar-me as costas. Sou abelhuda, portanto, tenho imensa pena de só apanhar bocados da conversa, especialmente quando a mãe o faz rir.

Deus do céu. As gargalhadas do Julian não são frequentes, mas, quando as dá, o meu mundo todo para durante uns segundos para eu poder processar o som.

O afeto que ele sente pela mãe não só é genuíno como é frustrantemente enternecedor. A minha barriga dá um salto quando

ele dá uma gargalhada e promete passar por casa da mãe depois do trabalho, porque ela está ter problemas com uma torneira da cozinha que está a pingar.

O Julian tem mais dinheiro do que poderia gastar na vida inteira e um monte de pessoas que podiam consertar a torneira em dez minutos, mas, em vez disso, oferece-se para ajudar a mãe.

Isso surpreende-te depois de ele ter passado uma hora a reparar a máquina de lavar loiça porque se recusou a desistir e pedir ajuda?

— Adeus, mãe. Nos vemos luego. 36 — O Julian desliga a chamada antes de descer as escadas que rangem. — Ei. Desculpa ter atendido.

— Está tudo bem?

O Julian guarda o telemóvel no bolso interior do blazer cinzento.

— Com exceção do lava-loiça, sim. A minha mãe não resistiu falar sobre algumas coisas do Festival das Colheitas.

— Oh? Está para breve? — Finjo ignorância.

Ele franze o sobrolho.

— Já te foste embora há algum tempo, mas não há tanto tempo assim.

— Hum.

Lake Wisteria tem quatro eventos enormes todos os anos para comemorar as diferentes estações: o Festival das Colheitas no outono, a Extravagância de Natal do Lago no inverno, o Fim de Semana de Comida, Vinho e Flores na primavera e o famoso Festival dos Morangos no verão. Toda a cidade contribui para a organização de cada um dos eventos, e vêm pessoas de todo o estado para nos visitar.

Fiz os possíveis por tirar o Festival das Colheitas dos pensamentos, mas os meus dias de felicidade na ignorância não vão tardar a acabar, já que é apenas uma questão de tempo até que a minha mãe me peça para a ajudar com a banca dos Muñoz.

Até agora, toda a gente te recebeu de braços abertos.

Isso não quer dizer que os visitantes das cidades vizinhas façam o mesmo.

O Julian semicerra os olhos.

Passo ao lado dele e dirijo-me para os degraus da frente. O Julian destranca a porta e as dobradiças rangem quando se abre e bate na parede, levantando uma nuvem de poeira.

Eu e o Julian temos um ataque de tosse.

Abano a mão e ofego.

— Precisamos de máscaras ou coisa que o valha?

— Deixa-me ver se tenho algumas ali. — O Julian corre para a carrinha.

Raios de luz cortam a nuvem de poeira, atraindo os meus olhos para a sua fonte.

— Oh, meu Deus. — Entro na casa, ignorando os protestos do Julian atrás de mim.

A escadaria dupla que leva ao primeiro andar parece algo saído de um filme.

As balaustradas de madeira intrincadamente trabalhadas e a tapete bordada à mão estendida a todo o comprimento das escadas deixam-me maravilhada com a quantidade de pormenores incluídos nesta peça que se destaca. Quem quer

que tenha desenhado a entrada tinha olho para o pormenor e para o luxo.

— Que diabos, Dahlia! Devias ter esperado por mim. — O Julian não me dá hipótese de lhe tirar a máscara das mãos. Em vez disso, põe-a sobre a metade inferior do rosto antes de ajeitar as tas para o meu cabelo não ficar levantado.

E pensar que disse que o romance morreu.

— Estás a ver isto? — Aceno para as escadas com a voz abafada.

— Não há dúvida de que estou a cheirar.

— Onde é que está a tua máscara?

— Já só tinha uma. — Torna a franzir o nariz antes de espirrar.

Levo as mãos à máscara, mas o Julian empurra-me para baixo. O roçar dos dedos dele nos meus faz-me sentir um arrepio agradável

descer pelas costas.

Oh, Dahlia. És uma causa perdida.

— Estou bem — diz-me, fungando.

— Não precisas de ser cavalheiro quando não tens público.

O Julian lança-me um olhar de aviso antes de se dirigir para o átrio por baixo da escadaria.

— Primeira impressão da casa?

— Estou apaixonada.

— Assim, sem mais nem menos? — Ele levanta a sobrancelha direita.

— Assim, sem mais nem menos — repito enquanto olho para os painéis de madeira trabalhados que decoram o espaço. — Quer dizer, vê estes pormenores todos.

— Seja quem for o carpinteiro que tenham contratado, fez um excelente trabalho. Se ignorarmos os danos provocados pelas térmitas, a técnica é impecável. — Passa a mão pela balaustrada.

— Achas que conseguias reproduzi-lo? — pergunto-lhe, sem pensar muito no assunto.

— Já não faço trabalhos de carpintaria. — A mão dele para.

— O quê?! Desde quando?

Pela maneira como se põe a observar atentamente um interruptor, seria de pensar que nasceu antes da invenção da eletricidade.

— Há algum tempo.

— Porquê? — A minha voz aguda ecoa à nossa volta. O Julian tinha talento su ciente para transformar um pedaço de madeira numa obra de arte, usando apenas algumas ferramentas e uma ideia.

Pensar que deixou de o fazer...

— Estou ocupado com outras coisas. — O Julian encolhe os ombros.

— Recuso-me a acreditar nisso.

Ele olha para o relógio.

— Tenho uma reunião daqui a meia hora, portanto, vamos avançar.

— Esta conversa ainda não acabou. — Semicerrou os olhos.

— Está bem. Volta a falar nisso quando estiveres pronta para me dizer porque é que tu e o Oliver acabaram — responde-me ríspidamente.

Sobressalto-me.

O Julian fecha os olhos.

— Merda. Desculpa, Dahlia. Fui injusto.

O frio que sinto no peito e que parece desaparecer com a presença do Julian regressa com a força de uma tempestade de neve.

— Não te preocupes. Já enfrentei comentários piores. — Passo ao lado dele, ignorando a faísca que salta entre nós quando a pele dele roça na minha, e entro noutra divisão.

— Espera! — Puxa-me o braço com força.

— O que estás a fazer? — Sacudo as mãos dele.

O Julian agarra-me com mais força, fazendo a minha barriga dar um salto.

— Quase foste de encontro a uma teia de aranha.

Levanto os olhos do braço dele, que está em volta da minha cintura, e vejo a enorme teia de aranha pendurada como uma cortina por baixo do arco da entrada.

— Oh, céus. — estremeço.

Odeio aranhas.

O Julian larga-me, levando consigo o seu calor.

— Eu vou à frente.

— Força. — Faço um aceno de mão trémulo para a teia de aranha.

— Pelo menos, podias tentar dar luta em relação a queres assumir a liderança.

— Desculpa. O feminismo abandonou o meu corpo assim que falaste em aranhas.

— Há coisas que nunca mudam. — Os cantos dos lábios dele levantam-se.

Basta um sorriso dele para me fazer esquecer de que estava furiosa com ele.

Ele usou a tua relação com o Oliver como arma. Age em consonância!

Mato qualquer excitação que tenha sentido enquanto o Julian avança à minha frente.



Eu e o Julian percorremos a casa toda, catalogando cada divisão e todo o trabalho que é necessário fazer. Ele toma notas diligentemente no telemóvel enquanto eu tiro fotogra as de tudo.

A tensão entre nós aumenta sempre que esticamos a ta métrica, deixando-me rabugenta e desesperada por voltar para casa quando chegamos ao sétimo quarto. Quando estico a mão num pedido silencioso, o Julian não me dá a ta métrica.

— O que foi? — pergunto-lhe entre dentes.

— Estive a pensar.

— Devíamos comemorar esta ocasião especial?

Franze o sobrolho com tanta força que ca com uma ruga na testa.

— Desculpa o que te disse lá em baixo.

— Está bem.

Perdoo-lhe por ter perdido a calma? Sim.

Isso signi ca que não estou zangada com o que ele disse? Não, visto que é a segunda vez que usa a minha relação fracassada como arma contra mim.

Mordo a língua com força su ciente para fazer sangue.

— A ta, se faz favor.

Não faz menção de ma passar, portanto, levanto a mão e abano os dedos.

O profundo suspiro de resignação que o Julian dá ecoa no teto alto.

— Não consegui voltar à carpintaria do meu pai desde que ele morreu.

Deixo cair os braços como se fossem um peso morto.

— Não sei bem porque é que te estou a dizer isto — continua o Julian. Faz uma pausa de um segundo. — Quer dizer, sei porquê. Sinto-me mal por ter sido ríspido contigo e é a minha maneira de me redimir.

— Aprecio o gesto, mas, por favor, podes parar de partilhar os teus sentimentos a qualquer momento. — Mantenho um tom de voz inexpressivo, apesar de o meu coração ter disparado. O Julian confessar os seus sentimentos mais profundos não fazia parte do nosso acordo.

E tu sentires pena dele também não, já que falamos nisso.

A ruga que se formou entre as sobrancelhas dele desaparece.

— Então, estou perdoado?

— Perdoei-te quando me impediste de ir contra uma teia de aranha, portanto, sim, estamos bem, desde que não voltes a fazer o mesmo.

— Combinado. E agora, importas-te de me explicar o que disseste antes?

— Sobre abrir a cozinha para deixar entrar mais luz natural?

O Julian faz um esgar.

— Déjate de tonterías.³⁷ O que quiseste dizer com enfrentares comentários piores?

— Oh. Passo.

Ele faz um ruído gutural.

— Não me faças recorrer a medidas extremas para te arrancar as informações.

Dou uma gargalhada displicente.

— Nada que possas dizer ou fazer vai convencer-me a abrir-me sobre essa parte da minha vida.

— Queres apostar?

É engraçado como duas palavras podem abrir as comportas das memórias que eu tinha reprimido. Eu e o Julian passámos anos a fazer apostas que iam desde dinheiro até ao direito de nos gabarmos.

O telemóvel do Julian toca. Olha para o ecrã antes de praguejar em voz baixa.

— Tenho de atender.

Faço um aceno de mão.

— Tudo bem. Posso acabar a última divisão sozinha e fechar a casa.

— Tens a certeza?

Anuo enquanto luto contra a segura que me invade a garganta.

— Tenho.

O Julian ignora o toque irritante.

— Vou dar os teus dados ao Sam, para ele combinar as reuniões.

— Estás disposto a deixar-me falar com o teu assistente depois do que aconteceu da última vez?

— Claro. Convenci-o a assinar um novo contrato, com um bom aumento salarial e a promessa de nunca na vida trabalhar para ti.

— Detesto que estejas sempre um passo à minha frente.

O Julian dá a segunda gargalhada do dia, deixando-me perplexa.

— Há uma razão para eu te ter derrotado sempre que jogámos xadrez.

Faço-lhe um pirete e ele despede-se com um sorriso no rosto que permanece comigo muito depois de se ter ido embora.

36 Nos vemos luego: Vemo-nos mais tarde.

37 Déjate de tonterías: Deixa-te de disparates.

CAPÍTULO CATORZE

Dahlia

Embora tivesse planeado ir para casa depois de acabar o último quarto, mudo rapidamente de ideias quando encontro umas escadas que levam ao sótão.

Adoro explorar sótãos, embora não haja muita gente que entenda isso, dado que têm a má reputação de ser assustadores e de estar assombrados. Há algo de especial em apreciar a história de uma casa, seja através de velhos diários, de cartas de amor ou de um baú perdido cheio de tesouros mundanos.

— Uau. — Espreito pela janela redonda que dá para o vale e para o lago além dele. O tamanho do sótão é incrível e, se quisesse, tem espaço su ciente para criar uma suite para visitas.

As tábuas de madeira rangem por baixo dos meus pés enquanto vasculho todos os cantos à procura de algo que valha a pena salvar. Infelizmente, não encontro nada de valor.

— Huh. — Viro-me, olhando a toda a volta. Normalmente, encontro sempre qualquer coisa, até um diário perdido ou um presente de Natal esquecido e cheio de pó.

O toque sonoro do meu telemóvel ecoa no teto alto. Uma fotogra a do Julian, a levantar o troféu de Segundo Melhor no dia da formatura, ocupa o ecrã iluminado, com a alcunha dele a negrito por baixo.

Deslizo o polegar pelo ecrã e atendo a chamada.

— Julian.

— Fechaste a casa? — pergunta-me conforme oiço uma porta fechar-se em pano de fundo.

Bufo.

— Nem sequer con as em mim para fazer isso bem?

Não é difícil imaginar a sua expressão furiosa quando me responde:

— A família Muñoz nem se dá ao trabalho de trancar a porta de casa à noite,

portanto, terás de me perdoar por me querer certi car.

— Tranco as portas desde a universidade, logo, não tens nada a temer. Farei isso quando acabar.

— Ainda aí estás?

— Sim. Há problema?

O silêncio dele dura apenas um segundo.

— O que estás a fazer?

— A explorar.

— Isso não podia ter esperado até amanhã, quando o Ryder aí estiver?

As tábuas de madeira gemem de eu tanto andar para trás e para diante.

— Há coisas que gosto de fazer sozinha.

O Julian faz uma pausa.

— Tipo quê?

— Vais achar que é uma estupidez. — Pelo menos, era isso que os produtores pensavam sempre que eu arrastava comigo uma equipa de Imagens durante as minhas buscas.

— Uma estupidez é fazeres suposições sobre mim sem me perguntares.

— Humm. — Quando é que o Julian se tornou tão assertivo e porque é que acho isso excitante?

Ele resmunga qualquer coisa para si mesmo antes de falar mais alto.

— Tem cuidado.

Duas palavrinhas que fazem os meus pensamentos andar à roda e que me aceleram a pulsação.

Merda. Neste momento, não estou equipada para lidar com sentimentos. Na verdade, gostava de poder substituir o meu coração por um motor alimentado a café gelado e a vapores de tinta enquanto resolvo os meus problemas.

Luto contra o aperto que sinto na garganta.

— Desde quando é que nos preocupamos com o bem-estar um do outro?

— Desde que não estás coberta pelo meu seguro de responsabilidade civil.

Finjo uma fungadela.

— Por um segundo, pensei que tinhas sentimentos por mim.

— Só do tipo negativo.

— Por favor, para antes que eu desmaie.

A inalação dele podia ser interpretada como uma gargalhada.

— Piadas à parte... — É interrompido por alguém que o chama pelo nome.

— Desculpa. Tenho de desligar.

— Tudo bem. Eu também preciso de me despachar.

— Dah...

— Eu tenho cuidado. Tchau! — Desligo antes de o Julian ter oportunidade de terminar o que ia dizer.

É melhor assim. Suspiro para o teto.

E pestanejo.

Aquilo é...

Esfrego os olhos para me certi car de que não estão a enganar-me.

O meu coração bate descompassadamente quando desço as escadas a

toda a velocidade, em busca do escadote que o Julian deixou para eu usar. Cambaleio e quase perco o equilíbrio por duas vezes à medida que arrasto aquele peso pelas escadas acima, mas insisto e consigo chegar ao sótão sem percalços.

Pouso o escadote debaixo da viga de madeira e subo os degraus em direção aos rolos de papel enfiados entre duas vigas mestras.

Apanhei-vos. Lanço as mãos para a frente e agarro os papéis antes de descer os primeiros degraus.

Sinto umas cócegas na mão direita e, quando olho, vejo uma aranha cinzenta a subir-me para o cotovelo.

— Ah! — grito ao mesmo tempo que escorrego. Os rolos de papel voam pelo ar, juntamente com a aranha, enquanto faço os possíveis por não cair.

Mal jogado.

Abano os braços, numa tentativa inútil de me equilibrar. Caio e solto um ofego, mas co sem ar nos pulmões quando embato contra o chão, aterrando em cima do braço esquerdo.

Quase desmaio ao sentir a dor aguda que me sobe pelo braço. A ideia de me virar de costas para conseguir ver os danos parece-me impossível, sobretudo quando o choque se instala e o meu corpo ca inerte.

Tens de pedir ajuda.

Tenho a vista nublada e o corpo a tremer quando apalpo o bolso com o braço direito, apenas para me lembrar de que deixei o telemóvel já reparado no parapeito da janela antes de ir buscar o escadote.

— Merda. — Cai-me uma lágrima. A ansiedade aumenta como uma bomba nuclear prestes a explodir.

Por favor, não tenhas um ataque de pânico agora.

O meu cérebro ignora o meu pedido conforme as perguntas tomam de assalto as últimas réstias de sanidade.

Como posso pedir ajuda se não tenho o telemóvel?

Quantas horas demorarão a dar pela minha falta?

Saberão onde me procurar?

A minha ansiedade aumenta a cada pergunta que ca sem resposta. Pontinhos negros encham-me a vista e as respirações profundas nada fazem para parar o pânico que me arranha o peito como um animal selvagem.

Pensa.

O problema é esse. Não consigo pensar quando me sinto assim. Fico refém dos meus pensamentos e não há nada que possa fazer a não ser desejar que esta sensação desapareça rapidamente.

Tenta controlar-te.

Começo a fazer o exercício que a minha terapeuta me ensinou, mas sou interrompida pelo toque insuportável do telemóvel. Como diabos vou conseguir chegar a ele para pedir ajuda quando mal me consigo mexer?

Pensa. Pensa. Pensa.

— Siri. Atende a chamada — imito a maneira como a minha mãe fala para o telemóvel dele sempre que está na loja e tem as mãos ocupadas.

— Socorro! Estou ferida e não consigo chegar ao telemóvel para chamar alguém. Liga ao Julian e diz-lhe que estou presa no sótão da casa do fundador.

Ele sabe onde é. — Repito o número que sei de cor duas vezes, na esperança de que a outra pessoa o oiça.

Embora não consiga ouvir qualquer con rmação da outra pessoa, sei que arranjará maneira de resolver a situação ou de ligar para alguém que a resolva.

Recuso-me a acreditar no contrário.

CAPÍTULO QUINZE

Julian

Não penso quando saio a correr do escritório.

Nem quando quebro cinco regras de trânsito diferentes, em pânico para voltar à casa do fundador.

Na verdade, o meu corpo está a funcionar alimentado por pura adrenalina e uma única célula cerebral quando entro na casa de rompante, gritando o nome da Dahlia enquanto procuro o sótão.

Ela grita de um dos lados da casa e corro para as escadas. Os meus sapatos batem na madeira ao mesmo ritmo staccato do meu coração à medida que corro pelos degraus acima.

A visão da Dahlia a agarrar o braço esquerdo contra o peito quase me faz cair de joelhos.

Isto é tudo culpa tua.

— O que é que aconteceu? — Faço os possíveis por não falar ríspidamente.

— Oh, ainda bem que vieste sozinho. Acho que, neste momento, não ia conseguir lidar com a minha mãe ou com a minha irmã a hiperventilarem e a rezarem para que a dor desaparecesse. — A voz da Dahlia falha, traindo a máscara de calma que se esforça por manter.

O meu olhar vai dela para o escadote e depois para os rolos de papel a uns metros de distância.

— Que diabos te passou pela cabeça?

— Podes ajudar-me primeiro e deixar o sermão para depois? Tenho quase a certeza de que parti o braço. — Aponta para o membro inerte.

— Vou chamar uma ambulância. — Ajoelho-me ao lado dela e pego no telemóvel.

— Não!

— Porquê?

— Não é preciso esse circo todo.

Torno a olhar para o braço dela.

— Podemos piorar a situação se te mexermos.

— A ideia de estar numa ambulância... — A voz treme-lhe.

Merda. Com o pânico, quase me esqueci de que a Dahlia viu o pai morrer numa ambulância, com um ataque cardíaco.

— Podes levar-me tu? Por favor. — Tenta sentar-se.

Mantenho-a deitada, empurrando-lhe os ombros, enquanto avalio a situação.

— Vou ter de te levar ao colo.

— Eu consigo andar! Olha. Mas, primeiro, ajuda-me a levantar. — Tenta sentar-se e sibila de dor.

— Se não parares de te mexer, vou chamar uma ambulância.

— Espera! Podes ir buscar o meu telemóvel primeiro? Está no parapeito da janela.

— Está bem. — Pego no telemóvel dela e eno-o no bolso de trás.

Ajoelho-me e passo os braços por baixo do corpo dela. Fica com os olhos cheios de lágrimas quando a encosto ao peito e a levanto, fazendo os possíveis por não piorar o ferimento.

— Estás bem? — Aperto as mãos em volta dela.

— Melhor do que nunca. — O tom excessivamente alegre aumenta o meu nervosismo.

Quando a Dahlia atendeu a chamada, a minha mente saltou para a pior das conclusões por causa da voz dela, que soava abafada e em pânico. Depois de passar anos a trabalhar na área da construção, não consegui impedir a minha mente de imaginar imagens gráficas.

Cabeça rachada.

Coluna partida.

Paralisia.

Já assististe a tudo isso e nunca reagiste desta maneira.

Afasto o pensamento, só para o ver voltar em força quando a Dahlia esconde o rosto na minha camisa, humedecendo o tecido com as lágrimas.

Ainda gostas dela.

Mierda.

Não tenho nem um segundo para processar o pensamento antes de a Dahlia voltar a falar.

— Isto é tudo uma estupidez — a rma, fungando.

— Isto o quê? — Encaminho-me para a porta a passos largos.

— Ter partido o braço desta maneira.

— Como é que aconteceu? — Dirijo-me para as escadas, fazendo os possíveis por a manter estável.

— Tive uma discussão com uma aranha.

— Uma aranha?

— Sei o que estás a pensar. Mas a criatura era do tamanho de uma tarântula e tinha presas como uma cobra. — Estremece encostada a mim quando desço o primeiro degrau das escadas.

Devias ter estado aqui com ela.

Eu sabia que deixar a Dahlia para trás para terminar o que tínhamos começado não era correto, mas tinha de atender aquela chamada e tinha uma reunião a que não podia faltar.

Não podias ou não querias?

A melhor parte do meu dia tinha sido fazer a visita à casa com ela — o que, por si só, era uma anomalia — e a última coisa que queria era voltar para o escritório.

A artéria do meu pescoço pulsa a cada irritante batida do meu coração.

Não ouvi parte dos devaneios da Dahlia, mas é fácil situar-me quando ela continua a falar.

— Era uma criatura saída de um pesadelo. É uma sorte estar viva para contar a história.

A Dahlia só fala assim comigo quando está ansiosa ou em sofrimento.

Portanto, para a manter distraída, falo com ela enquanto percorro a mansão.

— Achas que é melhor contactar uma empresa de controlo de pragas?

—
pergunto-lhe.

— Controlo de pragas? Nem pensar nisso. Precisas que o Ministério dos Recursos Naturais venha cá e lance bombas de fumigação, porque tenho a sensação de que aquela criatura era uma de muitas.

— Achas que há mais?

— Claro. Talvez centenas delas. — Olha de relance para o teto. — Na verdade, não. Milhares. Certi ca-te de que o MRN sabe isto tudo quando lhes telefonares amanhã. Quando se trata do governo, é preciso exagerar para que nos prestem atenção.

— Sim, mas quando nalmente vierem, a propriedade já estará dominada por aranhas do tamanho de pessoas.

A Dahlia encosta o rosto ao meu peito, numa tentativa infrutífera de esconder

o sorriso, mas afasta-se depois de dar uma fungadela.

— O que aconteceu à tua água-de-colónia?

— O quê? — Quase tropeço nos meus próprios pés.

— A que estavas a usar no dia do acidente com o carro.

De todas as perguntas que me podia fazer...

— Ah, sim. Acabou. — Ainda bem que conseguiste pôr essa célula cerebral solitária a funcionar.

— Hum. — Fica em silêncio.

— Tenho uma ideia. — Falo um bocadinho depressa de mais.

— Qual?

— E se incendiarmos a casa?

— Não! — A Dahlia agarra-me o tecido da camisa com a mão boa.

— Mas podíamos estar a salvar o mundo de superaranhas.

— E enfurecer os fantasmas que aqui vivem? Nem pensar nisso! Já vi

lmes de terror su cientes para ter juízo.

— Quais fantasmas? — Franzo o sobrolho.

— Não pesquisaste a casa antes de assinar a papelada?

Não tenho a certeza de estar a pensar lucidamente quando comprei a casa, quanto mais lembrar-me de pesquisar os donos anteriores.

A Dahlia olha em volta antes de murmurar:

— Não te ocorreu perguntares porque é que um tesouro de casa como esta estaria à venda?

— A resposta é fácil. É porque é uma carga de trabalhos remodelá-la.

—

Tendo em conta a instalação elétrica com centenas de anos, a canalização antiquíssima e os alicerces precários, as reparações irão custar centenas de milhares de dólares.

A Dahlia fecha os olhos, não sei se de dor ou de frustração.

— Surpreende-me que não tenhas ouvido falar dos fantasmas. Toda a gente na cidade sabe deles.

— Provavelmente porque, para começar, não acredito em fantasmas.

— Vais fazê-los car zangados. — A Dahlia manda-me calar.

— Eles não existem.

— Está bem. — Mas tudo no tom de voz dela sugere o contrário.

O bater suave dos meus sapatos no chão de madeira enche o silêncio entre nós. Numa tentativa estúpida de abrir a porta de entrada, acabo por lhe dar um safanão.

— Desculpa.

O queixo dela treme, fazendo-me sentir ainda pior.

— Seja como for, não podemos incendiar a casa. Se o zeres, nunca te perdoarei.

— Devo acrescentar esse motivo à lista?

— Julian. — Ela lança-me um olhar furioso cortante.

Uma sensação de formigueiro inusitada apodera-se da minha barriga. Dou um pontapé na porta com mais força do que queria, fazendo com que tanto a Dahlia como o painel de vidro estremeçam quando se fecha.

Merda.

A Dahlia olha para mim com os olhos vidrados.

— Talvez possamos fazer tréguas com a aranha. Não é como se ela tivesse tentado morder-me ou coisa que o valha, embora pudesse tê-lo feito. Fui eu que invadi o território dela.

— Nesse caso, o sótão passa a estar barrado?

— Tudo bem, desde que lá vás buscar os rolos de papel que deixei cair.

— É claro que queres que seja eu a entrar no sótão.

— Serias o meu herói. Até vou mandar fazer uma medalha personalizada para te dar e tudo. — Fica com os olhos a brilhar, apesar das lágrimas que lhe cobrem as pestanas de baixo.

Ajudo a Dahlia a entrar para a carrinha, soltando apenas alguns queixumes, antes de me sentar no lugar do condutor e ligar o motor.

— Vou levar-te para Lake Aurora.

— Porquê?! — exclama ela. — O Doutor mora mais perto.

— Nem pensar nisso.

A Dahlia bufa.

— O que é que tens contra o Doutor? Ainda não éramos nascidos e ele já tratava de braços partidos.

— Precisamente. Tenho a certeza de que o homem trabalhou nas linhas da frente durante a última Guerra Mundial.

— Desde quando é que ser experiente é um crime?

— Desde que essa experiência signi ca que ainda se usam relatórios em papel e um espelho na cabeça. — Lanço-lhe um olhar furioso pelo

canto do olho.

— Nem toda a gente sabe usar relatórios médicos eletrónicos.

— Não tenciono parar até encontrar alguém que saiba. Acabou a discussão.

A Dahlia resmunga qualquer coisa entre dentes enquanto percorro o caminho

de acesso de gravilha em direção à estrada principal. O caminho acidentado fá-la estremecer, o que só me irrita ainda mais.

— Podes pôr música? — A voz dela sobrepõe-se à minha respiração ruidosa.

— Claro. — Pegó no telemóvel e carrego no botão de reprodução aleatória da minha playlist preferida.

A Dahlia ca em silêncio à medida que nos conduzo para longe da casa e para fora de Lake Wisteria. A tensão dos ombros dela atenua-se a cada canção que toca. Veri co se ela está bem algumas vezes na meia hora que demoramos a chegar a Lake Aurora, mas mantém-se na mesma posição, com os olhos fechados e a cabeça encostada à janela.

Apesar de não querer acordá-la, estaciono a carrinha na entrada das urgências e abro a porta do lado dela.

— Vamos.

Ela levanta uma das sobrancelhas, com uma expressão atrevida.

— Primeiro, preciso que saias da frente.

— Pre ro levar-te ao colo.

— Porquê? — A Dahlia arregala os olhos.

— Partiste o braço.

Ela franze o sobrolho.

— Que engraçado. Não sabia que precisava do braço para caminhar.

Resisto à tentação de apertar a cana do nariz.

— Pre ro que não tropeces e caias, tendo em conta que há bocado nem

sequer te conseguias levantar.

— Espanta-me que te preocupes com isso.

— Só em determinadas circunstâncias.

Os olhos dela brilham.

— Como quando estou prestes a processar a tua empresa por danos físicos?

— Não contava com outra coisa. Achas melhor ligar para o meu advogado, para o avisar?

— Pode ser. Ouvi dizer, de uma fonte dedigna, que tens uma boa apólice de seguro de responsabilidade civil.

— Para de protelar e vamos embora. — Abafo uma gargalhada.

— Espe...

Inclino-me para a frente e pego-lhe ao colo antes de ela ter tempo para se safar desta com conversa ada.

A Dahlia mantém-se em silêncio enquanto a levo para a sala de espera e

Uy
Como estás?

M.L.
Melhor do que nunca.

M.L.
Dahlia!

Uy
Da próxima vez, faz um aviso de conteúdo, monstro.

M.L.
Como é que estás a escrever mensagens?

M.L.
Com uma mão.



depois a pouso numa cadeira, antes de me dirigir à sala de enfermagem. Após uma avaliação rápida, levam-na para a triagem.

Passo os vinte minutos seguintes ao telemóvel com a mãe dela, garantindo à Rosa que a lha está em segurança e a receber cuidados médicos. A Rosa oferece -se para vir ao hospital, mas aconselho-a a não o fazer.

— Ela já deve estar a sair. — Na pior das hipóteses, a Dahlia precisa de ser operada, mas duvido que o braço não possa ser curado com gesso.

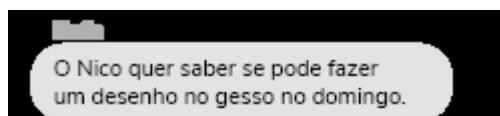
— Graças a Deus que estavas lá para a ajudar — diz a Rosa.

Enterro os dedos nas coxas. A verdade é que devia ter estado lá antes, para que isto não tivesse acontecido.

O meu telemóvel vibra várias vezes, com mensagens do chat da nossa família a querer saber da Dahlia. Não parou de vibrar desde que lhes disse que tínhamos vindo ao hospital, embora a Dahlia se tenha mantido em silêncio até agora.

A Dahlia anexa uma fotogra a do braço partido que me dá a volta à barriga.

A seguir, acrescenta três emojis de cara verde.



A noite decorre muito lentamente enquanto espero pela Dahlia, o que me dá muito tempo para me massacrar pela decisão egoísta de a deixar sozinha.

Disse a mim mesmo mais de cem vezes que não gosto da Dahlia — que quaisquer sentimentos românticos que tenha tido por ela

desapareceram há muito — e, no entanto, aqui estou, a massacrar-me porque ela se magoou por minha causa.

A verdade é que gosto da Dahlia, independentemente de querer ou não gostar dela.

Gostar de alguém não é o m do mundo, digo a mim mesmo.

Só que a Dahlia não é alguém.

É muito mais do que isso.

Esse pensamento faz-me saltar da cadeira. Em vez de car sentado a matutar nos meus pensamentos, acabo por ir atacar a máquina de venda automática e por ir à cafetaria comprar alguns wraps. Gosto de me sentir útil e tudo o que aconteceu hoje faz-me sentir o oposto disso.

Passado mais uma hora, a Dahlia sai das portas duplas com o braço esquerdo envolto em gesso roxo e um cartão de marcação de consulta para daqui a quatro semanas.

O alívio atinge-me o peito como uma bola de demolição.

Ela está bem.

Claro que está bem, idiota. É um braço partido, não é cirurgia de peito aberto.

— Olá. — Mexe num o solto na faixa de suporte.

— Bonita cor.

— É a minha preferida.

Eu sei. Pego no saco de plástico que estava no chão e dou-lho.

— O que é isto? — Olha para o saco como se fosse uma bomba armadilhada.

— Comida. — O tique no meu olho direito fala mais alto do que quaisquer palavras.

A Dahlia remexe no saco.

— Porque é que me comprarias... M&M's pequeninos! — O guincho infantil que dá faz com que o trabalho que tive para os encontrar

valesse a pena. — Não

comia disto há anos.

— Porquê? — Não consigo imaginá-la a passar uma semana sem aquilo, quanto mais anos.

Fica com as maçãs do rosto coradas.

— Dieta de Imagens e essas coisas muito divertidas.

— Que estupidez. — Tendo em conta a quantidade de peso que perdeu, precisa de todos os M&M's que consiga comprar.

A Dahlia revira os olhos.

— Não estava à espera de que entendesses. — Tenta rasgar o plástico que envolve o tubinho. Embora não consiga, recusa-se a pedir a minha ajuda, portanto, arranco-lho da mão.

— Devolve-me isso! — Tenta chegar ao tubinho com o braço bom.

Seguro-o por cima da cabeça dela e arranco o plástico. Para a castigar por se mostrar difícil, abro o tubinho e atiro alguns M&M's para dentro da boca, antes de lho devolver.

— Comeste quase metade! — A Dahlia espreita para dentro do tubinho.

En o a mão dentro do saco e pego no segundo tubinho, que estava escondido debaixo do wrap de peru e de um pacote de batatas fritas.

A exclamação de surpresa que ela dá assemelha-se a uma vitória.

— Compraste-me dois? Porquê?

— Havia uma promoção. — A mentira sai facilmente.

— Se continuares a fazer coisas destas, ainda vou acabar por pensar que és um tipo simpático ou coisa que o valha.

— Não podemos deixar que isso aconteça. — Estico a mão para o saco, mas ela não me deixa pegar-lhe.

— Esquece. A tua reputação de idiota está viva e recomenda-se.

— E nunca te esqueças disso. — Viro costas e dirijo-me para a saída,

escondendo o sorriso da única mulher que consegue sempre fazer-me sorrir, quer tenha consciência disso quer não.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Julian

Estaciono a carrinha ao lado da do Rafa, que está bastante velha, e saio.

Contrariamente a mim, o meu primo não vive no lago. Em vez disso, depois do divórcio, optou por comprar um terreno no topo da colina mais afastada da cidade, onde podia recomeçar a vida longe dos olhares curiosos.

A minha mãe costumava dizer que as pessoas fazem coisas estranhas quando ganham muito dinheiro e eu nunca tinha percebido o que ela queria dizer com isso, até o Rafa começar a adotar animais de quinta que ninguém queria e a ser mais apegado à terra depois de a Hillary se ter ido embora.

Juro que este homem está a um passo de participar num daqueles concursos de sobrevivência na natureza.

— A Fina disse-me que levaste a Dahlia ao hospital ontem. — O Rafa vai direto ao assunto assim que eu entro em casa dele.

— Convidaste-me a vir cá para estarmos juntos ou para me fazeres um interrogatório?

— Um bocado de ambos. — En a as mãos nos bolsos da frente.

— Pelo menos, és sincero.

O Rafa lança-me um olhar de aviso antes de virar as costas.

O estilo da casa dele é totalmente diferente do da minha — é acolhedora e vê-se que é vivida, com soalhos de carvalho e desenhos do Nico pendurados em todas as paredes. As cores da tinta foram escolhidas pelo Nico e cada divisão é de uma cor igual a um dos pares de óculos do meu a lhadro.

Não foi a opção de design mais inteligente que o meu primo fez, mas, apesar disso, fê-la por amor.

Vou atrás dele, mas faço um desvio quando oiço a música clássica que vem da estufa. O Nico está sentado ao piano, acompanhado da Ellie,

que é a sua ama e professora de música. Estão a tocar a quatro mãos, perfeitamente sincronizados, com os dedos a voar pelo teclado.

O corpo da Ellie oscila ao som da música, fazendo o cabelo loiro balouçar ao mesmo ritmo.

— Perdeste-te a caminho da cozinha? — pergunta-me o Rafa.

A Ellie toca nas teclas erradas, fazendo um barulho horrível.

— Queria dizer olá ao Nico.

— Tío! — O Nico desliza do banco e corre para mim. Tem pouca coordenação por causa do problema ocular, mas salta-me para os braços com o máximo de impulso que consegue.

— Olá a ti. — Despenteio-lhe o cabelo antes de inclinar o queixo para a Ellie. — É um prazer ver-te novamente.

— Igualmente. — Ela levanta-se do banco.

— Agora o Rafa obriga-te a trabalhar aos sábados?

— Normalmente, não, mas esqueceu-se inconvenientemente de me avisar de que precisava da minha ajuda hoje. — Não se dá ao trabalho de esconder a irritação.

A Ellie nunca ca perturbada. Já vi o Nico vomitar-lhe em cima quando estava doente, já vi uma das cabras do Rafa dar-lhe um coice na barriga e já a vi torcer o tornozelo durante uma caminhada, mas nunca a vi neste estado.

Olho de relance para o meu primo, apenas para o ver olhar para a Ellie com uma expressão furiosa. Não tenho a certeza do que se passa com ele, mas tem de resolver os seus problemas e tem de se controlar, antes que afugente a Ellie como fez com todas as amas anteriores. Tanto ao tocar instrumentos com o meu a lhadado como ao aprender a ler braille, a Ellie destaca-se de todas as outras pelo esforço que faz por ajudar o Nico e por lhe dar apoio no que respeita ao diagnóstico de retinite pigmentosa.

O Nico valoriza a sua independência, como qualquer miúdo de oito anos, mas, infelizmente, é apenas uma questão de tempo até perder totalmente a visão, uma realidade que tem andado a stressar o Rafa à medida que a doença do lho piora.

— Lamento que tenhas tido de cancelar o teu encontro. — O rosto do Rafa pode estar inexpressivo, mas os olhos lembram-me dois carvões em brasa.

— Não te preocupes. Mudámos para amanhã. — A Ellie sorri.

O meu primo faz um ruído inumano.

A Ellie semicerra os olhos cor de avelã.

— Ainda estás com dores de garganta?

— Estás doente? — pergunto-lhe.

— Estou é farto das tretas da Eleanor — resmunga o Rafa em voz baixa,

antes de se dirigir para o corredor.

— Eleanor? — Abafo uma gargalhada.

— Não te atrevas a chamar-me isso. — A Ellie aponta-me o dedo.

— O que é que se passa com ele? — pergunto-lhe quando o Rafa já não nos consegue ouvir.

— Passou a semana toda assim, por causa do tempo. — Os olhos da Ellie desviam-se de mim para o Nico.

Não há nada pior do que o Furacão Hillary in uenciar o estado de espírito do meu primo tanto tempo depois de se terem divorciado.

Avanço para o corredor.

— É melhor ir ter com ele, antes que venha à minha procura.

— Adeus, Tío! — O Nico dá-me mais um abraço e, de seguida, dá a mão à Ellie. Regressam ao piano e recomeçam a canção.

Encontro o Rafa sentado na ilha da cozinha, a olhar para o café como se este pudesse revelar-lhe o destino.

— Estás bem? — Pego no café gelado que ele fez para mim. Neste momento, o Rafa pode ser um idiota que se irrita facilmente, mas continua a fazer os impossíveis por fazer coisas simpáticas porque não sabe ser diferente.

Passa as mãos pelo cabelo, despenteando ainda mais as madeixas já despenteadas.

— A Hillary ligou-me.

— Hum.

— Vai para Detroit de avião e quer ver o Nico. — Deixa cair os ombros.

— Quando?

— No m de semana do Festival das Colheitas.

— Ela vem cá? — Franzo o sobrolho.

— Não.

— Que surpresa. — Depois de assinarem os papéis do divórcio, a Hillary comprou um bilhete de avião só de ida para o Oregon, para estar com a família, e nunca mais regressou a Lake Wisteria. Se o Rafa não viajasse para o Oregon para o Nico poder ver a mãe, não sei se ela teria voltado a ver o lho.

— O Nico está entusiasmado por a ver. — O Rafa aperta os dedos em volta da caneca.

— Quanto tempo passou? Quatro meses desde a última vez que a viu?

— Cinco — resmunga em voz baixa.

— Tinha-me esquecido de que ela faltou ao aniversário dele.

— Pois eu não me esqueci. — A voz dele está cheia de autoaversão.

— Tens de parar de te massacrar por causa das más decisões da Hillary.

— Fui eu que a engravidei. Quem mais posso culpar além de mim?

— Ainda mal eras um adulto quando isso aconteceu. Não podias ter adivinhado que as coisas iam correr como correram.

— Não, mas continuo a sentir-me um grande idiota.

— És demasiado duro contigo mesmo. — Abano a cabeça.

— Estive a pensar...

— É melhor parares enquanto ainda estás em vantagem.

— Não vais gostar disto.

O buraco vazio que tenho na barriga aumenta de tamanho enquanto digo:

— Nesse caso, vamos encarar isto como um caso perdido e mudar de assunto para temas melhores, como apostar no jogo de futebol de amanhã. Alguns dos meus empregados que tratam dos pavimentos...

— Julian.

— O que é que se passa?

O Rafa olha para a janela que dá para o celeiro.

— Tenho estado a pensar em mudar-me.

— O que é que disseste? — Pestanejo duas vezes.

— Com a Hillary a viver tão longe, tenho andado a pensar se não será melhor para o Nico viver mais perto da mãe.

— Isso é o melhor para ti? — O Rafa passou a vida inteira dentro das pequenas fronteiras de Lake Wisteria, portanto, mudar-se seria...

— Esquece o que eu disse. — Esfrega os olhos com as palmas das mãos.

Uma vaga de náusea faz-me afastar o café.

— Estás seriamente a pensar mudar-te para a outra ponta do país?

— Só de vez em quando.

Perder o Rafa e o Nico seria devastador para a nossa família. Além da minha mãe, são os únicos familiares que me restam, logo, é egoísta que não queira que se mudem.

Podias arranjar maneira de convencer a Hillary a mudar-se para uma cidade onde o Rafa possa ir de carro, como Chicago ou Detroit...

— Para já, não digas nada à tua mãe — diz-me o Rafa, interrompendo os meus devaneios.

— Mas e se ela voltasse...

— Para.

— O quê?! — pestanejo, confuso.

— Isto não é um problema que possas resolver.

— Quem é que te disse...

O Rafa lança-me um olhar que me faz calar.

Levanto as mãos.

— Está bem. Mas fala comigo antes de tomares decisões importantes.

— Combinado. — Esfrega o rosto. — Seja como for, desculpa deixar-te sozinho na banca.

A minha mãe tem muito orgulho em partilhar a receita de champurrado da avó dela durante o Festival das Colheitas. E, desde que tivemos idade para assumir essa responsabilidade, eu e o Rafa trabalhamos juntos na banca dos Lopez, fazendo a minha mãe feliz e partilhando o chocolate quente mexicano com os visitantes.

— A Jose na disse-me que davas conta do recado. Garantiu-me que, este ano, a nossa banca ca ao lado da banca dos Muñoz, para teres alguém com quem conversar.

— Que simpático da parte dela — retruco num tom áspero.

— Disse-lhe o mesmo antes de lhe pedir para mudar a banca de sítio.

— E?

— Ela disse que é um disparate separar os buñuelos delas do nosso champurrado.

— Tudo bem. — Suspiro.

— Se lhe dissesses que não estás interessado na Dahlia dessa maneira, talvez ela desistisse de se armar em casamenteira.

— Conhecendo-a como a conheço, encararia isso como um desa o.

— Atribuo a culpa disso à obsessão que tem por telenovelas. — Bebe um gole de café.

— Tenho esperança de que a minha mãe perceba que eu e a Dahlia não estamos destinados a car juntos quando ela nalmente se for embora da cidade de vez.

— E quando é que isso vai acontecer? — O Rafa inclina a cabeça.

— Não faço ideia.

— Achas mesmo que ela acabou de vez com o Oliver?

— Diria que sim, tendo em conta que me vendeu o anel de noivado antes de eu o sepultar num túmulo de cimento.

O Rafa ca boquiaberto.

Merda.

— Não foi nada de especial.

— Tu, o bilionário que acha que ir jantar fora a uma steakhouse é um desperdício de dinheiro, compraste o anel de noivado da Dahlia só para o poderes enterrar em cimento?

— Primeiro, acho que as steakhouses são sobrevalorizadas quando posso cozinhar o mesmo em casa por metade do preço, e, segundo, valeu a pena.

— Não sei o que dizer sobre isso. — O Rafa deixa cair a cabeça nas mãos.

— É preferível que não digas nada.

— Quanto pagaste pelo anel?

Não lhe respondo.

— Julian.

— Cem.

— Mil?

— Sim. — Esfrego a nuca.

— Porquê?

— Porque queria enterrá-lo em cimento.

— Estou a ter di culdade em acreditar que és o mesmo tipo que passou cinco anos a convencer-se a comprar um McLaren pelo dobro do preço que pagaste à Dahlia para ter uma sensação forte fútil.

Dito desta maneira, parece mau. Não ajo irracionalmente, sobretudo quando há dinheiro envolvido.

— Bem, sempre detestei aquele anel. — A desculpa soa fraca aos meus próprios ouvidos.

O suspiro profundo do Rafa dá-me a volta à barriga.

— O que foi?

— Disseste que já a esqueceste, mas as tuas ações dizem o contrário.

— Porque lhe comprei o anel?

— Por causa do motivo pelo qual lhe compraste o anel.

— Estava a fazer-lhe um favor. — Franzo ainda mais o sobrolho.

— Continua a dizer isso a ti mesmo.

CAPÍTULO DEZASSETE

Dahlia

-Estou tão contente por este ano estares cá para o Festival das Colheitas —

diz-me a Jose na. — Mudou muito desde a última vez que cá estiveste.
—

Há duas décadas que a mãe do Julian é a coordenadora de eventos da cidade e embora eu saiba que ela não tem favoritos, o Festival das Colheitas continua a estar no topo.

— Mudou como? — pergunto-lhe.

— Está tudo diferente e da melhor maneira possível... as comidas, as atividades, as diversões. E, este ano, contratámos a empresa que trata dos espetáculos de fogo de artifício do parque de diversões Dreamland!

— Isso não é... caro? — Pestanejo algumas vezes.

A Jose na dá uma gargalhada.

— Claro que si³⁸, mas o Julian é o nosso patrocinador principal.

— Com principal, o que ela quer dizer é único — brinca a Lily.

Fico de olhos arregalados. Toda a gente sabe que o Julian é podre de rico, mas patrocinar todos os eventos parece-me excessivo.

— Ele só faz esses donativos avultados porque tu cas muito contente por não teres de planear tudo com um orçamento apertado — comenta a minha mãe.

— Não me vou queixar. — A Jose na encolhe os ombros.

Continuamos a cozinhar e a conversar, até que o toque da campanha interrompe a história que a Jose na estava a contar sobre o último contratempo no planeamento dos eventos, relacionado com o labirinto de milho.

— Deve ser o Julian ou o Rafa. — Limpa as mãos cobertas de farinha ao avental.

— Dahlia, podes ir abrir? — A minha mãe levanta os olhos da tábua de corte com o formato do Michigan e aponta para a porta com a ponta da faca.

— Claro. Detestaria que a Lily tivesse de alçar o rabo e fazer qualquer coisa

útil hoje. — Salto de cima do banco alto.

A minha irmã deita-me a língua de fora antes de voltar a atenção para seja quem for que não para de lhe enviar mensagens.

Ajusto o suporte do braço antes de abrir a porta. O Julian está parado do outro lado, com um rolo de papéis debaixo do braço e o telemóvel encostado à orelha.

— O que é que queres dizer... — Para de falar enquanto os olhos percorrem o meu corpo de cima a baixo. Pestaneja duas vezes, o que é código para porra.

O facto de o Julian apreciar os meus esforços para me vestir bem parece-me uma vitória da qual não sabia que precisava, depois de passar anos a apertar-me para caber no molde de outra pessoa.

Ponho o cabelo atrás da orelha antes de mexer no brinco de acrílico.

— Sim, ainda estou aqui. — A voz profunda de barítono tem demasiada inuência sobre os meus batimentos cardíacos.

Toma, o Julian forma as palavras em silêncio, enquanto me passa os papéis do sótão. Podia ter delegado a tarefa a alguém e, no entanto, deu-se ao trabalho de passar pela casa antes do almoço de hoje para os ir buscar.

Tento não dar demasiada importância a esse gesto, mas perco a batalha assim que ele coloca cuidadosamente os papéis na cova do meu braço bom. O esgar que faz na direção do meu braço partido faz os meus joelhos tremerem.

— O meu comprador não pode esperar mais um mês pelas bancadas.
— Fica com os músculos tensos quando passa a mão pelo cabelo, atraindo os meus olhos para a veia grossa que lhe percorre o braço. Agora, o Julian pode passar a maioria dos dias no escritório, mas, mesmo no seu pior dia, ainda conseguiria levantar-me, a mim e a um saco de cimento.

Olha para mim de relance, apanhando-me em agrante. Levanta a sobrancelha direita numa provocação silenciosa que faz a minha barriga dar um salto.

Se achar o Julian atraente é crime, sou culpada das acusações.

Não aprendeste nada depois da última vez em que te deixaste levar pela beleza dele?

O Julian não me magoou quando andávamos na universidade por me ter rejeitado. É claro que isso feriu o meu orgulho e me fez sentir a maior das falhadas, depois do beijo apaixonado que demos, mas a minha antipatia por ele tem que ver com muito mais do que isso. Ele destruiu o meu espírito quando me cortou da sua vida como se, para começar, eu nunca tivesse existido.

Pensei que tínhamos algo de especial depois de estarmos um ano juntos em

Stanford, com o nosso relacionamento a passar de sermos meros amigos para algo totalmente diferente, mas era tudo uma mentira.

Embora adorasse car a cuscar a conversa do Julian, fecho a porta atrás de mim, apesar de isso em nada abafar o som da sua gargalhada

suave. O meu coração reage dando um terceiro salto, o que só serve para me irritar ainda mais.

Em vez de voltar para a cozinha, entro na sala de jantar vazia e coloco os três rolos de papel em cima da mesa, antes de pegar no maior. Com um braço fora de serviço, a tarefa de tirar o elástico que prende os papéis é mais difícil do que esperava, portanto, prendo o rolo entre as coxas para facilitar.

— O que estás a fazer? — A voz rouca do Julian quebra o silêncio.

— O que é que te parece? — Empurro o elástico para o topo do rolo.

— Parece-me que estás a esmagar o papel. — Não espera pela minha resposta antes de lhe deitar as mãos.

O papel roça no interior das minhas coxas e desliza para um ponto que me provoca um formigueiro. Pronto, está bem, há algum tempo que não tenho relações, mas, ainda assim... Que diabos?!

Dou um grande passo atrás, embora o calor que sinto no baixo-ventre não desapareça enquanto o olhar do Julian oscila entre mim e o rolo de papel.

Ele abana a cabeça antes de tirar o elástico e desdobrar a planta da casa para ambos a vermos.

— Que xe, não achas? — Inclino-me por cima da mesa para ver melhor a planta, que data do início do século XX.

O Julian olha para os rabiscos ilegíveis na parte inferior da planta.

— São originais.

— Gerald Baker. — Bato com o dedo no nome do arquiteto. — Conheces o nome?

O Julian anui.

— Foi ele que assinou a maioria das casas originais da cidade.

— Estás a falar daquelas que destruístes?

Ele cerra as mãos por breves momentos.

— Ainda está exatamente igual. — Passo o dedo pelas linhas que dividem as várias divisões.

O Julian tira o elástico do segundo rolo antes de o abrir.

— Hum.

— O que foi?

— Parece que sempre vais poder derrubar a parede entre a cozinha e a sala de

jantar, como querias fazer. — Aponta para o desenho estrutural.

Esfrego as mãos, esboçando um grande sorriso pateta.

— Nada me excita tanto quanto descobrir que algumas paredes não são paredes mestras.

O Julian desvia o olhar dos meus olhos para os meus lábios.

— O que foi?

— Parecias... — Ele abana a cabeça. — Esquece.

— Muito bem, então. — Estico a mão para o rolo mais pequeno, mas o Julian arranca-mo da mão. Os nossos dedos tocam-se e salta uma minúscula faísca de reconhecimento.

Com uma expressão irritantemente inexpressiva, que não denuncia nada, o Julian abre cuidadosamente o último rolo. Este é diferente dos outros e o papel amarelecido parece su cientemente no para se desfazer ao mínimo toque.

— Isto é fabuloso. — Quem quer que tenha desenhado o gazebo, pensou em todos os pormenores. Desde as rosas esculpidas no gradeamento até aos postes complexos que suportam o teto, é uma obra de arte. O artista que fez o desenho criou uma visão, com uma vista de Lake Wisteria antes da existência da Praça da Cidade, da Main Street e de todas as mansões diante da praia.

Aproximo-me mais para ver melhor o rabisco ilegível ao fundo da página.

Uma sombra desperta-me a atenção e viro o papel.

— Oh, meu Deus.

— O que foi? — A respiração quente do Julian bate-me no pescoço, fazendo -

me estremecer.

— É uma carta. — Abafo um guincho.

Debato-me entre ler e não ler a carta endereçada a outra pessoa, mas a curiosidade vence. — Minha querida Francesca. Oh! Para! Ele trata-a por

«querida». — A romântica secreta que há em mim já está excitadíssima com a expectativa e ainda só li três palavras.

— Dá-me isso. — O Julian rouba-me o papel das mãos.

— Ei!

— Ao ritmo a que estás a ler, vamos passar o dia inteiro aqui, contigo perdida de excitação por causa de tinta e papel.

— Desculpa ter coração. — Tento roubar-lhe a carta, mas o Julian prende-me a mão.

A pulsação dele acelera por baixo da palma da minha mão e, quando levanto os olhos, vejo os dele xos nas nossas mãos. Afastam-se lentamente, parando

momentaneamente nos meus lábios antes de, nalmente, me chegarem aos olhos.

A mão dele aperta-se em volta da minha e, de seguida, larga-a. Estou demasiado atordoada com tudo isto para fazer outra coisa que não seja ouvi-lo, enquanto recomeça a ler onde eu parei.

— Passaram três anos desde a última vez que te vi e, embora muito tenha mudado, o meu amor por ti nunca vacilou. As nossas missivas mensais dão-me alento, apesar dos problemas e das tribulações que tenho vivido para ajudar a transformar esta cidade num lar adequado para ti.

O meu lábio inferior começa a tremer.

O Julian olha para mim de relance antes de voltar a concentrar-se na carta.

— Tenho-me esforçado muito para ser digno de pedir a tua mão em casamento, embora o caminho não tenha sido o mais fácil. Construir uma cidade inteira do nada é um processo demorado e temo estar a car sem tempo, agora que o teu pai começou a falar em casar-te com

outro.

Solto um ofego.

— O quê? Como é que o pai dela podia fazer uma coisa dessas?

— Porque o feminismo ainda não existia.

— Ugh. — Abano a cabeça com força su ciente para fazer os brincos tilintar.

— Pensei que dispunha de mais tempo antes de o teu pai começar a receber outros pretendentes, mas temo que ele possa tomar uma decisão antes de eu ter oportunidade de lutar pela tua mão — continua o Julian.

— O que estás a fazer? Continua a ler! — Bato com os dedos na página.

Os olhos do Julian voltam ao papel.

— Nada poderá impedir-me de te tornar minha.

Sinto um formigueiro na nuca quando os olhos dele se xam nos meus.

Olhamos um para o outro durante um segundo brevíssimo, mas parece passar uma eternidade antes de desviarmos o olhar.

— Quando o teu pai vir tudo o que z para tornar Lake Wisteria numa cidade adequada para ti, aceitará a minha proposta de casamento. Tenho a certeza disso.

— Nessa altura, as mulheres não podiam casar sem o consentimento dos pais? — pergunto-lhe.

— Provavelmente, não sem sofrerem sérias repercussões. — O Julian continua a ler: — A nossa casa está quase terminada. Embora o processo tenha demorado mais do que eu gostaria, o meu plano nal está em curso.

— O gazebo? — A minha voz sai mais aguda do que o habitual.

O Julian anui.

— Sempre sonhaste casar num gazebo parecido com aquele onde nos conhecemos, e tenho planos para que isso aconteça.

— Ele queria construir um gazebo para ela. — A minha mão aperta o tecido da camisa, mesmo por cima do meu coração dorido.

— Não me digas que vais chorar por pessoas que não conheces?

— Claro que não — gaguejo.

O Julian resmunga qualquer coisa para si mesmo antes de terminar de ler o último parágrafo.

— Regressarei para te ir buscar daqui a seis meses, quando os meus assuntos estiverem em ordem e a casa estiver terminada. Até lá, peço-te que faças tudo o que estiver ao teu alcance para impedires que o teu pai te case com outro homem.

Esfrego os olhos, sentindo-os a picar.

— Porque é que ela não fugiu com ele?

— E correr o risco de perder tudo e todos de quem gostava?

— Por vezes, há pessoas que valem o risco.

O Julian faz um som desdenhoso.

Ugh. Este homem.³⁹

— Não espero que tu entendas.

— O que é que isso quer dizer? — Ele cruza os braços.

— És a pessoa mais avessa ao risco que conheço, portanto, não é provável que tomes decisões com base em sentimentos vagos e no teu instinto. — Que foi precisamente o motivo pelo qual ele me afastou e me disse que eu era uma distração em vez de reconhecer a verdade.

— Não sou avesso ao risco. — O Julian franze o sobrolho.

— És obcecado por estatísticas de probabilidade e fazes listas de prós e contras para tudo.

— Chama-se a isso tomar decisões informadas. Talvez devesse experimentar um dia destes, tendo em conta o estado atual da tua vida.

— Vai-te lixar! — sibilo enquanto estendo a mão para os papéis. Uma coisa é eu criticar-me a mim mesma em relação às minhas escolhas de

vida, mas ouvir o Julian fazer o mesmo é como espetarem-me uma faca no peito.

— Dahlia. — Ele ca de olhos arregalados.

— O que foi?

— Estava a brincar, mas é evidente que não teve graça.

Franzo o sobrolho. O Julian raramente admite que erra, portanto, dizer que estou chocada é um eufemismo.

Isto é inédito.

Lanço-lhe um olhar furioso. Ele faz um esgar. É uma história tão antiga quanto o tempo.

O Julian fala primeiro, o que, por si só, é anormal.

— Tens razão.

— Desculpa. Importas-te de repetir? Acho que o meu cérebro falhou por um milésimo de segundo.

— Não deixes que isto te suba à cabeça. — Ele franze ainda mais o sobrolho.

— Estás a gozar? Sou capaz de tatuar na testa essas palavras e a data de hoje, só para tu teres de car a olhar para o lembrete.

— Não posso acreditar que disse aquilo. — O Julian passa a mão pelo rosto.

Já somos dois.

Ele continua a falar, sem mostrar a inibição habitual.

— Não sou pessoa de correr riscos. Nunca fui e, provavelmente, nunca serei, mas isso não signi ca que tenha o direito de julgar as pessoas que gostam de correr riscos.

— Então, porque é que o fazes? — A pergunta escapa-me dos lábios antes de ter oportunidade de pensar duas vezes.

— Porque tenho inveja delas.

Não consigo encontrar palavras para lhe responder em língua

nenhuma, portanto, encosto-me à mesa para me apoiar.

O Julian passa as mãos pelo cabelo, despenteando as madeixas.

— Gostava de conseguir ser o tipo de pessoa que se está nas tintas para as estatísticas de probabilidade e para os piores cenários, mas não é assim que sou.

Inclino a cabeça e o meu mundo inteiro também se inclina. Eu e o Julian não falamos de sentimentos. Que diabos, nem sequer falamos muito.

Discutir? Sim.

Provocar-mos um ao outro? Sem dúvida.

Mas fazer admissões sinceras? Nem pensar nisso.

Para ser franca, pode não ser natural, mas é um pouco... agradável?

Porra. Tenho a sensação de que o Julian agarrou o meu coração com aquela mão enorme e o esmagou.

— Por mais divertido que isto tenha sido... — Torno a esticar a mão para os rolos de papel, com os dedos a tremer, quando o Julian aperta a mão em volta



da minha cintura.

— Espera.

O sangue a latejar nos meus ouvidos faz-me duvidar do que ouvi.

— O quê?

— Desculpa.

Não tenho a certeza de como consigo manter um tom de voz neutro quando lhe pergunto:

— Dois pedidos de desculpa numa semana? Estás a morrer ou coisa que o valha?

— Sinto-me como se estivesse — resmunga ele.

— Bem, vê lá se descobres se isso é contagioso, antes que contagies outra pessoa. — Tento libertar o pulso da mão dele, mas aperta-mo com mais força.

— Os pedidos de desculpa não são contagiosos, Dahlia.

Não, mas os sentimentos são e o certo é que não sei o que esperar se o Julian continuar a comportar-se como um homem decente. Sei lidar com o facto de ele estar zangado, depois de termos passado a maior parte da vida a atirar insultos um ao outro. Mas lidar com o facto de ele me pedir desculpas de maneira madura depois de ferir os meus sentimentos e admitir que está errado?

Para bem de ambos, é melhor não conhecer este Julian.

O Nico devora o almoço a uma velocidade perturbadora antes de ir a correr para a sala de estar para ver o seu programa de televisão preferido, deixando os adultos sozinhos.

— Como está a correr a casa? — pergunta a Jose na, bebendo um gole de água.

— Eu e a Dahlia vamos reunir-nos com a equipa na segunda-feira — responde o Julian.

— Digam lá outra vez qual foi a casa do fundador que compraram? — pergunta a Lily.

— A azul. — Viro-me para a minha irmã.

— Oh. — Baixa os olhos.

— O que foi?

Franze o sobrolho com tanta força que ca com rugas na testa.

— Ouvi dizer que está assombrada.

— Eu também — diz o Rafa.

— Não comeces tu também. — O Julian lança um olhar furioso ao primo.

— Eu disse que tinha ouvido dizer que estava assombrada. Não disse que acredito nisso. — O Rafa encolhe os ombros.

Levanto o braço bom.

— Estás a ver?! Eu disse-te que toda a gente sabe que a casa tem fantasmas!

O Julian revira os olhos de uma maneira que quase o faz parecer humano.

— Meu Deus. Ainda vão a tempo de vender a casa? — A minha mãe faz o sinal da cruz enquanto a Jose na dá uma gargalhada.

— As pessoas dizem que há um motivo para estar constantemente a ser posta à venda. — A Lily apoia o cotovelo na mesa.

— É verdade. — A Jose na anui.

— Contem-nos tudo o que sabem. — Faço um gesto para que ela continue.

— Luzes tremeluzentes... — diz a minha irmã baixinho.

— É normal haver falhas elétricas numa casa tão velha — interrompe o Julian.

— Se vais interromper-me constantemente, não digo mais nada — resmunga a minha irmã.

Com o braço bom, dou uma cotovelada ao Julian com força su ciente para o fazer gemer.

— Deixa-a acabar de falar.

Ele lança-me um olhar furioso pelo canto do olho.

A Lily ca a olhar xamente para o Julian durante uns segundos antes de se virar novamente para mim.

— Adiante, quando andava no liceu, houve algumas pessoas da minha turma que passaram a noite na casa, em resposta a um desa o.

— E?

O Rafa e o Julian trocam um olhar por cima da mesa.

A Lily ignora-os.

— Supostamente, um deles ainda hoje dorme com as luzes acesas. O

outro mudou-se para outra cidade e tornou-se padre.

— Estás a gozar! — Fico de olhos arregalados.

— Népia. A mãe dele implorou ao município que demolissem a casa, para o lho dela poder regressar, mas é evidente que isso não aconteceu.

Os olhos do Julian brilham mais intensamente do que um cartaz de néon.

— Talvez devêssemos fazer a vontade à cidade e demoli-la.

— Pensei que não acreditavas em fantasmas. — Os meus molares rangem.

— Talvez possa deixar-me convencer.

Idiota. Piso-lhe o pé. Com a velocidade de um relâmpago, a mão dele fecha-se em volta da minha coxa e aperta-ma com força su ciente para eu me engasgar.

— Estás bem? — pergunta-me a minha mãe.

— Sim. Engasguei-me com um pedaço de bife.

— Toma. — A mão do Julian larga a minha coxa antes de empurrar um copo de água para a minha mão boa.

Bebo um gole lentamente, sem desviar os olhos dos dele. Quando termino, passo a ponta da língua pelo lábio inferior, para limpar quaisquer gotas que tenham sobrado.

O Julian desvia os olhos, embora a maneira como engole em seco o denuncie.

Homens.

Os olhos da Lily oscilam entre nós como uma bola de pingue-pongue, antes de se xarem em mim.

— Podes perguntar pela casa a qualquer pessoa da cidade e todos terão uma história diferente para te contar.

— Achas que é o Gerald? — Viro-me para o descrente.

— Não. É provável que seja a canalização e a instalação elétrica

velhas e os materiais a dar de si à noite, quando a casa arrefece.

— É claro que tinhas de dizer isso. — A Lily revira os olhos.

— Seja como for, em São Francisco, tive de lidar com uma ou duas propriedades assombradas, portanto, não tenho medo de alguns fantasmas —

digo.

A minha irmã dá uma gargalhada.

— O que é que vais fazer? Contratar um padre ou coisa que o valha?

— Ou coisa que o valha.

O Julian olha para mim por entre as pestanas grossas.

— O que é que estás a planear?

— Nada com que tenhas de te preocupar. — Por enquanto.

38 Claro que si: Claro que sim.

39 Este homem: Este homem.

CAPÍTULO DEZOITO

Dahlia

Depois de um demorado jogo de Monopólio que terminou antes da coroação de um vencedor, o Rafa e o Nico despedem-se. A Jose na e o Julian fazem o mesmo cinco minutos depois, portanto, decido sair com eles e pedir à Jose na que me deixe na biblioteca.

— Onde é que vais? — pergunta-me a minha mãe, enquanto me esforço por calçar os ténis.

— Quero ir à biblioteca antes de fechar.

A minha mãe mexe no o de ouro com uma cruz.

— Tens de ir agora? Vai escurecer não tarda nada.

— São cinco da tarde — resmungo, enquanto tento en ar o ténis e falho. O

Julian, numa pura exibição falsa de comportamento cavalheiresco,

baixa-se para me ajudar e apoia-se num joelho.

A minha mãe solta um ah enquanto a Jose na ca com os olhos a brilhar.

Nenhuma delas consegue ver a maneira desprezível como ele sorri desdenhosamente para mim.

O Julian arma estas exposições desde que éramos adolescentes, fazendo com que ambas as nossas mães o tratem como se fosse um príncipe com um sapatinho de cristal.

A única coisa que tem de principesco é ser um real chato.

Ajuda-me a calçar o ténis cuidadosamente antes de apertar os atacadores. O

leve toque dos dedos dele no meu tornozelo faz-me car com pele de galinha no corpo todo e faço um grande esgar.

— Obrigada. — A palavra sai-me apressadamente conforme ele se levanta.

Ignoro a pulsação acelerada e viro-me para a Jose na.

— Importas-te de me deixar na biblioteca antes de ires para casa?

Ela franze o sobrolho.

— Adoraria, mas tenho de ir à quinta dos Smith para tratar de umas coisas

para o festival.

— Não faz mal.

— Mas o Julian pode levar-te à cidade. — Todo o rosto dela se ilumina.

— Obrigada, mas acho que pre ro ir a pé. Vai fazer-me bem apanhar ar fresco depois de ter passado o dia em casa. — Puxo a Jose na para lhe dar um abraço com um só braço.

A Jose na faz um aceno de mão.

— Que disparate. A biblioteca ca a caminho de casa do Julian.

— O inferno já ca muito longe, sem ser preciso acrescentar mais uma paragem.

O Julian bufa desdenhosamente enquanto a minha mãe semicerra os olhos.

— Dahlia! — exclama naquele tom de me fazer car com os cabelos em pé.

— Estou a tentar ser cortês.

— Acho que desconheces o signi cado da palavra — resmunga o Julian, num tom de voz tão baixo que só eu o oiço.

— Desculpa, não percebi o que disseste — digo-o num tom exagerado e até pestanejo para dar ênfase.

Ele franze o sobrolho.

— O Julian não se importa de me fazer esse favorzinho. Pois não, mijo? — A Jose na estica a mão e aperta-lhe o bíceps.

— Faria qualquer coisa por ti, mãe. — O Julian dá um beijo na cabeça da mãe dele e outro no rosto da minha, antes de olhar para mim. — Espero por ti na carrinha.

A minha mãe espera que o Julian feche a porta antes de falar.

— Vocês alguma vez se vão entender?

— Rosa — avisa-a a Jose na.

— O que foi? Pensei que iam crescer e ultrapassar esta...

— Animosidade? — sugiro.

— Imaturidade — termina a minha mãe.

Au.

— Nós sabemos ser maduros.

Ambas levantam o sobrolho.

— Quando queremos ser — continuo.

Elas trocam um olhar.

— Não importa. Normalmente, é ele que começa.

— O Nico usa a mesma lógica. — Os olhos da Jose na iluminam-se.



Ser descrita como imatura é uma coisa, mas ser comparada com um miúdo de oito anos?

— Percebo o que queres dizer. — Franzo o nariz, irritada.

Estar com o Julian depois de passarmos quase uma década afastados traz ao de cima o pior de mim. As coisas entre mim e ele sempre foram tensas, e só pioraram depois de irmos para a universidade e nos depararmos com um problema diferente.

Tensão sexual.

A minha mãe põe-me o cabelo atrás da orelha e endireita-me o colar.

— Detesto ver-vos a discutir.

Às vezes, eu também. Há breves momentos em que desejo que pudéssemos voltar ao tempo antes de tudo mudar.

Antes do nosso beijo.

Antes de o Julian me ter partido o coração e destruído qualquer esperança que houvesse para nós.

Antes de ele ter desistido de Stanford e de se ter excluído da minha vida, deixando-me a sofrer não só com a perda do Luis Senior, mas também do lho dele.

Sinto um aperto no peito.

Nunca disse ao Julian o quanto me magoou ser descartada como se não importasse.

E nunca lhe vais dizer.

A viagem de carro até ao Bairro Histórico é curta, com a playlist do Julian a encher o silêncio. Só quando para em frente à biblioteca é que, nalmente, fala.

— O que é que se passa?

— Não te preocupes com isso. — Desaperto o cinto de segurança.

— É impossível não me preocupar contigo.

Torno a sentir borboletas na barriga.

— O que estás a tramar? — pergunta-me depois de uns segundos de silêncio.

— Vou tentar saber mais informações sobre a casa do fundador. Talvez consiga saber alguma coisa sobre o Gerald e a Francesca e o porquê de a casa estar assombrada.

— Os fantasmas não existem. — O Julian cerra o maxilar.

— Não dormiste de luz acesa até aos doze anos?

— Só porque tinha de me levantar muitas vezes para ir à casa de banho. — O

olhar furioso que me lança tem o efeito oposto.

— Certo! Tinha-me esquecido de que também costumavas fazer chichi na cama!

Soltando um grunhido frustrado, o Julian continua a avançar estrada abaixo.

— Onde é que vais? — A biblioteca vai desaparecendo no meu retrovisor lateral.

O Julian vira na estrada seguinte.

— Vou estacionar no parque atrás da biblioteca.

— Porquê?

— Porque não quero testemunhas do teu homicídio.

— Se me matares hoje, vais mudar rapidamente de opinião em relação aos fantasmas.

Ele continua inexpressivo enquanto vira à direita e estaciona num lugar vago.

Salto para fora da carrinha antes de ele ter oportunidade de dizer o que quer que seja e encaminho-me para a biblioteca. O ar tem um leve

odor a livros antigos e a café acabado de fazer quando me dirijo para junto da Beth, a bibliotecária, que está sentada na receção.

Estou tão concentrada na minha missão de conseguir a chave especial que dá acesso aos jornais antigos que nem tenho hipótese de me sentir ansiosa por ver a Beth.

Grandes progressos.

— Olá, Beth. — Encosto-me ao balcão com um sorriso hesitante. A Beth trabalha aqui desde que eu era pequena e tem uma cabeleira do tamanho do Texas e um guarda-roupa saído diretamente da década de 1950.

— Dahlia! Ouvi dizer que tinhas voltado! — Pousa uma pilha de livros antes de dar a volta à secretária de braços abertos.

Mostro-lhe o braço engessado para a impedir de me puxar para um abraço.

— O que é que aconteceu? — Ela franze o sobrolho.

— Caí de um escadote. E tu, como estás?

Ela agarra-me no outro braço e olha bem para mim.

— Estou melhor, agora que vieste visitar-me. Passou muito tempo desde a última vez que te vi.

— Eu sei. — Manter-me afastada foi fácil, comparativamente à alternativa.

Enfrentar a pessoa quebrada em que me tornei.

— Se soubesse que cá vinhas, tinha trazido o meu exemplar do teu livro de

design.

— Compraste-o?

— Claro! — Ela sorri de orelha a orelha.

Algo no meu peito incha de orgulho.

— Acompanhei todas as coisas maravilhosas que zeste. Equipa da Dahlia para sempre, certo? — Levanta a mão para eu lhe dar uma

palmada.

— Certo. — Mal consigo esconder o esgar enquanto lhe dou um high ve.

— Tencionas car cá para sempre, agora que tu e aquele Olive acabaram?

A Beth é a primeira pessoa da cidade a mencionar o meu ex — embora se engane no nome —, mas, em vez de entrar em pânico, tenho um acesso de riso.

— Não tenho a certeza. Duvido de que eu e o Julian sobrevivêssemos mais de alguns meses na mesma cidade sem nos matarmos um ao outro, portanto, vou voltar para São Francisco no m do ano.

A Beth espreita para trás da minha cabeça com uma sobrancelha levantada.

— Julian Lopez? O que é que estás aqui a fazer?

Os meus músculos cam tensos quando me viro e vejo o Julian a olhar para mim com uma expressão furiosa.

— Vim com ela.

— Porquê? — pergunto-lhe de chofre.

A veia do rosto dele lateja enquanto ignora a minha pergunta.

— É preciso lembrar-vos aos dois das regras? — A Beth faz um aceno de cabeça para a placa atrás da secretária. A maioria das regras da biblioteca foram criadas depois de alguns incidentes entre mim e o Julian, ao longo dos anos, que envolveram isqueiros, cornetas e pistolas de brincar.

— Não, senhora — respondemos ambos ao mesmo tempo.

— Bem, em que posso ajudar-vos? — A Beth regressa ao seu posto atrás do balcão.

— Gostava de ver alguns recortes de jornais antigos.

A Beth abre uma gaveta e tira um molho de chaves.

— Procuras alguma coisa especí ca?

— Tudo sobre a casa azul do fundador.

— Oh.

— Já ouviste falar dela?

— É difícil encontrar alguém que não tenha ouvido falar dessa casa.

—

Estende-me o chaveiro. — Os recortes devem estar organizados por ordem cronológica e o projetor está na sala ao lado da casa de banho, se precisares de o

usar.

— Obrigada! — Pego nas chaves.

— A biblioteca fecha daqui a uma hora — acrescenta a Beth.

— Entendido! — Dirijo-me para os arquivadores que estão nas traseiras.

O Julian ca parado ao meu lado enquanto procuro a primeira gaveta cheia de exemplares do Semanário de Wisteria que data da fundação da cidade, em nais da década de 1890. Leio rapidamente as manchetes, procurando qualquer informação que possa ser útil.

Depois dos primeiros cinquenta recortes, co com a vista turva. A este ritmo tremendamente lento, só vou conseguir ver quatro anos do Semanário de Wisteria antes de a biblioteca fechar.

O matraquear incessante dos dedos do Julian no ecrã do telemóvel não ajuda em nada e dou por mim a repreendê-lo.

— Sei que é difícil, mas podias pelo menos tentar ser útil?

— Não me pediste ajuda.

Olha quem fala! Tenho a certeza de que, se o Julian estivesse em chamas, ia tentar apagá-las sozinho antes de pedir ajuda a quem quer que fosse, de tão teimoso que é.

Não signi ca que tu tenhas de ser.

— Podes, por favor, ajudar-me?

— Adoro quando dizes por favor. — Aquela voz profunda de barítono

faz coisas ao meu baixo-ventre que deviam ser consideradas ilegais.

— Idiota. — Fecho a gaveta com força su ciente para fazer tremer o arquivador.

— Rainha. — Atira-me à cara a velha alcunha. Há muito tempo, quando ganhei um concurso de beleza depois de o Julian ter apostado que eu nem conseguia car entre as três primeiras, rainha passou a ser a alcunha preferida dele para mim.

Não me voltou a chamar isso desde a universidade, quando me beijou até eu quase perder os sentidos.

Um beijo de que se arrependeu imediatamente.

Ele que se lixe.

Abro bruscamente a primeira gaveta a que deito a mão e aponto para o primeiro cheiro.

— Procura qualquer coisa relacionada com a casa, o Gerald Baker ou alguém chamado Francesca.



— Acho que encontrei qualquer coisa. — Os olhos do Julian percorrem o recorte que tem na mão.

— O quê?! — Depois de meia hora a pesquisar jornais, mal consigo conter a excitação que me tinge a voz.

— Vem comigo. — O Julian leva-me para uma mesa próxima.

Puxa uma cadeira para mim e ca à espera. Sento-me e as pontas dos dedos dele roçam-me as omoplatas quando aproxima a cadeira da mesa. Felizmente, a minha inspiração brusca não se ouve por cima do barulho das pernas da cadeira a raspar no chão.

O braço do Julian roça no meu quando aponta para o cabeçalho. Inclino o corpo para aquele toque antes de despertar deste feitiço que ele me lançou.

— O Gerald morreu antes de a casa esta totalmente terminada.

— Não! — Pestanejo.

— Olha. — Empurra o artigo para mim antes de afastar a cadeira dele.

Leio o artigo de sobrolho franzido. Segundo o repórter, o Gerald morreu de uma infecção bacteriana e deixou dois cães. Fontes da cidade próximas do Gerald disseram que se recusou a ir para o hospital porque queria morrer no conforto da sua casa semiacabada.

— É tão triste. — Sinto picadas nos olhos.

— Histórias como esta fazem-me sentir contente por ter nascido depois da invenção da penicilina.

Olho para a fotogra a cheia de grão que retrata o Gerald a segurar uma pá diante de um lote de terreno.

— Não viveu o suficiente para ver a casa terminada.

— Parece que não.

— Nem para casar com o seu verdadeiro amor.

— Poucas pessoas o fazem. — A voz dele denota uma certa irritação.

— A Francesca deve ter cado destroçada quando soube da morte dele.

— Porquê?

— Como assim, porquê?! Porque estavam apaixonados. — Recuo.

— Se ela realmente o amasse, teria cado do lado dele desde o início.

— Foi ele que lhe disse para não vir até que a cidade estivesse terminada.

— E o erro foi dela, por lhe ter dado ouvidos.

Não consigo evitar sentir-me defensiva em relação à Francesca e às suas

escolhas, sobretudo quando me identi co um pouco com ela.

— Ela esperou por ele, escreveu-lhe cartas e agarrou-se ao sonho de que um dia casariam, apesar de as probabilidades estarem contra eles. É isso que as pessoas fazem quando estão apaixonadas.

— Se tu o dizes.

A lata deste homem.

— Para alguém que nunca esteve apaixonado, tens muitas opiniões sobre o assunto.

A veia do pescoço dele começa a latejar ao ritmo errático do seu coração.

— E se tiver sido ele que não quis arriscar nela? — continuo. — E se ela lhe tiver implorado para se juntar a ele, e ele tiver recusado repetidamente? Ele podia tê-la pedido em casamento a qualquer altura, e talvez o pai dela tivesse concordado porque queria o melhor para a lha.

— Isso são muitas suposições.

— Tu és que estás a tirar conclusões precipitadas ao julgá-la a ela por não ter a coragem de se juntar a ele, quando talvez tenha sido ele que teve demasiado medo dos riscos. Talvez ele devesse ter construído uma vida com ela em vez de construir paredes para a manter afastada.

Merda. Merda. Merda!

— Dahlia... — O Julian abre e fecha os punhos contra a mesa.

Baixo os olhos para o jornal, numa tentativa falhada de esconder o rosto corado.

— Seja como for, é provável que o Gerald seja o fantasma, portanto, o caso está resolvido.

— Eu nunca te julguei. — Apesar de falar num murmúrio, é como se tivesse gritado as palavras.

— Estava a falar da Francesca. — Levanto-me.

Ele faz o mesmo.

— É engraçado, porque, por momentos, pareceu-me que estavas a falar sobre nós. A sensação que tenho na garganta é que ele ma agarrou com as duas mãos e ma apertou.

— É uma suposição muito narcisista da tua parte.

— No mames. Háblame. 40

Afasto os olhos dos punhos cerrados do Julian.

— Estás cerca de dez anos atrasado para ter essa conversa, não achas?

— Claramente, isto é um erro tremendo.

— Não seria a primeira vez que dizes isso.

O Julian abre a boca e fecha-a bruscamente.

A verdade é que posso dar ao Julian cem oportunidades para me explicar porque é que me afastou da vida dele, mas isso não vai mudar a verdade que deixou dolorosamente clara.

Não gostava de mim.

— Está tudo bem. — Uma gargalhada amarga sobe-me pela garganta.

— Nunca quis magoar-te. — Numa única frase, expõe todas as minhas inseguranças.

— Não magoaste — minto.

— O que eu z... — Perde a voz, juntamente com qualquer coragem que tivesse encontrado.

Ótimo. Pre ro que seja assim.

— As coisas acontecem como têm de acontecer — digo-lhe.

O Julian dobra e desdobra o jornal e depois torna a dobrá-lo.

— Nunca esperei que também te dedicasses ao design.

Teria sabido que era o que eu queria se me tivesse dado oportunidade de lhe explicar as minhas esperanças e os meus medos, em vez de presumir que sabia o que era melhor para mim e me pressionar para car em Stanford e acabar o curso de Ciências Políticas que nunca quis tirar.

Sempre me interessei por design — isso tornou-se evidente quando os meus pais remodelaram a nossa casa e me deixaram escolher a maior parte dos acabamentos e da mobília —, mas nunca verbalizei esse interesse, porque eles estavam empenhados em que eu tirasse um curso profissional.

— Fui a uma ou duas aulas antes de tu desistires da universidade. — Além disso, juntei-me a um clube de design e arranjei um mentor do programa de design de interiores, porque queria aprender mais sem ter de mudar de curso.

— Não sabia. — O Julian levanta as sobancelhas.

— Ninguém sabia. — Passei a maior parte da minha vida a jurar que me ia tornar numa advogada de sucesso, em parte, porque os meus pais queriam que eu tivesse um emprego estável e bem remunerado, portanto, a última coisa que queria fazer era desiludi-los, desperdiçando uma bolsa completa para Stanford numa carreira sem garantias de sucesso.

Os meus fãs acham que a história da licenciada em Ciências Políticas que se tornou

designer de interiores é cativante, mas a verdade é que representa a minha luta de toda a vida com o medo de fracassar.

O Julian ca em silêncio enquanto parece re etir sobre o quebra-cabeças mental das nossas memórias.

— Quando te ofereceste para voltar e trabalhar comigo na empresa...

— Não precisas de falar no passado. Não é como se pudesses voltar atrás e mudar alguma coisa.

— Às vezes, gostava de poder fazê-lo.

Sinto um peso tão grande nos pulmões que a respiração se torna numa tarefa complicada.

O Julian desvia o olhar.

— Sempre me arrependi da maneira como lidei connosco. Não quis...

— O

resto da frase ca por dizer quando a Beth aparece vinda de trás de uma estante.

— A biblioteca vai fechar, meninos! Vão ter de terminar isso e voltar amanhã, porque tenho um encontro marcado com um balde de gelado que não pode ser adiado.

— Obrigada, Beth. — Ignoro a expressão ansiosa do Julian à medida que lhe devolvo as chaves e me dirijo ao arquivador, levando o jornal.

O Julian não diz mais nada. Não o faz quando entramos para a carrinha. Não o faz durante o percurso até minha casa e também não o faz quando me escapulo lá para dentro com uma réstia de dignidade intacta.

Há pouco, cometi um deslize. Estar perto do Julian passado todo este tempo é como abrir uma velha ferida e, em vez de manter a calma, deixei que as minhas emoções levassem a melhor.

Apesar de me esforçar por esquecer a conversa que tivemos, dou por mim a repetir todo o diálogo quando me eno na cama para ir dormir.

O que é que o Julian ia dizer antes de a Beth nos interromper?

Será que estava a falar a sério quando disse que não queria julgar-me? Porque isso parece-me impossível, depois de eu ter acabado por namorar com o colega de quarto dele que, em tempos, considerou um amigo.

E o que teria acontecido se eu lhe tivesse confessado que ele não é o único a arrepender-se das suas ações, porque eu também me arrependo das minhas?

40 Háblame: Fala comigo.

CAPÍTULO DEZANOVE

Julian

Aideia de voltar para a minha casa vazia é tão atrativa como uma desvitalização sem anestesia, portanto, vou para o Last Call depois de deixar a Dahlia em casa. O bar está quase vazio, com apenas alguns resistentes domingueiros a ocupar os bancos e as mesas altas. Faço um aceno de cabeça para alguns conhecidos antes de ocupar o meu lugar habitual no fundo do bar.

— Uma Modelo? — Henry, o velho barista, põe um guardanapo à minha frente. Anuo e ele pousa uma garrafa da minha cerveja preferida.

— Abre-me uma conta. — Atiro o cartão de crédito para cima do balcão e bebo meia garrafa de um só trago.

— Foi um dia difícil? — pergunta-me um tipo sentado a uns bancos de distância.

— Pode dizer-se que sim. — Tento ver-lhe o rosto, mas o boné de beisebol mantém-no na sombra.

— Problemas no trabalho?

Fico calado e bebo mais um gole.

— Problemas com a família.

Mantenho os olhos postos na prateleira de bebidas alcoólicas que está à minha frente.

— Problemas com uma mulher.

Aperto os dedos em volta da garrafa.

— Aah. Estou a ver. — Olha para mim com aqueles olhos escuros e minúsculos que reconheceria em qualquer lado.

É o Lorenzo Vittori.

Bebe um longo gole do copo alto antes de o pousar no balcão.

— Julian Lopez, certo?

— Sim. — Fico com os músculos tensos debaixo da camisa.

— Diria que é um prazer conhecer nalmente o homem que tornou o último

ano incrivelmente difícil para mim, mas estaria a mentir.

Continuo em silêncio. Concorrer contra as ofertas que o Lorenzo fez pelas casas foi fácil, especialmente com as ligações profundas que tenho com todos os habitantes da cidade.

As pessoas da cidade podem não gostar que eu compre as propriedades mais antigas apenas para as demolir, mas com am mais em mim do que no Lorenzo, que só viveu aqui até à morte dos pais.

— Não és muito falador? — O sorriso não lhe chega aos olhos mortícios.

Em vez de lhe responder, bebo um grande gole de cerveja. A maior parte das pessoas da cidade considera-me tímido. Reservado. Calado. Aquilo que, em tempos, foi um ponto fraco, tornou-se no meu ponto mais forte, sobretudo quando tenho de lidar com idiotas con ituosos como o Lorenzo.

Ele dá um grande suspiro exagerado.

— É normal seres um tédio ou reservas o estereótipo estoico e silencioso para mim?

O Henry bufa desdenhosamente.

Faço uma expressão furiosa.

O Lorenzo levanta o copo vazio com um sorriso desdenhoso.

— Que tal mais uma rodada aqui para mim e para o meu amigo?

— Não somos amigos. — Mantenho um tom inexpressivo, apesar da irritação que sinto.

— Estás a passar a noite de domingo num bar, a beber na minha companhia, de todas as pessoas. Se tens amigos, é evidente que são uma porcaria.

Acertou em cheio no meu ponto fraco. Com exceção do Rafa, não tenho outros amigos, dado que metade dos homens da cidade trabalha para mim e a outra metade tem o dobro da minha idade.

Expandir a empresa do meu pai exigiu sacrifícios e a minha vida social foi um deles.

Mas não foi o maior.

As palavras que a Dahlia me disse à tarde assombram-me.

Talvez tenha sido ele que teve demasiado medo dos riscos. Talvez ele devesse ter construído uma vida com ela em vez de construir paredes para a manter afastada.

O que aconteceu foi que, quando o meu pai morreu, debati-me com uma longa lista de problemas — e o medo foi apenas um deles. Orgulho. Raiva.

Desgosto. Tudo na minha vida piorou, e a minha personalidade também.

Coisas que eu quisera — como uma licenciatura de Stanford e uma oportunidade de ter uma relação especial com a Dahlia — deixaram de ser possíveis depois de a minha vida mudar drasticamente de um dia para o outro.

Ainda mal era adulto quando tomei a decisão de afastar a Dahlia e isso levou à minha opção imatura de a cortar da minha vida, depois de nos termos tornado amigos durante o primeiro ano da universidade. Fui insensível e injusto, portanto, ela tinha todo o

direito de procurar alguém que a zesse sentir-se segura, de uma maneira que eu — sendo um tipo de vinte anos que tinha de lidar com o desgosto, ao mesmo tempo que tentava salvar a empresa do pai que estava a passar por di culdades — não conseguia.

Uma memória que mantive reprimida vem à superfície, arrastando-me de volta ao tempo que passei em Stanford.

«Quando tencionas dizer à Dahlia que gostas dela?», perguntou-me o Oliver certa vez, quando a Dahlia saiu do nosso quarto depois de uma sessão de estudo noturna.

«Quem te disse que eu gosto dela?» Mantive um tom descontraído, apesar de car com a pulsação acelerada.

«Sorriste quando voltaste da casa de banho e a apanhaste a bisbilhotar na tua secretária.»

Não lhe respondi. O Rafa era a única pessoa com quem me sentia su cientemente confortável para falar sobre a minha paixoneta e não tencionava mudar isso.

O Oliver encolheu os ombros. «É melhor que lhe digas rapidamente, antes que outra pessoa se atire a ela.»

Sou arrancado do passado por uma dor aguda que me trespassa o coração. Por mais vezes que diga a mim mesmo que não podia saber que o Oliver era um idiota, ainda me sinto um pouco responsável por o ter apresentado à Dahlia.

Se não a tivesses afastado, ela nunca se teria aproximado dele.

Bebo um gole de cerveja, na esperança de eliminar o sabor amargo que tenho na boca.

Nenhuma quantidade de álcool vai mudar o facto de gostares dela o su ciente para sentires ressentimentos contra ti mesmo.

Porra. Passo a mão pelo rosto. Vim beber para um bar para parar de pensar na Dahlia.

— Henry, dás-me a conta, por favor? — Engulo o resto da cerveja e levanto -

me.— Onde vais? — O sorriso do Lorenzo transforma-se rapidamente num



esgar.

Ignoro o homem que parece não entender uma indireta. O Henry passa rapidamente o meu cartão na máquina e dá-me o recibo para assinar.

— Pensei que íamos ter um verdadeiro momento de união. — O gelo do copo do Lorenzo chocalha quando bebe um grande gole.

— Quanto é que me vai custar fazer-te sair desta cidade?

— Não tenho interesse em ganhar mais dinheiro.

Paro por um segundo.

— Então, o que é que queres?

— Só digo isso aos meus amigos. — Levanta o copo num brinde ngido antes de beber o resto de uma golada.

Dou uma gorjeta decente e assino o talão da conta antes de sair do bar. O

alívio que sinto por escapar à conversa ada do Lorenzo não dura muito, quando me lembro da dor surda que sinto desde que saí da biblioteca.

Esfrego o ponto por cima do coração, desejando que a dor desapareça.

Boa sorte com isso.

A única maneira de me livrar deste latejar constante é eliminando a pessoa que o provoca.

A Dahlia Muñoz.

Passo o resto da noite a pensar numa maneira de me livrar da Dahlia. Em traços simples, se arranjar uma maneira de acelerar a renovação da casa, o lado criativo dela voltará a manifestar-se e isso restaurará a sua crença no design.

Depois, pode regressar à vida dela em São Francisco e deixar-me a viver a minha como é hábito.

O plano é infalível. Só preciso de me certi car de que o Ryder e o resto

da equipa concordam com as alterações, dado que teremos de adiar outro projeto para fazer este.

Portanto, apesar das minhas reservas, na segunda-feira de manhã apareço na casa do fundador para falar pessoalmente com o Ryder.

— Olá, chefe. Não estava a contar consigo hoje. — Fecha a parte de trás da carrinha.

— Houve algumas alterações ao plano original.

— Que alterações? — O sol reete-se nos olhos castanhos dele.

— Precisamos de terminar este projeto nos próximos três meses.

Levanta tanto as sobrancelhas que quase tocam na pala do capacete de segurança.

— O quê?!

— Achas que conseguimos terminar tudo até ao fim de janeiro?

Os olhos do Ryder oscilam entre mim e a casa decrépita.

— Depende do que encontrarmos no interior.

— Podemos mudar os calendários e adiar outros projetos, se isso significar terminar este mais depressa. Quero toda a gente a trabalhar nisto.

— Se não se importa que lhe pergunte, qual é a pressa? — pergunta-me.

A resposta à pergunta dele chega à casa de carro, com o Ozuna a cantar tão alto que se ouve através das janelas fechadas.

A Dahlia sai do carro da irmã com botas de cabedal, uma camisola na que não deve servir de muito para afastar o frio de fim de outubro e uma saia de um estilista feita à medida para dar comigo em doido.

Deus me dê forças para aguentar esta reunião com a minha equipa enquanto tento esconder a ereção.

Vejo um laivo de hesitação no rosto dela antes de pôr os óculos escuros na cabeça e estender a mão para o Ryder.

— Olá, sou a Dahlia.

— Ryder. Sou o gestor de projeto. — Não tira os olhos do rosto dela.

A seguir, a Dahlia apresenta-se ao engenheiro e ao arquiteto, ambos os quais a olham apreciativamente.

Vais mesmo ter ciúmes dos teus próprios funcionários?

Da maneira como a Dahlia olha para eles, com os grandes olhos castanhos e o sorriso rasgado, podes apostar que sim.

— Vamos começar! — expludo, querendo acabar com esta visita antes que despeça alguém.

Inicialmente, a Dahlia mostrou-se hesitante em falar e deixou-me assumir o controlo, mas, passados dez minutos, já travou amizade com a minha equipa e começou a agir como é seu hábito.

Dou por mim sem palavras enquanto a vejo colaborar com a minha equipa como se tivesse passado anos a trabalhar com eles, em vez de apenas uma hora.

Estou impressionado com os conhecimentos que tem e o Ryder também parece maravilhado com a experiência dela no que toca a casas vitorianas.

Rabisca qualquer coisa na prancheta.

— Tendo em conta as mudanças que quer fazer, creio que podemos terminar

o projeto no prazo de três meses pedido pelo Julian.

— Três meses? — A Dahlia olha de relance por cima do ombro. — Pensei que tinhas dito que podia demorar seis a oito meses.

— Mudança de planos. — Baixo o queixo.

— Que sortudo. — A Dahlia semicerra os olhos.

Desde que a Dahlia voltou a entrar de rompante na minha vida, sinto-me tudo menos sortudo.

Ela continua a falar e os meus funcionários fazem tudo o que está ao seu alcance para a apoiar. Afasto-me um pouco da equipa para atender uma chamada, apenas para regressar e dar com eles a rir-se de algo que ela disse.

— O que é que se passa?

O Ryder sorri de orelha a orelha.

— A Dahlia estava a contar-nos uma história sobre a diferença entre as renovações de casas na vida real e as que ela fazia na televisão.

— E?

— Descobri que, em certas cenas, a produção lavava as mãos de outro trabalhador da construção, porque o noivo dela não fazia a mínima ideia do que estava a fazer.

— Ex-noivo. — Não faço ideia de porque é que a questão de esclarecer isto, mas arrependo-me assim que a palavra me sai da boca.

A Dahlia cerra as mãos ao lado do corpo.

— Julian. Posso dar-te uma palavrinha?

A minha barriga dá um salto conforme ela se dirige intempestivamente para a cozinha, deixando-me sozinho com a minha equipa.

— Bolas. Foi alguma coisa que tenhamos dito? — O Ryder faz uma careta.

— Fui só eu a ser idiota. Continuem. — Viro-me na direção em que a Dahlia foi. Demoro um minuto a encontrá-la lá fora, a olhar para o lago, com o braço bom encostado ao suporte.

— O que é que se passou ali dentro?

— Um erro. — Tenho andado a tropeçar num monte de emoções e bastou uma referência ao Oliver para eu cair de cabeça num poço de ciúmes.

Os olhos dela mantêm-se focados na vista.

— Gostas de tentar fazer-me sentir mal?

— Claro que não. — Lanço a cabeça para trás.

A Dahlia vira-se.

— Se isto é o teu plano para correres comigo da cidade, é bom que te esforces

mais. Não passei os últimos cinco anos da minha vida a lidar com trolls da Internet e com uma futura sogra-monstro para recuar ao primeiro sinal de adversidade. Isso te posso garantir.

— Não estou... — Tento centrar-me. — Percebeste tudo mal.

Embora queira que ela se vá embora de Lake Wisteria, nunca a envergonharia diante da minha equipa para acelerar o processo, sobretudo não depois de ver a di culdade que ela tem de lidar com pessoas ultimamente.

— Nesse caso, faz o favor de explicares. — A Dahlia semicerra os olhos.

O problema é que eu não quero explicar, porque a seguir teria de admitir que ainda sinto ciúmes do Oliver, depois de ter passado anos a convencer-me a mim mesmo de que já tinha ultrapassado tudo o que aconteceu entre mim, ele e a Dahlia.

Portanto, em vez de admitir a verdade, mantenho-me na minha zona de conforto.

En o as mãos nos bolsos.

— Podia ter-me livrado de ti há semanas em vez de me dar ao trabalho de trabalharmos juntos.

— Oh, a sério? — Ela inclina a cabeça para o lado.

— O presidente da câmara ainda mantém a recompensa por informações sobre quem atirou ovos ao Jaguar dele há doze anos.

— Não te atreverias. — A Dahlia arregala os olhos.

— Se continuares a pensar o pior de mim, talvez me atreva.

As narinas dela estremeçam.

— Se não queres que eu pense o pior de ti, mantém a chantagem ao mínimo.

Costuma enviar a mensagem errada.

— Combinado. — Abafo uma gargalhada.

CAPÍTULO VINTE

Julian

Expandir a minha empresa para lá das fronteiras de Lake Wisteria sempre fez parte do plano. Passei o último ano a fazer pesquisa nas cidades lacustres vizinhas, a ir a reuniões da câmara municipal e a visitar inúmeras casas abertas para me certi car de que escolhia a segunda localização perfeita para os Empreendimentos de Luxo Lopez.

Devia estar felicíssimo com a compra da minha primeira casa em Lake Aurora, depois da enorme di culdade que tive em convencer o município a aprovar o meu plano de aumentar o turismo e triplicar o valor das propriedades.

Em vez disso, tenho uma sensação de vazio quando vejo a minha assinatura secar nos documentos.

A minha agente imobiliária junta o contrato ao resto do cheiro.

— Contactarei o seu assistente quando os proprietários da mansão da Vereda do Zimbros aceitarem vender a casa.

— Está convicta de que o farão?

Ela guarda o cheiro na pasta antes de pôr a correia ao ombro.

— Oh, sim. É apenas uma questão de tempo. Além disso, já tenho outras duas famílias prontas para vender um lote do seu terreno. Aparentemente, depois de verem o que o Julian fez na cidade, as pessoas estão mais dispostas a vender as propriedades.

— Ótimo. — O meu entusiasmo é nulo.

— Há mais alguma coisa em que possa ajudá-lo? — Ela franze o sobrolho.

— Não. Mantenha o Sam informado sobre as outras vendas. — Levanto-me e acompanho-a à porta do meu gabinete.

O Sam larga a sanduíche e encarrega-se de acompanhar a agente imobiliária ao parque de estacionamento.

«Os soalhos têm de sair», anuncia a voz da Dahlia.

Que diabos?

Olho em volta da sala e para o corredor, à procura da Dahlia, e vejo que estão desertos.

«Não temos orçamento para isso», diz a voz alegre do Oliver.

Um episódio do programa da Dahlia está a ser reproduzido no monitor do computador do Sam. Estico a mão, para pôr o episódio em pausa, mas paro antes de tocar na barra de espaços.

A Dahlia olha para o Oliver de sobrolho franzido. «Ontem disseste-me que estávamos abaixo do orçamento e que íamos terminar antes do previsto.»

«Isso foi antes de termos descoberto o problema no sótão.» O Oliver encaixa uma chave de fendas no cinto de ferramentas.

«Qual problema?» Ela parece genuinamente confusa.

«Duas das três traves-mestras têm danos de térmitas e o isolamento tem de ser refeito», explica o Oliver com um sorriso falso.

«Quanto é que isso nos vai custar?»

«Trinta mil, mais coisa menos coisa.»

A Dahlia fecha os olhos por um curtíssimo segundo antes de recuperar.

«Posso trabalhar com isso.»

O Oliver põe o braço sobre o ombro dela, ignorando a maneira como o corpo da Dahlia caía tenso quando a puxa para um abraço. «Achas que é má altura para te falar da cave?»

O ligeiro tremor no olho da Dahlia pode ser confundido com um tique, mas sei que não é isso.

Toco no rato e vejo as informações do episódio. Foi pré-gravado e transmitido ontem, o que faz sentido, tendo em conta que a Dahlia tem o cabelo mais comprido e está mais gordinha.

Outra coisa por causa da qual não me importaria de esmurrar o Oliver.

Dou por mim absorto a ver o desastre que é a relação deles a desenrolar-se. O

Oliver parece olhar através da Dahlia, em vez de olhar para ela, quando ela fala para a câmara, e o sorriso nunca lhe chega aos olhos. A Dahlia não é muito melhor a ngir afeto, tendo em conta os esgares

que faz quando o Oliver explica algumas coisas de construção como se fosse um bebé com um capacete de segurança.

Certa vez, o Sam referiu-se à Dahlia e ao Oliver como o casal poderoso das remodelações, mas estaremos a ver o mesmo programa?

Com base numa rápida pesquisa na Internet, a maioria dos espetadores concorda comigo, descrevendo o programa como desconfortavelmente digno de ser

visto de uma assentada e o casal como infelizmente condenado ao fracasso.

— Oh, bolas. Desculpe. — O Sam bate com o polegar no teclado, pondo o vídeo em pausa.

— Aquilo é... — Tenho di culdade em encontrar a palavra certa.

— Embaraçoso de ver, certo?

— Pode dizer-se que sim. — Cruzo os braços.

— A Dahlia é a minha rainha, mas o Oliver é horrível. Não posso acreditar que, em tempos, o achei xe e descontraído.

Eu também não. Pelo menos, o Oliver era assim antes de se ter atirado à rapariga de quem eu gostava, sabendo perfeitamente o que eu sentia por ela.

— O que é que mudou? — Encosto-me ao canto da secretária do Sam.

— Sempre que a Dahlia tem uma ideia inovadora, o Oliver arranja maneira de dar cabo dela, inventando um problema qualquer. Foi uma fórmula divertida das primeiras vezes, mas agora sinto-me desconfortável ao ver a Dahlia ngir que não está irritada com o Oliver e vê-lo a ele fazer de tudo para a provocar.

És melhor do que ele?

— O programa costuma ser assim? — pergunto-lhe, ignorando as minhas inseguranças.

— Não. Mas é evidente que os problemas pessoais deles passaram para o programa.

— Eu vi. — Foi doloroso de ver.

— Segundo algumas páginas de mexericos que sigo, a família do Oliver queria cancelar o programa, e como são os produtores-executivos...

— A Dahlia tramou-se.

— A produção prejudicou-a ao editar as imagens de maneira a retratá-la negativamente. — O Sam senta-se antes de pegar na sanduíche e começar a comer.

— Eles podem fazer isso?

O Sam bufa.

— Claro. Os reality shows não são conhecidos propriamente pela honestidade.

— Então, qual é o objetivo? — Abano a cabeça.

— Entretenimento.

Não é de admirar que a Dahlia esteja a sofrer. Se há uma coisa que ela valoriza mais do que a carreira, é a reputação, e o Oliver nem sequer a deixou manter isso.

Sou assaltado por um desejo sanguinário de apanhar um avião para São

Francisco e apresentar o Oliver ao meu punho. O meu advogado poderia car furioso, mas a satisfação de sentir o nariz dele partir-se debaixo dos meus nós dos dedos valeria bem o dinheiro da indemnização.

— Quantos episódios faltam para o m da temporada?

— Oito? Talvez nove? Teria de veri car.

Por amor da santa.

O Sam bebe um grande gole pela palhinha de papel.

— Mas a produtora ainda não cancelou a próxima temporada, provavelmente, porque as audiências são mais altas do que nunca. Ontem à noite, as visualizações quase duplicaram, depois de ter sido publicado um artigo que sugeria que a Dahlia e o Oliver tinham acabado por causa de outra mulher...

A voz fria da Dahlia interrompe o Sam a meio da frase.

— Não devia acreditar em tudo o que lê na Internet.

— Dahlia! Está cá! — O Sam salta da cadeira. Enquanto vai buscar alguns cheiros ao arquivador que está atrás da secretária, aproveito para apreciar a Dahlia.

Esquecendo a fúria evidente, está com melhor aspeto do que quando chegou a Lake Wisteria, porque engordou um pouco, arranjou o cabelo e maquilhou-se como fazia antigamente. As cores quentes de outono que escolheu para os olhos realçam as pintinhas douradas das íris, mas é o batom vermelho que capta a minha atenção.

A cor lembra-me a que ela usou numa festa de Halloween na universidade. Os lábios vermelhos da Dahlia eram uma armadilha e eu estava demasiado enamorado da beleza dela para a impedir de me beijar.

Inicialmente, quei surpreendido por ela dar o primeiro passo, mas só demorei uns segundos a perder a inibição e a devolver-lhe o beijo, depois de ter passado três longos anos a massacrar-me por sonhar com isso.

A Dahlia não foi a primeira pessoa que beijei, mas foi isso que pareceu pela maneira como a minha mente e o meu corpo reagiram.

A memória aperta-me o pescoço como uma âncora, arrastando-me para o fundo até só conseguir pensar numa coisa.

Nela.

— O que foi? Tenho o batom esborratado? — Ela limpa os cantos da boca.

Não, mas gostava que tivesses.

Um martelo pneumático a perfurar-me o coração teria sido menos chocante do que a visão dos lábios vermelhos da Dahlia colados aos meus.

Que diabos se passa contigo?

— Estás bem? — Os olhos dela brilham mais do que a Praça da Cidade no Natal.

— O Sam vai ajudar-te a instalares-te no gabinete vago. — Fujo para o

meu próprio gabinete antes que a Dahlia tenha oportunidade de responder.

Não aprendeste nada desde a última vez? Começo a andar para trás e para diante no gabinete, como um animal enjaulado.

É evidente que não, e é precisamente por isso que deves manter o contacto restrito ao mínimo.

A ideia de me afastar do projeto enche-me de temor, sobretudo porque estava ansioso por sair mais do escritório e regressar às minhas raízes.

É melhor assim.

Se isso é verdade, então porque é que me sinto como se alguém tivesse transformado os meus pulmões numa almofada de al netes?

Porque só te estás a castigar a ti mesmo ao planeares evitá-la.

Estarei? Porque não preciso de uma lista de prós e contras para saber que trabalhar com a Dahlia é um desastre prestes a acontecer. O melhor que posso fazer para ambos é distanciar-me um pouco, especialmente quando a minha contenção é posta à prova por uns meros lábios vermelhos.

Sento-me à secretária e envio um e-mail a solicitar uma revisão dos nossos calendários, para garantir esse distanciamento.

Crise evitada.

CAPÍTULO VINTE E UM

Julian

Desde que abri oficialmente a empresa Empreendimentos de Luxo Lopez, sou sempre a primeira pessoa a chegar e a última a sair. A reunião da administração desta noite, para tratar da app Dwelling, demorou mais do que o habitual, graças ao último bug que o Rafa descobriu durante as suas alterações noturnas.

Quando finalmente desligo o computador e saio do gabinete, estou sem energia e tenho a barriga a protestar de minuto a minuto, reclamando algo melhor do que um café e uma barrinha de proteínas.

Sou surpreendido pelo som de alguém a cantar desadadamente ao ritmo de música country que vem do corredor. Depois de ter passado os últimos dias a evitar a Dahlia, parece-me contraintuitivo ir ter com

ela agora, portanto, não vou ver como está.

A minha rota de fuga é bloqueada por um homem que está parado do outro lado da porta de vidro da entrada, com um saco de comida do restaurante Holy Smokes BBQ.

— Sim? — Fico a salivar quando destranco a porta e a abro.

— Tenho uma entrega para a Dahlia Muñoz. — O homem estende-me o saco.

— Siga a música e a cantoria dessa nada até à origem.

O telemóvel do homem toca.

— Bolas. Normalmente, não lhe pediria isto, mas importa-se de lhe levar o saco? A minha próxima entrega está pronta para ser levantada e o cliente tem sido muito difícil. — Não espera pela resposta e pousa o saco no passeio, desatando a correr para o sítio onde estacionou a mota.

— Tudo bem — resmungo para mim mesmo enquanto me inclino e agarro no saco.

Avanço a passo irritado para o gabinete onde o Sam instalou a Dahlia. Fica do

lado oposto do edifício, longe do meu gabinete e das salas de reuniões onde vou várias vezes ao dia.

Bato à porta e não obtenho resposta, o que só agrava a minha irritação enquanto rodo a maçaneta e abro a porta.

A Dahlia dá um salto.

— Céus. Assustaste-me! — Leva a mão ao telemóvel e carrega na pausa.

Esqueço-me completamente do motivo pelo qual vim aqui assim que entro no gabinete, que foi transformado no curto espaço de tempo desde que ela o ocupa. A secretária cromada que ocupava metade do espaço foi substituída por uma mesa de madeira recuperada que está coberta de amostras de papel de parede e de soalho e dez maçanetas diferentes.

A Dahlia cobriu a carpete cinzenta simples com um tapete, pôs candeeiros de chão a substituir as lâmpadas uorescentes do teto e

instalou uma grande estante para organizar os cestos cheios de materiais. Além disso, tirou os quadros que lá estavam para arranjar espaço para os seus quadros de ideias de design.

Encaminho-me para os quadros de um metro e oitenta que cobrem a parede em frente da janela. Pedacos de tecido, amostras de matérias-primas, amostras de tintas, impressões de mobiliário e desenhos feitos à mão estão a xados na superfície, deixando-me dar uma espreitadela à mente da Dahlia.

Eu sabia que ela tinha olho para o design rústico moderno — isso tornou-se óbvio durante as horas que passei a pesquisar a carreira dela —, mas vê-la em ação deixa-me sem fôlego.

Pigarreio.

— Estás bem instalada?

— O Sam disse que podia fazer o que quisesse com o gabinete. — Há um laivo de defesa na voz dela.

— Estou a ver que sim.

— Detestas o que z? — Olha para mim por entre as pestanas escuras.

— Não me parece que detestar seja a palavra certa. — Estremeço quando percebo quão mal isto soou.

Algumas vez acertas?

A verdade é que gosto mais do estilo dela do que quero admitir. Tem algo de caloroso. De acolhedor.

Hospitaleiro.

— Fantástico. Agora, se não te importas, dá-me isso... — Ela arranca-me o

saco de comida da mão.

Procura o melhor sítio para comer antes de decidir sentar-se de pernas cruzadas em cima do tapete e usar uma caixa de cartão para servir de mesa.

— Obrigada por me trazeres isto. Não devo ter ouvido a chamada do tipo das entregas. — Abre o primeiro recipiente. O aroma de pão de milho acabado de fazer e porco des ado enche a sala, provocando mais

um rugido perturbador da minha barriga.

A Dahlia vira os olhos para o som do ruído.

— Já jantaste?

— Ainda não. — Dirijo-me para a porta.

Ela mete a mão no saco de papel e tira mais uma embalagem de esferovite, pousando-a ao lado da primeira.

Pego no telemóvel para fazer uma encomenda no Holy Smokes e descubro que o restaurante fechou há um quarto de hora.

— Porra.

— O que foi? — Ela abre o recipiente de molho de churrasco e espalha-o por cima do porco des ado.

A saliva enche-me a boca a um ritmo assustador.

— Tens a chave, para trancares a porta de entrada?

— Não.

Ótimo.

— Planeavas deixar a porta aberta?

Ela encolhe os ombros.

— Pensei que podia escapulir-me por uma janela ou coisa que o valha.

Inclino a cabeça para o gesso roxo.

— A minha companhia de seguros ainda vai à falência por tua causa.

A gargalhada suave da Dahlia enche-me de carinho.

— O Sam deixou-me a chave dele, portanto, estás seguro. Por agora.

Amanhã de manhã, a primeira coisa que vou fazer é ter uma conversinha com o Sam, sobre as chaves da empresa e os convidados temporários.

— Está bem. Não te esqueças de trancar tudo.

— Entendido. — Faz-me um pequeno aceno de mão e, de seguida,

abre o recipiente que tem uma quantidade enorme de bife, macarrão com queijo, milho e salada de couve.

A minha barriga ruge tão alto que a Dahlia levanta a vista.

Os olhos dela passam da comida para a minha barriga.

— Queres car e comer alguma coisa?

— O quê? — Pestaneja duas vezes.

— De qualquer maneira, encomendei demasiado.

— Estás a oferecer-me comida?

— Não precisas de fazer uma cena e encarar isto como se fosse a Última Ceia ou coisa que o valha. É evidente que estás com fome e detestaria desperdiçar comida. — Estende-me uns talheres de plástico e o recipiente que tem o bife, o meu prato preferido.

— Surpreende-me que queiras partilhar.

— Tu é que sempre tiveste problemas em partilhar. Além disso, é o mínimo que posso fazer depois de me teres levado ao hospital e tudo isso na semana passada.

Dispo o blazer e atiro-o para cima da mesa, antes de me sentar no chão à frente dela.

— Tens razão. — Espeto o garfo no monte de porco des ado e tiro uma grande garfada.

— Ei! — A Dahlia bate no meu garfo com o dela.

— Pensei que não tinhas problemas em partilhar — brinco e dou uma dentada na comida. A explosão de sabor quase me faz revirar os olhos.

— Gostas?

— Não me tinha apercebido de que estava com tanta fome. — Não volto a falar até acabar de comer metade do bife.

— Costumas trabalhar até tão tarde? — Come uma garfada de macarrão com queijo.

— Sim. — Atiro-me à maçaroca, porque a Dahlia preferia cortar-me a mão com uma faca de plástico a deixar-me provar o macarrão com

queijo.

— Porquê?

— Porque não tenho muito mais para fazer.

A Dahlia olha para mim com uma expressão estranha.

— Oh, sei lá. Podias gozar um pouco mais a vida?

— Já gozo.

— A sério? Porque és um bocado viciado em trabalho.

— E então? — Franzo o sobrolho.

— Não é uma coisa má, por si só. — Olha para o teto.

— Não há dúvida de que fazes parecer que é.

— É triste pensar que ganhaste este dinheiro todo numa idade tão jovem,

para te tornar a vida mais fácil, mas tudo o que fazes é trabalhar.

— Gosto do meu trabalho.

— Mas não o adoras? — Fica em silêncio enquanto come mais um pouco.

Já não.

Como se conseguisse ler-me os pensamentos, faz um som de confirmação.

— O que foi? — pergunto-lhe.

— Não pareces feliz.

A constatação da Dahlia choca-me.

Ela abana a cabeça.

— Pensei que estavas a aproveitar a vida de bilionário ao máximo, mas, sinceramente, tudo na tua vida me parece um pouco patético.

— Ena. Obrigado. — Roubo-lhe uma garfada de macarrão com queijo para me vingar e ela sibila.

A Dahlia afasta o recipiente do meu alcance.

— Não estava a tentar ser antipática.

— E, no entanto, isso parece ser o teu modo por defeito no que toca a mim.

O meu comentário é recebido com um esgar.

— A tua vida é... — Não termina a frase.

— O quê? Triste? Patética? Miserável? Escolhe uma.

— Não é o que eu esperava — murmura.

— O que é que esperavas? — Sinto um aperto na garganta.

— Que fosses feliz, pelo menos.

— Tu eras feliz, antes de vires para cá? — O tom sai-me mais acusador do que neutro.

— Durante algum tempo, sim. — A Dahlia ca com os ombros tensos.

Cerro o punho em volta do guardanapo.

— Julian... — Ela franze o sobrolho.

Levanto-me apressadamente e atiro o guardanapo amachucado e o garfo para o cesto do lixo.

— Onde vais? — pergunta-me.

— Para casa.

A Dahlia não precisa de se levantar para me fazer sentir minúsculo quando me pergunta:

— Já reparaste que nunca te referes a ela como o teu lar?

Porra. Só a Dahlia, para me chamar a atenção para uma coisa destas.

A verdade é que não tenho um lar e o único culpado disso sou eu.

Passo

demasiado tempo perdido em pensamentos, temendo nunca ser suficientemente bom e sem nunca tentar provar a alguém que posso ser.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Julian

-Olá, chefe. Tem um minuto? — Oiço a voz abafada do Ryder pela frincha da porta do meu gabinete.

— Entra — digo-lhe antes de bloquear o computador.

O Ryder fecha a porta do gabinete e, de seguida, encosta-se a ela de braços cruzados.

— A sua amiga tem um pedido especial que quero con rmar consigo.

Que maravilha. Desde o desastre do jantar da semana passada, z os possíveis por evitar a Dahlia e, provavelmente, foi por isso que recorreu ao Ryder para fazer o trabalho sujo dela.

— O que é que a Dahlia quer? — Recosto-me na cadeira.

— Ela gostava de refazer as molduras e o trabalho de carpintaria original da casa, mas estou a ter di culdade em encontrar um carpinteiro local que tenha esse nível de perícia e que possa trabalhar com o nosso prazo apertado.

— Não podemos arranjar alguém em Detroit que possa ajudar?

— A Dahlia sabia que o Julian ia sugerir isso.

— A previsibilidade é sinal de estabilidade. — Lanço-lhe um olhar expressivo.

— E de tédio. — Passa a mão pelo cabelo curto. — Pediu-me para lhe perguntar se o Julian estaria disposto a fazer o trabalho. Sabe que está ocupado...

— Não.

— Mas ela disse... — O Ryder nem pestaneja.

— Não me importa o que a Dahlia disse. Ou ela trabalha com a pessoa que tu contratares ou pode desistir da ideia. — Escrevo a palavra-passe, apenas para me enganar duas vez por estar tão agitado.

— Certo, chefe. — O Ryder faz um aceno de cabeça antes de sair do gabinete e de me deixar a descarregar a irritação no teclado.



A dor que sinto no peito intensifica-se a cada minuto que passa e os pensamentos que me encham a cabeça distraem-me rapidamente do trabalho.

Quem é que a Dahlia pensa que é, para fazer um pedido destes quando sabe perfeitamente que já não me dedico à carpintaria?

Estás irritado por ela ter pedido a tua ajuda ou estás zangado contigo mesmo por teres demasiado medo para aceder ao pedido dela?

A rmei ter processado a morte do meu pai e ter ultrapassado os erros que cometi no passado por causa disso, mas, quando tenho oportunidade de provar que o z, retraio-me, deixando que o medo e o desgosto controlem as minhas escolhas.

És tu que deténs todo o poder.

E isso é o que mais me assusta.

Por muito que quisesse evitar o estaleiro de construção e a mulher que lá está a trabalhar, há algumas coisas de que preciso de tratar, incluindo ser formalmente apresentado ao novo membro que o Ryder contatou para a equipa.

O Ryder só demorou um dia a encontrar um carpinteiro adequado para fazer o trabalho que a Dahlia quer e eu só demorei um minuto a detestá-lo, quebrando um novo recorde da empresa.

Lanço um olhar furioso ao gigante loiro e de olhos castanhos que está do outro lado do relvado, embora ele esteja demasiado ocupado a falar com a Dahlia para reparar em mim.

Primeiro erro.

— Olá, chefe. — A relva range por baixo das botas de trabalho do Ryder.

— Olá. — Viro-me para o meu gestor de projeto, sem deixar de ter o carpinteiro debaixo de olho. — Onde é que encontraste o novo tipo?

— Foi-me muito recomendado por alguém que conheço em Detroit.

— Hum.

Ryder muda o peso de um pé para o outro.

— Segundo o meu contacto, faz o melhor trabalho de carpintaria nesta zona do estado.

Segundo erro.

Esse facto, aliado à maneira como sorri para a Dahlia, faz-me fazer um esgar.

Terceiro erro.

— Livra-te dele.

Ao meu lado, o Ryder ca imóvel.

— Desculpe, chefe. O que é que disse?

— Não gosto dele. — Céus, aquilo soa tão estúpido aos meus ouvidos quanto em voz alta.

— Já o conhece?

— Tendo em conta que está demasiado ocupado a namoriscar com a Dahlia para reparar no patrão, não.

— Estou a ver. — O olhar do Ryder vai de mim para o carpinteiro.

— Ele parece demasiado... — Faço uma pausa, em busca da palavra certa. —

Desconcentrado.

— Ainda não começou a trabalhar.

— Perfeito. Menos papelada para o Sam.

O Ryder não tenta esconder a diversão.

— Chefe, se não se importa que eu faça uma sugestão...

Trabalhar com o Ryder há sete anos tem muitas vantagens, mas também algumas desvantagens, como a capacidade que tem de me topar, às vezes, até melhor do que a minha mãe. Atribuo as culpas disso ao seu passado militar e ao fascínio por programas de televisão sobre crimes reais.

— Força. — O meu suspiro profundo não o faz perder o sorriso sábio.

— Se não quer que ele trabalhe connosco, terá de arranjar alguém para o substituir.

— Conheces alguma carpinteira reformada?

A gargalhada dele é como um trovão silencioso.

— Nunca pensei ver o dia em que alguém mexe consigo.

Olho para ele pelo canto do olho.

— A Dahlia não precisa de se esforçar muito.

— Precisamente.

— Não tens trabalho para fazer ou alguém para gerir?

O Ryder levanta a prancheta.

— Não. Na verdade, ia agora entregar alguns documentos ao Dan, para ele assinar antes de começar a trabalhar.

— Espera. — Arranco-lhe os papéis da mão.

— Há algum problema? — Os lábios dele estremecem.

O facto de a Dahlia lançar um sorriso carinhoso ao Dan responde à pergunta dele por mim. A dor irradia-me pelo peito, como se tivesse levado um tiro no coração.



Sentir ciúmes do Oliver era compreensível, tendo em conta a nossa história, mas car tão frustrado com qualquer homem que se aproxime da Dahlia? É um problema totalmente diferente, que nunca pensei que teria de enfrentar na minha vida.

Era fácil ignorar os meus sentimentos por ela quando a Dahlia vivia noutro estado, mas só depois de ela regressar a Lake Wisteria é que comecei a sentir-me afogado em dúvidas.

E se não tivesse feito as escolhas que z depois de o meu pai morrer?

E se tivesse processado o meu desgosto de outra maneira e me tivesse mostrado à altura da pessoa que a Dahlia merecia que eu fosse?

Será que ela me teria ouvido e nos teria dado uma oportunidade para nos apaixonarmos? Ou teríamos começado a namorar, apenas para depois percebermos que estávamos melhor separados?

O meu mundo gira à minha volta enquanto penso nas possibilidades.

Tentares evitá-la claramente não está a resultar, portanto, o que vais fazer agora?

— Tenho uma ideia. — O Ryder mexe no lápis que pôs atrás da orelha.

— Que ideia?

— Se não quer contratar o Dan porque acha que ele parece desconcentrado — o Ryder lança-me um olhar sábio —, ouvi dizer que há uma pessoa que o pode substituir facilmente.

— Quem?

— O Julian.

— A sério? — A excitação enche a voz da Dahlia.

O degrau de madeira range debaixo do meu sapato quando paro a meio das escadas. A Dahlia não dá pela minha presença quando se dirige para a parte de trás da minha carrinha, desaparecendo de vista.

— Uau. — Quem quer que esteja a falar com ela deve estar a contar-lhe algo interessante, com base no pequeno guincho que ela dá.

Não sou pessoa de bisbilhotar, mas ela está a bloquear a única saída da propriedade.

— Um programa com eles seria fantástico!

Sinto um vazio na barriga.

— Lá se vai a decisão de cares por cá até a casa estar terminada — murmuro entre dentes.

— Eles querem lmar novamente em São Francisco? — Faz uma pausa.
—

Oh. Então, isso é bom. — Espera alguns segundos antes de voltar a falar. —

Em janeiro? Tão cedo?

Não preciso de ouvir a conversa toda para tirar conclusões. Em vez de me sentir aliviado por a Dahlia se ir embora, estou a sofrer de um grave ataque de azia.

Fizeste todos os possíveis para que acontecesse algo assim e agora estás desiludido?

Escolhe um caminho e segue-o.

Ignoro a dor que sinto no peito e dirijo-me para a carrinha, assustando a Dahlia. Ela afasta-se para me deixar passar e quase não olho para ela enquanto entro na carrinha e ligo o motor.

É melhor assim, minto a mim mesmo enquanto conduzo para longe da casa do fundador.

Tu querias que ela se fosse embora, lembro a mim mesmo rapidamente à medida que estaciono à frente da empresa.

A Dahlia sonhou com uma vida melhor do que esta pequena cidade e tu nunca lhe poderás dar isso, portanto, para de ansiar por ela e controla-te. Fico com a mente em branco quando deito mãos ao trabalho, afogando-me em papelada em vez de em arrependimentos.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Julian

Há dez minutos, quando recebi a mensagem de 112 da minha mãe, durante uma das últimas reuniões do dia, parti do princípio de que devia haver um fogo numa das tendas ou um gatinho preso numa árvore, mas, ao caminhar rapidamente pelo parque, não vejo nada de errado, apenas os preparativos normais de quinta-feira, em antecipação do fim de semana.

Amanhã, este sítio vai estar a transbordar de voluntários, dado que as sextas -

feiras antes do Festival das Colheitas são consideradas um feriado municipal, com toda a gente a largar os empregos para ajudar a preparar os eventos de sábado e domingo, que duram o dia todo.

— Chegaste! Graças a Deus. — A minha mãe faz um grande estardalhaço, atirando os braços ao meu pescoço e puxando-me para

um a abraço, fazendo-me corar quando vejo os voluntários a olhar para nós.

Preciso de fazer imensa força para a afastar de mim.

— E então, qual é a emergência?

— Vais matar-me. — Baixa os ombros.

— Só se não me disseres o que se passa rapidamente.

A minha mãe põe as mãos nas ancas.

— Luis Julian Lopez Junior. Não te atrevas a falar assim com a tua mãe.

Passo a mão pelo rosto, num gesto de frustração, e elimino o esgar.

— Desculpa, mãe. Esta semana deixou-me exausto. — Depois de um dia cheio de reuniões e em que tive de evitar a Dahlia na minha própria empresa, estou de rastos.

— Podes compensar-me dizendo que vais a Detroit. Esta noite.

— Faço o que precisares.

— Sabia que podia contar contigo. — Ela passa a mão pela testa suada.

— Qual é o problema?

— Enganei-me a dar as datas do festival à empresa de aluguer de mobiliário,



por isso, agora faltam-me cadeiras e mesas. A empresa original que escolhi para o evento está totalmente indisponível, por isso encontrei outra em Detroit que pode fornecer-nos.

— Porque é que não vêm entregar as coisas?

— Não fazem entregas tão longe.

Lá se vai o meu encontro com uma garrafa de Merlot e uma refeição pré-cozinhada.

— Eles sabem que eu vou lá buscar as coisas?

— Sim, mas vais ter de pedir a carrinha de mudanças emprestada ao Fred.

— Ao Fred Davis?

— Sim. — A minha mãe faz um esgar.

— Ele detesta-me. — O dono da única empresa de mudanças da cidade não me suporta, desde que atropelei acidentalmente o seu canteiro de ores vencedor de prémios quando estava a aprender a conduzir com o meu pai.

— Eu sei, e é precisamente por isso que a Dahlia vai contigo, para o amaciar.

Embora o ódio do Fred por mim nunca tenha diminuído, o seu apreço pela Dahlia só aumentou depois de ela ter salvado, sozinha, o canteiro de ores que eu quase destruí.

— Não preciso da ajuda da Dahlia — digo-lhe, fazendo um esgar.

— Ambos sabemos que precisas, e foi precisamente por isso que já a mandei ir ter com o Fred e levar-lhe um cesto de produtos de pastelaria da Alana e um vale de cinquenta dólares do Holy Smokes BBQ.

Porra.

— Olha para estas rosas. — A Dahlia lança um sorriso deslumbrante ao Fred, que faz com que as ores fabulosas que a rodeiam se desvançam em segundo plano. A tensão habitual que sinto no peito regressa no momento em que a vejo, di cultando-me a respiração.

Alguma vez te vais habituar a tê-la por perto?

Com base nos batimentos irregulares do meu coração, a resposta continua a ser um não retumbante.

Um galho parte-se por baixo dos meus sapatos e a Dahlia vira os olhos para mim.

O Fred roda sobre os calcanhares, fazendo o capachinho de cabelo branco saltar com o movimento súbito.

— És tu.

— Olá, Fred — digo, com um pequeno aceno de mão.

— Se sabes o que é bom para ti, é melhor pores-te a andar, antes que eu vá buscar a espingarda do meu avô.

A Dahlia abafa uma gargalhada com a palma da mão.

Ainda bem que um de nós se está a divertir.

Tento mostrar maturidade.

— Quero tanto estar aqui como o Fred quer que eu esteja.

— Nesse caso, podes sair da minha propriedade. — Vira-se para a Dahlia.

— Senhor Davis — diz-lhe a Dahlia, naquela voz doce como o pecado.

— A cidade precisa da sua ajuda. — Volta a usar aqueles malditos olhos de cachorrinho, abrindo muito os olhos e pestanejando, transformando o pobre senhor Davis na sua vítima mais recente. Vi-a usar este tipo de tática repetidamente ao longo das nossas vidas. Quando éramos adolescentes detestava isso porque não havia nenhuma situação de que a Dahlia não conseguisse sair recorrendo ao charme.

Ninguém tem a mínima hipótese contra ela quando faz aquela coisa com o lábio inferior.

O Fred aguenta três segundos antes de ceder.

— Está bem. Mas só se a Dahlia car junto da carrinha o tempo todo.

— Claro! — Junta as mãos.

O Fred desaparece dentro de casa.

A Dahlia vira-se para mim com um sorriso malvado.

— E é assim que se faz.

— Quanto tempo vai demorar a viagem? — pergunta-me a Dahlia quando viro para a estrada principal que leva à cidade.

O travões chiam quando a carrinha de oito metros para bruscamente.

— O quê?

Ela olha para o telemóvel.

— A autoestrada está congestionada, porque há obras, portanto, provavelmente só lá chegamos à noite.

— Tu não vens comigo.

— Como assim?

— Vou levar-te a casa.

— Não se tencionas levar a carrinha do Fred.

— Estás a ameaçar-me? — Viro a cabeça para ela.

— É mais explorar a situação em meu proveito.

Agarro o volante com tanta força que co com os dedos brancos.

— O que é que precisas de fazer em Detroit?

— Queria comprar alguns materiais, porque deixei a maioria dos meus em São Francisco.

— Tipo o quê?

— Coisas que não há nos armazéns da Main Street. Papel vegetal, ta de pintura, marcadores indeléveis, coisas assim.

— Dá-me uma lista e eu trago-te tudo.

A Dahlia olha para mim pelo canto do olho.

— A ideia de estares num carro comigo durante algumas horas incomoda-te assim tanto?

Embora me sinta tentado a concordar com ela, não lhe quero dar a satisfação de ter razão. Portanto, em vez disso, digo uma coisa completamente idiota.

— Estava a tentar ser simpático e poupar-te a viagem.

— Claro que estavas. — Ela dá uma gargalhada para si mesma.

Cerro as mãos em volta do volante enquanto atravesso a Praça da Cidade e me dirijo para a estrada de sentido único que leva à saída da

cidade, na companhia da mulher de quem estava a tentar manter-me afastado.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Dahlia

Não tencionava intrometer-me na missão do Julian para salvar o Festival das Colheitas, mas com um braço ao peito não posso propriamente conduzir até à cidade mais próxima para ir comprar materiais de design de interiores. Juntar-me a ele é a melhor solução que tenho.

Claro que podia encomendar os materiais online, mas os prazos de entrega de duas semanas fazem-me descartar rapidamente essa ideia. Ou me junto ao Julian nesta viagem ou espero duas semanas por materiais de que preciso para ontem.

A viagem de duas horas passa a voar, com o Julian a vetar rapidamente a minha playlist para pôr a dele. Fico agradavelmente surpreendida com os novos artistas de que não tinha ouvido falar e dou por mim a adicionar algumas das canções à minha playlist.

O Julian passa em frente de uma la de armazéns escuros antes de parar diante do endereço que a mãe lhe enviou.

— É aqui? — Olho para a rua sossegada.

— Segundo as indicações da minha mãe, sim.

Salto da carrinha, apesar dos protestos do Julian.

— Tens alguns instintos de sobrevivência? — Bate com a porta.

Dou umas palmadinhas na carteira.

— Claro que sim. Tenho gás pimenta e aulas de autodefesa su cientes para saber defender-me.

— Bastaria lebares um soco no braço partido para implorares por misericórdia.

— É evidente que pensaste nisso. — Pestanejo.

O Julian lança-me um olhar de aviso antes de se encaminhar para a porta.

— Porra.

— O que foi? — Franzo o sobrolho.

— Estão fechados.

— Não. — Olho para a tabuleta e com rmo esse facto enquanto o Julian liga para a mãe dele e lhe explica a situação com o telemóvel em alta-voz.

— Como assim, estão fechados? — pergunta-lhe a Jose na.

— Enganaste-te no horário de funcionamento. — O Julian fecha os olhos.

A Jose na ofega como uma das estrelas das telenovelas dela, fazendo-me levantar as sobrancelhas.

— Eu?! Não. É impossível.

E o prémio de pior atriz vai para...

— Mãe! — O Julian troca um olhar comigo.

Ela está a tramar alguma, formo as palavras em silêncio. Devia ter percebido que a Jose na estava a planear algo quando começou a fazer-me perguntas sobre os materiais que eu precisava de comprar em Detroit. Quando lhe disse que ia pedir que mos enviassem, ela insistiu que era melhor ir buscá-los pessoalmente, para impedir mais atrasos.

O Julian abana a cabeça.

A Jose na dá uma gargalhada.

— Qué pena. 41 Acho que tu e a Dahlia vão ter de car aí até amanhã.

— Como é que sabes que a Dahlia está comigo? — Ele franze o sobrolho.

— O Fred promete... disse-me quando veio à tenda dos voluntários.

— Por supuesto. 42 — O Julian franze ainda mais o sobrolho, formando rugas profundas.

— Tenho de desligar, mijo! Alguém deixou a cerca dos animais aberta. Te quero. Dá um abraço meu à Dahlia!

O telemóvel apita duas vezes antes de o ecrã se desligar.

— Vou matá-la. — O Julian passa as mãos pelo cabelo.

— Faz isso depois do festival. Assim, ninguém vai car zangado contigo.

— Ela deu-me o horário errado de propósito. — Ele aperta a cana do nariz.

— Sinceramente, é um estratagema genial para nos obrigar a passar tempo juntos.

— Vou ligar ao Sam e pedir-lhe para nos marcar dois quartos enquanto vamos às lojas comprar roupa e os teus materiais.

Pego no telemóvel à medida que o Julian escreve no dele.

— O centro comercial fechou há uma hora — anuncio, fazendo um esgar.

— Nesse caso, podemos ir a um grande armazém.



— Perfecto. — Nesse momento, a minha barriga ruge su cientemente alto para o Julian franzir o sobrolho. — Podemos parar em qualquer lado para comer?

— Juntos?

Reviro os olhos.

— Ia sugerir mesas separadas, mas se estás assim tão desesperado pela minha companhia, estou disposta a fazer esse sacrifício por ti.

— Entra para a carrinha antes que eu cancele a nossa ida à loja de materiais de arte.

— Idiota.

— Rainha. — A alcunha penetra no meu coração frio como uma echa em chamas.

Reconheço imediatamente a sensação. Sinto-me tentada a arrancar o coração do peito e a pisá-lo, só para me recordar do que senti quando o Julian mo partiu há tantos anos.

De qualquer maneira, vais-te embora em janeiro para lmar o teu novo programa, portanto, não há motivo para cares tão nervosa por causa de uma alcunha idiota.

É mais fácil de dizer do que de fazer.

O Julian recebe uma chamada assim que estaciona à porta da loja de artes e encaro isso como um sinal de intervenção divina. Passar algum tempo com ele é uma coisa, mas recebê-lo no meu santuário?

Nem pensar nisso.

Estendo o braço para o puxador, mas paro quando ele me pega na mão esquerda. Apesar de não ser um gesto íntimo, o meu coração acelera.

Forma a palavra espera com a boca antes de me largar.

Tira um cartão Centurion da carteira e estende-mo. Pestanejo um par de vezes e esfrego os olhos para me certi car de que o nome indicado no cartão é correto.

Como é que este tipo pode ser o mesmo que passou a juventude a viver de cartões de oferta?

Porquê?, pergunto-lhe.

Despesas de representação, responde-me.

Não devo pegar no cartão tão depressa quanto o Julian quer, porque revira os olhos enquanto en a o cartão Amex no bolso da frente das minhas calças de

ganga.

O calor dos dedos dele permanece muito tempo depois de eu sair apressadamente da carrinha e entrar na loja.

Tendo em conta que a loja de materiais de arte vai fechar daqui a menos de meia hora, apresso-me a ir buscar tudo o que consta da minha lista de compras.

Embora não tenham todos os materiais que pre ro usar quando estou a desenhar e a planear, têm aquilo de que preciso para avançar com o projeto da casa do fundador.

Atiro algumas coisas adicionais para dentro do carrinho, porque esta

compra está a ser patrocinada pela conta bancária do Julian, incluindo algumas molduras para o meu gabinete, uma árvore de Natal artificial porque estamos na estação do ano propícia a gastar dinheiro e linha suficiente para fazer um cachecol de croché para cada habitante da cidade. Nem sequer sei fazer croché, mas senti uma vontade louca de experimentar depois de tocar em mais de cem rolos de linha.

Depois de pagar as compras com o cartão de crédito da empresa do Julian e de dar um autógrafo rápido a um fã nas costas de um talão, dirijo-me para a carrinha com as rodas do carrinho de compras a ranger por causa do peso das compras.

O Julian está encostado à carrinha, com o telemóvel ainda colado à orelha. O

carrinho de compras chocalha e ele levanta os olhos.

— Tenho de desligar, Rafa. — Desliga o telemóvel com uma sobranceira levantada. — Uma árvore de Natal?

— Pensei que podíamos animar um bocadinho o escritório. — Com todo o tempo que lá passo, adoraria ter algo para o que olhar sem ser o meu próprio reflexo em todas as superfícies de vidro reluzentes e equipamentos cromados.

— Ainda nem sequer passámos o Dia de Ação de Graças.

Dou um estalinho com a língua.

— Nunca é demasiado cedo para comemorar o nascimento do Senhor.

O Julian tira alguns sacos do carinho de compras.

— Na verdade, as investigações sugerem que Jesus nasceu na primavera.

Ponho-me em bicos dos pés e tapo-lhe a boca com a mão.

— Nunca digas isso em frente à minha mãe. Nunca. — Ela é o tipo de pessoa que monta o presépio de família cedo, mas não põe o Menino Jesus, porque ele só nasce oficialmente à meia-noite do dia 24 de dezembro.

O Julian semicerra os olhos.



— Percebeste? — Faço mais força na mão.

Ele tem a audácia de me morder a palma da mão. Afasto-a com um ofego, apenas para ele me agarrar com uma força castigadora.

— O meu cartão?

— Perdi-o.

O Julian faz um esgar.

— Estou a gozar! — Fico à espera de que me largue, mas, em vez disso, o Julian mantém-me encostada ao peito dele enquanto procura o cartão nos meus bolsos. O toque dos dedos dele é rápido e clínico, até que se enfiou no bolso traseiro, deslizando pela minha nádega à medida que retiram lentamente o meu cartão de crédito.

Debato-me com dois sentimentos, nenhum dos quais é desconforto.

Surpresa? Sim.

Lascívia? Sem dúvida.

Embora prefira morder a língua a confessar tal coisa.

Estou a gostar tanto do toque do Julian que lhe digo:

— Se me querias apalpar, só precisavas de pedir.

O comentário fá-lo despertar do devaneio em que se encontrava e afasta-se.

Lamento a perda do toque dele conforme o Julian guarda o cartão na carteira sem me olhar nos olhos.

— Podes esperar dentro da carrinha enquanto eu ponho as tuas compras lá atrás. — Ignora-me sem sequer voltar a olhar para mim e entro para a cabina a bufar.

Foi ele que me apalpou.

Pois, bem, foste tu que gostaste.

A seguir, eu e o Julian vamos a um grande armazém. A secção de vestuário é sinistra e tremo nos ténis enquanto escolho um pijama de anela o menos atraente possível, cuecas com os dias da semana estampados na parte de trás e umas calças de ganga com salpicos de

tinta que fariam a polícia da moda entrar em estado de alerta máximo.

O Julian dá-me rédea livre para escolher as roupas dele conforme conversa com o Sam sobre algumas coisas referentes ao calendário de trabalho da próxima semana. Divirto-me imenso a escolher uma indumentária feiíssima para ele, que é imediatamente rejeitada.

— Sinto-me ofendida por não con ares em mim. — Faço beicinho.

— Nem a maior con ança do mundo me convenceria a usar essas calças de ganga. — Franze o sobrolho para as calças com lavagem de ácido que são adequadas para um teledisco dos anos oitenta.

— Por ti, vestias umas calças de ganga simples e uma T-shirt preta.

— Precisamente. — O Julian levanta o seu cesto de roupa.

Ugh.

— Vou arrumar isto. — Volto para a secção de homem com o carrinho de compras, apenas para me distrair na secção de Natal junto das caixas de pagamento.

A maioria dos meus feriados transformou-se em oportunidades para os Creswell e o agente deles exibirem as minhas habilidades de design, mandando-me criar coleções personalizadas para aparecerem nas revistas e nas redes sociais.

E embora adore criar novas maneiras de reinventar os clássicos dos feriados, não consigo evitar car absorta nas decorações nostálgicas que encham as prateleiras.

Fitas decorativas vibrantes. Enfeites inovadores. Luzinhas de várias cores.

Tudo nesta secção natalícia me faz lembrar a minha infância e quero aproveitar isso sem ter de me preocupar em desenhar alguma coisa perfeita ou esteticamente atrativa.

Quero divertir-me.

Depois de ter passado os últimos meses a debater-me com uma tristeza intensa e um entorpecimento crónico, tenciono agarrar-me a esta excitação e aproveitá-la ao máximo enquanto for humanamente possível.

Como uma criança sem autocontrolo, atiro objetos aleatórios para

dentro do carrinho. As tas são tão reluzentes que quase cegam. Um quebra-nozes a beber cerveja com uma camisa tropical. Pacotes de enfeites temáticos que, sem dúvida, não combinam.

Percorro cada corredor, atirando para dentro do carrinho tudo o que me faz rir. A princípio, era fácil empurrá-lo só com um braço, mas agora, com todo o peso adicional, tenho di culdade em fazê-lo avançar.

Sinto um arrepio no pescoço e, quando me viro, vejo o Julian avançar para mim.

— Isto é tudo para decorar a árvore de Natal que me compraste? — Começa a empurrar o carrinho.

— Pensando melhor, acho que vou car com a árvore para mim. Não podemos dar cabo da tua imagem de Ebenezer Scrooge.



— Não.

— Queres a árvore? — Arregalo os olhos.

— Sim.

— Porquê?

Silêncio.

Idiota.

— Para que é tudo isto? — Vira o carrinho na direção das caixas de pagamento.

— São enfeites para a tua árvore.

O Julian baixa os olhos para o quebra-nozes a abrir a cerveja.

— E o resto?

— Vais ter de esperar para ver.

— O que andas a tramar? — O olho direito estremece.

— Nem penses que te vou dizer.

— Dahlia. — Aquela voz rouca tem efeito no meu baixo-ventre.

— Vai ser fantástico! Juro!

Nunca pensei que me pudesse divertir a fazer uma viagem de carro com o Julian. Enquanto discutimos pelo controlo da playlist e nos rimos das terríveis críticas aos restaurantes à medida que procuramos um sítio que sirva piza ao estilo de Detroit, dou por mim a desfrutar da companhia dele. É uma admissão perigosa e que tenho demasiado medo de reconhecer durante mais do que um segundo, apenas porque me preocupa que não vá durar quando regressarmos a Lake Wisteria amanhã.

Não quero car com muitas esperanças, portanto, tenho o cuidado de não criar expectativas irrealistas, embora o Julian torne isso quase impossível quando sorri para a jukebox.

A empregada de mesa pousa as ementas na mesa mais próxima da jukebox e, de seguida, afasta-se para atender outro casal.

O Julian vê a lista de canções antes de passar o cartão para pagar a que escolheu e se sentar enquanto começam a tocar os primeiros acordes de uma das minhas canções preferidas, «Brown Eyed Girl».

A memória do meu pai a fazer a minha mãe rodopiar em volta da nossa sala de estar ao som desta canção passa diante dos meus olhos. A minha mãe ria mais e preocupava-se menos sempre que o meu pai estava presente, sobretudo



quando ele dançava com ela.

O Julian senta-se à minha frente e a memória desaparece.

— Adoro esta canção.

— Eu sei. — Pega no menu enquanto o meu coração bate com tanta força que quase me salta do peito.

Deixo cair a cabeça nas mãos, dando um suspiro.

Quando chegamos ao hotel luxuoso que o Sam marcou para nós, estou exausta, com os olhos a fechar-se e a postura caída.

— Faça favor. — O rececionista empurra a chave para o Julian.

— E a outra?

O homem olha novamente para o ecrã do computador.

— Só reservou um quarto.

— É impossível. — Os ombros do Julian cam tensos.

— Só tenho uma reserva em nome de Lopez.

— Tente procurar um quarto reservado em nome de Muñoz — digolhe.

Alguns cliques do rato com rram que não tenho quarto. O Julian afasta-se para ligar ao Sam, apenas para regressar com o esgar mais assustador que alguma vez o vi fazer.

— Não atendeu.

Eu também duvido que atendesse o telefone ao meu chefe à meia-noite, especialmente se não tivesse reservado um segundo quarto como ele queria.

— Podemos reservar outro quarto agora? — O Julian tamborila com os dedos no balcão.

— Gostava muito de o ajudar, mas não temos mais quartos vagos. A maior parte dos hotéis desta zona está cheia, uma vez que há três convenções, um jogo de hóquei e o casamento de um jogador da Liga Nacional de Futebol Americano, tudo este m de semana. Pode dar uma volta de carro e ver se tem sorte, mas...

— Quero falar com o seu diretor.

Oh, não. É melhor eu salvar o Julian antes que ele se arme em bilionário cheio de direitos com este pobre homem.

— Obrigada por ter tentado. — Tiro a chave de cima do balcão.

— Vamos procurar outro hotel — protesta o Julian.

— Estou exausta e quero descansar. — Embora os meus níveis de energia

tenham melhorado signi cativamente a par do meu bom humor, ainda me sinto mais cansada do que é habitual.

— Mas...

— Vamos. — Dou o braço ao Julian à medida que o afasto da receção.

A fúria que ele exsuda faz-me car calada enquanto subimos para o nosso quarto. Tendo em conta a maneira como ele bufa e ofega, temo que a segurança do emprego do Sam esteja em risco.

— Pelo menos, o quarto é muito bonito. — Concentro-me no único ponto positivo antes de a realidade me dar uma bofetada.

O Julian abre e fecha as mãos com força enquanto olha para a cama com uma expressão furiosa.

Para a única cama de casal.

— Vai ser muito divertido, não achas? — Mordo a língua. Embora o quarto luxuoso tenha uma zona de estar com o mais recente televisor inteligente, é evidente que o sofá de cabedal e a chaise-longue são mais para decoração do que para conforto.

— Já volto. — Passa à minha frente.

Agarro-lhe no braço e puxo-o para trás.

— E vais fazer o quê? Ameaçar o tipo? Ele já nos disse que não tem mais quartos, portanto, só vais perder tempo.

— Que pesadelo! — O Julian fecha os olhos.

— Podia ser pior.

— Como?

— Imagina se eu ressonasse.

O Julian resmunga qualquer coisa para si mesmo antes de fugir para a casa de banho com o saco de plástico cheio de roupa e produtos de higiene. Oiço um cano gemer e, de seguida, o som da água a cair ecoar pelo quarto.

Sem o Julian aqui, consigo, por m, processar plenamente a ideia de partilhar uma cama com ele. Embora as circunstâncias não sejam ideais, tenho a certeza de que conseguimos portar-nos como adultos maduros e car cada um no seu lado da cama.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Julian

Partilhar um quarto com a Dahlia prova ser um desafio difícil, sobretudo depois de ela tomar um banho e se deitar na cama ao meu lado.

Estico o braço e puxo o cordão do candeeiro, mergulhando-nos na escuridão.

— Boa noite — diz-me ela, afundando-se no colchão.

Independentemente do espaço que nos separa, estou extremamente ciente de cada respiração e movimento dela.

— Noite — resmungo para o teto, de braços cruzados.

A Dahlia vira-se para a direita antes de se virar para a esquerda e depois se deitar de costas, soltando um ofego.

— Estás bem?

— Hum hum — responde-me, virando-se uma vez mais para a direita.

Tento adormecer, mas as voltas e reviravoltas da Dahlia mantêm-me totalmente desperto. Não tenho a certeza se, normalmente, ela é tão irrequieta a adormecer ou se é o gesso que lhe torna difícil encontrar uma posição confortável, mas, seja como for, está a dar comigo em doido.

— O que é que se passa contigo? — Viro a cabeça para o lado.

Ela compõe o cobertor pela décima vez.

— Não consigo adormecer.

— Porquê?

— Porque... — Aponta para os dois, como se isso explicasse tudo.

— O que foi?

— Isto é esquisito.

— Preferias que eu fosse dormir para o chão?

— Farias isso? — Consigo ver o sorriso dela na escuridão.

— Claro que não, mas é bom saber que não te importas que eu que exposto a mais uidos corporais do que um banco de esperma.

O meu cérebro faz uma derrapagem ao ouvir o som melodioso e suave da

gargalhada dela.

— Não sejas dramático. Este deve ser o melhor hotel de Detroit — diz-me.

— Podia ser o Ritz-Carlton e, mesmo assim, recusava-me a dormir no chão.

— Podes optar pelo sofá.

— Obrigado pela sugestão, mas gosto da minha coluna direita como é.

Ela volta a dar uma pequena gargalhada, desta vez, com alguma pieira no m. Ficamos calados, mas, agora, o silêncio parece mais confortável do que antes.

— Julian — murmura a Dahlia passados uns minutos.

— Estou a dormir. — Fecho os olhos com força.

— Não, não estás. — Dá-me um toque com o gesso.

Abro um olho e con rmo que ela se aproximou de mim. Está deitada de lado, com o braço direito por baixo da almofada e o cabelo escuro espalhado em volta do rosto como uma cortina.

— O que queres? — pergunto-lhe, sem esconder a irritação.

— Há uma coisa que me anda a incomodar.

— Tem que ver com o colchão?

— Tem que ver connosco.

Fico em silêncio, e a Dahlia suspira.

— Às vezes, sinto que... — Não termina a frase.

Sentes o quê?, quero perguntar-lhe.

Conta-me, quero dizer-lhe.

Mas, em vez de ceder à curiosidade, mantenho as perguntas trancadas na minha cabeça.

Ela volta à posição original, deitada de costas.

— Esquece. Estou exausta.

Deixo a mentira passar porque não estou pronto para enfrentar o que quer que ela queira dizer sobre nós, sobretudo porque, para começar, não existe um nós. Só porque tu tens demasiado medo do que poderia acontecer se existisse, murmura a voz na minha cabeça.

Mesmo pondo de lado a minha história com a Dahlia, há muitas coisas que nos impedem de tentar qualquer coisa séria, incluindo o facto de ela se mudar novamente para São Francisco no próximo ano e o facto de eu não ser suficientemente bom para ela.

Nem sequer quero ter lhos, porra. Portanto, embora pudesse admitir o que



sinto por ela, isso não significa que sejamos compatíveis.

Por mais que eu deseje que fôssemos.

Acordo com o som de algo a bater na parede atrás de mim. Abro os olhos repentinamente e cou com o corpo rígido por baixo do da Dahlia. A respiração rítmica dela não muda, portanto, duvido que se dê conta do que quer que seja, incluindo da maneira como me abraça como se eu fosse a sua almofada preferida.

Sempre achei a Dahlia lindíssima — a sorrir ou a fazer um esgar, maquilhada ou de rosto limpo, vestida como uma modelo de passarela ou só de sweatshirt e leggings —, mas, neste momento, com o braço à minha volta e o rosto encostado ao meu peito, parece-me absolutamente deslumbrante.

Um homem inteligente sairia de debaixo dela e substituiria o seu corpo por uma almofada, mas é evidente que não tenho o QI

necessário para me mexer um centímetro que seja. Sobretudo quando a Dahlia se encosta ainda mais ao meu peito e põe a perna por cima da minha, como se pressentisse o meu impulso de fugir.

Nunca nada me soube tão bem quanto acordar com a Dahlia nos braços.

A sensação pesada que tenho todas as manhãs quando acordo sozinho desapareceu.

Só mais uns minutos, prometo a mim mesmo, enquanto o casal do quarto ao lado continua a maratona de sexo contra a parede comum.

A dada altura, acabo por fechar os olhos e adormeço ao som do ressonar baixinho da Dahlia — um facto sobre o qual mentiu a noite passada.

No entanto, apesar disso, adormeço com um sorriso.

Ela não tenciona car na cidade por muito tempo, repito pela enésima vez nesta viagem a Detroit.

Nesse caso, o melhor é aproveitares ao máximo e desfrutares da companhia dela enquanto podes.

A dada altura durante a manhã, a Dahlia conseguiu libertar-se do abraço de ferro com que prenda o corpo dela contra o meu e deixou-me acordar sozinho umas horas depois, ao som da porta do quarto a bater na parede.

— ¡Buenos días, princesa! [43](#) Trouxe-te café e um croissant misto. — A Dahlia equilibra dois copos de plástico cheios de café no braço conforme fecha a porta

com o pé.

Pestanejo para o teto, esfrego os olhos e dou um grande bocejo. Ela pousa o café na minha mesinha de cabeceira antes de se sentar aos pés da cama.

Não preciso de olhar para a etiqueta do copo para constatar que é a bebida certa. Foi a Dahlia que me viciou em cafés gelados com mais caramelo, molho de caramelo e uma pitada de natas, e nunca mais consegui deixar de os beber, apesar de me lembrarem sempre dela.

Basta-me um único gole para me sentir revitalizado. Sento-me

encostado à cabeceira da cama e passo a mão pelo cabelo.

— Dormiste bem?

— Hum hum. — Afasta o olhar, mas o rubor que lhe sobe pelo pescoço denuncia-a.

Já quase me tinha esquecido dos nossos vizinhos, até que recomeçam o ritual de pinar de hora a hora, com força su ciente para fazer a cabeceira deles bater na parede do nosso quarto.

— Aquilo é...? — A Dahlia esbugalha os olhos.

— Iá. — A minha resposta é seguida de um gemido altíssimo.

— Uau. — Ela franze o sobrolho.

«Só a ponta», geme a senhora.

A Dahlia tapa a boca com a mão.

«Porra, bebé. És tão apertada», ruge o homem.

A Dahlia esconde a cara na cama, mesmo em cima das minhas pernas. A manta faz um bom serviço ao abafar-lhe as gargalhadas, mas consigo senti-las diretamente na alma.

«Gostas que eu seja bruto?» Uma palmada ecoa através das paredes antes de se ouvir outro gemido.

«Oh, sim.» A mulher geme. «Com mais força.»

O homem solta um grunhido e depois a mulher diz: «Assim mesmo, bebé.»

— Assim mesmo, bebé — repete a Dahlia num tom sedutor conforme espreita para mim por entre a cortina de cabelo escuro.

O meu sexo devia estar tudo menos ereto, mas basta ela chamar-me bebé enquanto olha para mim com olhos de cama para o meu sangue uir para baixo.

— O que estás a fazer? — murmuro.

— A divertir-me. Experimenta comigo.

Não sei muito sobre a vida dela em São Francisco, mas tendo em conta

a maneira como se tem comportado durante esta viagem, seria de pensar que foi

privada de todas as coisas que adora.

A Dahlia rasteja em direção à cabeceira e dá um suspiro suficientemente sonoro para fazer os nossos vizinhos pararem o que quer que estivessem a contar em voz alta, como se estivessem a aprender os números.

Que grande merda. Diz-me que ela não está a fazer o que eu penso que está a fazer.

A Dahlia agarra a cabeceira com a mão direita e empurra-a com toda a força.

Toda a gente, incluindo os nossos vizinhos, ca tão calada que dava para ouvir cair um al nete.

«Ouviste aquilo?», pergunta a mulher.

«Estou-me nas tintas. Eles que oiçam», comenta o tipo.

— Não vou mentir, é um bocadinho excitante — diz a Dahlia, com as maçãs do rosto um pouco mais rosadas.

— O quê?! — Quase me engasgo ao inspirar.

Um gemido feminino vindo do outro lado da parede faz-me arregalar os olhos.

«Põe-me o dedo no cu, como zeste da última vez», grunhe o tipo.

— Ainda achas excitante? — pergunto-lhe num o de voz.

— Só se ele adorar. — Os olhos da Dahlia brilham de uma maneira que eu não via desde a universidade, mesmo antes de tudo ter dado para o torto.

Porra. Com base na maneira como o tipo está a gemer, é seguro dizer que gosta do que quer que lhe estejam a fazer.

A Dahlia torna a abanar a cabeceira, fazendo o casal acalmar um pouco.

Diabos me carreguem se vou dar cabo da diversão dela. Não tenho a certeza de que se tenha divertido muito quando namorava com aquele

imbecil e, por uma vez na vida, quero ser a razão de ela sorrir.

Que se lixe.

Balouço para trás e para a frente com força suficiente para fazer a cabeceira embater na parede. Em vez de se preocuparem, os nossos vizinhos parecem sentir-se incentivados pela nossa intromissão.

— Onde é que me queres? — A voz rouca da Dahlia faz o meu sexo levantar -

se.— Sentada na minha cara seria um bom começo.

— O quê?

— Ouviste bem. — Bato nos lábios. — Afasta as pernas e mostra-me o que é meu.

— Eu... nós... — O rosto dela passa de rosa para vermelho.

— Se vais mandar bocas, o melhor é que o faças com os lábios em volta da minha pila.

A Dahlia pega na almofada mais próxima e atira-a à cabeça, mas desvio-me.

Com a ponta do indicador, traço uma linha que vai do pescoço dela ao rosto vermelho como um tomate.

— Alguém cou envergonhada. — Depois de todos estes anos a lidar com as provocações constantes da Dahlia, sabe-me bem ser eu a provocá-la.

— Para com isso. — As narinas dela estremecem.

— Porquê? Tens medo de gostar?

— Como se eu quisesse a tua pila perto da minha boca.

— Isso signi ca que os outros dois orifícios estão disponíveis?

— Só se o teu também estiver, mi amor. — Passa-me o polegar pelo lábio inferior.

Porra. Tanto eu como os nossos vizinhos camos calados. O comentário dela não devia ser excitante, mas, bolas, tenho o sexo tão teso que está prestes a partir.

A Dahlia está com a respiração tão ofegante que me pergunto se lançará fumo pelas narinas.

Levaste as coisas muito longe. Demasiado longe.

— Dah...

Ela põe-se em cima do meu colo com as pernas abertas e tapa-me a boca com a mão direita.

— Chiu. Nada de nomes — murmura.

— Desculpa. — A minha resposta soa abafada.

A Dahlia faz menção de sair do meu colo, mas seguro-a, pondo-lhe as mãos rmemente em volta das ancas.

Olhamos para os olhos um do outro.

O que é que estás a fazer?

A Dahlia baixa os olhos para os meus lábios, fazendo-me sentir um formigueiro.

Algo de que, provavelmente, me vou arrepender.

Não seria a primeira vez.

Ela parece cair em si primeiro, porque tenta escapulir-se do meu aperto, mas ca de olhos arregalados.

— Estás... — Engole em seco com força su ciente para eu notar, antes de mudar a posição das ancas, fazendo-me sibilar quando se roça na minha ereção.

— Oh, meu Deus.

— Para.

— Estás teso — anuncia, com as maçãs do rosto coradas. — É por causa...

Algo embate sonoramente contra a parede, seguido de outro gemido.

— Adivinha — retruco.

A Dahlia roda as ancas e a minha cabeça cai para trás enquanto solto

um gemido. O risinho que ela dá provoca-me emoções contraditórias — e nenhuma das duas é boa.

— Sinto-me lisonjeada. — Passa um dedo pelo meu peito.

— Cala-te.

— Não. Saber que te afeto desta maneira... — Encosta os dedos aos lábios e faz o som de um beijo. — Foi feita justiça.

— Eu já te mostro o que é justiça. — Agarro-a pela nuca e puxo-a para a frente, para mim. Ela fecha os olhos conforme se inclina para a frente, apenas para os esbugalhar quando ouvimos o som ensurdecedor que os nossos vizinhos fazem ao atingir o clímax.

A Dahlia sai disparada da cama e corre para o outro lado do quarto enquanto eu deixo cair a cabeça contra uma almofada e solto um gemido.

Não preciso de uma lista de prós e contras para me lembrar de todos os motivos pelos quais é má ideia beijar a Dahlia. Só iria complicar mais as coisas e, com tudo o que está a acontecer nas nossas vidas, é melhor não piorar a situação quando esta já está mais estruturalmente comprometida do que um Titanic a afundar-se.

Levanto-me da cama, pego no telemóvel e vou para a casa de banho à medida que escondo a ereção da Dahlia. O correio de voz está cheio de mensagens da minha mãe, do Sam e do Rafa, mas ignoro todas e tomo um duche quente.

Masturbar-me é a opção mais inteligente, embora pensar na Dahlia enquanto o faço não seja, de todo. Primeiro, tento resistir, mas a tarefa parece impossível quando sou inundado por imagens dela.

Masturbo-me a pensar nas ideias que me enchem a cabeça depois da nossa encenação teatral.

A Dahlia sentada no meu rosto.

A minha língua e boca a penetrá-la até ela ameaçar cortar-me a respiração.

Os lábios dela em volta do meu sexo — a lambar, a beijar, a sugar — enquanto destrói o meu mundo com um só orgasmo.

Sinto um formigueiro nas costas a cada puxão frustrado e co com a

respiração acelerada, até começar a ofegar com a fantasia da Dahlia a engolir a minha pila conforme me venho.

Porra. Porra. Porra!

A última imagem faz-me explodir. Gozo o orgasmo enquanto mexo a mão com força su ciente para sibilar.

Só depois de despertar do prazer e ser atirado de volta à realidade é que me apercebo do que z. Pensar em dormir com a Dahlia é uma coisa, mas vir-me com imagens dela? Isso é marado a outro nível.

Espero pela vergonha, mas não aparece. Em vez disso, sinto a cabeça a andar à roda com a possibilidade do que podia acontecer se eu parasse de ignorar o óbvio.

Lutar contra a atração que sinto pela Dahlia é uma batalha perdida, e se há coisa que detesto é ser derrotado por ela.

43 ¡Buenos días, princesa!: Bom dia, princesa!

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Dahlia

Eu devia ter percebido que o dia de hoje ia ser um desastre no momento em que acordei nos braços do Julian, com ele a balbuciar o meu nome a dormir. Não foi o facto de ele sonhar comigo que me assustou, foi a maneira como isso me fez sentir.

O nosso dia piorou rapidamente e entrou em território desconhecido, e senti -

me como um navio à deriva, a tentar navegar num mar tumultuoso de emoções contraditórias.

Encosto o ouvido à porta da casa de banho depois de ouvir um barulho estranho vindo do interior. A pele de galinha espalha-se pelo meu corpo quando o Julian geme o meu nome e depois diz um palavrão. Sinto a pele a arder ao ouvir aqueles sons e sou inundada por uma nova sensação que se apodera do meu baixo-ventre.

Podias sugerir-lhe uma coisa tipo amigos coloridos.

Só que eu e o Julian não somos amigos.

Só coloridos, então?

É uma oferta tentadora, mas nunca fui do tipo de fazer sexo casual. Sou o tipo de rapariga que se apaixona primeiro e faz sexo depois, portanto, sugerir algo diferente disso seria uma receita para o desastre.

Ou pode ser exatamente aquilo de que precisas.

Quando oiço um cano ranger e a água fechar-se, corro para o canto da cama, sento-me e pego no telemóvel.

Uns minutos depois, uma nuvem de vapor segue o Julian quando ele sai da casa de banho, vestindo calças de ganga e uma T-shirt.

— Olá. — Esfrega a nuca com uma toalha.

— Tomaste um bom duche?

— Hum, hum. — Não consegue olhar para mim durante muito tempo.

Esquece.

Nem pensar. Uma oportunidade para provocar o Julian é demasiado boa para perder.

Não queria fazer um trocadilho.

— Acabaste o serviço? — pergunto-lhe, tentando esconder um sorriso.

— Acho que sim? — Forma-se-lhe uma ruga na testa.

— Foi duro?

— Foi... — Não termina a frase e, uns segundos depois, as maçãs do rosto quase explodem. — Ouviste-me.

— Só por curiosidade, hoje foi uma ocasião especial ou costumas gemer o meu nome quando te estás a vir?

— Só quando estou a pensar em ti sentada na minha cara. — Atira a toalha para as costas de uma cadeira.

Acho que o meu maxilar vai precisar de voltar a ser encaixado, tendo em conta o quanto se abriu. Fico à espera de que o Julian se mantenha calado e pare de olhar para mim, mas parece ter encontrado uma nova con ança pós-orgasmo.

— Sonhas com isso muitas vezes? — pergunto-lhe.

— As su cientes para questionar a minha sanidade.

Pestanejo várias vezes.

— Isso agrada-te? — A pergunta faz-me pressionar as coxas uma contra a outra.

— Provavelmente, mais do que deveria.

A minha temperatura corporal dispara sob o olhar dele.

Detesto-me por ser a primeira a desviar o olhar.

— Quase nos beijámos.

O Julian não diz nada.

— O que é que queres, Julian?

Ele encosta-se à parede oposta, com o ar mais tranquilo e composto deste mundo, e cruza os braços sobre o peito musculado.

— Diz-me tu.

Será que tudo isto não o perturbou?

Céus. Isso seria extremamente embaraçoso.

— Isto é um erro. — Abano negativamente a cabeça.

— Só se tu quiseses que seja.

— O que estás a dizer?

O Julian encolhe um dos ombros.

Faço um esgar.

— És um homem de trinta anos. Comunica em consonância.

— Não é evidente?

— Estaria a perguntar-te se fosse?

Ele semicerra os olhos.

Lanço-lhe um olhar furioso.

O Julian franze os lábios.

— A ti. Quero-te a ti.

Sinto-me como se tivesse engolido um saco de areia.

— Saí recentemente de uma relação séria.

— Ninguém está a dizer que deves atirar-te de cabeça para outra.

Não é propriamente a resposta que eu queria ouvir, mas, apesar de tudo, é uma resposta decente.

Encho-me de coragem e pergunto-lhe:

— Nesse caso, o que é que estás a sugerir, exatamente?

O Julian faz uma pausa demasiado longa.

— O que tu quiseses.

— O que é que tu queres?

Passa os olhos pelo meu rosto.

— O que quer que estejas disposta a dar-me.

— Só isso?

O Julian anui.

— Portanto, se eu sugerisse uma coisa casual? — A pergunta deixa-me um mau sabor na boca.

— Tudo bem.

O coração cai-me aos pés. Ele não quer nada sério.

É melhor assim. Menos expectativas. Menos desilusões.

— Está bem — respondo-lhe.

Vais começar uma relação sem compromisso com o Julian?

Os meus olhos traçam uma linha escaldante pelo corpo dele, apreciando-o sem me sentir envergonhada. Músculos que nunca mais acabam. Abdominais de babar. Uma boca que promete as coisas mais lascivas que adoraria experimentar pessoalmente.

Podes crer que sim.

Para quê dar-me ao trabalho de ignorar algo de que ambos já estamos dolorosamente cientes? Ele sente-se atraído por mim. Eu sinto-me atraída por ele. Esta situação não é propriamente transcendente, embora a nossa história

seja complicada.

— Dahlia.

Olhamos um para o outro.

— Tu queres uma relação casual? — pergunta-me aquilo num tom carinhoso que eu nem sequer sabia que ele tinha.

Mordo o interior da bochecha até sentir o sabor do sangue.

— Depois de tudo o que aconteceu, divertido e simples parece-me bem.

— Está bem. — O Julian bate com o indicador na coxa.

— Está bem?

— Estavas à espera de que eu objetasse?

— Mais ou menos? — Ou, pelo menos, que demorasse mais de um segundo a pensar no assunto.

— Queres algo divertido e simples e é o que te vou dar. — Ele está a dizer todas as palavras certas e, apesar disso, sinto um aperto doloroso nos pulmões.

— Durante quanto tempo?

— Diz-me tu.

— Não sei. Não é como se já tivesse feito uma coisa destas.

— Tudo bem. — O Julian abre as narinas.

— Mas tu já zeste. — Só de pensar nisso, co com a barriga às voltas.

— Importas-te?

Muito mais do que devia.

— Não.

O Julian olhar para mim momentaneamente antes de avançar um passo na minha direção.

— Continuamos até que um de nós deixe de se divertir.

— Não. — Preciso de algo mais concreto do que isso. Uma fronteira clara que me responsabilize e me impeça de fazer qualquer coisa idiota. — Até ao Ano Novo. — Isso deve dar-me tempo suficiente para o tirar do meu sistema.

— Porque vais voltar para São Francisco?

Anuo.

— A casa já deve estar quase terminada e tenho um contrato pendente para um programa.

Os músculos do pescoço do Julian cam tensos.

— Posso trabalhar com isso.

A minha barriga transforma-se numa confusão de borboletas esvoaçantes quando ele se encaminha para mim, me afasta as coxas e se mete no meio delas.

Sou percorrida por um arrepio quando o Julian põe a mão na minha nuca e expõe o meu maior segredo com um só toque do polegar no meu pescoço.

— Estás nervosa.

— Um bocadinho — confesso.

— E que mais? — Inclina-se e beija-me o pescoço, arrancando-me outro arrepio.

— Excitada. — Desejo o Julian e já parei de evitar os meus sentimentos na esperança de que a atração que sinto desapareça. Experimentei essa estratégia durante anos sem sucesso, portanto, mais vale ceder e desfrutar.

Consigo senti-lo a sorrir contra a minha pele.

— Esperei muito tempo por isto.

— De exatamente quanto tempo estamos a falar? Porque, se calhar, não te obriguei a esforçares-te o su ciente...

Ele cola a boca à minha pela primeira vez em quase uma década, calando-me e cazmente. As minhas células cerebrais entram em greve quando me beija como se fosse a sua última oportunidade de o fazer.

Já dei muitos beijos na vida, mas nenhum que se comparasse a este. O desejo.

A paixão. O beijo que me arrepia, que me derrete a mente, que demorou uma década a acontecer e que provoca uma espiral de sensações no meu corpo.

O Julian demora-se, provocando-me a cada roçar dos lábios e passagem da língua.

Os movimentos são intencionais, visam enlouquecer-me, enquanto enrolo as pernas em volta da cintura dele e o puxo para mais perto. Passa-me os dedos pelo cabelo e acaricia-me a cabeça enquanto se roça em mim. Ambos gememos e aproveito para passar a língua na dele.

O nosso beijo torna-se mais desesperado. A dada altura, afasto-me dele e puxo-lhe o cabelo. Os músculos do Julian estremecem quando deixo uma la de beijos na cova do pescoço dele, sentindo a pele a aquecer.

Roda as ancas, provocando-me com a pressão do seu sexo, e a minha cabeça cai para o lado quando ele recupera o controlo da situação e me transforma num caos ofegante e latejante. Apodera-se da minha boca. Do meu pescoço. Do meu peito. Marca um trilho ardente, queimando as memórias de todos os homens que vieram antes dele.

Não tenho a certeza de quanto tempo lutamos pelo domínio, mas nenhum de nós desiste, até que co deitada de costas, com as pernas caídas ao lado da cama, e o Julian a pairar sobre mim.

Antes de eu ter oportunidade de protestar, põe-se de joelhos e tira-me rapidamente os sapatos e as calças de ganga.

Sobe-me pela coxa, depositando beijos, antes de parar junto das cuecas.

— Amorosas, embora hoje seja sexta-feira.

— Achei estas mais engraçadas.

Ele sorri para as cuecas com o estampado Quinta-feira de vinho.

— Concordo.

— Ótimo. Agora, fala menos e beija-me mais. — Empurro-lhe a cabeça para baixo com o braço bom, mas ele desvia-se e dá-me uma dentada no interior da coxa.

Dou um salto.

— Que diab...

— Para de me apressar.

— Por favor, demora o tempo que quiseses.

Os olhos dele brilham num desa o silencioso. Puxa o elástico das cuecas, despindo-mas enquanto beija cada centímetro de pele a que consegue chegar.

Embora adore estes beijos suaves, perco a paciência rapidamente.

— Só para esclarecer, quando te disse para demorares o tempo que quisesses, estava a referir-me a estares com a língua dentro de mim.

— Ah, sim? — pergunta-me, naquele seu tom irritantemente seco.

— Percebo que tenhas esperado trinta longos e dolorosos anos para perder a virgindade e isso tudo...

Os meus pensamentos desaparecem quando ele me abre as pernas. Qualquer controlo que o Julian tivesse, esvai-se depois da primeira passagem da língua sobre o meu centro molhado.

Devora-me com uma fome imensa que nunca senti noutra companheiro, e tenho medo de que deixe de respirar pela maneira como me suga, me lambe e me provoca sem levantar a cabeça.

Perco toda a noção de tempo enquanto ele me dá prazer. O Julian estuda as minhas reações como se eu fosse a sua disciplina preferida, aperfeiçoando a técnica de tocar, lambe e sugar até eu implorar pelo orgasmo.

A pressão acumula-se no meu baixo-ventre, com a ânsia a aumentar de cada vez que ele passa a língua e me suga o clitóris.

As minhas coxas estremecem ao lado da cabeça dele conforme

contenho o meu orgasmo, indecisa entre querer vir-me e desejar que isto dure.

— Tão bonita. — O Julian fecha os olhos.

Dou um salto quando ele passa a língua pelo meu clitóris e, ao mesmo tempo, enfiando um dedo no meu centro. As minhas pernas estremecem quando, pouco depois, enfiando mais um dedo, fazendo os meus nervos disparar.

— Respondest tão bem. — Afasta os dedos, para me mostrar exatamente isso.

Fico com o rosto completamente corado, o que lhe arranca um sorriso diabólico.

— Tão perfeita para mim. — Dobra os dedos e acaricia-me o clitóris por dentro, fazendo-me ver estrelas imediatamente. A maneira como o Julian sabe manipular o meu corpo de todos os ângulos faz com que me arrependa de ter duvidado da sua perícia na cama. Já gozei de bom sexo antes... mas isto?

O Julian podia dar uma aula sobre o orgasmo feminino.

Não resta um único pensamento na minha cabeça quando me venho com um grito. O calor inunda-me o corpo como um tsunami, consumindo tudo à sua volta. O Julian não para de me tocar enquanto continua a mexer os dedos, acompanhando o meu orgasmo.

Não tenho a certeza de quanto tempo demoro a deixar de sentir prazer. A única coisa que sei é que, a dada altura, o Julian trepou por cima do meu corpo inerte e me aprisionou entre os braços.

Ponho-lhe a mão no rosto.

— Estás a dizer-me que passámos este tempo todo a discutir quando podíamos estar a fazer aquilo?

Ele encosta mais o rosto à minha mão, com um sorriso. O meu coração não tem qualquer hipótese de abrandar se ele continuar a fazer coisas carinhosas como esta, portanto, afasto-me.

— Estás a ter dúvidas? — O Julian inclina a cabeça.

— Não. — Embora provavelmente devesse tê-las, especialmente quando ele me faz sentir assim.

— Ótimo. — Beijá-me mais uma vez antes de se levantar da cama.

— Onde é que vais? — Aponto para o seu sexo grosso e impressionante.

O Julian olha para o relógio.

— Fica para a próxima.

Sinto as maçãs do rosto ferver enquanto o Julian me ajuda a vestir.

— E agora? — Mantenho a cabeça baixa à medida que começo a guardar a roupa recém-comprada.

— Mantemos as coisas divertidas e simples.

A minha barriga salta do cimo de um grande penhasco íngreme.

— Não achas que devíamos estabelecer algumas regras? — Posso não ter

muita experiência no que toca a relações, mas tenho a su ciente para saber que é melhor determinar as expectativas. Assim, se voltar a magoar-me, só me posso culpar a mim mesma.

— Se quiseres. — O Julian encolhe um dos ombros.

— Acho que, provavelmente, é melhor, para não acabarmos com sentimentos feridos.

— Sentimentos? O que é isso?

Com o meu braço bom, atiro-lhe uma almofada à cabeça, mas ele apanha-a com re exos de ninja.

— Estou disposto a concordar com o que tu quiseres, mas quero que sejas frontal e sincera comigo.

Certo. É mais fácil de dizer do que de fazer, depois da última vez em que fui vulnerável com ele.

As pessoas nunca irão aprender com os seus erros se não lhes deres hipótese de o fazer.

Respiro fundo para ganhar coragem.

— Devemos manter as coisas privadas.

— Certo. — Uma expressão sombria passa-lhe pelo rosto.

— Não é que eu sinta vergonha ou coisa parecida.

— Claro.

— Não quero que as pessoas pensem...

— Que estamos juntos — termina por mim.

Baixo os olhos para o colo.

— As nossas mãos iam car cheias de esperanças.

— Mais do que já estão?

Faço um esgar.

— Que mais?

— Isto deve ser exclusivo. — Só de pensar nele com outra pessoa com a barriga às voltas.

— Já tínhamos determinado que não gosto de partilhar.

— É evidente, tendo em conta a maneira como agiste como um homem das cavernas ciumento com o Evan, o Dan e qualquer pessoa que tenha olhado para mim durante mais de dez segundos. — O meu revirar de olhos é interrompido por uma almofada que me acerta em cheio no rosto.

O Julian dá uma gargalhada, mas depois desfaz-se em desculpas quando eu njo que me magoou no olho.

— Au. — Faço beicinho e fungo.

— Desculpa. — Dá-me um beijo na têmpora, mesmo por cima da minha

«ferida», até que eu tenho um ataque de riso.

A mão dele deixa de me tocar no rosto e fecha-se em volta do meu pescoço.

— Aldrabaste-me.

— Não tens provas disso.

Aperta mais os dedos em volta do meu pescoço.

— Está bem — cedo. — Aldrabei! Mas não tenho a culpa de que sejas tão crédulo.

Aperta-me o pescoço mais um pouco antes de me empurrar o ombro. Caio no colchão e estremeço.

Um lampejo de pânico passa-lhe pelo rosto enquanto estica a mão para me ajudar a sentar.

— Merda. Desculpa. Estás bem? Devia ter tido mais cuid...

— Calma. Foi um acidente. — Componho o suporte do braço.

O Julian empalidece.

— Pensando melhor, devíamos esperar até que o médico te dê alta antes de fazer o que quer que seja. — Dá um grande passo atrás.

— Isso é só daqui a duas semanas!

— Não vou correr o risco de te magoares novamente.

O meu coração mergulha traiçoeiramente em território inimigo, expondo a minha fraqueza.

O Julian.

Não tenho a certeza de quanto tempo vai durar este caso entre nós, mas tenciono aproveitá-lo ao máximo — e a ele — até ser altura de me ir embora.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Dahlia

É fácil passarmos o resto da manhã na nossa pequena bolha enquanto vamos buscar as coisas para o festival e regressamos a Lake Wisteria. Com o Julian a pôr as nossas canções preferidas da altura do liceu e eu a gritar as letras o mais alto que consigo, o tempo voa na viagem de regresso à cidade.

Tenho uma sensação estranha quando o Julian afasta a mão da minha coxa e lamento a perda do toque conforme nos encaminhamos para o parque onde o Festival das Colheitas está a ser preparado.

Mantemo-nos em lados opostos do parque à medida que ajudamos a mãe dele com tudo aquilo de que precisa para o evento de amanhã. O Julian cumpre a promessa de não me tocar em público, embora o apanhe a olhar para mim algumas vezes com uma expressão estranha.

No sábado, acordo agradavelmente surpreendida com a maneira como estou cheia de entusiasmo, em vez de sentir o peso do temor. É um sinal positivo que tenciono partilhar com a minha terapeuta na nossa próxima sessão e que planeio aproveitar plenamente hoje, quando me encaminho para o Festival das Colheitas para o meu turno da manhã.

A esta hora do dia, não há muitas pessoas interessadas em buñuelos, portanto, entretenho-me a observar o Julian a debater-se com a banca de champurrado.

— Está tudo bem? — pergunto-lhe quando o oiço praguejar para si mesmo em espanhol.

— Perfeito. — O Julian limpa o rosto com as costas da mão.

— Oh, senhor. Despache-se! Estou a perder a paciência — grita um miúdo de dez anos do m da la.

Dou uma gargalhada enquanto algumas pessoa começam um cântico.

— Graças a Deus que nunca vou ter lhos — murmura o Julian.

— Não? — Sinto a garganta tão apertada que co surpreendida por conseguir sequer dizer a palavra.

— Não me digas que queres lhos depois de passares a manhã inteira a ouvir estes miúdos.

Dou uma enorme dentada num buñuelo, apesar de ter a barriga às voltas, à medida que o Julian despacha a la de crianças à velocidade de um caracol.

Alguns dos miúdos vêm para a minha banca depois de lhe pagarem e sirvo um pequeno buñuelo a cada um, sugerindo-lhes que o mergulhem na bebida que o Julian preparou.

— Isso é nojento. — O Julian franze o nariz.

— Ainda não provaste.

Um dos miúdos segue o meu conselho e ca com os olhos a brilhar.

— Isto é fabuloso! — Levanta a mão.

Dou-lhe um high ve antes de me virar para o Julian.

— Eu bem te disse.

— Ninguém gosta de uma sabichona.

— Quero provar! — A menina loira que vi com a Alana sai de trás de um grupo de miúdos e estende-me uma nota de cem dólares.

— Humm... Um segundo. — Abro a caixa registadora e tento juntar notas su cientes para lhe dar o troco.

— Deixe estar. — Uma voz masculina rouca faz-me virar e vejo o tipo loiro que vi antes com a miúda.

Como é que ele se chamava? Al?

Levanto a nota nova para que ele a veja.

— Ela deu-me uma nota de cem.

— Guarde-a para a universidade. — A miúda pisca-me o olho.

Embora me sinta lisonjeada por ela achar que pareço ter idade para andar na universidade, co um pouco preocupada por andar a distribuir notas de cem como se fossem de um dólar.

— És a lha da Alana? — Ponho um pouco de massa na fritadeira.

— Sim! Sou a Cami.

— Conhece a minha noiva? — pergunta-me o homem que talvez se chame Al.— Sim. Nós os três andámos no secundário ao mesmo tempo. — Aponto com o polegar para o Julian, que faz um esgar para o homem que está à minha frente.

— Não me disseste isso, Julian — diz-lhe o Al.

— Não perguntaste — replica o Julian num tom entediado.

Hum.

— Vocês conhecem-se?

— Remodelei a casa dele no ano passado — diz-me o Julian.

— Claro que sim.

— Callahan Kane. — O noivo da Alana estende-me a mão.

A porra do Callahan Kane?

Estava na presença da realeza americana e não fazia ideia. Embora o Declan Kane, o neto mais velho do fundador da Empresa Kane, seja fácil de reconhecer por causa do número de artigos publicados sobre ele quando se tornou presidente do Conselho de Administração, o Callahan Kane tem passado despercebido e não costuma aparecer na imprensa.

Se eu fosse herdeira do maior conglomerado de comunicação social e do império do parque de diversões Dreamland, também queria passar despercebida. Os repórteres são cruéis e não me ocorre melhor alvo do que três bilionários bem parecidos.

— Não fazia ideia de que tinha andado no secundário com a minha noiva —

diz-me o Callahan.

Recupero o controlo.

— Eu e o Julian não fazíamos propriamente parte do grupinho popular.

— Não?

— Estávamos um bocadinho atarefados a fazer parte do quadro de honra e assim.

— Ah. Certo. — Inclina a cabeça e semicerra os olhos de uma maneira que conheço demasiado bem. — Espere. É aquela designer de interiores que tem um programa de televisão?

— Sou. — Fico com as maçãs do rosto coradas.

— Eu sabia! A minha cunhada é uma grande fã do seu programa.

— A sério? — consigo balbuciar.

— Oh, sim. Viu todos os episódios de seguida antes de renovar a casa dela.

— Que bom. — Os nervos apoderam-se de mim porque um raio de um

Kane vê o meu programa.

— Não sabia que era desta zona. — O sorriso dele é caloroso.

— Nascida e criada. — Levanto o polegar, como uma grande falhada.

— Tenciona car algum tempo na cidade, entre temporadas?

— Hum... sim.

O Julian ca tenso.

O Callahan junta as mãos.

— Isso são excelentes notícias, porque o meu irmão e a mulher querem comprar uma propriedade na zona, portanto, tenho a certeza de que irão precisar de uma designer de interiores local. A Iris vai passar-se se você estiver livre.

Eu? Decorar uma casa que pertence à família Kane? Acho que vou desmaiar só de pensar nisso.

O olhar furioso do Julian podia aumentar a temperatura global em vários graus.

— Ela não está disponível.

— Ela pode falar por si mesma. — Viro-me para o noivo da Alana, esboçando um pequeno sorriso. — É possível que esteja em Imagens quando isso acontecer, mas, mesmo que esteja, adoraria ajudar a sua família.

— Dahlia! — A Alana vem ter connosco. — Devia ter adivinhado que, este ano, ias ser tu a tratar da banca dos buñuelos. — Puxa-me para um abraço antes de pegar na mão da Cami e de a afastar da banca. — Disse-te que só podias comer mais doces depois do almoço.

— Mas o Cal disse que eu podia.

— Ah, disse? — A Alana lança um olhar expressivo ao namorado.

O Cal levanta as mãos.

— Experimenta dizer-lhe que não quando ela faz aquela coisa.

Como se tivesse recebido uma ordem, a miúda faz beicinho, com o lábio inferior a tremer, fazendo-me rir.

A Alana lança-me um olhar que tenta parecer furioso.

— Não a incentives.

— Ele tem razão. Eu não teria a mínima hipótese de dizer que não a essa miúda.

— Quando tiveres um lho, vais compreender.

O meu sorriso desvanece-se, quando uma sensação fria de temor se apodera de mim.

— Tenho a certeza que sim — consigo dizer, apesar da corda invisível que me aperta o pescoço.

A expressão da Alana muda rapidamente para uma que conheço demasiado bem.

— Está tudo bem?

O Julian vira rapidamente a cabeça para mim.



Esboço o mesmo sorriso falso que arvorei enquanto lmava toda a última temporada do meu programa.

— Sim. Tudo bem.

O telemóvel vibra no bolso de trás das minhas calças. Pego nele e leio o nome antes de me virar para o Julian.

— Ouve, importas-te de tomar conta da banca por um bocadinho?

— Está tudo bem? — O Julian franze o sobrolho.

É a terceira vez que me faz a mesma pergunta nesta última hora e, embora a minha resposta não tenha mudado, a preocupação dele aumentou.

— Espero que sim. Volto já. — Faço-lhe um último aceno de mão por cima do ombro e, de seguida, encaminho-me para uma la de bancas.

Só atendo a chamada da Jamie quando estou longe da vista e dos ouvidos dos visitantes do festival e dos voluntários.

— Olá! — Embora eu e a Jamie não trabalhemos juntas há muito

tempo, sei que algo se passa quando ela fala neste tom agudo.

— Olá.

— Então... — diz-me. — Juro que não te teria ligado se não fosse importante.

— Oh? Está tudo bem?

Ela faz uma pausa durante os três segundos mais compridos da minha vida.

— Não.

— O que é que se passa?

— Ontem à noite, o Oliver foi apanhado à porta de uma discoteca em Vegas por paparazzi.

— Está bem. — A bÍlis sobe-me à garganta.

— Acho que foi tudo encenado.

— Tudo, o quê?

— Não sei te como dizer isto.

— O que se passa? — Sinto que engoli uma pedra.

— Ele casou-se.

— Desculpa. Quem é que se casou?

— O Oliver.

Fecho os olhos com força enquanto sinto uma tontura.

— Desculpa, Dahlia. Gostava de não ser eu a dar-te a notícia, mas achei que

merecias saber por alguém que está do teu lado.

Começo a respirar ofegantemente. O formigueiro que sinto no braço esquerdo faz-me questionar se estou a entrar em paragem cardíaca ou a ter outro ataque de pânico.

Do outro lado do telemóvel, a Jamie mexe em papéis.

— De acordo com o artigo do Golden Gate Gazette, reencontrou-se com a namorada do secundário numa viagem de família aos Alpes Suíços há umas semanas.

— A Olivia Carmichael? — Fico surpreendida por conseguir falar.

— Sim, mas...

Deixo de a ouvir. De qualquer maneira, seria impossível, tendo em conta a maneira como tenho os ouvidos a tinir.

A mãe do Oliver não se calava, dizendo que a Olivia tinha sido a que escapara. Da maneira como os Creswell falavam do pedigree perfeito da lha dos Carmichael, pensar-se-ia que a família criava cavalos e não pessoas.

Aposto que ela pode dar ao Oliver os lhos perfeitos que ele e a mãe querem.

A raiva substitui rapidamente o choque. As minhas emoções vêm à superfície, mais caóticas e perigosas do que um maremoto.

Surpreendentemente, não estou furiosa com o Oliver.

Estou zangada comigo mesma.

— Obrigada pelas novidades, Jamie — digo-lhe, apesar do aperto que sinto na garganta.

— Já tenho o meu pessoal ao telefone, a tratar das relações públicas. Há muitos fãs que te estão a apoiar nas redes sociais.

— Isso é bom.

A longa pausa da Jamie faz-me lembrar um alerta de perigo.

— Mas por causa de tudo o que está a sair nos meios de comunicação...

O som ribombante nos meus ouvidos não consegue abafar a frase seguinte da Jamie.

— O canal de televisão vai desistir. Não se querem ver envolvidos neste drama todo.

— Mas... — A voz falha-me.

— Lamento imenso. Fiz todos os possíveis por salvar o contrato, mas eles acham que é melhor tentares outras opções.

— Claro. Compreendo perfeitamente — replico, tentando manter um tom leve.

— Dá-me tempo para encontrar o canal perfeito para o teu programa.

— Certo.

— Estou a falar a sério, Dahlia. És talentosa e, quando a poeira assentar, as pessoas vão implorar por trabalhar contigo.

Sinto-me grata pelo voto de con ança dela, mas a adepta de catástrofes que há em mim está a perguntar-se se alguém nesta indústria voltará a querer trabalhar comigo depois deste drama todo.

Isso é a tua ansiedade a falar. Tento chamar-me à razão.

Será isso ou estarei a ser realista, depois de ter perdido o contrato por causa do Oliver?

— Tenho de ir. — Desligo a chamada e afasto-me do festival. Quase todos os estabelecimentos da cidade estão fechados, menos um.

O Last Call.

Escolher entre chorar que nem uma madalena ou ir para o bar é uma decisão fácil, embora tenha a certeza de que me irei arrepender mais tarde.

Não é suposto aliviares a depressão com álcool.

Amanhã, tenciono enfrentar os meus sentimentos, mas, hoje, preciso de um descanso. Além disso, não são algumas bebidas que me vão empurrar para o fundo do poço.

Pelo menos, assim o espero.

O cheiro a cerveja velha faz-me franzir o nariz, mas ignoro-o enquanto me sento num banco alto em frente do proprietário do bar.

— Olá, Henry.

— Dahlia? O que estás aqui a fazer?

— A beber um copo.

— Estás bem? — O Henry franze o sobrolho.

— Vou car, depois de me servires um shot de tequila. — Levo a mão à carteira e lembro-me de que a deixei na banca. — Merda. Esqueci-me da carteira.

— Eu pago. — Um tipo que está do outro lado do bar levanta o copo de líquido castanho na minha direção.

— E quem é você? — Franzo o sobrolho.

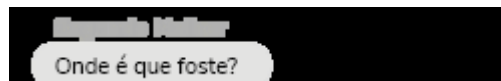
— Depende de quem estiver a perguntar.

Olho em volta do bar vazio.

Ele contorce os lábios.

— Lorenzo. E você?

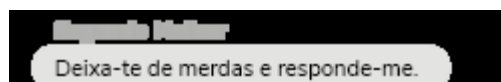
— Alguém que não está interessada em conversar.



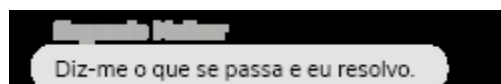
Onde é que foste?



Está tudo bem?



Deixa-te de merdas e responde-me.



Diz-me o que se passa e eu resolvo.

O Henry dá uma gargalhada abafada, pega num copo de shot e enche-o até cima com tequila.

— É oferta da casa.

— Passo por cá amanhã para te pagar.

— Con o na tua palavra.

Levo a mão ao copo e bebo-o de um trago. O álcool queima-me a garganta, atenuando a raiva.

O meu telemóvel passa a hora seguinte a vibrar com mensagens do Julian.

A última mensagem que me envia enche-me o peito de dor.

Temo que nem o Julian, o derradeiro solucionador, consiga reparar os danos que foram in igidos na minha carreira, na minha autoestima e na minha con ança.

Mas vê bem os progressos que zeste.

Sim, é verdade que melhorei um pouco graças à terapia, aos antidepressivos e ao novo projeto com o Julian, mas a escuridão está a voltar a apoderar-se de mim, ameaçando destruir todo o trabalho árduo que z.

Ter um dia mau não anula dez dias bons.

Então porque é que me sinto como uma falhada por fugir dos meus medos e afogar as tristezas em álcool?

Talvez por seres uma falhada, o pensamento tóxico ataca-me como uma cobra venenosa.

Estendo o copo para o Henry.

— Mais um, se faz favor.

A screenshot of a chat bubble with a folder icon in the top left corner. The text inside the bubble reads "Alguém viu a Dahlia?".

A screenshot of a chat bubble with a folder icon in the top left corner. The text inside the bubble reads "Desde a última vez que perguntaste há cinco minutos? Não.". The bubble has a light gray background and rounded corners.

A screenshot of a chat bubble with a folder icon in the top left corner. The text inside the bubble reads "Viste na banca do Cisco?".

CAPÍTULO VINTE E OITO

Julian

Chamo a minha mãe à parte.

— Viste a Dahlia?

Ela abana negativamente a cabeça.

— Pergunta à Rosa.

— Já perguntei.

Passaram-se duas horas desde que a Dahlia se afastou para atender uma chamada. Fiz os possíveis por ignorar a sensação de temor que sinto na barriga, mas só piorou.

Mando outra mensagem para o chat de grupo da família.

Já lá fui duas vezes, bem como a todas as outras bancas de comida preferidas dela. Estou prestes a responder, quando o telemóvel vibra, mostrando um número desconhecido.

— Dahlia? — pergunto, antes de a outra pessoa ter oportunidade de falar.

— Não.

Demoro um segundo a identi car a voz.

— Vittori.

— Por favor, trata-me por Lorenzo. Vittori lembra-me o meu tio, e ele é um idiota chapado. — O tom gozão do Lorenzo só me irrita ainda mais.

— Como é que conseguiste o meu número?

— Não és o único que tem contactos.

Um som que se assemelha distintamente à gargalhada da Dahlia faz-me

apertar o telemóvel com tanta força que quase o esmago.

— É a Dahlia?

— É.

— Passa-lhe o telemóvel.

A gargalhada rouca do Lorenzo não é nada calorosa.

— Não me parece.

— Não estou a pedir.

— Contrariamente à maioria desta cidade, não trabalho para ti, portanto, trata-me em consonância.

Respiro fundo para me impedir de o insultar.

— Está bem. Passa-lhe o telemóvel, por favor.

A pergunta que ele faz soa abafada por qualquer coisa, mas oiço distintamente a Dahlia recusar o pedido.

— Neste momento, ela não está disponível.

— Onde é que estão?

O Lorenzo dá um grande suspiro dramático.

— Respondo-te se prometeres parar com a tua vendeta pessoal contra mim.

— A extorsão não te vai granjear amigos. — Ranjo os dentes.

— Talvez não, mas vai dar-me uma casa.

O ruído de fundo de gelo a bater aguça-me os ouvidos.

— Por falar em casas, tenho curiosidade em saber porque é que precisas de uma para começar... — Deixo o pensamento espalhar-se como isco na água.

— Isso querias tu saber. — Ele dá uma gargalhada.

Faço uma pausa para ver se oiço mais pistas sobre o sítio onde estão.

— Estou a tentar perceber se és um concorrente meu ou não.

— Se eu quisesse competir contigo, ias perceber.

— Então só há outro motivo.

— Parece que já descobriste tudo. — Torno a ouvir gelo chocalhar do outro lado da linha.

— Não podes candidatar-te a presidente da câmara se não fores um habitante que paga impostos, pois não?

A resposta é um silêncio bem-vindo.

Quem diria que o Lorenzo era capaz de tal coisa?

— Outro. Por favor. — O pedido da Dahlia é seguido de uma voz rouca que reconheceria em qualquer lado.

— Não te sirvo mais — responde-lhe o Henry, naquele seu tom sério.



Desligo a chamada e encaminho-me para o único sítio onde não a

procurei, massacrando-me por isso.

— Bolas. — O copo de plástico da Dahlia cai ao chão enquanto o Lorenzo vira o dele na perfeição à primeira tentativa. As colunas transmitem altíssimo a voz de uma cantora, provocando-me dores nos ouvidos.

— Que diabos se passa aqui? — A porta fecha-se com estrondo nas minhas costas.

— Julian? — A Dahlia roda sobre os calcanhares tão depressa que perde o equilíbrio.

O Lorenzo estica o braço para a segurar.

— Tira a porra das mãos de cima dela. — Praticamente rosno as palavras.

Ele larga-a.

— Preferias que a tivesse deixado cair?

— Preferia que não te tivesses aproveitado de uma mulher. Ponto nal.

O Henry bate com as mão no balcão.

— Ei. Eu estive aqui o tempo todo, a observá-los. O Lorenzo limitou-se a fazer companhia à Dahlia.

— Henry? Estás a defender-me? — O Lorenzo leva uma mão ao coração.

O Henry revira os olhos e afasta-os.

— Estou sensibilizado. A sério. — O Lorenzo bate com o punho no peito.

A minha paciência chega ao limite.

— Alguém me diga o que é que se passa.

— Nada. — A Dahlia volta a tentar virar o copo e falha miseravelmente.

O Lorenzo deve ter pelo menos um quarto de cérebro, porque não entra no jogo.

— O que é que se passa? Continua. — A Dahlia aponta para o copo dele.

— Acho que está na altura de ires para casa.

— Não prestas.

— Ei.

— Pensava que éramos amigos. — Ela faz beicinho.

— Não são — respondo por ele.

O Lorenzo faz um esgar na minha direção.

— Não te compete determinar isso.

— Pois. — A Dahlia cruza o braço bom sobre o peito.

— Estás bêbada — acrescento.

— Mal estou tocada. — Leva o dedo ao nariz e rodopia, como se isso provasse alguma coisa.

— Seja como for, é um bocado cedo para estares a beber, não achas?

— Pareces o Lorenzo a falar.

— Nem morto.

O Lorenzo tapa o sorriso com o punho.

Cabrón.

Ponho-me entre ele e a Dahlia enquanto passo os copos de plástico ao Henry.

— Livra-te disto. E dele, já agora.

O olhar do Lorenzo desvia-se da Dahlia para mim.

— Fui eu que te liguei, idiota.

— O quê?! Porquê? — queixa-se a Dahlia.

É bom saber que, neste momento, ela não quer estar comigo.

É evidente que ela está com problemas, portanto, não leves isso a

peito.

— Porque o Henry disse que era melhor. — O Lorenzo franze o sobrolho.

Ao ver o olhar furioso da Dahlia, o Henry levanta as mãos.

— Henry? — Ela lança-lhe um olhar carrancudo. — Como foste capaz?

Sabes que ele é o inimigo.

De volta à estaca zero. Fantástico.

— Porquê? — O Lorenzo encosta-se ao balcão.

— Porque, se ele não me tivesse afastado naquela altura, eu não teria caído nas tretas do Oliver.

Coño.

O Henry e o Lorenzo cam de olhos arregalados conforme olham dela para mim.

Pigarreio.

— Precisamos de um minuto. A sós.

— Demora o tempo que precisares, miúdo. — O Henry arrasta o Lorenzo para fora do bar depois de mudar a placa de Aberto para Fechado.

— Ei. — Viro a Dahlia, mas ela não tira os olhos dos pés.

Seguro-lhe no queixo e levanto-lho. Uma pessoa podia afogar-se nos seus olhos claros e já sei que serei eu essa pessoa.

— O que é que se passa?

— Tudo. — Uma única lágrima corre-lhe pelo rosto.

Seco a lágrima rapidamente, apenas para ver outra seguir o mesmo percurso.

— Dahlia. — A minha voz quebra-se, a par de algo dentro do meu peito.

— Não quero chorar à tua frente. — Limpa as maçãs do rosto, fazendo um som frustrado.

— Não faz mal.

— Faz, sim. — Empurra-me quando estendo as mãos para ela. — À frente de qualquer pessoa menos de ti.

Mantenho o rosto inexpressivo, apesar da dor que me inunda o corpo.

— Quero ajudar-te, cariño.[44](#)

Ela solta um soluço de partir o coração. Ajo instintivamente e sem pensar quando a puxo para mim e lhe ponho os braços em volta do corpo, imediatamente antes de as pernas dela fraquejarem.

Assistir na primeira la ao colapso da Dahlia quase me faz enlouquecer com a vontade de esmurrar qualquer coisa, embora ninguém pudesse adivinhar isso pela maneira tranquilizadora como lhe acaricio as costas.

Nenhum de nós diz nada, mas não preciso que ela fale.

Seja o que for que se passa, vou resolvê-lo.

Quem quer que a tenha magoado, vou dar cabo dele.

E sempre que ela precisar de alguém em quem se apoiar, estarei presente.

Este último pensamento abala-me profundamente. De alguma maneira, passei de ter medo de que a Dahlia pudesse magoar-me para querer travar tudo e todos os que a queiram magoar a ela.

Sempre me preocupei com o bem-estar da Dahlia, isso tornou-se dolorosamente óbvio pela maneira como reagi quando ela partiu o braço, mas agora há mais qualquer coisa.

Sei que nunca serei su cientemente bom para ela, mas se puder ajudá-la a sarar e protegê-la de quaisquer idiotas, então terei cumprido o meu propósito.

A Dahlia demora dez minutos a acalmar-se e a deixar de chorar.

— Podes pôr música? — Encosta-se mais a mim.

Pego no telemóvel e procuro uma playlist antes de o pousar no balcão.

O

suave dedilhar de uma guitarra, aliado à voz melodiosa da cantora preferida dela, enche o ar.

A dada altura, começamos a balouçar ao som da música, com os corpos em perfeita harmonia, tirando um pequeno percalço quando lhe piso o pé. A Dahlia levanta os olhos para mim, com um pequeno sorriso que funciona como uma válvula de escape para a pressão que se acumulou no meu peito.

— Detesto ver-te chorar. — Levo as mãos ao rosto dela.

A Dahlia foca os olhos em qualquer coisa por cima do meu ombro, mas atraio-lhe a atenção fazendo-lhe uma carícia no rosto com o polegar.

— Conta-me o que aconteceu.

O peito dela sobe e desce com a respiração ofegante.

— O Oliver casou-se.

— Desculpa?! — De todas as coisas que esperava que ela dissesse, esta nem sequer está nas mil primeiras.

— Fez uma cerimónia improvisada em Las Vegas.

— Quem é a noiva infeliz?

A Dahlia faz um som que é meio gargalhada, meio soluço.

— A namorada do liceu, a Olivia.

— Queres que lhe envie um cartão de condolências em teu nome?

— Fazem cartões que digam «Lamento que tenhas casado com ele por uma herança a que dará sempre mais valor do que o que te dá a ti»?

Fico boquiaberto.

A Dahlia baixa os olhos para o chão.

— Há uma razão para ele ter acabado comigo.

— Pensei que já tínhamos determinado que é um idiota.

— Sim, mas não foi por isso que rompeu o noivado. Pelo menos, não foi só por isso.

— Então, porque foi?

— Porque a herança dele depende do casamento.

— E? — insisto.

— Quando descobri que não podia ter lhos, ele deixou de querer casar comigo.

— Porquê?

Os olhos da Dahlia podem estar secos, mas o olhar assombra-me.

— Não somos compatíveis.

— Que diabos signi ca isso?

— O acordo pré-nupcial exigia que eu zesse um teste de compatibilidade genética com ele. Pensei que era uma exigência normal...

— Isso devia ser uma opção, não uma exigência para o casamento. — Estou furioso.

— Agora, apercebo-me disso. — Dá um suspiro pesado.

— Porquê?

— Porque gostava de não ter descoberto o que descobri. Sei que isso me faz parecer bastante egoísta e horrível...

— Não és. — Aperto-a com mais força.

— Não sabes o suficiente para dizer isso.

— Conheço-te, e é tudo o que importa.

A Dahlia ca com os olhos cheios de lágrimas.

— O que é que descobriste? — insisto.

— Que não devo ter um lho com o Oliver... ou com qualquer outra pessoa.

— Por causa de um teste genético qualquer?

O rosto dela contorce-se de dor quando anui.

— Não sou... compatível... com ninguém. Tenho genes recessivos que não devem ser transmitidos, a menos que eu queira que o meu lho sofra.

Porra.

44 Cariño: Querida.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Dahlia

Não tenho a certeza de durante quanto tempo o Julian me abraça enquanto processo tudo, mas sinto-me grata pela companhia dele.

Lentamente, o desgosto que senti antes vai desaparecendo, até que apenas sinto algo que não esperava.

Alívio.

É bom conversar com alguém sobre tudo, mesmo que esse alguém seja o Julian. E talvez — só talvez — estivesse destinado a ser assim.

Ele não é excessivamente emocional e ansioso como a minha mãe, que provavelmente desataria a chorar comigo, e também não é como a Lily, que descreveria de modo grá co todas as maneiras como tenciona matar o Oliver.

Nenhuma das duas me compreenderia verdadeiramente nem compreenderia aquilo de que preciso.

Não quero chorar, nem quero vingança. Quero isto.

A dada altura, o Julian leva-me para um dos reservados nas traseiras do bar.

Depois de passar os últimos vinte minutos a usar a camisa dele como um lenço de papel e o peito como saco de boxe pessoal, estou física e emocionalmente exausta.

O Julian afasta-me o cabelo do rosto.

— Esses testes não são um monte de probabilidades? É impossível que sejam cem por cento áveis.

— Sim, mas o risco... Não posso, em boa consciência, trazer ao mundo uma criança que iria passar a maior parte da sua curta vida em sofrimento — replico muito baixinho e hesitantemente.

— Compreendo.

Ficamos calados durante alguns minutos até que o Julian quebra o silêncio.

— É evidente que o Oliver e a família caram encalhados no século dezasseis, mas sabes que há muitas maneiras de ter um lho.

— Eu sei. — Deixo cair os ombros.

O Oliver disse-me a mesma coisa imensas vezes, mas depois acabou por mudar de discurso quando as condições da herança se tornaram claras. Deixou de se esforçar, ao mesmo tempo que me fazia acreditar que era eu o problema.

Tudo na nossa relação implodiu, incluindo a minha saúde mental.

— Então, qual é o problema? — pergunta-me o Julian.

— Ele fez-me sentir... — Rodo um dos anéis.

— O quê? — O Julian aperta muito o meu corpo contra o dele.

— Defeituosa — balbucio.

— Ele disse-te isso, especificamente? — A maneira como a voz do Julian muda rapidamente para um tom sombrio e ameaçador faz-me car com pele de galinha.

Não lhe respondo — não por temer pela segurança do Oliver, mas porque não quero a pena do Julian.

— Vou matá-lo. — A expressão do Julian faz-me sentir um arrepio nas costas.

— Quando é que deixámos de querer matar-nos um ao outro para querermos matar um pelo outro? — brinco, numa tentativa desesperada de mudar de assunto.

— Quando eu descobri o quanto ele te magoou.

Pestanejo com os olhos cheios de lágrimas.

— Isso talvez seja a coisa mais amorosa que alguma vez me disseste.

— Não te habitues.

— Não me atreveria.

— Ele nunca te mereceu.

A minha próxima conexão sai inadvertidamente.

— Não estou a sofrer por causa dele ou do casamento.

— Não?

— Não. Pode não parecer, mas sinto-me aliviada. Sei que tudo isto aconteceu pelo melhor, embora gostasse que a separação e a minha vida não fossem tão publicitadas.

— Nesse caso, porque é que estás a chorar?

— Por mim mesma, essencialmente. E pelo programa que me prometeram.

— O que aconteceu?

— A cadeia de televisão desistiu do contrato esta tarde, depois de as notícias se tornarem públicas.



O maxilar do Julian estremece.

— Se uma cadeia não te quer defender numa situação destas, estás melhor sem ela.

— E se não aparecer outra oportunidade? — Dou uma fungadela.

— Há de aparecer.

— Pareces terrivelmente con ante.

— Surpreende-me que tu não estejas. — O Julian semicerra os olhos.

Baixo os olhos, mas ele levanta-me o queixo.

— Podes contar-me tudo. Não vou usar isso contra ti nem ter-te em menor conta.

Deixo cair os ombros.

— Deixei que o Oliver rede nisse o meu amor-próprio. Duvidei de tudo o que me fazia sentir como eu mesma porque pensei que isso fazia parte de crescer.

Pensei que o amor tinha que ver com cedências.

— Se tens de mudar para te enquadrares na versão idealizada que alguém tem de ti, isso não é amor.

Olho para as mãos, que estão apertadas uma contra a outra.

— Agora, apercebo-me disso.

— Porque é que demoraste tanto?

— Sinceramente? Esqueci-me de quem era no passado. Mas depois, quando voltei para aqui sozinha... isso deu-me tempo para pensar.

Trocamos um olhar de entendimento antes de o Julian me fazer sinal para sair do reservado.

— O que foi? — Levanto-me, sentindo as pernas trémulas.

— O que achas de sairmos daqui?

— E irmos para onde?

— Fazer qualquer coisa divertida.

Só percebo para onde o Julian me está a levar quando vejo a rodagigante iluminada abrandar enquanto os visitantes do Festival das Colheitas entram e saem.

— Nem pensar nisso. — Finco os calcanhares no chão.

— Porquê?

— Tenho vergonha.

— De quê? — O Julian inclina a cabeça.

— Das histórias que estão a ser publicadas sobre mim.

— As pessoas daqui raramente leem o jornal, quanto mais as colunas de mexericos.

— Mas estou um caco. — Aponto para o rosto inchado.

O Julian aproxima-se e passa suavemente o polegar por baixo do meu olho direito, limpando uma mancha de rímel que me deve ter escapado quando fui à casa de banho do bar.

— Estás linda.

A minha cabeça rodopia mais depressa do que o carrossel ao longe.

— Só estás a dizer isso para eu concordar com o teu plano.

— Se quisesse que concordasses com o meu plano, ter-te-ia contado sobre o concurso que planeei.

Aguço o ouvido.

— Disseste concurso?

A gargalhada dele é como um choque no meu sistema.

— Eu avisei-te.

— O que é que tens em mente?

— Pre ro mostrar-te. — O Julian põe a mão no fundo das minhas costas e empurra-me em direção à entrada do festival. Tento sacudir-lhe a mão algumas vezes e lembrá-lo das regras que determinámos, mas ele opta por me ignorar enquanto me encaminha para a zona das comidas.

— Por favor, diz-me que não vais sugerir um concurso para ver quem come mais.

— Não, mas precisas de te alimentar e de te hidratar.

— Só bebi dois shots de tequila antes de o Henry parar de me servir.

O Julian lança-me um olhar de aviso.

— Está bem. Três. Mas foi só isso. Juro. Olha. — Caminho às arrecuas em linha reta à medida que recito o Juramento de Bandeira.

O Julian revira os olhos enquanto me empurra para a banca do churrasco.

Enche os pratos até cima, com comida su ciente para alimentar uma

pequena família. Não consigo comer nem metade, mas emborco três copos de água para o sossegar.

Posso ter pouca experiência com relações casuais, mas tenho inteligência suficiente para saber que o facto de ele me confortar desta maneira não é a norma. E o facto de eu aceitar isso sem erguer muros também não.

Não me tinha apercebido do quanto precisava que cuidassem de mim até o

Julian me mostrar o que estava a perder e não sei bem como processar essa informação.

Felizmente, o Julian não me deixa perder-me em pensamentos quando me afasta da banca de comida. De barriga cheia e sem a cabeça enevoada por causa do choro e da tequila, vou atrás dele para o lado oposto do festival.

O som de um sino a tocar ao longe desperta-me a atenção.

— Jogos de feira?

O Julian para perto de uma tenda e vira-se para mim.

— Não me ocorre melhor maneira de fazer uma competição amistosa.

— Isso existe, no nosso caso?

— Suponho que não.

— O que é que tens em mente? — pergunto-lhe.

— Quem ganhar mais jogos é coroado vencedor.

— E o que é que recebemos se ganharmos?

O Julian coça o rosto.

— Não tenciono deixar-te ganhar, portanto, duvido que isso te interesse.

Dou uma gargalhada desdenhosa.

— Desa o aceite.

Eu e o Julian escolhemos a tenda mais próxima que, por acaso, é uma

das minhas velhas favoritas, o lançamento da argola. Ele troca algumas notas de um dólar por dois conjuntos de argolas.

— Boa sorte. — Passa-me o meu conjunto.

Reviro os olhos e atiro a primeira argola, que bate na parte lateral da garrafa de vidro antes de cair ao chão.

O Julian tenta a seguir e atira a argola de uma maneira que parece bem treinada, tendo em conta a forma como desliza na perfeição pelo gargalo da garrafa.

— Como é que conseguiste acertar à primeira? — Fico boquiaberta.

— O Nico adora este jogo.

— Quantos destes jogos já jogaste? — Semicerro os olhos.

— Todos.

— Isso é batota. — Empurro-lhe o ombro.

— Não tenhas mau perder.

— Ainda não perdi.

— Com ênfase no ainda.

Atiro outra argola, desta vez, com um bocado mais de força. Ao contrário da



primeira, esta bate no gargalo, apesar de não entrar na garrafa.

Quase.

O Julian atira as suas próximas duas argolas consecutivamente, acertando de ambas as vezes como um exibicionista.

— O que queres, se ganhares? — Viro-me para ele com um esgar.

— Quando ganhar, digo-te.

Idiota.

Eu e o Julian saltamos de tenda em tenda. Felizmente, escolhe jogos

que só exigem o uso de um braço, embora o alívio que sinto seja de curta duração quando ele me dá uma tarefa no lançamento da argola, no tanque de água, no tiro às garrafas de leite e num jogo de encestar.

Para grande surpresa dele, ganho um jogo de lançamento do disco, um de rebentar balões com dardos, um de tiro ao alvo e um de lançamento de saquinhos de areia.

Depois de bebermos uma sidra e de comermos uns cachorros-quentes, chegamos empatados ao último concurso.

— Estás nervoso? — pergunto-lhe.

— Népia.

— Estás muito con ante.

— Porque já sei que ganhei. — Encaminha-me para o último jogo.

Alguém bate com o martelo na placa metálica e a campainha que está no topo da coluna do jogo do martelo soa como um toque de nados. Este jogo era o preferido do Julian, portanto, eu não costumava jogá-lo, simplesmente porque sabia que nunca conseguiria acertar na campainha como ele.

— Estou reduzida a um braço.

— Estás com dores no braço bom? Isso não foi um problema nos outros oito jogos.

O meu olho começa a tremer.

— Queres ir primeiro? — Estende-me o martelo.

— Força. — Aponto para a base. Apesar de saber que perdi, tenciono mostrar desportivismo e, pelo menos, tentar acertar na campainha.

O Julian muda a posição das mãos antes de bater com toda a força com o martelo na base de metal. Sem surpresas, a peça metálica dispara para cima e embate na campainha.

— Vencedor. — O empregado diz ao Julian para escolher um prémio da parede de brinquedos de plástico e bonecos de peluche.

— Qué lástima⁴⁵ — digo. — Pelos vistos, as bonecas insu áveis estão esgotadas.

O Julian mostra-me o dedo do meio, fazendo uma mãe que vai a passar soltar um arquejo.

— Desculpe, minha senhora. — Desvia os olhos, com as orelhas tingidas de vermelho.

— Minha senhora — imito-o, tentando copiar o tom rouco e baixo.

— Cala-te e vê se perdes. — Passa-me o martelo.

Aproximo-me da base enquanto tento pegar no martelo da mesma maneira que o Julian lhe pegou. Respirando fundo, levanto o braço antes de deixar cair o martelo contra a base. A peça metálica sobe até meio do poste, sem chegar à campainha como a do Julian chegou.

— Quem me dera poder usar os dois braços. — Lanço um olhar furioso à campainha.

— Isso não é importante.

— Sim, pois. — Reviro os olhos.

— Tem mais que ver com jeito do que com força.

— Claro.

— O Nico consegue acertar na campainha e não tem nem metade da tua força... mesmo com um braço partido. — Entrega uma nota de dez dólares ao empregado. — Deixa-me mostrar-te.

— Toma. — Dou-lhe o martelo, mas ele abana a cabeça.

— É mais fácil se te mostrar como se faz. — Põe-se atrás de mim e coloca as mãos por cima da minha.

— O que tu queres é uma desculpa para me tocares — falo su cientemente baixo para que só ele me oiça.

O Julian encosta os lábios ao meu ouvido e murmura:

— Só porque, caso contrário, não me deixas. — Posiciona as nossas mãos, ignorando o ligeiro tremor da minha.

— Se batermos na placa com toda a nossa força — leva o martelo atrás e fá-lo explodir contra a base, fazendo a peça metálica subir um pouco mais alto do que eu consegui —, mesmo assim não vamos conseguir chegar à campainha.

— Porquê?

— Porque é preciso acertar na base da maneira certa.

— Está bem, Cachos Dourados. Prova-me isso.

O Julian repete o movimento, mas, desta vez, o martelo bate no meio da base. A peça metálica sobe disparada para o topo e bate na campainha, fazendo-a soar.

— Estás a ver?

— Exibicionista. — Deito-lhe a língua de fora.

O Julian larga-me a mão e dá uma gargalhada.

— Tenta outra vez e aponta para o meio.

Repito o movimento como ele me ensinou. A peça metálica sobe mais do que antes, mas não toca na campainha.

O Julian dá outra nota de dez ao empregado.

— Continua.

Viro os olhos para a la que se está a formar atrás de nós.

— Há mais pessoas que querem tentar.

— Podem esperar.

Tento novamente, apontando para o sítio que o Julian me mostrou. Embora não chegue à campainha, estou mais perto.

— Outra vez. — Bate com o dedo no meio da base. — Aqui mesmo.

Concentra-te mais em bateres no alvo do que na força com que bates.

— Está bem. — Sigo à risca as instruções do Julian, batendo no sítio que ele me mostrou no ângulo perfeito e com a força certa.

Quando oiço soar a campainha, atiro-me para os braços dele com um enorme sorriso.

— Consegui!

O Julian abraça-me, apertando-me e levantando-me do chão.

— Pois conseguiu.

— Não me importo de ter perdido a competição.

— Não?

— Não! Porque isto foi fantástico. Nunca tinha conseguido acertar na campainha.

— Eu sei. — Os olhos dele brilham mais do que as luzes que piscam por cima de nós.

À nossa volta, algumas pessoas riem-se e batem palmas, lembrando-me de que temos público.

— Já me podes pôr no chão.

O Julian faz o que lhe pedi, transformando o ato num tormento quando o meu corpo desliza pelo dele.

Quando aterro no chão, tenho as maçãs do rosto a ferver.

— Deste luta. — Dá-me o unicórnio de peluche que escolheu.

— Poupa-me ao desportivismo falso e começa a gabar-te.

— Está bem. Soube-me muito bem voltar a dar-te uma tarefa.

— Eis o Julian arrogante que conheço e desprezo. — Esboço um sorriso malicioso.

Antes de ter hipótese de o impedir, rouba-me um beijo rápido. É apenas um leve roçar dos lábios nos meus, mas faz-me a cabeça andar à roda e o coração disparar como se tivesse corrido uma maratona.

— Desculpa. — Afasta-se e olha para o grupo de visitantes do festival que está à espera da vez deles.

— É só que... tu... nós temos regras por um motivo.

O Julian baixa os olhos para os meus lábios.

— Eu sei. Não voltará a acontecer.

Contudo, a estranha expressão do rosto dele não me inspira con ança.

O Julian põe a mão no fundo das minhas costas e encaminha-me para

o outro lado do festival, mantendo o toque no mínimo enquanto passamos pelas grandes multidões de pessoas.

— Então, agora que ganhaste o cialmente, o que é que queres? — pergunto quando nos aproximamos da entrada.

— Vais descobrir na altura certa.

— Julian! — Estico a mão para o braço dele, mas afasta-se antes de eu ter tempo de o agarrar. — Onde é que vais?

— Para bem longe, antes que ceda à tentação de voltar a beijar-te.

Começo a detestar a minha regra de não nos tocarmos em público, especialmente quando sinto uma súbita sensação de vazio quando ele desaparece no meio da multidão.

Fiquei tão distraída com as palavras dele que me esqueci de lhe exigir uma resposta em relação ao prémio.

Bolas.

45 Qué lástima: Que pena.

CAPÍTULO TRINTA

Dahlia

Embora o concurso do festival organizado pelo Julian tenha mantido a minha mente ocupada ontem à noite, no domingo, acordo às quatro da manhã com um enorme peso no peito. Debato-me entre a vontade de sair da cama e o desejo de poder desaparecer no poço escuro de desespero que ameaça engolir-me.

Isso é a depressão a falar, recordo a mim mesma.

Diabos me levem se hoje me vou deixar afundar na tristeza profunda, por mais tentador que isso seja. Portanto, saio da cama relutantemente, visto a roupa de treino e saio de casa para fazer uma corrida, como a minha terapeuta sugeriu certa vez.

Parabéns por teres saído da cama, cantarolo para mim mesma enquanto os ténis batem no chão.

Só tu é que de nes o teu propósito na vida. Limpo o suor da testa.

Há muitas maneiras de ter um lho. As palavras que o Julian me disse

ontem são verdadeiras e eliminam os últimos resquícios de dúvida.

Quando regresso a casa uma hora depois, sinto-me muito mais leve por ter desatado todos e cada um dos meus pensamentos negativos.

E agora que estou a pensar com mais clareza, consigo enfrentar o segundo dia do Festival das Colheitas.

Mas primeiro...

Pego no telemóvel e deito mãos à obra, planeando algo muito mais digno do meu tempo e da minha energia.

Depois de, ontem, o Julian me ter enganado e levado a perder os jogos do festival, só tenho um objetivo em mente. Felizmente, a Lily, a Jose na e a minha mãe estão todas dispostas a alinhar na minha partida, uma vez que estou reduzida a um braço e que preciso de toda a ajuda que conseguir.

— Ele nunca me vai perdoar. — A Jose na destranca a porta de entrada do

edifício da empresa do Julian.

— Vai car zangado? — O rosto da minha mãe empalidece.

— Mãe. Descontraí. — A Lily agarra-lhe nos ombros e aperta-lhos. — Estás sempre tão tensa.

A minha mãe murmura uma pequena oração antes de entrar no edifício com os sacos cheios de decorações de Natal.

A partida que vou pregar é tola e inesperada e isso só vai tornar as coisas ainda melhores quando o Julian entrar no gabinete amanhã de manhã.

— É preciso perguntar? — A Lily pega num quebra-nozes a fumar um charro.

Eu e a Jose na temos um ataque de riso e a minha mãe tapa os olhos.

— Ay, Dios. ¿Dónde está la natividad? 46 — A minha mãe revira os sacos de plástico, procurando entre as coisas que comprei.

— Esqueci-me de comprar um. — Encolho-me.

— Não, não, não. Isso é inaceitável. Acho que tenho um a mais na

orista. —

A minha mãe corre para a saída, para ir à loja.

A Jose na sai do edifício e regressa com a árvore de Natal arti cial.

— Onde queres pôr isto?

— Estava a pensar no gabinete do Julian.

— Ele vai adorar. — Ela encaminha-me para lá.

— Espera até veres as decorações que comprei. São verdadeiramente originais.

A gargalhada da Jose na ecoa nos tetos altos, fazendo com que eu e a Lily também desatemos a rir. A minha mãe regressa com um presépio e pouso-o na mesinha de café da sala de espera, enquanto a Lily embrulha a secretária do Sam como se fosse um presente.

Eu e a Jose na entramos no gabinete do Julian e começamos a montar a árvore de Natal no canto oposto à secretária.

— Como te lembraste disto? — A Jose na liga a cha à tomada e as lâmpadas que cobrem a árvore ganham vida. As luzes cintilantes re etem-se em todas as superfícies brilhantes, quase nos cegando tal é a sua intensidade.

— Bem, começou tudo quando encontrei a árvore de Natal na loja de artes em Detroit e o plano ganhou vida a partir daí.

— O Julian sabe?

— Vagamente.

A Jose na dá uma gargalhada e abana a cabeça.

— Vocês e as vossas partidas.

— Achas que ele vai detestar?

— Talvez momentaneamente. Nunca decorou a casa no Natal, quanto mais o gabinete.

— Tipo, nunca mesmo? — Solto um arquejo.

Ela anui.

— Isso é uma blasfémia.

— Eu sei. Comprei-lhe uma árvore artificial, por causa das alergias dele, mas ainda está na garagem a encher-se de pó.

— Porquê?

— Nunca lhe quis perguntar. Mas sei que isto — aponta para o monte de decorações que estão à espera de ser penduradas — vai ser bom para ele.

— Como assim?

— Porque a vida é isto mesmo.

— Decorar? — Franço o sobrolho.

— Viver em vez de se negir que se vive.

O comentário dela também me atinge, portanto, atiro-me à tarefa de pendurar o primeiro ornamento.

Viva o Natal.

A Jose na desata a rir quando vê o boneco cómico do Pai Natal enrolado num poste de stripper que é um chupa-chupa em forma de bengala.

— Adoro.

— A minha mãe teria um ataque cardíaco.

— Achas que devemos chamá-la, para a ver escandalizar-se e agarrar-se ao crucifixo?

— É tentador, mas temos pouco tempo. — Dou uma gargalhada.

A Jose na pega num ornamento que é um elfo a fumar um cachimbo de erva que também é um chupa-chupa em forma de bengala.

— Muito no.

— Espera até veres os outros ornamentos que comprei.

O brilho dos olhos dela tem pouco que ver com as luzinhas da árvore de Natal que estão repletas deles.

— Estou muito contente por estares de volta.

A frase da Jose na tem dois signi cados e um deles faz-me sentir a garganta apertada. Se alguém compreende os altos e baixos que acompanham a depressão, esse alguém é ela.



— Também estou contente por estar de volta.

— Tive saudades tuas. — Põe os braços à minha volta.

A minha fungadela podia ser confundida como alergia à vela que acendi, com cheiro a Natal, mas sei a verdade. Ao longo dos anos, perdi-me e tornei-me numa fração de quem era suposto ser, tudo porque pensava que isso fazia parte do crescimento.

Não tenciono voltar a cometer o mesmo erro.

De acordo com a mensagem que o Sam me enviou no domingo ao m da noite, o Julian acorda às cinco da manhã, faz exercício no ginásio que tem em casa e depois passa no Café Angry Rooster para beber um café gelado. O Sam, que prometeu guardar segredo em relação à surpresa, jurou-me que o melhor sítio para intercetar o Julian seria no café.

Consequentemente, acordo relutantemente de madrugada, visto-me e dirijo -

me para o café, para chegar antes dele.

— Olá. — Aceno-lhe do meu lugar no fundo do café vazio.

— Dahlia? — O Julian olha para mim com uma expressão tensa.

— Bom dia.

— O que é que estás aqui a fazer a esta hora?

Bebo um grande gole do meu café gelado.

— Decidi tentar ser uma pessoa matinal.

— E como é que isso está a correr?

— Pergunta-me outra vez daqui a dez minutos, quando tiver tomado um segundo café.

— Quantos já bebeste?

— Não bebi os su cientes para ter vontade de falar contigo às seis da matina.

O Julian encaminha-se para o balcão e faz um pedido de dois cafés gelados, tal como o ensinei, enquanto bebo o resto do meu e atiro o copo vazio para o caixote do lixo.

Ele regressa com os dois cafés.

— Toma. Não posso correr o risco de começares a manhã só com um café.

Podia atribuir as culpas pelo meu ritmo cardíaco acelerado à quantidade de café que me corre pelas veias, mas estaria a mentir.

— Obrigada — consigo dizer, apesar do aperto que sinto na garganta.

O gesto dele é tão doce quanto a bebida da qual tomo um gole. Embora

tenha justificado o facto de ele ter cuidado de mim na outra noite como simpatia, isto parece-me muito mais do que isso.

Deixa-te ir na onda, Dahlia.

É mais fácil de dizer do que de fazer. Nunca fui esse tipo de pessoa, graças à minha ansiedade crónica e ao facto de pensar demasiado nas coisas, portanto, não sou propriamente adepta de me adaptar às circunstâncias e esquecer as precauções.

Se vou falhar, o Julian não seria a minha primeira opção para testemunhar isso, mas, pelo menos, conhece-me su cientemente bem para esperar o pior.

Bom trabalho a veres o lado positivo das situações.

Quando sigo o Julian para fora do café, tenho um passo mais leve. A Main Street está deserta, com a maioria das lojas fechadas por causa da melancolia pós-Festival das Colheitas, também conhecida como dia das limpezas.

Quando estamos a meio caminho da empresa do Julian, começo a tremer por causa do ar frio e do café gelado que seguro na mão.

— Estás bem? — pergunta-me o Julian, olhando para mim.

— Sim. Só com frio. — Tento apertar um botão do meu casaco de tweed cor-de-rosa.

O olhar sugestivo do Julian explora-me o corpo.

— Onde está o teu sobretudo?

— Não condizia com o resto da roupa.

O Julian apanha-me desprevenida quando pousa o café gelado num banco próximo e despe o casaco. Tira-me o copo da mão e também o pousa, antes de me ajudar a enfiar o braço direito na manga do sobretudo.

Dois gestos carinhosos no espaço de dez minutos? Se isto é o tipo de tratamento que recebo depois de uma sessão de beijos, mal posso imaginar o que irá acontecer quando finalmente lho chupar.

— Estás a pensar car cá durante o inverno, agora que desistiram do contrato do programa de televisão? — A pergunta complexa do Julian parece matar dois coelhos de uma cajadada só, enquanto compõe o sobretudo para me tapar o braço partido.

Dou-lhe um empurrão com a anca.

— Porquê? Já estás a tentar livrar-te de mim?

— Ainda nem sequer comecei a tratar de ti. — Passa rapidamente a língua pelo lábio inferior.

O meu corpo é inundado de calor, que afasta o frio.

Quem precisa de um sobretudo quando bastam umas quantas frases do Julian para a minha temperatura disparar como se estivesse com febre?

Quando paramos diante do edifício da empresa, o Julian não faz qualquer comentário acerca das persianas corridas conforme tira um molho de chaves do bolso e interpreta incorretamente os meus dedos trémulos, tirando-me o café gelado da mão e dando a chave.

— Abre a porta.

Apesar de estar a tremer, destranco a porta à segunda tentativa. Entro no edifício e ligo o interruptor quando o Julian atravessa o átrio.

As luzinhas de Natal refletem-se nos seus olhos escuros e no rosto,

banhando-o num brilho suave enquanto olha em volta.

— C'um caraças.

De todas as partidas que pregámos um ao outro ao longo dos anos, esta deve ser a minha preferida, e isso não é pouco, tendo em conta que consegui tingir-lhe temporariamente a pele de azul quando andávamos no liceu.

— Quando é que zeste isto tudo? — Encaminha-se para a secretária do Sam, embrulhada como um presente.

— A Lily e as nossas mães ajudaram-me ontem de manhã, antes do festival.

— A minha mãe está metida nisto?

— De que outra maneira querias que tivesse arranjado uma chave, depois de teres proibido o Sam de me emprestar a dele?

O Julian esforça-se imenso por não franzir o sobrolho, mas é uma batalha perdida contra o sorriso que se espalha lentamente pelo rosto dele, quando olha para o conjunto de decorações que cobrem as paredes, o mobiliário e a lareira por trás da secretária do Sam.

— Detestas o que z? — pergunto-lhe.

— Com todas as bras do meu ser.

— Vais tirar as decorações?

— No dia um de janeiro.

— Espera até veres o teu gabinete. — Dou uma gargalhada.

O Julian pousa os nossos copos de café na secretária do Sam antes de começar a percorrer o corredor em direção ao seu gabinete privado. Tenho de correr para acompanhar as passadas largas dele, mas, felizmente, chego a tempo de lhe ver o rosto quando abre a porta.

— Ena. — Fica de olhos arregalados.

O escritório do Julian parece a secção de pechinchas de uma loja de artigos de

Natal, com os quebra-nozes obscenos a decorar as prateleiras atrás da secretária e um insu ável de dois metros e meio do Pai Natal a

cavalgar um dinossauro.

É um belo toque, se é que posso dizê-lo.

O Julian vira rapidamente a atenção para a árvore de Natal que está no canto ao lado da janela que dá para a estrada.

Abana a cabeça com força su ciente para despentear o cabelo perfeitamente penteado.

— É a decoração mais foleira que alguma vez vi.

— Eu sei.

— Talvez seja a tua melhor partida de sempre, embora tenha de consultar a lista.

— Achas? — Aquela admissão faz-me corar.

Lança-me um sorriso e perco o o ao pensamento.

— Não é melhor do que aquela vez em que pus o teu carro numa plataforma utuante e a ancorei no meio do lago, mas anda lá perto.

Sorrio ao lembrar-me daquilo.

— Ainda não viste os ornamentos que escolhi.

O Julian faz um gesto para a árvore e passo os cinco minutos seguintes a mostrar-lhe todos os ornamentos que comprei, o que me granjeia um par de gargalhadas roucas dadas pelo homem formidável que está ao meu lado.

Volta a colocar cuidadosamente os ornamentos nos ramos.

— Não acredito que a minha mãe compactuou com isto.

A minha gargalhada fá-lo desviar os olhos da árvore.

— Compactuou? Praticamente dirigiu toda a operação, depois de eu lhe ter contado a minha ideia.

— Divertiram-se?

— Imenso.

— Ótimo. — Avança para mim.

— O que é que estás a fazer? — Dou um passo atrás.

— Já te divertiste, agora é a minha vez.

— Julian...

Põe-me a mão na nuca e cola os lábios aos meus, calando o meu protesto com um único beijo.

46 Ay, Dios. ¿Dónde está la natividad?: Oh, Deus. Onde está o presépio?

CAPÍTULO TRINTA E UM

Julian

Estava com vontade de beijar a Dahlia desde que a vi sentada sozinha, a beber um copo de café enquanto consultava o telemóvel, a fazer sabe Deus o quê às seis da manhã.

A Dahlia não é uma pessoa matinal e isso devia ter sido a primeira pista a indicar-me que algo não estava bem.

A partida que me pregou foi fantástica — diria até que foi de mestre —, mas mal posso apreciá-la quando tudo aquilo em que consigo pensar é em beijá-la loucamente.

Portanto, faço precisamente isso.

Inicialmente, a Dahlia ca surpreendida, mas só demora uns segundos a acompanhar o meu ritmo. Agarra-se ao meu pescoço com tanta força que me enterra as unhas na pele e vingo-me da dor ligeira em ando-lhe as mãos no cabelo e puxando-lho até a fazer arquejar.

Beijar a Dahlia parece uma batalha de dentes e línguas e tenho de lutar contra a tentação de lhe levantar a saia e de a comer contra a minha secretária redecorada.

Tens de fazer as coisas com calma, digo a mim mesmo à medida que passo a língua pela dela.

É suposto esperares até ela ter o braço sarado. Solto um gemido quando ela passa a mão por cima do tecido que cobre o meu membro.

Para já, antes que não o consigas fazer. Descolo a boca da dela, fazendo-a soltar um doce suspiro de frustração.

Só mais uns segundos, prometo a mim mesmo enquanto lhe afasto o cabelo e lhe exponho o pescoço.

A Dahlia acaricia-me o sexo com as pontas dos dedos e eu beijo, mordisco e sugo-lhe a base do pescoço.

Agarra-me o cabelo e puxa-mo com força su ciente para lançar a minha



cabeça para trás.

— Ei. — Esfrego a zona dorida.

— A minha mãe ia passar-se se me visse com um chupão.

— É a altura do ano perfeita para usar um cachecol. — Inclino-me para ela, mas a Dahlia trava-me, espetando um dedo no meio da minha testa.

— Quem diria que estavas tão desesperado por me marcar?

— O teu pescoço pode estar interdito, mas o teu rabo ainda está em jogo.

A Dahlia arregala os olhos.

Passo o indicador pela pele avermelhada do pescoço dela.

— A ideia agrada-te?

— Não tenho a certeza, mas não me importo de descobrir.

— Vou cobrar-te isso depois de tirares o gesso.

— Está bem. — O profundo suspiro de resignação que ela dá pode ouvir-se a quilómetros de distância. — De qualquer maneira, é melhor pôr-me a trabalhar. Tenho um prazo apertado para o lançamento da minha linha de decoração e não quero falhar.

— Vemo-nos mais tarde, na casa do fundador? — pergunto-lhe antes de ela desaparecer porta fora.

— Porquê?

— Quero veri car algumas coisas e certi car-me de que estamos a

cumprir o calendário.

— Ainda estás ansioso por me expulsar da cidade? — Tem os olhos a brilhar.

— Sabias disso?

— Só havia uma explicação razoável para queres terminar o projeto em metade do tempo.

— Nesse caso, talvez deva abrandar as coisas. — Agora que admiti que quero passar tempo com a Dahlia, não há razão para apressar o projeto.

O que é que aconteceu a terem uma relação casual?, pergunta a vozinha paranoica que vive na minha cabeça.

— Porque é... — A pergunta é interrompida pelo som de chaves a tilintar.

— Tenho de ver a reação do Sam! Tchau! — Corre para o corredor, deixando-me sozinho com um sorriso idiota estampado no rosto.

Não tenho a certeza se o Ryder contratou outro carpinteiro para me irritar, mas tem sorte por eu precisar dele, caso contrário, despedia-o.

Que diabos, estou tentado a fazê-lo só para lhe mostrar quem manda.

O carpinteiro bem-parecido inclina-se mais para a Dahlia, com o pretexto de ver melhor o desenho que ela tem na mão.

A minha tensão arterial dispara.

— Ei, você aí. Com a barbicha. — Mantenho um tom de voz neutro, embora a postura rígida pareça despertar a atenção da Dahlia.

O carpinteiro levanta os olhos.

— Eu?

— Bem, como é evidente, não estou a falar da senhora Muñoz.

— Claro que não, senhor Lopez.

— Como se chama?

— Patrick.

— Parabéns, Patrick. Foi promovido.

— O quê? — O carpinteiro franze o sobrolho.

— Vá ter com o Ryder lá fora e diga-lhe que quero que trabalhe no projeto de Lake Aurora.

— A sério?

— Sim. — Faço um aceno de mão, dispensando-o.

O Patrick desata a correr para a porta, deixando-me sozinho com a Dahlia.

— Está tudo bem? — Ela franze o sobrolho.

— Agora está.

A Dahlia ca com os olhos a brilhar.

— O que é que o Patrick fez para merecer uma promoção depois de apenas um dia de trabalho?

— Preciso das competências dele noutro lado.

— E esta casa?

— Vou substituir o Patrick.

— Não podes estar a falar a sério. — A Dahlia pestaneja várias vezes.

Extremamente a sério.

Os ciúmes podem ser um motivador diabólico, mas isso não muda os factos.

Estou farto de evitar aquilo que adoro por causa da dor que está associada a isso.

E também estou farto de ngir que pre ro estar em reuniões quando preferia estar a trabalhar noutros projetos, deitando mãos à obra a todas as tarefas que a Dahlia me pede que faça.

O meu plano de trabalhar na casa do fundador ultrapassa os ciúmes ou a necessidade de impressionar a Dahlia.

Tem tudo que ver comigo mesmo.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Julian

-Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que tu e a Dahlia começassem novamente a pregar partidas. — O Rafa olha para a árvore de Natal ao lado da porta do meu gabinete.

— O que é que achas?

O Rafa olha em volta da sala.

— Tudo isto é um horror.

— Sem dúvida.

— Tencionas tirar as decorações em breve?

— Provavelmente, depois do Ano Novo. — Os meus lábios curvam-se num sorriso.

O Rafa franze o sobrolho.

— Queres mantê-las durante mais seis semanas? Porquê?

— Estou a começar a gostar delas.

— Oh, não! — resmunga, levantando os olhos para o teto.

— O que foi?

— Estás a apaixonar-te por ela. Outra vez.

— E se estiver?

— O facto de nem sequer o negares é prova su ciente.

Dou um suspiro, e o Rafa solta outro.

— Achas melhor eu avisar o resto da cidade?

— Desta vez, não vamos envolver civis.

Lança-me um olhar furioso.

— Nem animais — acrescento.

Cerra os lábios, formando uma linha na.

— E certi quei-me de que ninguém sairá magoado. — Especialmente a Dahlia. Deus me livre de ela ter uma reação estranha e partir o outro braço por causa disso.

— O que é que planeaste? — O Rafa inclina a cabeça para o lado.

— A resposta depende de estares ou não disposto a ajudar-me.

Abana negativamente a cabeça.

— Nem pensar nisso. Podem manter-me fora do que quer que esteja a acontecer.

— Ainda não ouviste o meu plano.

— Qualquer coisa que te faça sorrir dessa maneira é uma má ideia.

Elimino o sorriso estúpido que está estampado no meu rosto.

— Mas vou precisar da tua ajuda para levar a cabo o meu plano.

— Ajudar-te a começar mais uma guerra de partidas é meio caminho andado para ir parar à cadeia. — Cruza os braços.

— Isso só aconteceu uma vez.

— Sabes que ainda não me é permitido estacionar a menos de trinta metros de uma boca de incêndio?

Dou uma gargalhada.

— Isso deve fazer com que estacionar na cidade seja uma dor de cabeça.

— É precisamente por isso que me vou manter bem longe de vocês.

Ponho-lhe a mão no ombro e aperto-o.

— Vá lá. Vais ser como nos bons velhos tempos.

O Rafa rosna qualquer coisa ininteligível. Pregar uma partida à Dahlia seria bom não só para ela, mas também para o Rafa, que está a precisar de um bocadinho de diversão na sua vida.

— Não consigo fazer esta sem ti, mano.

Ele olha de relance para o teto decorado com luzinhas em forma de

pingentes de gelo.

— Não pagas ao Sam para te ajudar?

— A lealdade dele está dividida.

— De acordo — replica, depois de coçar o queixo.

— Isso quer dizer que me vais ajudar?

— Não me lembro de seres tão patético quando éramos mais novos.

— Só porque estavas disposto a pregar partidas primeiro e fazer perguntas depois.

— O que é que tencionas fazer? — O Rafa semicerra os olhos.

— Uma coisa que vai fazer a Dahlia dormir de luz acesa durante os próximos quatro a seis meses.

— É verdade que gosto de assustar as pessoas.

— Duvido que, ultimamente, tenhas de te esforçar muito para isso, tendo em



conta o teu problema de atitude.

— Vai-te lixar. — Empurra-me antes de se sentar no cadeirão que está em frente da minha secretária.

Deixo-me cair na cadeira com rodas do outro lado.

— Nunca pensei ver o dia em que começasses a ter bom senso.

— Só porque nunca conseguiste pregar uma destas partidas sem a minha ajuda.

O melhor é aproveitar o bom humor do Rafa enquanto dura e fazer com que esta partida seja digna do seu esforço.

Escrevo rapidamente no teclado para desbloquear o ecrã do computador e viro-o para ele.

— Então, o plano é este...

Depois de passar os últimos dias a reagendar as reuniões e a analisar a minha nova agenda com o Sam, posso finalmente começar a trabalhar a meio-tempo na casa do fundador.

A tenda improvisada no pátio das traseiras está equipada com todas as ferramentas de que preciso para um projeto desta magnitude, o que torna o processo de retomar a carpintaria mais fácil. Não tenho a certeza se conseguiria dar conta das tarefas se tivesse de trabalhar na antiga carpintaria do meu pai.

Um passo de cada vez.

Luto contra as dores nos ossos enquanto cubro os olhos, o nariz e a boca com equipamento de proteção. O cheiro das lascas de madeira recém-cortadas e o som da minha ferramenta a raspar o poste de madeira encham o ar quando começo a trabalhar no primeiro balaústre.

Demoro mais tempo do que devia, porque estou com falta de prática, mas consigo recuperar as competências que adquiri ao longo dos anos.

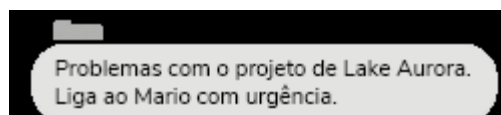
Lembra-te do porquê de estares a fazer isto, para começar, repreendo-me a mim mesmo quando co frustrado por cometer um erro. Atiro o balaústre para um monte e pego noutro.

Estás a fazer isto por ti, digo a mim mesmo e recomeço a trabalhar.

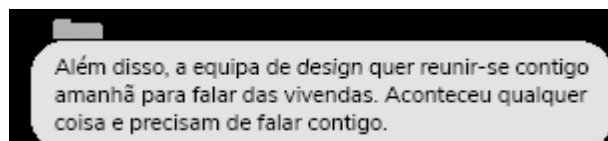
Preciso de mais duas tentativas para aperfeiçoar o design.

— Um já está, só faltam algumas centenas — declaro, soprando para o balaústre e rodando-o para ver todos os pormenores.

O meu bom humor é destruído rapidamente quando oiço o telemóvel vibrar

A screenshot of a text message conversation. The message is in a white bubble on a black background. It reads: "Problemas com o projeto de Lake Aurora. Liga ao Mario com urgência."

Problemas com o projeto de Lake Aurora.
Liga ao Mario com urgência.

A screenshot of a text message conversation. The message is in a white bubble on a black background. It reads: "Além disso, a equipa de design quer reunir-se contigo amanhã para falar das vivendas. Aconteceu qualquer coisa e precisam de falar contigo."

Além disso, a equipa de design quer reunir-se contigo
amanhã para falar das vivendas. Aconteceu qualquer
coisa e precisam de falar contigo.



O pavimento para a casa do beco está atrasado.
Deve ser entregue daqui a algumas semanas.

com novas mensagens do Sam.

Vai ser difícil equilibrar o calendário da empresa e as tarefas de carpintaria que a Dahlia planeou. Não estou na casa do fundador nem há uma hora e o Sam já está a entupir-me o telemóvel.

Arranco a máscara de proteção, pouso o telemóvel na bancada de trabalho e pego num martelo.

É muito tentador.

— Caaalma! Pouse a arma e afaste-se do telemóvel. — As abas da tenda fecham-se atrás da Dahlia.

— Não é o que parece. — Largo o martelo na bancada.

— Então não estavas prestes a destruir o telemóvel?

Olho de relance para o braço esquerdo dela.

— Tiraste o gesso, nalmente.

— Que mudança de assunto tão suave.

Mantenho-me em silêncio.

A Dahlia leva a mão a um dos balaústres e analisa-o de todos os ângulos.

— Isto é... lindo.

— Achas? — Balbucio a palavra, soando patético aos meus próprios ouvidos.

— O teu pai caria incrivelmente orgulhoso de ti.

Engulo o nó de emoção que se forma na minha garganta.

— Não está minimamente perfeito.

— Estás enganado. Está mais do que perfeito.

Uma vaga de orgulho inunda-me o corpo enquanto ela torna a pousar

o balaústre na bancada.

O telemóvel vibra novamente e inclino a cabeça para trás, suspirando.

— E então, o que se passa? — Tira um banco de debaixo da bancada de trabalho e senta-se.

Um dos meus olhos começa a tremer.

— Estou a ter alguns problemas de calendarização.

— Posso ajudar-te com alguma coisa?

— Nem por isso.

A Dahlia semicerra os olhos.

— Estás a dizer isso porque não queres pedir ajuda?

— Estou a dizer isso porque ninguém pode fazer o que eu faço.

— E o que é isso?

— Reunir com equipas, agentes imobiliários e comissões todas as semanas.

Falar sobre planos, licenças e todas essas coisas aborrecidas.

— Sem ofensa, mas isso não é propriamente ciência espacial.

Eno as mãos nos bolsos da frente das calças de ganga.

— Não, mas leva tempo.

— Já pensaste em contratar alguém com quem partilhar essas responsabilidades?

Tantas vezes que já lhes perdi a conta.

— Sim.

— E?

— Ainda não encontrei a pessoa certa para isso.

— Procuraste bem?

Fico completamente imóvel.

A Dahlia levanta os olhos da peça de madeira em que estava concentrada.

— Tens uma boa equipa. Tenho a certeza de que um deles não se importaria de te ajudar a aliviar a carga de trabalho.

— Eu sei. — Tenho a sorte de ter a trabalhar para mim pessoas em quem posso con ar e pago-lhes salários que re etem isso, mas isso não signi ca que uma delas esteja preparada para assumir as responsabilidades que o meu trabalho acarreta.

Coloco o balaústre em cima da mesa e pego noutra peça de madeira inacabada.

A Dahlia encosta-se à bancada de trabalho.

— Sabes, se precisares de fazer uma pausa, não me importo de te ajudar com algumas das reuniões.

— Farias isso?

Encolhe os ombros.

— Claro. Trabalhei com muitas equipas de design e empreiteiros ao longo dos anos.

— Não sei...

— Pensa nisso. Embora a casa do fundador seja um desa o criativo bem-vindo, estou habituada a tratar de oito casas diferentes e de um calendário de imagens caótico, tudo ao mesmo tempo.

— Não me digas que estás entediada.

— Bem, isso e subaproveitada. — Tira uma tábua de madeira do monte e vira-a para trás e para a frente. — O teu estilo de design não é o meu preferido, mas posso pôr de lado os meus gostos pessoais se isso signi car que dedicas toda a tua atenção à casa do fundador.

— Preferia muito mais ter toda a tua atenção focada noutros assuntos urgentes. — O meu sorriso malicioso fá-la fazer um esgar.

— Estou a falar a sério, mas, se não queres a minha ajuda, tudo bem.

O comentário da Dahlia acalma-me.

— Queres ajudar-me? A sério?

— Quero. Pelo menos, até ao Ano Novo.

O nó que tenho na barriga aumenta.

— Ainda estás a pensar ir embora tão cedo?

— Sem um calendário de imagens sobrecarregado, posso dedicar-me à enorme lista de espera da empresa Design by Dahlia. Alguns desses clientes estão à espera dos meus serviços há mais de dois anos.

— Não podes ocupar-te do design dessas casas a partir daqui? — A pergunta sai-me inadvertidamente.

— Hum... não sei. Ainda não pensei muito sobre isso.

Esta resposta não é um não, portanto, vou aceitá-la. A Dahlia precisa de um desenhista especializado e compete-me a mim descobrir o que isso é.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Dahlia

Depois de passar os últimos cinco minutos a questionar a minha sanidade mental, pego no Julian e levo-o para dentro de casa.

— O que é que vamos...

— Chiu! — murmuro.

O Julian limpa a testa com a parte de baixo da T-shirt, deixando-me entrever os seus abdominais.

Um rugido baixo, semelhante a mobília a ser arrastada pelo chão, faz-me car com os pelos dos braços em pé.

— Aquilo! Estás a ouvir?

— Provavelmente é o Ryder no piso de cima, a furar alguma coisa.

Fico de olhos arregalados.

— Não pode ser. O Ryder e o resto da equipa foram-se embora há uma hora.

Normalmente, eu também me teria ido embora, mas não quis deixar o Julian sozinho, portanto, quei na casa e dei uso ao braço esquerdo recém-curado. Sem o gesso, consigo trabalhar em pequenos projetos

por toda a casa, como amostras de tinta, testar amostras de papel de parede e andar obcecada com se devo ou não colocar molduras de madeira em metade da casa.

Outro arrastão faz-me aproximar-me do Julian.

— Sei que ouviste isto.

— Tens a certeza de que o Ryder se foi embora? — pergunta-me.

— Absoluta. — Anuo.

— Podem ser os materiais a dar de si... — O Julian encolhe os ombros.

— Enquanto a casa arrefece. Pois, não é isso. Não caio nessa, Senhor Não Acredito em... — Não termino a frase.

— Fantasmas?

— Chiu! Não digas essa palavra! — Encosto o indicador aos lábios.

O Julian revira os olhos enquanto o candelabro tremeluz por cima das nossas

cabeças.

— Ah! — Guincho, apertando-lhe a mão com uma força mortal.

O Julian tenta libertar-se dos meus dedos, mas não consegue.

— Importas-te de descontrair?

Faço um esgar.

— Sabes o que acontece quando dizes a uma pessoa ansiosa para descontrair?

— O que é que acontece?

— A porra do oposto! — Aperto-lhe a mão com mais força.

O pesado suspiro que ele dá parece-me condescendente.

— A equipa de eletricitas esteve aqui hoje, a reparar este mesmo candelabro.

Uma súbita brisa fria sopra através das aberturas de ventilação,

fazendo-me car com pele de galinha nos braços.

— Queres explicar isto?

— Explicar o quê?

— Esquece. — Baixo a voz o suficiente para só o Julian conseguir ouvir-me.

— Acho que ele está aqui.

— Quem é que está aqui?

— O G.B. — guincho.

— O G.B.? — Faz uma pausa de alguns segundos. — Ah. O Gerald Baker?

— Estás mesmo a falar a sério? — Dou-lhe um beliscão nas costelas.

— Au. — Ele esfrega-as. — Porque é que zeste isso?

— Não digas o nome dele em voz alta.

— Agora estás a ser ridícula.

— Juro que parece que nunca viste um filme de terror. — Franzo o sobrolho.

— Porquê?

— Porque, se tivesses visto, não me dirias isso.

— O que é que acontece à pessoa que diz isso? — pergunta num tom neutro, mas tem um brilho divertido nos olhos.

— Acaba como o G.B. — Passo o dedo do meio pela garganta e faço um ruído de corte.

— És tão... — A voz dele falha, a par da eletricidade.

— Julian! — Ponho-lhe os braços em volta da cintura.

O Julian pega no telemóvel e liga a lanterna, quase me cegando. Estou demasiado assustada para o largar, portanto, continuo agarrada a ele como um macaco bebé conforme se encaminha para as escadas.

Finco os pés no chão, numa tentativa infrutífera de o impedir de subir.

— Onde é que vais?

— Procurar o quadro elétrico. — Tenta libertar-se do meu abraço.

— Não!

Um som arrepiante ecoa pela casa.

O Julian arregala os olhos.

— Que diabos foi aquilo? — Baixo a voz.

A maçã de adão do Julian sobe e desce.

— Não sei.

— Aquilo pareceu-te o Ryder?

— Talvez um animal ferido tenha entrado para o sótão?

— Pois, e fez o quê? Roeu os cabos elétricos e provocou um corte de energia?

O Julian faz um esgar.

— É plausível. Isso aconteceu uma vez, quando um lagarto caiu num quadro de eletricidade numa das nossas obras.

Esfrego a têmpora, que está a latejar.

— Importas-te de parar de ser tão lógico, por uma vez que seja?

— Preferes que eu tenha um ataque de histeria, como tu?

— Não estou a ter um ataque de histeria.

Outro som de car com os cabelos em pé ecoa no corredor por cima de nós, seguido pelo som sinistro de uma tosse com catarro.

O Julian só dá um passo antes de eu lhe enterrar as unhas no braço.

— Não podes ir lá acima.

Dá-me uma palmadinha na mão, como faria com uma criança assustada.

— Não te preocupes. Volto já.

— Não! Não podes dizer merdas assim!

— És de mais. — O Julian abana a cabeça e dá uma gargalhada antes de disparar escadas acima com o telemóvel na mão.

Ligo a lanterna do meu telemóvel e co completamente quieta quando ele desaparece ao cimo das escadas, virando em direção à ala oriental.

— Julian! — digo, entre o murmúrio e o grito, um minuto depois, sem obter resposta. — A sério. Deixa-te de brincadeiras e volta para aqui. Podemos tratar da eletricidade amanhã, durante o dia. — Desta vez, falo mais alto.

Algo cai com estrondo no piso de cima, fazendo o meu coração disparar.

— Julian?

Aguento quatro minutos inteiros sem eletricidade e sem prova de vida antes de começar a subir os degraus.

— Se ele não estiver morto quando chegar lá acima, vou matá-lo com as minhas próprias mãos. — Mal oiço a minha voz por cima do martelar do meu coração.

— Julian? Onde é que estás? — digo ao chegar ao patamar.

Ligo para o telemóvel dele, mas vai diretamente para o correio de voz.

Merda.

Um ruído semelhante ao de mobília a ser arrastada soa vindo de cima.

— O sótão não — gemo para mim mesma.

Sinto um formigueiro no pescoço e a sensação de estar a ser observada faz-me car com os pelos dos braços em pé.

Não me viro, apesar de querer ver se há alguém ou alguma coisa atrás de mim.

— Olá, Gerald. Vimos em paz. Por favor, não me mates nem mates o meu amigo ingénuo, que duvidou da tua existência. Juro que ele não estava a falar a sério quando disse que os fantasmas não são reais.

A sensação de estar a ser observada não desaparece quando me encaminho para as escadas que levam ao sótão.

Paro junto do primeiro degrau.

— Julian? Estás aí em cima?

A porta do sótão está fechada e uma luz suave que parece a lanterna do telemóvel do Julian ltra-se pela brecha na parte de baixo.

Encosto a mão ao peito, mesmo por cima do coração acelerado.

És a Dahlia Muñoz. Não tens medo de nada.

Diz a mulher a quem foi diagnosticada ansiedade quando era adolescente.

Apesar de ter a barriga às voltas, subo as escadas e paro diante da porta do sótão. Depois de hesitar um segundo, empurro os ombros para trás e rodo a maçaneta.

A porta range ao abrir e dou um passo cauteloso para o interior. Outra lufada de ar frio bate-me nas costas e a porta fecha-se com estrondo, fazendo-me saltar.

— Olá? — Se acontecer mais alguma coisa, acho que vou desatar a chorar.

O som suave de algo a correr faz-me virar a lanterna na direção do barulho.

— Oh, porra! — Deixo cair o telemóvel ao mesmo tempo que dou um berro de fazer gelar o sangue.

Uma aranha enorme e peluda, com olhos vermelhos brilhantes, presas do tamanho do meu punho e pernas da largura das minhas coxas olha para mim.

Quando se mexe, perco a cabeça.

— Julian! — berro.

A luz inunda o sótão e demoro uns segundos a processar as gargalhadas dos dois candidatos a mortos que se escondem atrás das vigas de apoio.

— Vou matar-vos!

Param de rir quando saem de trás da viga. Ignoro completamente o Rafa e atiro-me ao Julian. Ele agarra-me, prendendo-me os braços

atrás das costas antes de ter hipótese de lhe pôr as mãos à volta do pescoço.

— Apanhei-te!

— Detesto-te! — Levanto o pé e bato com ele com toda a força contra o chão de madeira quando o Julian se esquivava à minha pisadela.

— Isso não é nada simpático. — Puxa-me mais contra o peito.

— Tal como não é fazeres-me pensar que tinhas morrido!

O Rafa dá uma pequena gargalhada para o ecrã do telemóvel antes de o som do meu berro pelo nome do Julian encher a divisão.

— Não acredito que o ajudaste com isto. — Aponto-lhe o dedo.

— O Julian tinha razão. — O Rafa encolhe os ombros. — Isto foi divertido.

— Divertido? Estou traumatizada, seu grande imbecil.

O som dos meus gritos ecoa nas paredes quando o Rafa reproduz novamente o vídeo e se encaminha para as escadas.

— Estou desejoso de enviar isto para o chat da família.

— Rafa! Volta imediatamente para aqui! — Tento libertar-me do Julian. O

meu telemóvel apita no chão. — Já enviaste o vídeo?

O Rafa fez um aceno de queixo na direção do Julian.

— Obrigado pelo convite.

— Vou certi-car-me de que também te convido para o funeral do Julian —

berro.

O Rafa vira costas e começa a descer as escadas.

— Vemo-nos no domingo, Dahlia — diz quando já está a uma distância segura.

Torno a debater-me contra o abraço do Julian, mas paro quando roço

em algo que não devia estar duro.

— Estás excitado?

— Da maneira como te estás a esfregar em mim neste último minuto, é impossível não estar.

Debato-me ainda mais, fazendo-o sibilar.

Ótimo. É bem feito.

— Se parares com isso, eu largo-te — a rma enquanto me aperta mais.

— Não acredito que zeste isto. — Fico quieta nos braços dele.

— Considera-o vingança pelo que zeste no meu gabinete. — Afasta-se.

Atiro as mãos ao ar.

— O que eu z foi engraçado! Isto é... perturbador!

— Ficaste assustada?

— Aterrorizada.

O Julian inclina a cabeça.

— E, apesar de estares com medo, vieste em meu socorro.

— Foi um lapso temporário.

— Estavas com medo de que eu me magoasse?

Franzo o sobrolho.

— Foi mais estar assustada com a possibilidade de seres possuído por um demónio, mas devia ter-me lembrado de que isso aconteceu quando nasceste.

O sorriso dele aumenta, eliminando parte da minha irritação.

— Chamaste por mim quando estavas com medo.

— Não devo ser responsabilizada por aquilo que disse quando a minha vida me passou diante dos olhos.

— O que é que viste? — O Julian passa o polegar pelo meu lábio inferior.

Acaricio-lhe lentamente o peito com as mãos, fazendo-o ofegar baixinho.

— Vi-te a ti.

— Como? — Coloca as mãos no meu rosto.

— A segurar-me assim. — Movo as mãos dele para as minhas ancas.

— E? — Pressiona a minha pele.

— E esganei-te assim. — Ponho as mãos em volta do pescoço dele e aperto com força su ciente para o fazer arregalar os olhos por um segundo.

Depois, põe as mãos por cima das minhas, fazendo mais pressão sobre o pescoço.

— Se querias viver uma das tuas fantasias, só precisavas de me ter pedido.

Passo-lhe um dedo pelo meio do peito.

— Tu só terias acedido depois de o meu braço estar sarado.

— Por falar nisso... — Passa a mão pelo meu braço esquerdo.

Estremeço quando empurra as ancas para a frente.

— Foi um sacrifício que tenciono compensar esta noite.

— Porquê esperar mais? — Os meus dedos tremem de excitação quando os levo ao cinto dele e começo a desapertá-lo.

— O que estás a fazer? — O Julian tenta recuar, mas prendo-o pela vela.

— A seguir as pistas do contexto. — Puxo o cinto pelas presilhas das calças antes de o atirar para o chão.

— Tinha outros planos para ti. — A voz rouca dele faz-me sentir borboletas na barriga.

— Guarda-os para mais tarde.

— Dahlia...

O barulho do fecho das calças a deslizar faz-me sentir um arrepio nas costas.

Os abdominais dele cam tensos quando me baixo e lhe puxo as calças o su ciente para revelar a ereção que faz pressão contra os boxers.

— Assustares-me excitou-te? — Passo os dedos pelo tecido húmido que lhe cobre a glande.

— Mais do que devia.

— Isso é doentio. — Provoco-o, passando-lhe levemente os dedos pelo membro.

— Eu sei.

Ajoelho-me antes de agarrar no elástico dos boxers e de lhos deslizar pelas coxas para libertar a pila.

O Julian segura-me o queixo com força.

— Talvez devesse assustar-te mais vezes, se é esta a recompensa que recebo.

Inclino a cabeça para trás, para poder lançar-lhe um olhar furioso como deve ser.— Gosto mais de ti quando estás calado.

— O que...

Passo-lhe a língua pelo comprimento da pila antes de lambe-la glande.
O

gemido que ele solta faz-me enrolar os dedos dos pés dentro dos ténis e repito o mesmo movimento do outro lado.

O Julian en a os dedos no meu cabelo e segura-me a cabeça.

— Primeiro, deixa-me levar-te a jantar.

— Não combinámos nenhum encontro. — Passo-lhe a língua pela glande, lambendo uma gota da sua excitação.

Recebo um esgar furioso em resposta ao comentário.

— Abre. — Quase rosna a palavra.

Abro os lábios, mais de surpresa do que em submissão. O Julian não

parece reparar na diferença ou importar-se com ela quando me penetra. Ofego, enterrando os dedos nas suas coxas para tentar segurar-me.

Demoro um segundo a habituar-me ao tamanho dele e o Julian espera pacientemente até as lágrimas me desaparecerem dos olhos.

— Sucede que também gosto mais de ti quando estás calada. —
Mostra-me um lampejo de um sorriso tresloucado quando repete o mesmo movimento, embora, desta vez, eu esteja mais bem preparada para o receber.

A minha tentativa de controlar a situação desaparece quando o Julian encontra o seu ritmo, penetrando-me a boca de uma maneira deliciosamente depravada. Devia detestar esta falta de controlo — devia sentir desprezo por o Julian me usar desta maneira —, mas estou demasiado excitada com tudo isto para me importar.

Encosto as coxas uma à outra quando o olhar dele me perfura o coração.

O Julian entoa o meu nome num tom rouco que me faz contrair os músculos da barriga. Alterno entre lambê-lo e sugá-lo com força su ciente para o fazer sibilar.

O Julian pragueja e quase me arranca o cabelo pela raiz quando mo puxa na nuca e devolvo-lhe a dor enterrando-lhe as unhas nas nádegas com força su ciente para deixar marcas em forma de meia-lua.

— Volta a fazer isso e arranjo uma maneira melhor de te ocupar as mãos.

Ele que se lixe. Vou mostrar-lhe como são as coisas.

Levanto a bainha da saia, expondo a roupa interior molhada.

Os olhos do Julian seguem todos os meus movimentos quando empurro as cuecas para o lado e passo um dedo pelo meu sexo. Tenho o cuidado de evitar o clitóris, porque quero arrastar este processo.

Os músculos do Julian cam tensos quando para a meio da estocada.

— Deixa-me ver.

Levanto o dedo do meio brilhante.

— Porra.

O meu corpo ilumina-se como o céu no dia Quatro de Julho.

— Mostra-me como gostas que te toquem.

De certa maneira, esta exigência parece-me um teste e tudo o que quero é passar com nota máxima. O Julian afasta-se um pouco, dando-me um momento para me recompor antes de voltar a apoderar-se da minha boca.

Céus. Isto é tão errado.

Afasto mais as coxas e acompanho as estocadas dele com as minhas. De cada vez que eno os dedos sinto uma nova vaga de arrepios nas costas e, passado um minuto, tenho os músculos a tremer.

Brinco com o clitóris e estremeço com a pressão que se acumula no meu baixo-ventre.

— Assim mesmo, rainha. — O Julian acelera o ritmo já de si enlouquecedor.

As borboletas que sinto na barriga agitam-se ao ouvir esta alcunha, ameaçando libertar-se. Reviro os olhos enquanto me masturbo ao som dos gemidos dele.

— Dahlia — cantarola quando ponho os lábios em volta da pila e o sugo com força suficiente para o fazer estremecer.

— Foda-se, rainha. És boa como a porra a fazer isso.

O Julian a praguejar duas vezes seguidas? Uma miúda podia habituar-se a isso.

— Que se lixe. — Retira-se da minha boca, puxa-me para cima e arrasta-me pela mão em direção à parede que tem a janela com vista para o lago.

— O que é que... — A minha pergunta é interrompida quando ele se ajoelha, põe a minha perna por cima do ombro e afasta as cuecas para o lado.

Olha para o meu sexo como se fosse uma obra de arte — com total fascínio e devoção. As minhas pernas começam a tremer e isso parece despertá-lo do transe.

Passa a língua pela minha racha, fazendo-me sentir arrepios nas costas.

— Oh, porra. — A minha cabeça bate contra a parede.

Qualquer autocontrolo que o Julian tivesse desaparece quando alterna entre lamber o meu sexo e penetrá-lo a fundo com a língua. Estuda as minhas reações como se eu fosse a sua disciplina preferida, sem nunca desviar a atenção do meu rosto, e tenho de parar de olhar para ele por várias vezes, porque aquilo que vejo refletido nos seus olhos me excita muito mais do que devia.

Expludo quando o dedo dele me penetra violentamente e a boca me suga o clitóris com força. Prendo a perna em volta do pescoço dele, encostando-o ao meu sexo e obrigando-o a continuar enquanto desfruto do meu orgasmo.

Estou tão perdida no meu prazer que só reparo nos movimentos espasmódicos do Julian quando ele se encosta a mim a gemer. Baixo os olhos e vejo o que ele lançou para o chão.

C'um caraças.

O Julian veio-se enquanto ouvia os meus gemidos e me saboreava. Nunca na vida me senti tão poderosa como agora, com ele de joelhos, ainda a tremer do rescaldo do orgasmo, à medida que olha para mim com uma expressão que tenho demasiado medo de analisar a fundo.

Ele deu-me esperança no passado e recuso-me a cair novamente nessa armadilha.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Julian

Depois de limparmos o chão e de compormos a roupa, aproveito a felicidade pós-orgasmo da Dahlia antes que ela tenha oportunidade de cair em si.

— Jantas comigo? — As palavras saem-me da boca quando lhe dou a mão e a puxo para longe da porta do sótão.

A Dahlia arregala os olhos.

— Estavas a falar a sério sobre isso?

— Sim.

— Onde?

— Em minha casa.

Lança-me um olhar furioso.

— Devia recusar, depois da partida que me pregaste.

— Mas não o vais fazer. — Beijo-lhe os nós dos dedos.

A Dahlia franze o sobrolho numa provocação silenciosa.

— Tens a certeza?

— Não me faças implorar.

— Nada me agradaria mais. — Empurra-me o ombro com um só dedo.

—

Pede-me outra vez. De joelhos.

Ela é a única mulher por quem me ajoelharia com entusiasmo e provo-lhe isso quando obedeço à ordem que me deu.

Acaricio-lhe a anca com o polegar.

— Acaba com a minha infelicidade e diz-me que sim.

— Isso é possível? — Tem os olhos a brilhar.

— És hilariante.

— Está bem. Vou jantar contigo, mas só porque estás outra vez a fazer olhos de cachorrinho triste.

Não fazia ideia de que fazia isso, mas co contente por ter essa arma no meu

arsenal no que respeita à Dahlia.

— Vamos, antes que eu mude de ideias. — A Dahlia entrelaça os dedos nos meus e puxa-me pela casa fora, até à porta. Paramos diante do carro dela, do lado do condutor.

— O que é que estás a pensar jantar? — pergunta-me ao mesmo tempo que remexe na carteira à procura das chaves.

Entalo-a contra a porta e roubo-lhe um último beijo.

— Estou a pensar encomendar qualquer coisa.

— Lá se foi a conversa indecente.

— Perguntaste-me o que queria jantar. Não o que queria de sobremesa.

A pele da Dahlia ca com um bonito tom rosado.

— Oh.

Passo-lhe o polegar pela curva do rosto.

— Apetece-te alguma coisa em particular?

— O sushi do Aomi seria fantástico.

Demoro um momento a processar o pedido dela.

— Aquele restaurante no de Nova Iorque?

— Sim. — Dá uma gargalhada. — Mas, de qualquer maneira, piadas à parte, pode ser qualquer coisa. Surpreende-me.

— Isso consigo fazer. — Dou-lhe um beijo na testa antes de pegar no chaveiro e tirar a chave de casa. — Toma.

A Dahlia olha para a chave de olhos arregalados.

— Estás a avançar um bocadinho depressa, não achas?

— Cala-te e pega na chave antes que revogue a tua oportunidade de bisbilhotares a casa quando não estou presente.

O rosto dela ilumina-se.

— ¿Neta? 47 — O tom interrogativo faz com que a tentativa de chantagem valha a pena.

Tenho a certeza de que o amor da Dahlia pela investigação começou quando foi buscar o primeiro livro da Nancy Drew à biblioteca e nunca mais desapareceu.

Balouço a chave diante dela, segurando-a com força para impedir que a Dahlia repare que tenho os músculos a tremer.

— Fica-te pelo piso de baixo.

A Dahlia levanta uma sobrancelha.



— O que é que estás a esconder no piso de cima?

O coração bate-me descompassadamente no peito.

— Vais ter de esperar para ver.

A Dahlia vai para minha casa enquanto eu vou para a cidade. Embora não possa encomendar sushi do Aomi à última hora, faço uma encomenda no melhor

— e único — restaurante de sushi de Lake Wisteria, antes que fechem as portas.

Apesar de ter planeado fazer o caminho de regresso mais longo, para lhe dar tempo para fazer uma investigação a fundo da minha casa, mudo de ideias.

Tenho medo de que ela acabe por ir ao primeiro andar e bisbilhotar no meu quarto, apenas para satisfazer a curiosidade.

Contrariamente à habitual sensação de solidão opressiva que sinto sempre que viro para o caminho de acesso à casa, o meu corpo fervilha de antecipação quando estaciono o carro na garagem e entro na casa toda iluminada.

Sou recebido pelo som distante da Dahlia a brincar com o piano.

Contrariamente ao Nico, não tem os conhecimentos nem o treino para fazer mais do que massacrar a música «Twinkle, Twinkle, Little Star».

Sinto um formigueiro nas costas quando percorro o comprido corredor que leva à sala de estar formal. Nunca me senti tão entusiasmado ao fim de um dia de trabalho e faço uma pausa para processar o motivo disso.

Não há silêncio doloroso. Não há solidão terrível. Não há nada exceto uma forte sensação de contentamento quando penso na pessoa que me espera.

Estás a car apegado, diz uma vizinha de alerta.

Tenho a certeza de que é muito mais sério do que isso.

É amor.

Algo em mim está a mudar — isso tornou-se evidente quando retomei a carpintaria depois de ter passado quase uma década a evitá-la — e tem tudo que ver com a Dahlia.

Entro na sala quando ela toca a última nota.

— Chegou o jantar.

A Dahlia sobressalta-se, batendo com força com os dedos nas teclas.

— Assustaste-me.

— Divertiste-te a bisbilhotar?

— Imenso. Olha só o que encontrei ao teu lado da tua adorada coleção de O

Príncipezinho. — Levanta-se e mostra-me o troféu de Segundo Melhor que me

ofereceu.

Bolas. Estava tão concentrado em manter a Dahlia longe do meu quarto que me esqueci do troféu incriminatório.

— Sinto-me lisonjeada por teres guardado isto durante estes anos todos. —

Limpa uma mancha invisível.

— É um lembrete do que sentimos quando fracassamos. — As palavras saem-me à velocidade de um relâmpago.

— E é por isso que o guardas ao lado dos teus bens mais preciosos? É um sítio interessante, tendo em conta o tamanho da tua casa.

Pestanejo lentamente.

A Dahlia faz um sorriso matreiro.

— Sei que chumbaste propositadamente no exame de Física.

— Não tens provas disso.

— A Física era a disciplina em que eras mais forte e em que eu era mais fraca.

Se não o tivesses feito, eu não teria conseguido passar-te à frente.

Exercito o meu direito ao silêncio.

— Porque é que o zeste? — pergunta-me.

O zumbido do aquecedor a ligar-se ecoa pela casa.

A Dahlia franze o sobrolho.

— Fizeste-o porque te sentias mal por minha causa?

— Não — resmungo.

— Então, porquê?

— Porque gostava de ti.

— Desde quando? — A Dahlia arregala os olhos.

— Não tenho a certeza de quando começou — minto.

— Porque é que não disseste nada?

— Sou avesso ao risco, lembras-te?

A Dahlia abana vigorosamente a cabeça, embora isso não lhe apague a incredulidade do rosto.

— Se eu não te tivesse beijado naquela festa de Halloween em Stanford, terias dado o primeiro passo?

— Nessa altura, não fazia ideia do que queria.

Franze o sobrolho, com uma expressão confusa.

— Mas gostavas de mim.

— Sim.

— Então porque é que me afastaste quando o teu pai morreu?

— Por algumas razões erradas, mas, sobretudo, porque era demasiado orgulhoso para lidar com o desgosto como devia ter lidado.

A Dahlia ca boquiaberta.

— Assumi demasiadas responsabilidades ao mesmo tempo, porque

pensava que se conseguisse salvar a empresa que estava em dificuldades ou se conseguisse ajudar a minha mãe a ultrapassar a depressão, a minha dor desapareceria.

O lábio inferior da Dahlia começa a tremer.

— E não podias fazer isso se eu estivesse a distrair-te.

— Nunca te devia ter dito que eras uma distração.

A Dahlia estica a mão para a minha e aperta-ma.

— Desculpa não ter encarado as tuas ações como aquilo que eram.

— O quê?! — Pestanejo rapidamente.

Fui eu que a magoei.

Fui eu que a empurrei para os braços de outro homem, que acabou por lhe partir o coração.

E fui eu que demorei dez anos a pedir-lhe desculpa, só porque fui um cobarde que não queria enfrentar os seus medos e, em vez disso, optei por deixar que as minhas inseguranças sobre o meu valor ditassem as minhas ações.

— Apesar de ter cado magoada com todas as coisas que me disseste, devia ter posto os meus sentimentos de lado e ter-me mostrado superior a isso.

Porque embora me tenhas afastado, fui eu que tomei a decisão consciente de me manter afastada.

— Nada disto é culpa tua. — Sinto uma dor nos pulmões.

— O mesmo se pode dizer em relação a ti.

— Vamos concordar em pôr o passado atrás das costas?

— Combinado.

Ponho o braço em volta da cintura dela antes de nos encaminhar para a cozinha. A Dahlia senta-se no lugar que ocupo habitualmente, no canto da ilha, enquanto encho dois copos de água.

— O que é que escolheste? — Leva a mão ao saco de papel sem rótulo.

— Sushi.

— Yes! — Ela pega no recipiente de cima, mas tiro-lho da mão e troco-o pelo outro.

— O que foi?

— Esse é meu.

A Dahlia franze o sobrolho.

— Tem queijo creme.

A maneira amorosa como ela franze o nariz faz-me sorrir.

A Dahlia arranca a tampa do recipiente.

— Tempura de camarão?

— Toma. — Passo-lhe um recipiente grande cheio de maionese picante.

— Tens um jeito irritante e perfeito de prever todas as minhas jogadas.

Atiro-lhe os pauzinhos e ela separa-os antes de tirar o primeiro rolinho de sushi do tabuleiro.

Como não me atiro imediatamente à comida, sou alvo de um olhar interrogativo.

— Não vais comer? — Aponta para o meu tabuleiro.

— Vou.

— Então, vá. — Bate com os pauzinhos um no outro várias vezes.

— Qual é a pressa?

— Alguém me prometeu sobremesa.

O meu coração para por um segundo antes de voltar ao ritmo normal.

— Estou a desfrutar do momento — confesso-lhe.

A Dahlia processa as minhas palavras com um lento pestanejar.

— É só um jantar.

Tiro a tampa do meu recipiente, só para ter qualquer coisa para fazer.

— Eu sei.

— Se quiseres, podemos fazer a mesma coisa amanhã. — Um leve rubor sobe-lhe pela gola da camisa.

— Tu gostavas de repetir?

— Depende de como esta noite correr. — Pisca-me o olho.

Sei que as palavras dela são uma brincadeira, mas parecem aumentar o buraco que tenho no peito, até a dor se tornar insuportável.

A Dahlia franze o sobrolho com tanta força que forma rugas.

— Que expressão é essa?

— Hum?

Seja qual for a expressão que ela imita, só me faz sentir dez vezes mais patético.

— Não é nada. — En o um rolinho de sushi na boca para me impedir de dizer mais o que quer que seja.

— Pareces triste.

— Sinto-me...

— Sozinho? — sugere a Dahlia.

Cerro os punhos com tanta força que quase parto um dos pauzinhos de madeira.

O pior tipo de expressão lampeja no rosto da Dahlia.

Pena.

— Há quanto tempo te sentes assim? — pergunta-me.

Há demasiado tempo.

— Não te vou mentir, esperava que, por esta altura, já estivesses casado e tivesses um lho.

— Casado, sim. Um lho? Nem por isso.

— Não queres ter lhos? A sério? — A Dahlia engole em seco com tanta força que a garganta sobe e desce visivelmente.

— A sério.

— Desde quando? — A Dahlia limita-se a franzir ainda mais o sobrolho.

— Desde que a minha mãe regressou do hospital sem a minha irmã mais nova.

Põe a mão em volta do meu bíceps e dá-me um apertão para me reconfortar.

— Lamento.

— É passado. — Encolho os ombros sem convicção.

A Dahlia lança-me um olhar compreensivo.

— Eu e tu fazemos um belo par.

— A quem o dizes.

Afasta a mão.

— Sabes, um homem sábio disse-me que há muitas maneiras de ter um lho.

— A sério?

— Sim.

— Acho que vou começar por procurar uma mulher e ver onde a vida me leva.

— Certo. — Aperta os pauzinhos com mais força.

Amorosa.

O calor inunda-me o corpo.

— Talvez quando voltares para São Francisco eu reconsidere aceitar os serviços de casamenteira da minha mãe.

— Fiz-te um broche há menos de uma hora e já estás a falar em ter encontros com outras mulheres?

— Isso incomoda-te?

— Ugh. És um grande idiota. — A Dahlia franze o nariz.

— E tu és ciumenta.

— Não, não sou.

— É agradável estar do lado de quem os provoca, para variar. — Abro-lhe os dedos, libertando os pauzinhos do aperto castigador.

A Dahlia semicerra os olhos.

— Disseste essas coisas todas de propósito.

— Pois foi.

— Da próxima vez que me beijares lá em baixo, tenciono sufocar-te até que morras.

Puxo a mão dela para os lábios e beijo-a.

— Não me ocorre melhor maneira de morrer.

47 ¿Neta?: A sério?

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Dahlia

-Então, é agora que me vais mostrar o teu quarto? — Ponho os recipientes vazios no caixote do lixo oculto ao lado do lava-loiça.

— Tenho uma ideia melhor. — O Julian levanta-me pelas ancas e senta-me na bancada. O vestido mal me protege do mármore frio, especialmente quando ele mo puxa para cima até me deixar completamente exposta.

— Aqui? — Espreito para as janelas sem cortinas.

O Julian ajoelha-se.

— Alguém nos pode ver de um barco ou das docas — protesto.

— Relaxa. — Faz deslizar as cuecas pelas minhas pernas antes de as meter no bolso.

— Mas... — O protesto morre na minha garganta quando ele me

afasta as coxas e as salpica de beijos suaves.

A barba de três dias arranha-me a pele, a caminho do ponto que anseia pela atenção dele. Toca-me repentinamente com a língua, fazendo-me dar um salto, antes de se afastar.

— Queres que pare?

— Não te atrevas. — Inclino a cabeça para trás quando ele me recompensa com outra lambidela.

— Tens a certeza? Detestaria que alguém te visse nestes preparos. — Começa a deslizar a língua para o meu clitóris e pressiona-o com a língua toda.

— Cala-te! — sibilo enquanto lhe enterro os dedos no cabelo.

— És tão exigente. — Dá uns estalinhos com a língua antes de a passar novamente pelo clitóris.

Vou mostrar-lhe o que é ser-se exigente. Ponho as pernas por cima dos ombros dele e alinho-o com o meu sexo.

— Lambe.

Olhamo-nos nos olhos à medida que ele lambe a minha excitação com a

ponta da língua. Fico com pele de galinha no corpo todo e o Julian passa as mãos pela minha pele arrepiada conforme vai mais fundo.

— Porra. — Deixo-o provocar-me durante mais alguns segundos antes de voltar a assumir o controlo. Apesar de tudo me dar muito prazer, arrasto-o pelo cabelo diretamente para o clitóris. — Chupa.

Algo lampeja nos olhos dele quando encosta os lábios ao meu clitóris e me chupa com força su ciente para me fazer levantar as ancas da bancada.

O roçar dos dentes dele é uma sensação nova que faz o meu corpo iluminar-se.

O Julian esboça um sorriso malicioso e repete os mesmos movimentos.

Diabos o carreguem diretamente para o inferno.

— Oh, céus — gemo quando ele faz qualquer coisa com a língua que

nunca ninguém fez e depois estremeço enquanto pressiono as coxas contra as têmporas dele.

O Julian afasta-se.

— O teu sexo carente está a sujar a minha bancada toda.

— Esta sujidade? — Afasto mais as pernas e recolho um bocadinho da minha excitação com a ponta do polegar, o que me granjeia um gemido delicioso do homem que está ajoelhado à minha frente.

— Devia obrigar-te a lambar a bancada até car limpa.

— Ou devias lambê-la tu, já que adoras o meu sabor.

O arquejo dele faz-me sorrir.

— Aposto que gostavas de o fazer. — Estendo-lhe o polegar molhado.

O Julian põe a boca em volta do meu dedo, fazendo-me sentir uma agradável onda de calor quando me lambe a pele, antes de morder a ponta.

— Se continuares a falar, vou-te amordaçar.

— Com a pila?

— Não me tentes. — O Julian enterra um dedo no meu sexo e reviro os olhos quando a sensação se apodera de mim. Recompensa o meu gemido encostando o polegar ao meu clitóris conforme me enroscando o segundo dedo.

Deixo cair a cabeça para trás.

— Se não me comeres no próximo minuto, arranjarei maneira de ter prazer sozinha.

— Volta a ameaçar-me enquanto tenho os dedos dentro de ti e paro.

Oh, merda.

— Percebeste? — Dobro o dedo para chegar ao meu ponto mais sensível.

— Sim — gemo.

O Julian faz um ruído de concentração antes de retirar a mão.

— Volto já.

Vai-se embora e regressa um minuto depois, com a respiração ofegante e o envoltório brilhante de um preservativo na mão. Livrou-se das calças algures pelo caminho, o que me dá uma boa visão da ereção que se esconde atrás dos boxers.

— Só um? — Deslizo o indicador pela protuberância.

— Tenho mais lá em cima. — Puxa-me o vestido por cima da cabeça, despenteando-me completamente.

Fico sem fôlego quando o olhar dele me percorre o corpo, analisando cada pormenor, antes de me puxar para um beijo escaldante.

O Julian é o primeiro a afastar-se.

— Não sei o que z para merecer isto, mas, neste momento, sinto-me o homem mais sortudo do mundo.

As borboletas que me enchem a barriga libertam-se num enxame tresloucado, fazendo-me sentir tonturas.

— As coisas que te quero fazer... — Usa o indicador para traçar uma linha que vai da base do meu pescoço até ao meu centro.

A atração que passámos anos a ignorar vem à superfície, fazendo o meu coração disparar quando me pressiona o clitóris com o polegar.

Desejo o Julian. Desejo-o desesperadamente e passei demasiado tempo a ngir que não.

Isso acaba esta noite.

— Podes esquecer a conversa sensual e deitar mãos à obra, porque estou mais do que pronta.

— Estou a desfrutar do momento. — Penetra-me com o polegar.

— Ultimamente, fazes isso muitas vezes.

— A culpa é toda tua.

Tenho medo de não sobreviver a esta noite se ele continuar a falar assim comigo.

Luto contra as emoções que rodopiam no meu peito enquanto levo a

mão ao invólucro de alumínio. Sou uma atriz sedutora, fazendo os músculos do Julian ondular e car tensos quando abro o pacotinho e tiro cuidadosamente o preservativo para fora.

O Julian inspira ruidosamente quando lhe agarro a pila e a puxo, trazendo-o para mais perto para conseguir colocar-lhe o preservativo.

— Podias ter-me pedido educadamente.

— E perder esse pequeno ofego maravilhoso? Não me parece. — Deslizo um dedo pelo preservativo, encantada com a maneira como as coxas dele endurecem.

O Julian inclina a cabeça para trás e suspira.

Talvez ele tenha razão quando diz que quer levar as coisas com calma. Quero catalogar cada segundo desta noite e trancá-lo na minha memória, porque, embora não possa ter o Julian para sempre, posso ter as nossas recordações.

Com as mãos a tremer, enrola as minhas pernas em volta da cintura. As minhas coxas estremecem e um arrepio percorre-me o corpo quando a glande dele desliza pelo meu clitóris, antes de parar.

Põe-me uma mão no rosto e masturba-se com a outra.

— Tens a certeza disto?

Se tenho a certeza de que quero ter relações com o Julian? Sem dúvida. Tenho medo de explodir se não o zer e o meu sexo lateja em concordância. Se tenho a certeza do que irá acontecer depois de ultrapassarmos esta última barreira que nos separa? Nem pensar, mas diabos me levem se vou permitir que o meu medo da incerteza dê cabo desta noite.

Ponho a mão por cima da dele, alinho a pila com o meu centro e faço pressão até a glande desaparecer dentro de mim.

— Isto responde à tua pergunta?

— Dahlia. — O Julian fecha os olhos com força.

Nunca o ouvi dizer o meu nome desta maneira e, porra, preciso que o repita.

Aperto as pernas em volta da cintura dele e atraio-o, puxando-o mais para dentro.

— Repete isso.

Levanta as mãos e aperta-me as ancas.

— Dahlia.

Sinto faíscas a saltar-me do fundo das costas, mas não consigo desfrutar da sensação antes de o Julian me penetrar com força suficiente para me fazer soltar um arquejo.

— Merda. — Tenta não estremecer.

O meu peito sobe e desce a cada inspiração rápida enquanto me delicio com a expressão de pura adoração estampada no rosto dele.

Para de analisar tudo.

Desperto do transe em que o Julian me pôs quando ele se retira de mim.

Ambos estremecemos quando volta a mergulhar. Não demora muito a encontrar o ritmo mais perfeito e irresistível, e estou desejosa de fazer isto durar.

Finca os dedos nas minhas ancas à medida que me penetra como se fosse um homem à beira da loucura e eu fosse a única coisa que o prende à realidade.

Tento desesperadamente encontrar tração enquanto me agarro a ele. Enterro-lhe os calcanhares no rabo quando ele muda de ritmo, penetrando-me com força suficiente para me fazer deslizar pela bancada.

O Julian encontra um ponto sensível entre o meu ombro e o pescoço e suga-me a pele.

— Ei. — Dou-lhe uma palmada.

O Julian cala-me com outra estocada das ancas que me faz revirar os olhos. As unhas curtas arranham-me as nádegas quando me segura, penetrando-me até à loucura.

Com aqueles olhos escuros e de pupilas dilatadas, parece um homem possuído pela minha racha enquanto passa o dedo pela minha excitação e o desliza pelo clitóris.

— Gostas da minha pila?

— Foi a minha racha ensopada que me denunciou? — Finjo um arquejo.

— Um dia, essa boca ainda te vai meter em sarilhos. — Passa o dedo pelo meu lábio inferior.

— Espero que sim. — Passo a língua pelo dedo dele.

A gargalhada rouca do Julian é o único aviso que recebo antes de ele se puxar completamente para trás até car só com a glândula dentro de mim. Preparo-me para protestar, mas sou interrompida quando ele me penetra com toda a força.

Fico sem ar.

Isto é de mais. Da dor ligeira da pila dele a alargar-me até ao ritmo que impõe, dá cabo de mim.

Expludo em volta dele com um grito sonoro. Fico com a vista turva quando perco o contacto com a realidade e me entrego em queda-livre ao orgasmo.

— Hermosa⁴⁸ — diz, empurrando-me a cabeça para trás.

A minha barriga dá um salto, mergulhando em águas profundas e perigosas.

O Julian engole o meu gemido com um beijo, colando os lábios aos meus com tanta força que me magoa.

Continua a penetrar-me enquanto gozo o orgasmo, ao mesmo tempo que

murmura palavras doces no meu ouvido.

— És a minha miúda — diz, sem quebrar o ritmo. — Olha para mim.

—

Puxa-me o cabelo até eu abrir os olhos. — Mi preciosa⁴⁹ — murmura junto da minha orelha antes de me morder a curva do pescoço.

O meu cérebro confuso não consegue processar as palavras com rapidez suficiente quando ele se vem com um gemido.

Os movimentos rápidos transformam-se em espasmos antes de parar completamente. Passo-lhe os dedos pelo cabelo, penteando as madeixas soltas conforme ele desperta do seu prazer.

— Porra. — Encosta a testa à minha.

— Gostaste? — Normalmente, nestas circunstâncias não sou tão exigente, mas o Julian desa a-me a todos os níveis, portanto, co desesperada por conseguir ter algum tipo de controlo sobre ele.

Esse pensamento faz-me rir.

Ninguém consegue controlar o Julian — muito menos eu. Se consegui alguma coisa foi libertar uma parte diabólica dele, que mantinha escondida, e mal posso esperar por voltar a fazer o mesmo.

Estás a jogar um jogo que não vais ganhar, avisa a vizinha de alerta dentro da minha cabeça.

Então o melhor é certi cares-te de que o Julian também não ganha.

O Julian dá-me um beijo na cabeça enquanto desliza para fora de mim com um gemido.

— Temo que tenhas arruinado o sexo com qualquer outra mulher.

É a melhor notícia de todos os tempos.

48 Hermosa: Bonita.

49 Mi preciosa: Minha linda.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Dahlia

-Portanto, em relação ao meu quarto... — O Julian hesita à porta do quarto.

— O que é que o quarto pode ter que te ponha tão nervoso? — Levo a mão à maçaneta, mas o Julian bloqueia-me com o corpo largo quando se põe à frente da porta.

— Bem... — Esfrega a nuca.

— É a tua coleção de bonecos bobblehead?

O Julian abana negativamente a cabeça.

— Não. Deitei-os fora há anos.

— Felizmente, porque eram assustadores.

Lança-me um olhar expressivo.

— Tens revistas ou pósteres pornográficos ou coisa que o valha? — pergunto -

lhe.— Tendo em conta que não sou um adolescente que nasceu antes da invenção da Internet, não.

— Talvez tenhas uma vagina de borracha na gaveta da mesinha de cabeceira?

O rosto do Julian fica vermelho como um tomate.

— Uma vagina de... sabes que mais? Que se lixe. — Abre a porta de rompante e afasta-se para o lado. — Podes entrar.

Fico com os pés rmeente plantados no chão enquanto olho para o quarto da entrada. Pestanejo algumas vezes para ter a certeza.

— Tu... isto...

O Julian fecha os olhos.

— Posso explicar. É... — A voz dele some-se, a par da sua con ança.

Tudo.

Dou uns passos para o interior do quarto e paro diante do tapete de lã tecido à mão que criei com a empresa Vida Seleta. Demorei um mês inteiro a concretizar a minha ideia, tendo feito centenas de esboços e experimentado

inúmeras amostras antes de tudo bater certo.

O mesmo se pode dizer em relação à maioria da mobília e das peças decorativas personalizadas espalhadas pelo quarto do Julian. Cada peça encerra uma memória da minha carreira e dou por mim a car com um nó na garganta quando conto pelo menos um artigo de cada uma das coleções que lancei.

O Julian não comprou tudo, porque isso teria sido excessivo, mas comprou artigos suficientes para provar que seguiu cada lançamento e escolheu um dos objetos preferidos do público.

Uma explosão de calor inunda-me o peito, mais forte do que uma

erupção solar.

Ele apoiou os teus sonhos sem que o soubesses.

Antes de me virar para ele, pestanejo para afastar as lágrimas dos olhos.

— Pensei que não eras um fã. — A voz falha-me.

— Do programa de televisão? Não sou, porra. — Faz um esgar.

— De mim.

O Julian baixa os olhos para o chão de madeira maciça.

Dirijo-me para a cómoda e passo o dedo pelo rebordo da taça de porcelana que desenhei.

— Porque é que estavas com medo da minha reação ao teu altar?

— Não é isso que isto é — balbucia.

Dou uma gargalhada.

— Então o que é que lhe chamarias?

— O reconhecimento de alguém que o merece.

Se o Julian continuar a falar desta maneira, posso fazer um grande disparate e apaixonar-me por ele.

Há um motivo para vocês terem regras. Cumpre-as.

O aperto que sinto na garganta aumenta quando dou uma volta pelo quarto, passando-me para dentro com as peças que ele escolheu.

Endireito um abajur que não precisava de ser endireitado antes de acender o candeeiro.

— Tens aqui coisas que são do meu primeiro lançamento.

— Eu sei.

— Há quanto tempo é que segues a minha carreira?

— Desde que aprendeste o abecedário e os números?

Abano a cabeça e dou uma gargalhada.

— Estou a falar a sério.



— Também eu. Sempre estive empenhado no teu sucesso.

— Mesmo quando estavas determinado a ser melhor do que eu em tudo?

— Mesmo nessa altura.

— E eu este tempo todo a pensar que tu me detestavas...

O Julian vem ter comigo e põe-me os braços à volta do corpo.

— Nunca te detestei, Dahlia. Nem por um único segundo de um único dia.

— Então, porque é que me evitaste durante tanto tempo?

— Porque sabia o que iria acontecer se voltasse a aproximar-me de ti.

— O quê?

O Julian ignora a minha pergunta, inclina-se para mim e beija-me. Este beijo é diferente — ele está diferente — e não consigo evitar car obcecada com todos os pormenores.

A maneira como as mãos dele me seguram o rosto, como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo.

O polegar que me acaricia suavemente a bochecha, deslizando para trás e para a frente de uma maneira que me faz estremecer contra o corpo dele.

O salto que o meu coração dá quando o Julian responde à minha pergunta sem dizer uma só palavra.

Tenho imenso medo de reconhecer os sentimentos sérios que começam a surgir entre nós. O Julian já se aproximou de mim uma vez e depois afastou-me, portanto, o que é que o impede de voltar a fazer o mesmo?

Vêm-me à cabeça as palavras sábias da minha terapeuta. Viva no presente e desfrute do momento.

Pela maneira como ele me beija como se eu já lhe pertencesse, tenho

di culdade em ignorar o óbvio.

Vais acabar por ter de admitir que estás a ter estes sentimentos, acrescenta a parte racional do meu cérebro.

Tenciono fazê-lo... só não vai ser esta noite.

Saio da cama, meio a arrastar-me, meio a saltitar, e vou para a casa de banho para me lavar depois da segunda sessão de sexo. Quando regresso ao quarto e começo a procurar a roupa, o Julian agarra-me e atira-me para o meio do colchão.

— Põe qualquer coisa. — Depois de se deitar, passa-me o comando do televisor.

— Que domésticos que nós estamos! — Falo num tom extremamente sarcástico, na esperança de que isso esconda o tremor da minha voz.

— Ainda não viste nada. — O Julian pega num livro que está na mesinha de cabeceira e tira uns óculos de leitura da gaveta.

Nunca me tinha dado conta do quanto precisava de ver o Julian de tronco nu e óculos a ler um livro, mas acho que a imagem talvez tenha alterado para sempre a química do meu cérebro.

Acabo por me enroscar no peito dele a ver uma reposição da série As Raposas Prateadas enquanto o Julian lê um livro com encadernação de couro que não reconheço.

— O que é que estás a ler? — Ponho o episódio em pausa a meio.

— Um livro sobre a história não oficial de Lake Wisteria.

— O quê?! — Sento-me na cama e, sem querer, arranco-lhe o livro das mãos.

Felizmente, o Julian apanha-o pela lombada gasta antes que caia ao chão.

— Desculpa.

O Julian torna a pousar o livro na mesinha de cabeceira.

— Acredita no que te digo, não é tão excitante quanto parece. As conversas sobre agricultura e os relatos pormenorizados das primeiras colheitas brutais de morangos zeram-me adormecer duas noites seguidas.

Dou uma pequena gargalhada.

— Sabias que o Festival dos Morangos começou há mais de cem anos, como maneira de atrair os agricultores para viverem na cidade?

— Isso é tudo muito interessante, mas o que quero saber é se dizem alguma coisa sobre o Gerald e a Francesca!

O Julian faz uma careta.

— Depois de ter lido sobre os antecedentes do Gerald e o motivo pelo qual os irmãos dele se mudaram para Lake Wisteria, quase me sinto mal por destruir as casas dele.

— Estás a ver? Eu disse-te que era importante compreender a história.

— Eu disse quase.

Bufo.

— O que é que descobriste?

— A família do Gerald mudou-se para aqui porque a irmã foi banida da cidade onde viviam antes porque foi apanhada, e passo a citar, «a rebolar no feno» com outro homem antes do casamento. Portanto, em vez de serem na Península Superior, mudaram-se para cá quando ouviram falar das praias.

— Não acredito.

O Julian anui.

— Havia quatro irmãos Baker e a irmã, que se chamava Wisteria, mas que só respondia ao diminutivo Ria. Foi ela a escriba que fez um relato pormenorizado de tudo.

— Deram o nome dela à cidade? — guincho. — Porque é que ninguém fala sobre isso?

O Julian encolhe os ombros.

— Provavelmente porque ela não queria que as pessoas soubessem o seu nome verdadeiro. Dizia que «Wisteria» era um nome delicado que não se coadunava com a personalidade dela.

— Que mais é que ela disse? — Agarro-lhe o braço.

— Tinha muitas coisas boas a dizer sobre o irmão mais velho, incluindo o amor que ele dedicava a cada casa.

— Parece um de nós.

O Julian passa os dedos por um sítio que me faz dar um salto e desatar a rir encostada a ele.

Quando me acalmo, desenho padrões invisíveis no peito dele.

— Não diz nada sobre a Francesca?

— Ela era da antiga cidade deles.

— Oh, não.

— A coisa piora. A Francesca era lha do presidente da câmara.

— Não. — Fico com o lábio inferior a tremer.

— O que explica porque é que o Gerald nunca casou, nem com ela nem com ninguém.

— Isso é muito injusto. O Gerald e a família parecem ter sido boas pessoas.

— A minha voz treme de indignação.

— E eram, mas o que é que se pode fazer? Nesse tempo, nem toda a gente era progressista.

— É uma pena que estejas a destruir o legado dele, casa a casa, especialmente depois de saberes porque é que ele construiu a cidade, para começar.

O esgar do Julian faz-me estremecer.

— Que outra coisa esperavas que eu zesse?

— Que procurasses a cidade que expulsou a irmã do Gerald e que lançasses uma bola de demolição contra essas casas. — Sorrio.

O Julian passa os olhos por mim.

— Gostavas que zesse isso, não gostavas?

— Claro. Lake Wisteria tem de ser protegido de pessoas como tu a

todo o custo.

— E quem te irá proteger a ti de pessoas como eu? — O Julian põe-se em cima de mim, prendendo-me as mãos por cima da cabeça e aprisionando-me debaixo do seu corpo.

Ponho-lhe as pernas em volta da cintura e puxo-o para mais perto.

— Tu é que vais precisar de ser protegido de uma pessoa como eu. Ouve bem o que te digo.

O Julian cala-me beijando-me até eu já não conseguir lembrar-me de nada, nem do Gerald, nem das cidades, nem do meu próprio nome.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Dahlia

Oiço o som de uma campainha ao longe, depois de mais uma sessão de sexo inacreditável. O Julian tem mais resistência do que dez vencedores de triatlo e, embora eu queira acompanhá-lo, o meu sexo fechou o cialmente a loja por hoje, e nenhuma quantidade de lubrificante ou de sexo oral me farão mudar de ideias.

— Estás à espera de alguém? — Saio de cima dele para que possa levantar-se.

— Não. — Pega no telemóvel e pragueja.

— O que foi?

— É a minha mãe.

Sento-me de um salto.

— O que é que ela está aqui a fazer a esta hora da noite?

O som de pancadas fortes na porta de entrada faz-nos olhar um para o outro de olhos arregalados.

— O meu carro está lá fora.

O Julian anui.

— Achas que ela vai suspeitar de alguma coisa?

— Tenho a certeza de que tirou conclusões precipitadas assim que viu

que estavas cá em casa.

Ponho o edredão por cima da cabeça.

— Não te prendas por mim. Vou car aqui para sempre.

O Julian dá uma pequena gargalhada enquanto puxa o edredão para baixo.

— Vou dizer-lhe para não fazer um grande lme.

— Estamos a falar da tua mãe. Tenho a certeza de que já está a telefonar para o jornal local para anunciar as novidades.

— Vou obrigá-la a jurar segredo.

— Aqui fora está muito frio! — O intercomunicador ecoa os gritos da Jose na no piso de baixo.

O Julian prime uma tecla do telemóvel.

— Vou já descer.

— E a Dahlia?

Boa sorte para te safares de a ver.

— Eu ouvi isso — responde a mãe do Julian, sobressaltando-me.

Disse aquilo em voz alta?

O Julian abafa uma gargalhada com o punho enquanto lança um olhar furioso ao ecrã do telemóvel dele.

— Estou a ir. — A minha tentativa de falar num tom alegre é infrutífera.

O Julian apanha as nossas roupas e ajuda-me a vestir-me em tempo recorde antes de me levar para o piso de baixo. Aliso uma ruga que se formou no meio do vestido conforme ele abre a porta.

— Mãe. O que estás aqui a fazer?

— Dahlia! — A Jose na passa pelo lho e atira-me os braços ao pescoço. —

Que boa surpresa.

Lanço um olhar ao Julian.

A Jose na segura-me à distância de um braço.

— Estás bem?

— Sim? Há alguma razão para não estar?

Ela lança um olhar furioso e aterrador ao lho.

— Já vi o vídeo do Rafa.

Vira-se novamente para mim.

— Vim cá para dizer das boas ao Julian, mas estou a ver que não é preciso. —

O sorriso que tem estampado no rosto devia vir com uma etiqueta de aviso.

— Oh, não deixes que eu te impeça de lhe dares um raspanete dos bons. —

Gesticulo para o homem que está parado ao nosso lado, de braços cruzados.

— Não me tentes. — Põe as mãos nas ancas. — Luis Julian Lopez Junior, o que é que te passou pela cabeça para a assustares daquela maneira?

O Julian não diz nada.

Ponho a mão no ombro dela.

— Está tudo bem, Jose na. Eu e o Julian já falámos sobre isso.

— Falaram? — Vira-se para mim com os olhos a brilhar.

— Sim.

— Estava a perguntar a mim mesma porque é que o teu vestido está do avesso...

— O quê?! — Viro o pescoço para procurar a etiqueta.



— Estava a brincar!

— Mãe — geme o Julian.

A Jose na encolhe os ombros.

— O que foi? Só queria con rmar uma coisa.

— O facto de seres doida?

Ela desata a rir.

O Julian lança-me um olhar de aviso por cima do ombro dela.

— Jose na — digo.

Aquilo parece chamá-la à razão.

— Sim?

— Importas-te de manter isto só entre nós?

A Jose na faz um esgar.

— A quem é que contaste? — resmunga o Julian.

— À Rosa.

Quero car zangada, mas sei que Jose na não se consegue conter. A mulher nasceu com um coração enorme e uma boca ainda maior.

O Julian olha para a mãe com uma expressão furiosa.

A Jose na põe os braços ao lado do corpo, num gesto submisso.

— Só lhe contei a ela. Juro.

O Julian leva a mão à porta.

— Quando estiveres a ir para casa, telefona à Rosa e diz-lhe para não contar a mais ninguém.

A sobrelha esquerda da Jose na faz um arco perfeito.

— Não contar a mais ninguém o quê?

— O que viste. — O Julian dá um beijo na cabeça da mãe antes de abrir a porta com força.

A Jose na sai de casa.

— E o que é que eu vi, exatamente? — Pestaneja para o lho.

— Mais do que devias.

— Não...

— Te quero. Cuídate. 50 — Fecha a porta, voltando a encerrar-nos do mundo exterior.

Exatamente como eu gosto.

O Julian esforçou-se ao máximo por me convencer a dormir em casa dele e

quase acedi ao seu pedido, mas depois lembrei-me do nosso acordo. Se quero proteger-me de ele voltar a magoar-me, não posso aninhar-me contra ele, car a conversar na cama até às tantas e dormir em casa dele.

Na manhã seguinte, quando acordo, encontro a minha mãe à minha espera na cozinha.

— Mami? — Esfrego os olhos para afastar o sono. — Não devias estar a trabalhar?

— Queria estar aqui quando acordasses.

Oh, merda. Sabia que esta conversa ia acontecer depois de a Jose na me ter encontrado em casa do Julian ontem à noite, mas não estava à espera de que fosse já.

Ponho uma cápsula de café na máquina Nespresso da minha mãe antes de me virar para ela.

— Lamento que tenhas tido de descobrir tudo como descobriste.

— Achas que estou zangada?

— Sim?

— Não, mija. Estou preocupada.

Ao contrário dos habituais ataques de ansiedade da minha mãe, isto parece diferente.

— Voltaste... tão triste. Nunca mais te quero ver assim.

— Já estou melhor. — Deito uma colher de açúcar na chávena.

— Eu sei, e é por isso que me preocupo.

— Isto é diferente.

— Diferente como?

— Hum... — Pois, não quero mesmo falar da minha vida sexual.

— Ainda não é muito sério — digo, mas a minha mãe pigarreia. — Estamos a ver como é que as coisas correm — acrescento.

Ela anui.

— Já ambos têm idade suficiente para tomar decisões sozinhos.

Estou tão espantada que co calada. Estava à espera de que a minha mãe comesse a dar-me um sermão sobre sexo antes do casamento e que me apressasse a casar pela igreja para salvar a alma, mas não estava a contar com isto.

— Só vais dizer isso? — pergunto-lhe.

A minha mãe levanta-se do banco e dá-me um beijo na cabeça.

— Sim.



— Não me vais avisar sobre a possibilidade de me magoar ou de estar a ser estúpida ou coisa que o valha?

— O Julian não te vai magoar.

Recuo.

— Como é que sabes?

— A resposta é evidente de cada vez que o apanho a olhar para ti.

O meu coração falha uma pulsação.

— O que é que queres dizer com isso?

— O homem preferia magoar-se a si mesmo antes de te magoar verdadeiramente.

Junto os joelhos para me impedir de cair.

— Mami.

— É assim desde que eram miúdos.

— Achas... — Não acabo a frase.

— Acho o quê?

Achas que ele pode ser o tal?

Estás a falar a sério, Dahlia? Saíste de uma relação séria há menos de cinco meses.

— Nada. — Abano a cabeça.

A Lily volta a passar o vídeo em que estou aos berros pela quinta vez esta tarde. Passou o nosso almoço inteiro a mostrá-lo a quem quer que se dignasse a perder alguns minutos para o ver.

A este ritmo, às cinco da tarde já toda a gente da cidade me terá visto a passar -me por causa de um fantasma que não existe e de um boneco de Halloween que o Rafa encontrou na garagem da Jose na.

Levanto-me da cadeira ao som das gargalhadas em uníssono da Lily e da empregada de mesa.

— Ei! Espera por mim! — grita a Lily para as minhas costas.

— Não. — Saio do restaurante.

A Lily vem atrás de mim.

— Para! — A minha irmã está ofegante quando me agarra no braço e me afasta do carro. — O que é que se passou?

— Estou farta de ver esse vídeo. — Atiro as mãos ao ar.

— Vá lá. Tens de admitir que é engraçado.

— É embaraçoso.

— Permite-me que discorde. A maneira como gritas pelo Julian é

mesmo amorosa. — Volta a reproduzir a parte em que eu quase desato a chorar.

Mordo a língua até sentir o sabor de sangue.

— Vou matar o Rafa por ter partilhado esse vídeo no chat de grupo.

— Seria um crime manter esta pérola escondida de nós. — A Lily mostra-me a captura de ecrã que guardou como ecrã de bloqueio do telemóvel.

— Só vou voltar a dormir em paz quando conseguir a minha vingança.

— Em que é que estamos a pensar? — A Lily esfrega as mãos.

— Estamos?

— Não estás a pensar seriamente em fazer alguma coisa divertida sem a minha participação.

— Quanto menos testemunhas, melhor.

— Exatamente como eu gosto. — A minha irmã pisca-me o olho.

— Queres ajudar-me?

— Claro. Eu e tu somos parceiras de crime.

— Por falar em crime, o irmão do teu amigo é delegado, certo?

Esboça um sorriso tal que lhe garantiria um lugar na Lista de Mais Procurados do FBI.

— Sim.

— Achas que ele é o tipo de pessoa que estaria disposta a prender alguém que não é realmente culpado de um crime?

— Tenho a certeza de que pode ser convencido a fazê-lo, se lhe oferecermos um vale da livraria da cidade ou qualquer coisa parecida. Porquê? Qual é o plano?

— Não podes contar a ninguém.

A Lily estende o dedo mindinho, como fazíamos quando éramos pequenas.

— Jura de mindinho.

Entrelaço o meu dedo no dela.

— Estou a pensar esperar até depois do dia de Ação de Graças, para ele não suspeitar de nada...

50 Te quero. Cuídate: Amo-te. Cuida-te.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Dahlia

Durante as últimas semanas, eu e o Julian cáímos numa rotina confortável.

Não sei como, mas encontra energia para equilibrar o calendário de trabalho atarefado e eu, arranjando tempo para estarmos juntos todas as noites.

Não tenho a certeza do que é o padrão normal no que respeita a relações casuais, mas tenho a estranha suspeita de que a insistência do Julian para jantarmos juntos e carmos aninhados durante uma hora depois de fazermos sexo não se enquadra nele.

O mesmo se pode dizer em relação a estares a desenvolver sentimentos por ele.

O temporizador toca, dissipando os meus pensamentos. Abro a porta do forno e veri co o peru.

— Olá. — A porta da cozinha fecha-se atrás do Julian.

Limpo a testa suada com as costas da mão.

— Pensei que só vinhas mais tarde.

— Com base na última fotogra a que a Lily enviou para o chat de família, estavas com ar de quem precisa de ajuda.

— Lembra-me de nunca mais voltar a oferecer-me para fazer o jantar de Ação de Graças.

— Foi um gesto muito simpático.

Depois de passar os últimos dez jantares de Ação de Graças com o Oliver e a família dele, pensei que, por uma vez, seria agradável ser eu

a preparar a refeição.

— Faltam-me imensas competências. — Limpo as mãos ao avental.

— O que é que precisas que eu faça? — Começa a arregaçar as mangas antes sequer de eu responder à pergunta.

— Para que conste, vais arrepender-te de me teres perguntado isso.

— Anotado. Agora, põe-me a trabalhar antes que retire a oferta.

Disparo uma série de instruções. O Julian segue as receitas da minha mãe ao pé da letra, ao mesmo tempo que torna o processo dez vezes mais agradável para

mim.

E que torna dez vezes mais difícil manter-me afastada dele.

O Julian esforça-se ao máximo por transformar o ato de cozinarmos juntos numa espécie de encontro romântico. Dá-me comida à boca a pretexto de querer a minha aprovação. Puxa-me para uma dança rápida sempre que a minha canção preferida toca na playlist. Rouba-me beijos entre as visitas de surpresa da Lily, que passa mais tempo a provar a comida do que a ajudar verdadeiramente.

Depois de toda a comida estar preparada, encosta-me à bancada e rouba-me mais um beijo sensual. É incrível o quanto quei viciada no Julian em tão pouco tempo. Ele torna impossível não ansiar por ele, fazendo a minha cabeça andar à roda com um só beijo e o meu corpo latejar com a necessidade de mais.

O Julian compõe a minha bandolete para eu não car toda despenteada depois de me passar os dedos pelo cabelo.

— Já te disse que estás muito bonita?

A sensação de esvoaçar que sinto no peito intensi ca-se.

— Só uma ou duas vezes.

— Estás a contar? — Tenta esconder um sorriso e fracassa.

— As palavras de a rmação são a minha linguagem do amor.

Põe-me a mão na nuca.

— Isso explica porque é que adoras que te chame boa menina quando estás a montar-me.

Alguém abafa uma tossidela atrás de mim. Viro-me e vejo a minha irmã a bater com o punho no peito.

— Lily. — Fico de olhos totalmente arregalados.

O Julian tropeça nos próprios pés com a pressa de se afastar, o que só faz com que a Lily desate às gargalhadas.

— Sabia que algo de estranho se passava quando a mãe disse que o Julian vinha ajudar. Tenho passado a tarde inteira a tentar apanhar-vos em agrante.

— Agora já compreendo a tua necessidade de provares tudo de hora a hora.

A Lily sorri maliciosamente enquanto o Julian permanece calado e acabrunhado.

— Há quanto tempo é que estão juntos? — A minha irmã gesticula para nós.

— Não estamos — apresso-me a responder.

As veias dos braços do Julian cam salientes, tal é a força com que os cruza.

A Lily levanta uma sobrancelha.

— Pelo menos, não dessa maneira — termino.

— Hum. — Olha de relance para o Julian. — Interessante.

— Vou deixar-vos falar sobre isso... — O Julian fala para a minha irmã e não para mim.

— Levas-me contigo? — Estico o braço para ele, mas o Julian desvia-se.

Desaparece atrás da porta de vai e vem que conduz à sala de estar.

— Conta-me tudo! — diz a Lily antes de eu ter oportunidade de analisar a expressão esquisita do rosto do Julian.

— Aqui não. — Agarro-lhe na mão, puxo-a lá para fora e fecho a porta

atrás de nós. A neve recém-caída cobre cada centímetro do alpendre como um cobertor branco.

— Está um gelo! — queixa-se a Lily enquanto esfrega os braços.

— Então é melhor despacharmos isto.

— De qualquer maneira, porque estamos a falar cá fora?

— Não quero que a mãe nos apanhe ou coisa que o valha.

— Ela sabe?

— Tem uma vaga ideia.

A minha irmã franze o sobrolho.

— Sinto-me insultada por não me teres contado primeiro.

— Não queríamos que ninguém soubesse do nosso acordo.

— É um bocadinho tarde de mais para isso, portanto, desbronca-te.

— Não há muito para dizer. Concordámos em manter as coisas casuais.

— Aquilo pareceu-te casual? Porque a mim pareceu-me tudo menos isso.

O certo é que também não senti que fosse, mas mal consigo admitir isso perante mim mesma, quanto mais perante a Lily.

Engulo o nó que se me formou na garganta.

— Estávamos a conversar.

— Durante quanto tempo tencionas mentir a ti mesma? Dias? Semanas?

Meses?

— Lily.

O enorme suspiro dela forma uma nuvem de frio.

— Estou a brincar. Estou preocupada contigo.

— Porquê?

— Porque tu não és do tipo casual.

— Não, mas também não tive muitas oportunidades para experimentar.

E vê onde isso te levou.

Uma expressão estranha passa pelo rosto da Lily.

— Não é tão divertido e descontraído quanto parece. Acredita no que te digo.

Sinto a barriga às voltas.

— Está tudo bem? Contigo, quero dizer.

A Lily recompõe-se e esboça um sorriso.

— Claro. Porque é que não estaria?

— Tens a certeza?

— Sim. Estou mais preocupada contigo e com a possibilidade de acabares magoada.

Bufo com força su ciente para criar uma nuvem de frio diante do rosto.

— Isso não vai acontecer.

— Isso é o que toda a gente diz. — A Lily revira os olhos.

— Sim, bem, isto é diferente. Nenhum de nós está interessado numa relação séria.

— Tens a certeza?

— Absoluta. — Abano o dedo onde falta o anel.

— Nesse caso, certi ca-te de que dizes isso ao Julian.

A minha barriga dá um salto.

— O que queres dizer com isso?

— O Julian não tem relações casuais. É verdade que concorda em ter encontros, para sossegar a mãe, mas não está interessado em relações temporárias. Isso te posso garantir.

— Nunca funcionaríamos a longo prazo. — Baixo os olhos.

— Ainda tens de me explicar porquê.

— Para começar, ambos temos negócios que temos de gerir em estados diferentes. — A Designs da Dahlia é tudo o que me resta, depois de ter perdido o meu programa e a minha relação, e não estou disposta a abdicar disso por causa de um homem.

A Lily abana a cabeça.

— A distância é um obstáculo que deve ser ultrapassado, não é um motivo para não terem uma relação.

Uma nuvem de condensação forma-se à minha volta quando dou um enorme suspiro.

— Não con o em que ele não me volte a magoar.

— Acho que o teu maior problema é não con ares em ti mesma.

— Bolas. — Dou um assobio baixo.



A Lily dá-me o braço e leva-nos de volta para casa.

— Sabes que te estou a massacrar porque me preocupo com os dois e não quero ver nenhum de vocês magoado.

— É por isso que te adoro. — Encosto a cabeça ao ombro dela.

— Mesmo que eu te roube a roupa?

Olho para o casaco de tom pastel que roubou do meu armário.

— Mesmo assim.

— Ou se te tivesse roubado o creme de rosto caro esta manhã e tivesse acidentalmente deixado cair o boião?

— Diz-me que isso não aconteceu. — O meu corpo ca tenso.

A Lily foge antes de eu ter hipótese de lhe apertar o pescoço.

— Lily! — Corro atrás dela.

— Desculpa! — grita antes de entrar em casa, deixando um rasto de pegadas incriminatórias com a forma das minha botas de solas vermelhas.

— Eu e o Nico tratamos da loiça. — O Rafa levanta-se e o Nico geme.

— Não te preocupes com isso. De qualquer maneira, gosto de lavar a loiça.

— O Julian levanta-se da cadeira e começa a recolher os pratos e os talheres sujos.

A Lily dá um pontapé na perna da minha cadeira com força su ciente para a abanar.

— Vou ajudar-te. — A minha cadeira raspa no chão de madeira quando me levanto.

A minha mãe tem uma expressão de aprovação estampada no rosto, enquanto a Jose na me pisca o olho. Os olhos do Rafa oscilam entre mim e o Julian antes de se xarem no primo com uma expressão preocupada.

Em vez de me sentir envergonhada por toda a gente saber de nós, sinto-me nervosa pelo que pensam. Não quero dar esperanças a ninguém, muito menos à Jose na, cujo sorriso perene só aumenta de cada vez que trocamos um olhar.

Ignoro os olhares de toda a gente à medida que recolho os copos todos e sigo o Julian para a cozinha desarrumada. Lavar a loiça num dia normal é tolerável, mas fazer isso num feriado, depois de ter cozinhado a refeição inteira?

Preferia espetar as unhas acrílicas recém-arranjadas nos olhos.

O Julian coloca os pratos no lava-loiça e abre a torneira antes de me tirar os copos sujos das mãos.

— Há algum motivo para te teres oferecido para este trabalho? — pergunto -

lhe.— Queria um tempinho a sós contigo antes de nos arrastarem para um jogo de Pictionary que vai durar três horas. — Agarra-me pelas ancas e aperta-me contra o seu corpo.

— Já passámos a tarde inteira juntos.

O Julian responde-me colando a boca à minha. O beijo termina tão depressa quanto começou, deixando-me a ansiar por mais.

— Não precisas de me ajudar. — Coloca os copos no lava-loiça e abre a torneira.

— Perfeito, porque só estou aqui para vigiar o teu trabalho. — Tiro as luvas cor-de-rosa do escorredor e ponho-as na mão dele.

O Julian abana a cabeça e esboça um sorriso.

— Vou buscar o resto dos pratos enquanto comes.

— Obrigado. — Pega no primeiro copo de vinho e mergulha-o na água.

Empilho o resto dos pratos conforme as nossas famílias vão para a sala de estar, montando o cavalete e umas grandes folhas de papel.

— Tu e o Julian vão formar um par — diz-me a Lily.

— Só porque nenhum de vocês o quer na vossa equipa. — Franzo o sobrolho.

— É um peso morto. — O Rafa encolhe os ombros.

— Eu ouvi isso! — grita o Julian da cozinha.

A Jose na levanta as mãos.

— Depois do que aconteceu da última vez, nem pensar em tê-lo na minha equipa.

— Lembram-se da versão dele de um gato? — A minha mãe dá uma gargalhada.

— Ou quando nos tentou convencer de que aquilo que desenhava era uma nave espacial.

— Não há dúvida de que era do outro mundo. — A Lily levanta e baixa as sobancelhas.

Dou uma gargalhada e viro-me para o corredor, mas sou parada pelo Nico, que salta para a minha frente.

Os pratos chocalham quando estaco.

— Olá.

O Nico inclina-se para trás apoiado nos calcanhares, fazendo os ténis iluminar -se.

— Não precisas de jogar connosco se isso te põe triste.

— Porque é que... — Apercebo-me do que ele quer dizer e sinto os joelhos tremer. — Jogar contigo não me põe triste.

— Não? — Ele franze o sobrolho por trás dos óculos.

Ajoelho-me para car ao nível dos olhos dele.

— Não. Antes, estava tão triste que cava maldisposta, mas agora sinto-me muito melhor.

— Também podes ensinar o meu pai a sentir-se melhor?

A minha barriga dá um salto.

O brilho dos olhos do Nico desaparece quando abano negativamente a cabeça.

— Gostava de o fazer, mas não o consigo ajudar com esse tipo de tristeza.

— Oh, está bem. — O Nico olha xamente para os ténis.

Pouso os pratos e puxo-o para um abraço.

— Mas o teu pai vai car melhor sem precisar de ajuda, porque é uma das pessoas mais fortes que conheço.

— Como um super-herói?

— Melhor ainda. É um pai.

Os braços do Nico apertam-me antes de me largar.

Levanto-me com as pernas trémulas e componho-lhe os óculos que caram tortos.

— É melhor levar os pratos ao teu tio.

— Está bem. Adoro-te! — O Nico corre de volta para a sala de estar.

Demoro um momento a recuperar antes de voltar para a cozinha com

o resto dos pratos

— Merda. — O Julian abana a mão, fazendo um esgar.

— O que é que aconteceu? — Pouso os pratos na bancada e corro para ele.

— Queimei-me no fogão quando peguei numa panela.

— Desculpa! Devo ter-me esquecido de o desligar. — Estendo a mão para o botão e rodo-o totalmente para a esquerda. De seguida, pegolhe na mão. — É

muito grave?

— Nada de especial. — Tenta libertar-se da minha mão.

— Para de te mexer. — Aperto-o com mais força.

— Estou bem.

Tendo em conta a maneira como sibila quando passo a mão pela palma da dele, diria o oposto disso.

— Temos daquele creme para queimaduras, que sobrou de quando a Lily teve

um acidente com um ferro de encaracolar. — Puxo-o para perto do frigorí co.

— Isso é totalmente desnecessário para uma queimadura pequena como esta.

— Abana os dedos.

— Para de te mexer e deixa-me ajudar-te.

O grande suspiro de resignação que ele dá não devia ser amoroso, mas o Julian tem uma maneira de tornar interessantes as coisas mais mundanas.

Encontro o creme e abro o boião.

— Eu faço isso. — O Julian estende a mão.

Afasto o creme dele.

— A sério, qual é o teu problema? Estou a tentar ajudar-te.

— Não precisas de te incomodar — murmura para si mesmo.

Não estava à espera de que o meu comentário desse azo a tal resposta e, por momentos, sinto-me mal.

— Não há problema em pedires ajuda. Na verdade, incentivo-te a seres o meu maior incómodo, porque isso faz maravilhas ao meu ego.

— O meu pai não precisava da ajuda de ninguém.

— Sem querer ofender-te, o teu pai também era un cabeça dura. 51

— Não me ofendo. — O Julian dá uma gargalhada.

— Podes admirar o teu pai sem tentares imitá-lo em tudo, sabes?

— Sim, eu sei — anui. — É um mau hábito que apanhei em miúdo e agora é mais uma questão de orgulho do que de outra coisa.

— O que é que aconteceu quando eras miúdo?

Lança um olhar triste para a porta.

— Podes contar-me. — Encosto-lhe a mão ao rosto com a barba por fazer. O

toque dura apenas um segundo, mas faz com que o Julian se abra comigo.

— Não é segredo que a minha mãe sofria de depressão. Começou por ser uma depressão pós-parto, quando me teve, mas depois tornou-se mais permanente com os abortos espontâneos, um nado-morto e as di culdades nanceiras que enfrentaram.

Sinto umas picadas no nariz. Sempre admirei a Jose na e a sua luta contra a depressão, mas agora que eu própria vivi isso, sinto ainda mais respeito por ela.

A pouco e pouco, espero tornar-me tão tranquila e destemida quanto a mãe do Julian.

O Julian encosta o rosto à minha mão.

— Inicialmente, não quis agravar as preocupações do meu pai, porque ele já



tinha de lidar com os episódios da minha mãe. Mas depois o Rafa veio viver com a minha família e senti vergonha de me queixar, porque os problemas dele eram muito piores do que os meus. Pedir ajuda parecia-me egoísta quando o meu primo e a minha mãe precisavam muito mais dela.

Não consigo deixar de car com os olhos cheios de lágrimas.

— Não tens de car triste por causa disso. — O olhar do Julian endurece.

— Não estou triste. Estou... — Bolas, estás triste. — Emocionada.

— Porquê? — O rosto do Julian não revela nada.

— Porque sempre puseste as outras pessoas primeiro, mesmo quando isso signi cou que tinhas de sofrer sozinho.

Encolhe os ombros.

— Pelo menos, estou a mostrar-me à altura do meu título de Segundo Melhor.

O meu coração está prestes a implodir.

— As nossas competições só pioraram as tuas inseguranças, não foi?

— Não. Incentivaram-me a ser melhor.

— Sempre foste o melhor, Julian, com ou sem troféus e elogios.

Fica corado.

— Nunca tivemos grande jeito para expressar os nossos sentimentos, mas estou a falar a sério. És o melhor lho, irmão, padrinho e empresário que conheço.

— Sou o melhor padrinho e madrinha, mas podemos concordar em discordar.

Dou uma gargalhada e os olhos escuros do Julian seguem-me o contorno do rosto.

— Pedir ajuda não te torna um incómodo nem faz com que sejas inferior. —

Espalho um pouco do creme de queimaduras na pele vermelha. —
Portanto, para de dizer isso a ti mesmo.

O corpo dele estremece de tensão, até que acabo de tratar da
queimadura.

— Pronto. — Aperto-lhe o pulso antes de recuar.

O Julian segura-me a mão e impede-me de me afastar.

— Obrigado.

— Agradece-me canalizando o teu Picasso interior quando estivermos
a jogar Pictionary.

— Combinado. — Dá uma gargalhada.

Descobri que perder com o Julian é muito melhor do que vencer
contra ele.

E mal posso esperar por voltar a fazê-lo na próxima semana.

51 Un cabeça dura: Uma pessoa teimosa.



CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Dahlia

-Quero levar-te a um sítio. — O Julian puxa-me a mão.

— Agora? — Olho para a sala de estar deserta. A Jose na, o Rafa e o
Nico saíram há dez minutos para irem ao cinema, e a Lily e a minha
mãe estão ocupadas a tentar encaixar todas as sobras do jantar de
Ação de Graças no frigorífico.

— Sim. — Não devo responder su cientemente depressa, porque se
apressa a acrescentar: — Tenho uma surpresa.

— Que tipo de surpresa?

— Se te dissesse, deixava de o ser. — Encaminha-me para a porta de
casa, mas, antes de a abrir, tira o meu casaco de inverno do cabide e
ajuda-me a vesti-lo. São estes pequenos gestos — como a maneira
como enrola o cachecol em volta do meu pescoço e me compõe o
cabelo sem eu lho pedir — que me põem o coração a bater

descompassadamente.

O Julian é perfeito.

O que o torna muito mais perigoso. Quanto mais cuida de mim, menos con ante me sinto em relação ao nosso acordo.

— Mas a minha mãe... — Espreito para a sala de estar vazia.

— Tem planos para passar o resto da noite a ver uma telenovela com a tua irmã.

— Se estás a tentar convencer-me a sair, estás a fazer um péssimo trabalho.

— O sacrifício vai valer a pena. Juro.

— Isso é uma grande promessa.

O sorriso dele diz que tenciona cumpri-la.

— Esta noite foi... agradável — digo-lhe quando a primeira canção acaba.

O Julian baixa o volume.

— Achei o mesmo, embora o teu peru estivesse um bocadinho seco.

Dou-lhe uma palmada no ombro.

— Idiota! Foste tu que me disseste para o deixar mais tempo no forno.

— Só disse isso para teres de te inclinar mais vezes para o veres.

Rio-me até car com dores nos pulmões.

— Gosto quando te ris assim — diz-me naquele seu tom baixo e tímido.

Uma onda de calor espalha-se pelo meu corpo, chegando-me aos dedos dos pés.— Mas gosto ainda mais quando sei que sou eu que o provoco.

Esqueçam a onda de calor. As palavras do Julian são como um inferno, obliterando qualquer gelo que restasse a proteger-me o coração.

Fico fascinada com a janela.

— Quando dizes coisas dessas...

— O que foi? — pergunta-me depois de uns segundos de silêncio.

— Isso faz-me sentir coisas que não devia sentir.

— Segundo quem? — A pergunta é mais a da do que uma faca espetada no meu peito.

— Eu.

— Porque tens medo?

— Porque estou um caco.

O Julian concentra-se na estrada, deixando-me ver a parte lateral do maxilar dele a car tensa.

— És muitas coisas, mas um caco não é uma delas.

Baixo os olhos para o colo.

— Só agora é que comecei a sentir-me novamente eu mesma. — Depois de ter lutado para sair do nevoeiro mental, não quero voltar a afundar-me nesse buraco negro.

O Julian ca em silêncio e isso dá-me alento.

— Tenho estado a tomar as medidas certas para car melhor. Terapia.

Antidepressivos. Explorar quem sou depois do m do noivado ao mesmo tempo que perdoo a pessoa que era antes.

O Julian aperta as mão em volta do volante.

— E como é que está a correr?

— Finalmente, sinto-me feliz. — Respiro fundo. — Imensamente feliz, mas também aterrorizada por essa sensação poder voltar a desaparecer e poder ser

arrastada novamente para aquele sítio escuro.

— Pode acontecer. Podes voltar a cair noutra depressão e isso não é algo que possas controlar.

— Eu sei. — Brinco com as mãos.

O Julian estende a mão e entrelaça os dedos nos meus.

— Mas isso não significa que tenhas de voltar a viver esse sentimento sozinho. — Aperta-me a mão.

— Tenho medo de depender das pessoas.

— O teu problema não é dependeres das pessoas, é encontrares as pessoas certas das quais podes depender.

Demoro um bom minuto a processar o que ele disse.

— Toda a gente se deu conta daquilo que, claramente, me passou ao lado?

— Não, embora gostasse de me ter dado conta disso. — Segura-me a mão com menos força, portanto, aperto a minha para o impedir de me largar.

— Seja como for, não podias ter sabido. — Manter falsas aparências foi uma arte que aperfeiçoei ao longo dos anos, certificando-me de que ninguém conseguia ver por trás da máscara que usava para esconder a minha ansiedade, as inseguranças e os problemas no relacionamento.

— Talvez sim, talvez não. Mas arrependo-me de não ter assumido a responsabilidade pelas minhas ações e de não ter tentado voltar a falar contigo.

Por mais que respire fundo, não vou conseguir livrar-me da dor que sinto no peito.

— Ambos temos de nos libertar dos nossos arrependimentos se queremos avançar.

O Julian demora um minuto inteiro a responder.

— Posso fazer isso.

— Achas... — Mordo o interior da bochecha com força.

— Acho o quê? — Olha para mim pelo canto do olho.

— Que podemos continuar a ser amigos se eu voltar para São Francisco?

— Se? — Para de batucar com os dedos no volante.

— Quando. — Digo a frase seguinte rapidamente antes de pensar duas vezes.

— As nossas famílias estão muito contentes por estarmos todos juntos e detestaria que as coisas voltassem a car tensas se nos zangarmos ou se as coisas carem estranhas entre nós.

— Se ou quando voltares para lá, não tenciono deixar que as coisas voltem ao que eram antes.

O meu cérebro pega na frase dele e corre uma maratona com ela, até que o Julian interrompe os meus pensamentos turbulentos quando para a carrinha no cruzamento que leva à saída da cidade.

— Põe isto.

Olho para a venda de seda.

— É uma surpresa depravada?

— Não a tires. — O olhar ardente do Julian é a última coisa que vejo antes de ele puxar a venda para baixo, tapando-me os olhos.

O meu corpo estremece e, com base na gargalhada rouca que dá, vejo que se apercebe disso.

O motor ruge quando ele arranca novamente, conduzindo durante mais vinte minutos antes de parar nalmente a carrinha.

— Espera aqui — diz-me antes de sair do veículo.

Não faço a mais pequena ideia de qual foi a surpresa que o Julian planeou, mas estou desejosa de descobrir.

Abre-me a porta e ajuda-me a sair da carrinha.

— Já posso tirar a venda?

— Dá-me um minuto. — Agarra-me no cotovelo e leva-me para o desconhecido. É engraçado como, há dois meses, não con ava nele perto de mim nem estando com os dois olhos abertos e, agora, estou disposta a dar um salto no escuro com ele.

A gravilha faz barulho debaixo das minhas botas enquanto subimos uma colina. Esforço-me por escutar os sons à medida que procuro

pistas que indiquem onde estamos.

— Onde é que estamos?

— Em Lake Aurora.

— Porquê?

— Já vais ver.

Não sei porque é que o Julian me trouxe aqui, mas estou a roer-me de curiosidade. A cidade de Lake Aurora foi fundada dez anos depois de Lake Wisteria e foi fortemente influenciada pela arquitetura londrina. Com casas de todas as cores e las de vivendas originais que se estendem por quilómetros, a cidade é o sonho de qualquer designer.

Depois de mais dez passos, o Julian cumpre a promessa e tira-me a venda.

Pestanejo algumas vezes, permitindo que os meus olhos se ajustem antes de observar a enorme mansão que se ergue à nossa frente. O estilo rainha Ana é

semelhante ao estilo da casa do fundador, embora esta esteja um pouco mais bem conservada.

— O que é que se passa?

O Julian estende-me umas chaves.

— Disseste que estavas aborrecida.

— E compraste-me uma casa?

— Achei que podíamos remodelá-la.

— Juntos?

O ligeiro tremor da garganta do Julian denuncia o seu nervosismo.

— O que é que aconteceu à demolição das casas para construir bairros? —

pergunto-lhe.

— Tenciono fazê-lo.

— Oh.

— Contudo, contrariamente à nossa cidade, Lake Aurora tem vários terrenos, portanto, não preciso de demolir casas históricas para conseguir expandir-me.

— Cada vez gosto mais deste plano.

A lua ilumina o ligeiro rubor que lhe sobe pelo rosto.

— Queres ir ver a casa?

O Julian tímido talvez seja o meu Julian preferido, especialmente no que respeita a surpresas como esta.

— Vamos entrar. — Dou-lhe a mão e entrelaço os dedos nos dele.

O odor de produtos de limpeza recém-utilizados enche-me as narinas quando entramos na casa. O aperto que sinto no peito torna-se impossível de ignorar quando penso que o Julian contratou alguém para limpar a casa antes de eu a ver. Enquanto deambulamos pela mansão perfeita, apanho-o a devorar as minhas reações como se fossem uma refeição de dez pratos.

Uma sala repleta de prateleiras vazias a implorar que as encham de livros e acessórios. Uma estufa com vista para o lago e a linha de árvores que o rodeiam.

Janelas ao longo de toda a parede das traseiras, que permitem a entrada do luar.

A cada divisão, apaixono-me mais pela propriedade. Claro que está a precisar do toque de uma designer de interiores, mas a estrutura é fabulosa e a vista para o lago é um excelente argumento de vendas.

— Pensei que não gostavas de restaurar casas. — Viro-me e vejo que já está de olhos postos em mim.

— É possível que a casa do fundador e a história do Gerald me tenham feito

mudar de ideias.

— Oh, a sério?

A maçã de adão dele sobe e desce, tal é a força com que engole em seco.

— E tu.

— Eu z isso?

— Sim.

— Quem diria que sou tão boa in uência?

O Julian põe-me o braço em volta do corpo e puxa-me para um abraço carinhoso.

— Gostas da casa?

— Adoro-a.

— Ótimo, porque vais ser responsável por ela.

— Eu?

— Pensei que querias um desa o. — O Julian franze o sobrolho.

— Isto é... — Tudo aquilo com que podia ter sonhado e mais ainda. Pestanejo várias vezes e depressa. — Qual é o teu prazo?

— Estava a pensar que a equipa de demolições podia começar a trabalhar na próxima semana.

— Já? — Levanto as sobrancelhas.

— Não quero que te aborreças por aqui. — O Julian desvia o olhar.

— Porquê?

Demora tanto a responder que quase desisto de esperar.

— Porque quero dar-te cem motivos para cares cá.

Espera. O quê?!

— Julian... — murmuro.

Segura-me rmemente no queixo, não me deixando terminar a frase.

— Preciso de te dizer uma coisa. — Em vez de respirar fundo cinco vezes, inspira longamente uma só vez.

Está a fazer progressos.

— Esta noite, quando disseste à Lily que não estávamos juntos, não queei zangado...

Os meus pulmões param de funcionar.

O Julian tem-me presa no seu olhar cativante.

— Fiquei desiludido, porque quero muito que estejamos juntos.

— Não tive intenção de te magoar — apresso-me a dizer.

O Julian encosta a testa à minha.

— Eu sei. Tínhamos as nossas regras e eu quebrei-as.

— O que é que queres dizer? — A voz falha-me no meio da pergunta enquanto me afasto dele.

— Estou a começar a apaixonar-me por ti, Dahlia. Não estou à espera de que me digas o mesmo, depois de tudo aquilo por que passámos este ano, mas não queria passar nem mais uma noite sem te dizer o que sinto. Tal como não posso passar nem mais um dia contigo a agir que não me importo de mantermos as coisas casuais.

Por Dios.

Os olhos dele brilham, refletindo o luar que espreita por entre as nuvens.

— No passado, perdi a oportunidade de seres minha, mas não intenciono voltar a cometer o mesmo erro. Somos perfeitos um para o outro, rainha, e não vou deixar que acredites no contrário.

O meu coração dispara, como um pássaro libertado de uma gaiola onde passou dez anos, cheio de ilusões e assombrado por dúvidas.

O Julian não espera pela minha resposta antes de se inclinar para a frente e colar a boca à minha. Deleito-me na remanescência da admissão dele enquanto me beija e me faz sentir a verdade das suas palavras.

Cada beijo é como uma promessa. Cada toque é uma jura. Um compromisso de que o Julian me irá amar, acarinhar e proteger — independentemente de eu escolher acreditar nisso ou não.

Está a ocorrer uma mudança fundamental dentro de mim e sinto-me avassalada por isso ter tudo que ver com o Julian.

Também te estás a apaixonar por ele.

Este pensamento é assustador, mas, por outro lado, a verdade normalmente também é.

Como se pressentisse que os meus pensamentos estão a divagar, o Julian puxa-me para o presente mordendo-me o lábio inferior. Faz sangue e depois limpa as provas com a ponta da língua.

Devolvo-lhe o favor, fazendo-o soltar um sibilo que sinto diretamente no clítoris. O Julian agarra-me pelas nádegas e levanta-me conforme enrolo as pernas em volta dele antes de me encostar as costas à parede, prendendo-me enquanto me beija apaixonadamente.

Balouço as ancas e o Julian geme. Espeta-me as unhas na carne à medida que me roço no sexo dele.

Não tenho a certeza durante quanto tempo nos provocamos, mas ele só para

de me beijar para virar a atenção para o meu pescoço.

— Não me farto de ti. — A adoração na voz do Julian faz-me sentir um aperto no peito. Suga-me o pescoço com força su ciente para deixar uma marca na pele.

— Não era suposto apaixonarmo-nos. — Puxo-lhe a cabeça para trás pela raiz do cabelo.

Merda!

Antes de ter hipótese de entrar em pânico por causa do que disse, o Julian distrai-me beijando-me num ponto por baixo da orelha e fazendo-me estremecer.

— O que é que vais fazer em relação a isso?

— Ainda não tenho a certeza. Volta a perguntar-me depois de me dares um orgasmo.

O Julian sorri encostado à minha pele.

— Parece-me um bom plano.

CAPÍTULO QUARENTA

Julian

Dizer à Dahlia que estou a apaixonar-me por ela não fazia parte dos meus planos para esta noite, mas a reação que tive à conversa dela com a Lily também não. Quando disse que não estávamos juntos, senti-me como se tivesse sido atingido no peito por um míssil e a única coisa que conseguia atenuar essa dor era confessar-lhe o que sinto.

Não quero uma relação casual e estou farto de ngir o contrário.

Embora tenha medo de que a Dahlia não sinta o mesmo, ainda tenho mais medo do arrependimento que, garantidamente, vou sentir se permitir que o medo de a perder governe as minhas ações.

No que respeita a apaixonar-me pela Dahlia, não há espaço para o orgulho ou para a negação. Tenho uma segunda oportunidade de a conquistar e recuso-me a desperdiçá-la por causa do meu ego ou da minha teimosia.

Levo-a ao colo para a sala de estar e só interrompo o nosso beijo para a pousar no chão. A Dahlia balouça um pouco antes de levar as mãos às costas do sofá.

Olha que bela ideia.

Viro-a.

— Dobra-te. — Faça-lhe pressão no fundo das costas e ela dobra-se por cima da almofada.

Levanto-lhe a bainha do vestido, expondo-lhe o rabo.

A Dahlia estremece a cada passagem da palma da minha mão sobre a carne macia.

— Querias que isto acontecesse?

— Tinha esperança disso. — Afasto-lhe os pés com a biqueira do sapato. —

Prepara-te.

A Dahlia tem a mão a tremer quando a põe por baixo do elástico das cuecas para chegar ao sexo. Para me impedir de lhe tocar, concentro-me em tirar o preservativo da carteira e desapertar o cinto.

O barulho da vela fá-la parar.

Dou-lhe uma palmada no rabo com força su ciente para deixar marca.

— Se voltares a parar de te masturbar, como-te aqui mesmo. — Passo-lhe um dedo pela racha e ela responde com um arrepio maravilhoso.

A Dahlia empurra as cuecas totalmente para baixo. A renda ca esticada em volta dos tornozelos, mantendo-a imóvel como se fossem algemas para as pernas.

Não tiro os olhos dela enquanto desaperto o botão das calças de ganga e as empurro para os pés, libertando o meu membro latejante. A glande está a brilhar de excitação e basta-me tocar-lhe uma vez para fazer sair mais.

Porra.

A mão da Dahlia para momentaneamente apenas para voltar a acariciar-se quando a apanho a olhar para mim.

— Gostas do que vês? — Deslizo a mão para cima e para baixo.

Os olhos dela xam-se no meu baixo-ventre.

— Aproxima-te um bocadinho para poder ver melhor.

— Acho que vou car aqui e continuar a apreciar a vista.

A Dahlia inclina-se um pouco para a frente para eu ter uma vista desobstruída do dedo dela a deslizar pela racha.

Volto a dar um puxão na pila e a Dahlia imita-me, en ando um dedo no seu centro.

— Isso mesmo. — Arrasto as palavras.

Ela acompanha o meu ritmo, lento e regular.

— Mais um — ordeno-lhe.

A Dahlia morde o interior da bochecha enquanto en a o segundo dedo.
O

meu ritmo lânguido deixa-a frustrada e dou por mim a sorrir mais do que uma vez ao ouvi-la bufar de irritação de cada vez que abrando as carícias.

— Julian. Por favor.

Paro a meio do movimento.

— Para.

Franze o sobrolho.

— Mostra-me a mão.

A Dahlia levanta a mão.

— Mais uma bela sujeira. — Lambo o lábio inferior.

— Limpa-a — ordena-me.

Inclino-me para baixo para lhe sugar os dedos. O suave arquejo que ela solta

envia uma onda de prazer diretamente para a minha pila, que já está dura como aço. Afasto-me para colocar o preservativo antes de me pôr entre as pernas dela. A Dahlia estremece quando passo a glande pela racha dela, revestindo a pila com a sua excitação. Tendo em conta os sons que faz, o tortuoso vai-e-vem parece estar a enlouquecê-la.

Perde a paciência e enterra os dedos no sofá antes de empurrar o corpo para atrás, até a minha glande deslizar para dentro dela.

— Se querias que eu te comesse, só tinhas de pedir educadamente. —

Agarro-lhe as ancas com força su ciente para deixar marcas.

— Acabou-se a educação. — Empurra o corpo mais para trás e afundo-me mais profundamente.

— Que se lixe! — Penetro-a com tanta força que a Dahlia e o sofá estremeçam. Arranha as almofadas quando eno a pila até ao fundo, imobilizando-a.

Exatamente onde deve estar.

A Dahlia só ainda não aceitou isso, mas não vai tardar a aceitar. No fundo, sei que ela sente o mesmo, mas a minha menina é do mais teimoso que há. É de esperar que ela se oponha à ideia de carmos juntos, tendo em conta a nossa história... mas a minha vitória é certa.

A Dahlia queixa-se quando me retiro totalmente de dentro dela. Sinto arrepios nas costas enquanto faço deslizar a pila para trás e para a frente na racha dela, usando a sua excitação como lubri cante,

enquanto a provoço. Sempre que abana as ancas, quase acedo ao seu pedido de a penetrar.

Estou a ser sacana ao provocá-la desta maneira, mas o resultado vai valer a pena. Disso tenho a certeza.

— Por favor, mete-o. — A voz falha-lhe.

— As minhas novas três palavras preferidas. — Torno a penetrá-la com força.

O pedido dela pode não ser o que eu preferia ouvir, mas, por agora, serve.

Ambos gememos ao sentir a pressão, mas recupero mais depressa do que a Dahlia e encontro o meu ritmo. O vai-e-vem entre nós intensifica-se quando a aproximo do orgasmo ao mudar constantemente de ritmo. A Dahlia implora, grita e pede-me que a deixe vir-se, mas tenciono só ajudá-la a alcançar o clímax quando estiver pronto para a acompanhar.

Ponho o braço por baixo do corpo dela e, depois de lhe tocar no clitóris, vem-se para cima da minha pila. Só preciso de mais algumas estocadas para me vir

enquanto praguejo. Todo o meu mundo ameaça car negro ao sentir este prazer avassalador, mas o sorriso preguiçoso da Dahlia mantém-me desperto.

Tem um sorriso de fazer inveja à pedra preciosa mais reluzente e diabos me levem se vou permitir que alguém volte a ameaçar a felicidade dela. A Dahlia é mais valiosa para mim do que qualquer outra coisa e é apenas uma questão de tempo até que ela perceba isso.

Compete-me ajudá-la a chegar a essa conclusão.

Depois de nos limparmos, arrasto a Dahlia para o sofá que está em frente da janela com vista para Lake Aurora. A dada altura, vou ter de a levar a casa, mas não vou ser o primeiro a falar nisso, agora que tenho os braços em volta dela.

— Não posso acreditar que compraste uma mansão lacustre porque eu estava aborrecida. — A Dahlia encosta a cabeça ao meu ombro.

— Estou a fazer um favor a toda a gente. Quando cas assim, as pessoas gozam-se ou vão presas.

— O Rafa foi preso porque tu o convenceste a abrir a boca de incêndio.

— Para começar, ele nunca o teria feito se tu não nos tivesses pregado aquela partida com a doninha.

A Dahlia atira o cabelo por cima do ombro.

— Foi um dos meus melhores momentos, se é que posso dizê-lo.

— Tenho medo do que quer que tenhas planeado fazer a seguir.

— Não tenhas medo — a rma, com um sorriso quase tresloucado.

— É demasiado tarde para sugerir um cessar-fogo? — Tiro as cuecas brancas rendadas do bolso e abano-as.

A Dahlia dá uma gargalhada enquanto mas tira da mão.

— Nada te salvará depois da confusão que armaste no sótão.

Inclino a cabeça para trás e suspiro.

— Valia a pena perguntar.

— Mais tarde ou mais cedo, hás de perdoar-me. — Encolhe os ombros.

— Estás assim tão con ante nisso?

— Oh, se estou. Porque estás a car apaixonado por mim.

— Vou arrepender-me de ter admitido isso, não vou?

— Nunca. O teu coraçãozinho precioso está em segurança comigo. — Dá-me umas palmadinhas no peito.

Em vez de me concentrar no medo frio que se espalha pelo meu peito, opto por acreditar nela.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Dahlia

O Julian vai passar o m de semana de Ação de Graças com o Rafa e o Nico à cabana que tem em Lake Aurora, como faz todos os anos, e deixa-me sozinha a processar o que sinto por estar sem ele. Depois de ver o Julian quase todos os dias, sinto a ausência dele logo durante o

primeiro dia — o que, no mínimo, é um desenvolvimento chocante.

Eu, a minha mãe e a Lily vemos todos os episódios da última temporada da nossa telenovela preferida, o que me mantém a mente ocupada durante um ou dois dias, mas não trata da sensação de vazio que me atemoriza desde que o Julian foi para a cabana.

Porque ele preenche um vazio que mais nada preenche.

Depois de tudo aquilo por que passei no último ano, esta constatação é aterrorizante.

Tu sabias que podia acontecer algo assim.

Sim, pois, saber algo e vivê-lo são duas coisas muito diferentes.

Apesar do medo que tenho de me magoar, está a tornar-se difícil ignorar os meus sentimentos, sobretudo agora que sei o que o Julian sente.

Estou a começar a apaixonar-me por ti.

Revivi esta memória centenas de vezes durante o m de semana, na esperança de que a excitação se dissipasse, mas mantém-se durante os dois dias e continuo a senti-la na segunda-feira.

O meu coração dispara contra as costelas quando o Julian entra na cozinha da casa do fundador com um saco de papel que reconheço imediatamente.

Largo as amostras de azulejos e corro para ele, para con rmar o nome impresso no saco.

— Não é possível! — guincho quando ele me passa o saco com comida do Aomi. — Pensei que eles não faziam comida para fora.

— Não fazem.

— Então, como é que conseguiste?

— Abrem exceções.

— Por um determinado valor?

O Julian anui e dou uma gargalhada perante aquela loucura.

Pouso o saco na bancada e rasgo-o.

— Encomendei alguns rolinhos diferentes, porque não sabia de qual gostavas mais.

— Estás a gozar? Comería qualquer coisa feita por eles. — Levo a mão ao saco e tiro o primeiro recipiente, suspirando. — Como é possível? O restaurante é em Nova Iorque.

O Aomi é o restaurante de sushi mais luxuoso e mais caro dos Estados Unidos, e a maior parte das refeições custa mais de mil dólares por pessoa, porque importam peixe e marisco frescos diretamente do Japão. Só lá fui uma vez, a expensas do canal de televisão, e nunca voltei porque não conseguia justificar o preço ou a viagem.

— Contratei um tipo para ir buscar a comida. — O Julian evita o meu olhar.

— Ir buscá-la como? Num jato privado? — Dou uma gargalhada ao imaginar aquilo.

Os lábios dele formam um linha na e exangue e co de olhos arregalados.

— Oh, meu Deus. Diz-me que não o zeste.

O silêncio do Julian é resposta su ciente.

— Isso é terrível para o ambiente.

— Vais obrigar-me a prometer que não volto a fazer o mesmo?

— Não, raios. Da próxima vez, temos de ir os dois para justi car a pegada de carbono.

— Não paras de me surpreender. — O Julian abana a cabeça.

— É por isso que gostas de mim. É o desa o, lembras-te?

Dá-me um beijo na testa antes de se afastar.

— Bom proveito.

A excitação que sinto por estar prestes a comer rolinhos de sushi no valor de setecentos dólares desaparece quando o Julian se dirige para a porta.

— Não te vi durante todo o m de semana — digo para as costas dele.

— Tiveste saudades minhas? — O Julian vira-se para mim e eu mordo a língua. — Tiveste. — Esboça um sorriso convencido.

— Cala-te! — retruco.

— Vem ter comigo quando estiveres pronta para admitir que não suportaste

estar longe de mim durante quatro dias. — Tem os olhos a brilhar quando passa por baixo do arco.

— Espera!

Estaca.

— Sim?

— Pronto, está bem. Tive saudades tuas. Muitas.

— Eu também. Até considerei a possibilidade de deixar o Nico e o Rafa sozinhos no segundo dia.

— E é precisamente por isso que eu sou a madrinha preferida. — Deito-lhe a língua de fora.

O Julian lança-me um olhar gelado.

— Foi para segurança deles, mais do que qualquer outra coisa. Quase furei o olho do Nico enquanto estava a fazer s'mores porque estava distraído a pensar na noite que passei contigo.

Fico com as maçãs do rosto coradas.

O Julian faz um aceno de cabeça para a minha caixa de sushi.

— Espero que a comida seja tão boa quanto te lembras. Passo por cá mais tarde para ver como estás, quando acabar os painéis da sala de jantar.

— Não queres comer comigo? — Depois de ter passado um m de semana inteiro sem ele, quero mais do que apenas três minutos do seu tempo.

— Estava com esperança de que me pedisses isso. — Pisca-me o olho. O meu mundo para de girar por um segundo antes de voltar à realidade.

— A casa está a avançar. — Fica parado do outro lado da ilha.

Olho em volta da cozinha semiterminada, apreciando os imponentes e acolhedores armários de carvalho que o Ryder e a equipa dele instalaram na semana passada.

— Gosto da cor da ilha. — O Julian olha de relance para a tinta azul-escura que cobre a madeira. — E a bancada que cobre ambos os lados dá-lhe um toque agradável.

— O que achas dos candeeiros suspensos? — Inclino a cabeça para os candeeiros pendurados por cima das bancadas de quartzo esbranquiçado.

— Enquadram-se na mistura de moderno e vitoriano que tu querias, mas aquilo de que mais gosto é do candeeiro vintage por cima do lava-loiça.

— Eu também. Encontrei-o na loja Another Man's Treasure e percebi imediatamente que precisávamos dele.

O Julian afasta-se da bancada e olha para algumas amostras de tinta.



— Gosto desta. — Aponta para uma das que menos gosto. Devo fazer uma careta, porque me pergunta: — Não concordas?

— É demasiado escura, especialmente se estivermos a tentar criar um equilíbrio com a ilha.

— Tens razão.

Eu e o Julian passamos o resto da pausa para almoço a falar sobre outras partes da casa enquanto roubamos rolinhos de sushi das caixas um do outro. Em comparação com a resposta automática do Oliver de «Tu tens sob controlo, querida» e com a apatia geral que mostrava em relação ao meu processo de design, o Julian não só parece interessado como também dá opiniões. Tornámo-nos realmente numa equipa.

A dada altura, o Julian afasta os meus pauzinhos com os dele antes de me colocar um rolinho na boca. Sinto a pele de galinha espalhar-se-me pelo corpo à medida que ele me alimenta, transformando um almoço descontraído na nossa versão pessoal de preliminares.

Adoro os pequenos gestos que ele faz para me mostrar que se importa, como dar-me o último rolinho do seu sushi preferido ou só roubar um bocadinho da sobremesa antes de me passar, embora eu saiba que, infelizmente, ambos somos muito gulosos.

Como agradecimento pela refeição de hoje, levanto a colher e dou-lhe o último bocadinho de sobremesa. Os olhos dele cam mais escuros quando me rouba um beijo, inundando-me a boca com o sabor de pêssegos.

Puxo-o para mais perto, não querendo deixá-lo ir embora.

— Há pessoas a trabalhar no piso de cima. — Puxa-me mais para ele.

— Podemos ser silenciosos. — Levo a mão à camisa dele.

— Simplesmente não queres que me vá embora.

De todo. Quanto mais tempo passo junto do Julian, menos tempo

quero que passemos separados, e esse tipo de dependência de alguém é o que mais me assusta.

Depois de o Julian se ter esforçado tanto por me trazer sushi do Aomi para o almoço, quase me sinto mal por causa da partida que eu e a Lily planeámos.

Contudo, só precisei de apanhar um dos membros da equipa a rir-se do meu vídeo para me lembrar da missão de hoje. A Lily garantiu-me que o plano ainda está de pé, portanto, tenho de pôr o Julian no sítio certo e deixar que o resto

aconteça.

As abas da tenda fecham-se atrás de mim.

— Oh, que bom. Ainda aqui estás.

O Julian levanta os olhos do poste de madeira meio talhado.

— Sim. Porquê?

Caminho pela carpintaria improvisada. Com base no número de balaústres empilhados em colunas ordenadas ao lado dele, duvido que o Julian tenha feito alguma pausa desde que aqui chegou, ao meio-dia.

— Estava a perguntar-me se terias planos para esta noite.

— Ambos sabemos que não tenho. — Limpa a testa suada, espalhando serradura por cima do sobrolho.

Vou ter com ele e limpo-lhe a testa.

— Não queres ir embora daqui? Estou com fome.

— Pode ser. — O Julian encosta-se à minha mão.

— Estava a pensar que podíamos ir comer qualquer coisa antes de voltarmos para tua casa.

— Onde é que estás a pensar ir jantar? — Levanta rapidamente as sobrancelhas.

— A nenhum sítio demasiado no.

— Isso é um alívio, visto que é provável que os restaurantes nos da

cidade já estejam fechados.

— Talvez possamos ir noutra altura. — Pisco-lhe o olho.

— O que é que achas de irmos ao Early Bird?

— Perfeito.

O Julian segura a aba da tenda para eu passar, fazendo-me car cheia de nós na barriga.

Ainda vais a tempo de cancelar tudo.

Abano a cabeça com força. Nem morta vou perder a oportunidade de lhe pregar a melhor partida do mundo, especialmente depois do que ele me fez no sótão.

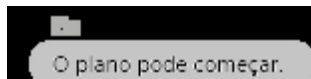
— Levamos os dois carros ou só um? — Pestanejo sedutoramente.

O Julian engole em seco e quase perco a compostura.

— Podes deixar o teu em tua casa e levamos o meu para o restaurante.

— Parece-me bem.

Pego no telemóvel e envio uma mensagem à Lily.



Antes de sairmos de casa, o meu telemóvel vibra com uma chamada da minha agente.

— Dá-me um segundo — digo ao Julian antes de atender. — Olá, Jamie.

— Dahlia! Como estás?

— Bem. E tu?

— Também. Sei que é tarde, mas não quis esperar até amanhã para te ligar.

— O que se passa? — O meu batimento cardíaco aumenta a cada batida.

— Recebemos uma nova oferta.

— A sério?

O rosto do Julian contorce-se enquanto tenta ouvir a conversa, portanto, ponho a Jamie em alta-voz para lhe poupar o esforço.

— Uma oferta de quem?

— Da Archer Media.

— Não pode ser! — Os Creswell sempre se queixaram da rede crescente de cadeias de televisão da Archer e dos seus números recorde de audiências.

O Julian pega no telemóvel dele e começa a escrever à medida que eu processo as notícias da Jamie. Até ter um contrato na mão, é provável que não acredite que a Archer Media queira trabalhar comigo, sobretudo depois de me ter queimado anteriormente.

A Jamie dá uma gargalhada.

— Estão à procura de um programa como o teu para transmitirem na sua cadeia de programas de renovação de casas.

— Uau.

— E sabes qual é a melhor parte? Estão dispostos a pagar-te o dobro daquilo que ganhaste com o teu último contrato.

Fico boquiaberta.

— Posso começar a falar com eles da logística das Imagens em São Francisco. Parecem estar ansiosos por começar o mais depressa possível.

O Julian vira-me as costas, não sei se por querer privacidade ou para esconder a desilusão. O meu entusiasmo esmorece de cada vez que os ombros dele sobem e descem.

— Se estiveres interessada, podemos agendar uma reunião com eles para falar de tudo.

Abano a cabeça para pôr os pensamentos em ordem.

— Sim. Claro que estou interessada.

Nesse caso, porque é que não parece nada entusiasmada com a oferta?

Provavelmente, porque enquanto estou a renovar a casa do fundador me apaixonei pelo homem que a comprou.

Estás a pensar em abdicar de uma oportunidade de televisão como esta por causa do Julian?

Sim? Não? Provavelmente, embora deteste admiti-lo. Por mais que adore criar laços com as famílias e ajudá-las a tornar os seus sonhos realidade um episódio de televisão de cada vez, também adoro trabalhar com o Julian e com a equipa dele. Tal como adoro estar de volta a Lake Wisteria com a minha família.

São Francisco tem sido o meu lar desde que comecei a estudar em Stanford, mas o meu coração pertence a Lake Wisteria... e ao Julian também.

Contudo, depois de ter passado vários anos da minha vida a tomar conta das necessidades de outra pessoa, tenho medo de repetir o mesmo erro.

A Jamie continua a falar.

— As coisas vão avançar bastante depressa, porque a Archer quer começar a entrevistar potenciais proprietários depois do Natal.

— Hã? — Abano a cabeça. — Isso é daqui a um mês.

— Eu sei. É muita coisa para assimilares, mas eles estão entusiasmadíssimos por colaborar contigo.

— Ótimo. — Esforço-me ao máximo por adotar um tom de voz alegre.

— Querem reunir connosco o mais depressa possível.

— Tenho bastante exibilidade, portanto, posso reunir com eles já na próxima semana.

— Perfeito. A minha assistente pode contactar-te assim que eu xar uma data.

— Parece-me um bom plano. Obrigada, Jamie.

A minha agente desliga e viro-me para o Julian. Ele apressa-se a mostrar uma expressão neutra, mas isso não me impede de sentir a

energia estranha que se instala entre nós.

— Julian.

— Parabéns — diz-me, com um sorriso tenso. — Eu sabia que não demoraria muito até teres outra oferta.

Oh, céus. Já começou a retrair-se.

— Mas...

O Julian cala-me com um beijo. É um beijo alimentado por um novo tipo de desespero que me faz sentir um arrepio e um aperto no peito, tudo ao mesmo tempo.

Sou atingida por uma vaga de emoções diferentes. Felicidade. Tristeza. Medo e incerteza.

Posso não ter tudo sob controlo, mas há uma coisa que sei: a Lily tinha razão.

O meu maior problema não é não con ar no Julian, é não con ar em mim mesma.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Julian

Faço os possíveis por esconder aquilo que estou realmente a sentir em relação às novidades da Dahlia enquanto vamos para a cidade na minha carrinha.

Ela merece o meu apoio, por muito que a ideia de se ir embora novamente me desagrade.

Faço-lhe todas as perguntas certas e oiço cordialmente todas as respostas que me dá, mas co preocupado com a falta de entusiasmo dela e pergunto a mim mesmo se estarei a falhar na minha tentativa de me mostrar descontraído.

Não dês cabo do momento dela com as tuas tretas.

O que é mais fácil de dizer do que de fazer, especialmente depois de ela me fazer uma pergunta impossível quando paro no parque de estacionamento meio vazio atrás do restaurante.

— O que é que nos vai acontecer? — Ela observa-me pelo canto do

olho.

Mordo o interior da bochecha.

Diz alguma coisa.

Por muito que queira, sei que não o devo fazer. A Dahlia trabalhou arduamente para ter reconhecimento, e a última coisa de que precisa é que eu lhe estrague a noite com as minhas inseguranças.

Portanto, em vez de lhe responder, desaperto-lhe o cinto de segurança e puxo-a para mim.

A Dahlia põe-me a mão no peito para me travar.

— O que é...

Beijo-a para fazer desaparecer a sua próxima pergunta à medida que a levanto para a sentar sobre as minhas coxas. Devolve-me a violência do beijo, magoando-me os lábios enquanto cola a boca à minha.

Venero o corpo dela com a minha boca. Língua. Mãos. Não há um único ponto que esteja ao meu alcance que permaneça intocado, e a Dahlia espelha o meu desespero com o dela.

Enterra-me os dedos nos ombros conforme se roça em mim até a parte da frente das minhas calças car ensopada no seu desejo. Enterro-lhe os dedos nas ancas e levanto-a e baixo-a, recebendo em resposta um sibilo e um puxar de cabelo quando ela se encosta com força ao meu sexo.

— Julian. — Puxa-me o cabelo para me desviar a cabeça para o lado.

—

Precisamos de conversar.

— Podemos conversar depois? Por favor. — Atiro-a novamente para o banco.

— Está bem, pode ser, mas e se alguém nos vir? — A Dahlia abre as coxas.

— Não está aqui ninguém. — En o as pernas no espaço apertado entre os pedais e o banco, antes de alinhar o rosto com o sexo dela.

A Dahlia ergue-se, apoiada nos cotovelos, e olha para o parque de estacionamento.

— Ainda não.

Dou-lhe uma palmada na racha com força su ciente para a fazer car sem ar nos pulmões.

— Concentra-te em mim, rainha.

A Dahlia quer saber o que nos irá acontecer depois de ela aceitar a oferta e eu quero mostrar-lhe claramente as minhas intenções. As palavras nunca foram o meu forte, portanto, pre ro mostrar-lhe.

Ela lança-me um olhar quando lhe levanto a bainha da saia até à barriga.

Inclino-me para a frente e passo o nariz por cima das cuecas dela, respirando fundo e fazendo-a abrir ainda mais os olhos.

Mordisco o tecido e a Dahlia inclina a cabeça para trás com um suspiro enquanto lhe deslizo as cuecas ensopadas pelas pernas. Está cheia de pele de galinha e volto ao seu centro gotejante com as mãos calejadas.

A Dahlia deixa cair as pernas para o lado quando me ponho entre elas e a beijo.

En a os dedos no meu cabelo e puxa-mo.

— Temos de nos despachar.

— Porquê?

A Dahlia responde-me puxando-me para ela. Distraio-me rapidamente com a racha dela e com dar-lhe prazer com a língua. Os gemidos de incentivo encorajam -me, levando-me para mais perto do limite da sanidade.

Penetro-a com a língua e ela dá um salto e ofega. Os meus dedos não tardam a substituir a língua, transformando-a num caos que se contorce por baixo de mim enquanto trabalham em unísono.

De cada vez que a Dahlia se aproxima do orgasmo, retraio-me, querendo prolongar o momento.

— Julian — murmura num tom áspero.

Chupo-lhe o clitóris e curvo os dedos dentro dela.

— É de mais. — A Dahlia abana a cabeça.

Mas isso é algo que não existe no que respeita a ela.

— Tu aguentas. — Provoco o ponto sensível dentro da vagina dela, fazendo-a ofegar novamente.

— Por favor, deixa-me vir. — Arranha-me a mão.

— És tão bem-educada. — Faço-lhe pressão com o polegar no clitóris.

A Dahlia ca com as coxas coladas ao cabedal do assento do banco — tanto por causa da excitação quanto do suor que se lhe cola à pele. Estremece quando volto a tocar-lhe naquele ponto sensível até explodir nos meus dedos. Torno a sentar-me e puxo as calças para baixo o suficiente para colocar um preservativo.

A Dahlia estremece à medida que recupera do prazer que sentiu, embora não a deixe voltar completamente à realidade quando torno a sentá-la sobre as minhas coxas.

— Lembras-te de como ganhei a competição no Festival das Colheitas?

Um momento de clareza passa-lhe pelo rosto.

— Sim.

— Prometeste que me davas o que eu quisesse.

— Já decidiste, nalmente? — A voz dela está toldada de confusão.

Aperto-lhe as ancas com mais força.

— Sim. Quero que me respondas a uma pergunta com toda a sinceridade.

— Só isso?

Anuo.

— O que queres saber?

— Estás a apaixonar-te por mim?

Sem hesitações. Sem respirar fundo. Sem me questionar a mim mesmo e sem questionar se fazer-lhe a pergunta foi um erro.

Diz-me que isto não é tudo imaginação minha.

Dá-me algo a que me agarrar antes que perca a esperança de podermos ter uma hipótese real.

Mostra-me que podemos sobreviver a tudo, incluindo ao teu trabalho à distância e aos teus problemas de con ança.

O som tonitruante do meu coração a bater enche-me os ouvidos, e a resposta

dela quase me escapa.

— Sim.

Todos os meus pensamentos se dispersam quando o calor me inunda o peito, traçando um caminho ardente do meu coração até ao meu baixo-ventre.

Com o corpo todo a tremer, a Dahlia levanta-se, apoiada nos joelhos, e desliza pela minha pila até car completamente sentada sobre ela. As minhas coxas estremeçam por baixo dela enquanto luto contra o prazer que ameaça consumir todos os meus pensamentos racionais.

A Dahlia foi feita para mim e não vou deixar passar nem mais um dia sem lhe dizer isso.

— Quero ouvir-te dizê-lo. — Enterro-lhe as unhas na pele.

— Sim, estou a apaixonar-me por ti, mas não sei como é que alguma vez irei ultrapassar...

Levanto-a e torno a baixá-la com força, interrompendo-lhe a frase a meio.

— Havemos de resolver o resto.

— Mas...

Repito o mesmo movimento, mudando de ângulo e sentindo um prazer que me arrepiava as costas quando ela recebe cada centímetro do meu membro.

A Dahlia agarra-se aos meus ombros conforme acompanha o ritmo que impus. O meu prazer aumenta à medida que ela desliza para cima e para baixo sobre a minha pila, movendo-se ao som dos meus gemidos de agrado.

Depois, muda de ritmo, desesperada por chegar ao clímax. Eu também não estou muito longe disso, embora me recuse a chegar lá antes dela.

A dada altura, assumo o controlo, segurando-lhe nos ombros enquanto a penetro por baixo. Uma galáxia de estrelas explode atrás dos meus olhos quando ela aperta os músculos à volta da minha pila, soltando o mais doce dos gemidos.

O ângulo da penetração leva-a ao limite e só preciso de algumas estocadas para a fazer explodir à minha volta com um grito. Não paro de a penetrar enquanto ela tem o orgasmo. Enterro-lhe os dedos nos ombros, mantendo-a imóvel e sentindo os músculos da sua vagina apertar-me a pila como um torno feito à medida para me enlouquecer.

A Dahlia morde-me o ombro para abafar os gritos de prazer e o meu sexo goteja em resposta. Torno a encontrar o meu ritmo e a racha dela impede-me de pensar conforme entro e saio dela.

Beija-me a testa. As maçãs do rosto. A curva do pescoço e o ponto mesmo por baixo da orelha que me faz estremecer.

O sexo com a Dahlia sempre foi incrível, mas isto... isto é totalmente fenomenal.

Estou a apaixonar-me por ti. A doce conexão dela repete-se na minha mente.

Agarro-lhe nas ancas enquanto me venho com mais força do que nunca. A minha cabeça ca em branco e a minha visão escurece quando todos os nervos do meu corpo cam descontrolados.

O meu orgasmo é um daqueles acontecimentos que mudam uma vida e tenho medo de nunca mais voltar a ser o mesmo.

— Porra. — Bato com a nuca no apoio do banco.

A Dahlia segura-me carinhosamente a cabeça entre as mãos e beija-me.

Preciso de cada grama da minha força de vontade para me afastar dela.

— Em relação ao que aconteceu há pouco...

Uma pancada forte no vidro da janela faz-nos arregalar os olhos. A Dahlia vira-se e solta um guincho ao ver o delegado Roberts, a criança

de trinta e cinco anos, com uma lanterna apontada diretamente para nós.

Mierda. De todas as pessoas desta cidade que nos podiam ter encontrado, tinha de ser ele a fazê-lo.

Boa sorte para te safares desta com recurso à lábia.

— Vistam a roupa e saiam do veículo com as mãos no ar. — O Roberts vira-se para nos dar alguma privacidade.

— Oh, porra.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Dahlia

As minhas pernas e os meus braços estão inutilizados, portanto, o Julian tira-me cuidadosamente de cima do colo dele e pouso-me no banco antes de retirar o preservativo usado. Os batimentos acelerados do meu coração tornam-se ainda mais rápidos quando penso no delegado parado junto da carrinha. Não o reconheço como sendo o tipo com quem eu e a Lily nos encontrámos para falar sobre a partida, o que só agravava a acidez que sinto no estômago.

— O que é que fazemos? — Não tenho a certeza de como consigo formular uma frase completa, mas faço-o.

— Não sei. — O Julian abana a cabeça.

— Fantástico. — O pânico borbulha dentro de mim e a pressão torna-se insuportável a cada respiração ofegante. — Ele vai prender-nos?

As luzes azuis e vermelhas brilham sobre o rosto dele.

— Não me admiraria que o zesse.

— Isso é muito tranquilizador.

— Vai correr tudo bem.

— Bem? — Fico com a voz mais aguda. — Como é que isto pode estar bem?

— Estico a mão para o tabliê enquanto sou consumida por uma onda de tonturas. — O delegado vai reconhecer-me, depois, isto vai sair nas notícias e toda a gente que eu conheço vai saber, e vou perder o

contrato com a Archer meia hora depois de ter recebido a proposta.

O Julian entrelaça os nossos dedos e puxa a minha mão para o peito.

— Respira. — Faz uma demonstração e imito-o.

— Vai tudo correr bem porque me tens e porque não vou deixar que nada de mal te aconteça — continua por entre respirações profundas.

— Isto não vai chegar às notícias e a Archer não vai descobrir que houve um mal-entendido disparatado.

A con ança do Julian alivia um pouco o pânico que sinto e o facto de me obrigar a respirar fundo tem o mesmo efeito. Ajuda-me a compor a roupa e sinto-me grata por isso, porque tenho as mãos a tremer violentamente.

— Dahlia. — Levanta-me o queixo, mas evito olhá-lo nos olhos.

Suspira.

— Em relação ao que disseste há bocado...

— Não quero falar sobre isso. — Não quero falar agora e talvez nunca mais queira fazê-lo.

Não tinha intenção de lhe confessar os meus sentimentos, quando eu própria mal os compreendo, mas o Julian não me deu grande opção.

E agora vê a confusão em que te meteste.

— Tencionas agir como se não tivesses admitido que te estás a apaixonar por mim?

— Parece-me a opção certa.

— Parece-me uma treta.

Estremeço. O Julian torna a pegar-me na mão trémula e dá-lhe um aperto tranquilizador que não mereço.

É precisamente por isso que vais fazer as malas e voltar para São Francisco antes que um de vocês se magoe.

O problema é que o meu plano cai rapidamente por terra quando sinto uma dor no peito ao pensar em afastar o Julian da maneira como ele me afastou há tantos anos.

Ele merece melhor do que isso da tua parte.

Dou um salto quando o delegado bate com a lanterna na janela.

— Por mais divertido que este espetáculo seja, acabem com ele. Está frio cá fora e estou a perder a paciência.

Enterro as unhas nas coxas.

— Céus. Detesto este homem e nem sequer o conheço.

— Considera isso uma bênção.

Salto para fora da carrinha com as pernas a tremer. Sou atingida pela brisa fria de dezembro, que me provoca arrepios.

— Dahlia Muñoz? — Um delegado que não reconheço diz o meu nome. —

Estou surpreendido por a ver aqui.

— Hum, onde está o Ben? — Olho para o carro da polícia que está estacionado ao lado da carrinha do Julian, à procura do homem com quem combinei a partida.

O delegado lança-me um olhar confuso.

— Da última vez que soube dele, estava a responder a outra chamada.

— Oh. Ele tenciona vir aqui para vos dar apoio? — Talvez a Lily tenha mudado o plano à última hora, para eu não delatar nada.

Aquela sacaninha. Não me admiraria que o tivesse feito.

— Creio que consigo resolver sozinho este caso de perturbação da ordem pública.

— Perturbação da ordem pública? — Sinto a barriga às voltas.

— Alguém ligou para a polícia para denunciar duas pessoas a ter relações sexuais num parque de estacionamento público.

Apesar da baixa temperatura que está aqui fora, começo a transpirar.

O Julian dá a volta à parte de trás da carrinha e ca parado ao meu lado, sem me tocar.

— Delegado Roberts.

— Julian — diz o homem num tom desdenhoso. — Pareceu-me que era você, mas não tive a certeza por causa dos vidros escurecidos.

Ai, ai.

Tendo em conta a postura rígida do Julian e a maneira como o delegado Roberts leva a mão ao taser, percebo que estes dois têm uma longa história.

Do tipo mesmo, mesmo má.

— Em que podemos ajudá-lo? — O Julian toca com o dedo mindinho no meu.

Estou aqui, diz-me silenciosamente.

O gesto apenas parece piorar o aperto que sinto no peito.

— Recebi uma queixa sobre conduta imprópria e nudez em público.

— Certo. — O Julian esfrega a nuca.

— Tem noção de que é ilegal praticar sexo em locais públicos, certo?

— Tenho, sim.

— Julian! — grito. Regra número um de lidar com a bó a: nunca admitir culpa.

O Julian dá-se conta do seu erro demasiado tarde e o delegado Roberts leva a mão às algemas.

— Vire-se, Lopez.

— Desculpe?

— Tenho estado à espera deste momento.

O quê?!

O Julian não cumpre a ordem do delegado.

— Vai mesmo prender-me por causa disto?

— Estava a pensar simplesmente detê-lo, mas se continuar a mandar bocas, sinto-me tentado a fazer-lhe uma acusação.

O Julian não pestaneja.

— Quanto é que me vai custar fazer com que tudo isto desapareça?

Passo a mão pelo pescoço, desesperada. Cala-te! Cala-te! Cala-te!
Formo as palavras com a boca.

— Acrescente o suborno de um agente da polícia à sua lista de crimes desta noite. E, agora, vire-se e ponha as mãos atrás das costas. —
Abana as algemas.

— Isto é ridículo — comenta o Julian.

— Faz o que ele diz — murmuro.

O Julian vira-se e junta as mãos atrás das costas.

O delegado Roberts apressa-se a pôr-lhe as algemas antes de se virar para mim.

— É a sua vez.

— Eu? — O meu tom é agudo.

— O senhor Lopez não estava a ter relações sozinho, pois não?

Coro da ponta dos cabelos aos dedos dos pés.

O delegado torna a gesticular com as algemas.

— Vire-se e ponha as mãos atrás das costas, como o senhor Lopez demonstrou tão delicadamente.

— Deixe-a de fora disto. — O tom letal do Julian faz-me sentir um arrepio.

— E perco a oportunidade de o irritar? Não me parece.

— Porque é que o detesta tanto? — Arregalo os olhos para o delegado.

— Pergunte-lhe a ele. — Aponta com as algemas na direção do Julian.

O Julian olha o delegado Roberts nos olhos.

— A minha mãe combinou alguns encontros entre mim e a ex do Roberts.

O Roberts tem grande prazer em algemar-me, embora o Julian pareça

estar a um segundo de ter um aneurisma.

— Desculpa — declara assim que somos colocados no banco traseiro do carro da polícia.

Fico em silêncio enquanto penso no que correu mal nos últimos dez minutos.

O Julian pergunta-me como estou várias vezes durante todo o percurso, mas a minha ansiedade assumiu o cialmente o controlo e não vejo m à vista.



Ser atirada para uma cela de detenção por causa de uma vendeta pessoal contra o Julian não está a fazer maravilhas pelo meu estado de espírito. A felicidade que senti na carrinha já desapareceu há muito, deixando-me nervosa e irritável enquanto ando de um lado para o outro na cela.

O Roberts não nos fez nenhuma acusação, embora a fotogra a que nos tirou na cela seja su cientemente condenatória. Só rezo para que não vá parar à Internet.

Ponho as mãos em volta das barras de ferro e grito:

— Isto é inconstitucional!

O Julian senta-se num banco de metal com um aspeto extremamente desconfortável.

— Bem-vinda a Lake Wisteria.

Agarro-me às barras e tento abaná-las, sem sucesso.

— Roberts! E o nosso direito a um telefonema ou a ança?

Ninguém responde aos meus gritos.

Idiota.

Encosto a testa ao metal frio.

— E agora? Ele vai deixar-nos aqui a apodrecer só porque te detesta?

— Hum. Só lhe dou umas horas antes de telefonar às nossas mães para nos virem buscar.

— Às nossas mães? — guincho enquanto rodo sobre os calcanhares.

— Ouvi-o dizer isso a um dos outros delegados quando estavas ocupada a ter uma conversa privada contigo mesma. — O sorriso tímido que ele esboça não atenua a minha ansiedade.

A minha pele ca tão quente que a maquilhagem quase derrete.

— A minha mãe vai matar-me quando descobrir porque é que estamos aqui.

— Considera-te sortuda. A minha vai começar a planear o nosso casamento e convidar a cidade inteira.

Deus me ajude a ultrapassar esta noite sem acabar deserdada ou morta.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Julian

Apesar das minhas melhores tentativas para distrair a Dahlia da situação em que nos encontramos, dou por ela perdida em pensamentos várias vezes ao longo de toda a noite. Detesto vê-la a entrar em espiral, mas não há muito que eu possa fazer enquanto estiver encerrado numa cela de prisão.

Sei que a Dahlia se arrepende de ter admitido que se está a apaixonar por mim. Tal como sei que tenciona lutar contra mim até que aconteça uma de duas coisas: ou ela admite a verdade ou eu desisto.

As palavras não vão levar-me muito longe, portanto, em vez de lhe fazer uma promessa em que, de qualquer maneira, ela não vai acreditar, co em silêncio e abraço-a com força até ao regresso do Roberts.

O delegado demora mais do que o necessário para vir até junto de nós e depois para diante da porta e vira-se para a Dahlia.

— O Ben contou-me a partida que tinham planeado pregar. Peço desculpa por ter dado cabo disso.

O idiota não parece minimamente arrependido.

— De que partida é que ele está a falar? — pergunto à Dahlia.

— De uma partida estúpida. — Ela levanta-se do banco e estica as

pernas.

O Roberts encosta-se às barras da cela.

— Aqui a Dahlia planeou que o atirassem para o banco traseiro de um carro da polícia e o levassem a casa da sua mãe com as sirenes ligadas, para que toda a vizinhança se desse conta do sucedido.

Embora fosse provável que a minha mãe lmasse alegremente toda a cena, eu teria morrido de vergonha ainda antes de chegar ao caminho de acesso.

O delegado encolhe os ombros.

— É uma pena eu ter dado cabo dos planos da Rainha dos Morangos.

A Dahlia ca com as maçãs do rosto coradas.

— Não lhe chame isso — digo ríspidamente.

— Toquei num ponto sensível? — O Roberts franze os lábios.

Obrigo-me a manter a boca fechada.

A Dahlia olha para mim durante uns bons dez segundos sem pestanejar.

— Rainha dos Morangos?

Cerro os punhos ao lado do corpo

A Dahlia franze o sobrolho.

— As iniciais do meu contacto no teu telemóvel não querem dizer Rainha do Mal, pois não?

Mierda. Não é de admirar que ela se sinta hesitante em apaixonar-se por mim se pensa que o nome que lhe dei no telemóvel tem esse significado.

O Roberts destranca a porta com um brilho especial nos olhos.

— Podem ambos ir embora, apesar de não ter a certeza se vão car contentes com isso quando virem as vossas mães.

— Gracias por eso, pendejo⁵² — murmuro entre dentes.

A Dahlia arrasta os pés atrás de mim enquanto o Roberts nos leva pela esquadra. Prolonga o inevitável ao pedir para ir à casa de banho e para beber água, o que só faz com que o Roberts se sinta mais entusiasmado.

— Boa sorte. — O delegado regressa à secretária, de onde consegue ver as reações das nossas mães cheio de contentamento.

A Dahlia estremece ao ver a expressão do rosto da mãe dela quando nos aproximamos das duas.

— Mami.

— Aqui não! — sibila a Rosa antes de sair da esquadra. Ainda está escuro, o que signi ca que não passámos muito tempo na cela, embora não haja dúvida de que pareceu imenso.

A Dahlia caminha atrás da mãe com os ombros descaídos enquanto a minha me dá o braço e assobia.

— ¿En la camioneta de tu papá? ¿En serio?53

— Mãe.

— Não sabia que eras capaz de tal coisa.

Tropeço nos meus próprios pés.

Ela dá-me uma palmada no braço e solta uma gargalhada.

— Não faz mal. Aquela carrinha percorreu muitos quilómetros ao longo dos anos, portanto, não vou tecer juízos de valor, embora seja bom que tenhas remodelado o interior.

O meu corpo estremece dos pés à cabeça quando saímos da esquadra e vejo a Rosa de braços no ar, meio a murmurar, meio a gritar, e a Dahlia baixa os olhos para as botas.

— Criei-te melhor do que isto.

A Dahlia estremece.

— Esperava uma coisa destas da tua irmã, mas de ti? Nunca en mi vida.54

— Perdón, Mami.

— Amanhã de manhã, a cidade inteira vai saber o que aconteceu.

A Dahlia parece tão entusiasmada com a ideia como eu provavelmente pareço.

A Rosa abana os braços.

— O que é que eu vou dizer quando o padre Anthony me perguntar o que é que sinto em relação à minha lha ir parar ao Inferno por ter relações antes do casamento?

— Faz-me um favor e pergunta-lhe se o tempo é quente durante o ano inteiro, para eu poder planear o que vou vestir.

— Dahlia Isabella Muñoz! ¡No empieces conmigo! 55

A minha mãe dá-me um encontrão.

— Vamos salvar a Dahlia antes que ela mude de ideias em relação a mudar-se para cá.

É um bocado tarde de mais para isso, depois da chamada que recebeu sobre a Archer.

— Rosa! — A minha mãe junta as mãos. — Vamos ter calma. São miúdos.

Não é como se pudéssemos esperar que tivessem juízo.

— Miúdos? Eu tive a Dahlia quando tinha a idade dela.

— E zeste um excelente trabalho a criá-la... esquecendo este pequeno incidente com a carrinha. — A minha mãe põe o braço em volta dos ombros da sua amiga de infância e encaminha-a para o carro. Aposto que, em menos de dois minutos, vai fazer com que a Rosa desista da descompostura que nos ia dar.

Ponho o braço em volta da cintura da Dahlia e puxo-a para o passeio em vez de a levar para o carro da minha mãe.

— O que te parece se voltarmos a pé para a carrinha em vez de irmos com elas?

O olhar dela oscila algumas vezes entre o carro da minha mãe e o meu rosto enquanto morde o interior da bochecha.

— Parece-me bem.

A Dahlia continua calada à medida que nos encaminhamos para o restaurante. Só aguento um minuto antes de quebrar o silêncio.

— A tua mãe acreditava mesmo que te estavas a guardar para depois do casamento?

— Se acreditava, e tenho quase a certeza que sim, é seguro dizer que já não acredita.

— A Rosa vai detestar-me. — Estremeço.

— Provavelmente. És o homem que roubou o bilhete de entrada da lha virgem dela no paraíso.

— Tenho quase a certeza de que conseguiste um bilhete de ida para o Inferno há muitos anos, mas tudo bem, eu assumo a culpa pela tua queda em desgraça.

— Isto é uma enorme vergonha — geme a Dahlia. — O que é que as pessoas vão pensar?

— Que já não era sem tempo.

Ela para a meio de um passo.

— Fomos apanhados a ter sexo num parque de estacionamento. Não é propriamente o escândalo do ano. — Encosto-lhe a mão ao fundo das costas e dou-lhe um pequeno empurrão.

— Ninguém sabe que estamos juntos.

— Agora vão passar a saber.

— Julian — diz-me num tom implorante, embora eu não saiba porquê. Põe os braços em volta do corpo. — Isto entre nós não vai resultar.

— Por causa da distância ou dos teus problemas de con ança? — O comentário sai-me antes de ter hipótese de me calar.

Os passos dela vacilam, a par da respiração.

Esfrego o rosto e solto uma imprecação.

— Havemos de resolver as coisas.

Nenhum de nós diz mais nada durante o resto da caminhada, o que me dá tempo para processar a situação.

Estava à espera de que a Dahlia me afastasse quando se apercebesse do que sentia por mim? Sim, estava, mas, mesmo assim, sinto-me desiludido por pensar que ela desistiria tão facilmente de nós só por causa de alguns problemas de logística.

Já não sou a mesma pessoa que ela espera que eu seja. Mudei e, se tiver de ir contra a Dahlia para lhe provar isso, então que assim seja.

Quando chegamos ao parque de estacionamento do restaurante, um plano já

se começou a formar na minha cabeça.

— Estás com fome? — Destranco a carrinha e abro a porta do passageiro.

— Não. — Uma nuvem de condensação forma-se quando ela expira com força.

Agarro-a pelas ancas e sento-a no banco antes de ela ter tempo de pôr o pé no degrau.

Depois de ligar o motor, ponho o aquecimento no máximo.

— Devias comer qualquer coisa.

— Como depois. — A Dahlia franze o nariz.

Mensagem recebida, alto e bom som e com uma clareza dolorosa.

— Então é este o teu plano? — A minha pergunta é ríspida.

— O quê? — A Dahlia franze o sobrolho.

— Afastares-me porque preferes evitar os teus sentimentos em relação a nós.

— Não... não sei.

— Acho que sabes.

As narinas dela estremecem.

— Já que sabes tudo, porque é que não te adiantas e me dizes o que

estou a pensar?

— Não preciso de saber ler pensamentos para perceber que estás com medo.

— Não estou com medo, Julian. Estou absolutamente aterrorizada.

Franzo o sobrolho com tanta força que co com rugas na testa.

— Não me quero apaixonar por ti.

A minha respiração está tão ofegante quanto a dela.

— Não me quero apaixonar por ninguém. Ponto nal. Da última vez, isso quase me destruiu e não tenho a certeza de conseguir voltar a sobreviver a esse tipo de dor. — A voz dela falha no m da frase. — Tu mereces alguém que con e em ti e não sei se consigo fazer isso quando não consigo con ar em mim mesma.

A pontada que sinto no peito transforma-se numa dor avassaladora.

— Não posso eliminar a dor por que passaste, por mais que gostasse de o fazer, mas posso prometer-te que nunca te magoarei como ele te magoou.

— É um bocadinho tarde de mais para isso. — A Dahlia não consegue enfrentar o meu olhar durante mais de um segundo.

— Dahlia. — Levo a mão ao queixo dela, apesar da dor que me destroça o peito. — Não vou desistir só porque tu esperas que o faça.

— Porque gostas de um desa o?

— Porque gosto de ti o suficiente para saber que vale a pena lutar por ti.

A Dahlia olha pela janela.

— Vou voltar para São Francisco em janeiro, para o novo programa de televisão.

Eu sei disso, tendo em conta que passei as últimas horas fechado numa cela a processar esse facto.

Mas o que é que vais fazer em relação a isso?

De alguma maneira, num curto espaço de tempo, passei de planear o

resto da minha vida em Lake Wisteria a arriscar tudo pela mulher que está ao meu lado.

Porque se a Dahlia quer voltar para São Francisco, então tenciono ir com ela, e não há contras su cientes neste mundo que me impeçam de o fazer.

Pego-lhe na mão cerrada.

— Quando dissermos à minha mãe que vamos mudar de cidade, por favor, diz-lhe que estás apaixonada por mim. Isso vai ajudar a suavizar o golpe.

Os olhos enevoados da Dahlia tocam em algo no meu peito.

— Não podes estar realmente a pensar mudar-te.

— Estou.

— E a tua empresa?

— Descobri que pre ro criar um lar contigo a construir mil casas sozinho.

A Dahlia vira-se, fungando.

Seguro-lhe no queixo e viro-lhe a cabeça para mim.

— Que parte de estou a apaixonar-me por ti é que ainda não compreendeste?

— A parte em que abdicas de toda a tua vida aqui por mim.

— A vida sem ti mal pode ser considerada vida, portanto, não estou a abdicar de nada ao ir contigo para São Francisco.

— Não, mas ao estares comigo estarás a abdicar da possibilidade de teres a tua própria família. — Olha xamente para o colo, como se este encerrasse todos os segredos do mundo.

— É realmente disso que se trata?

O rosto da Dahlia mantém-se inexpressivo, mas a veia do pescoço começa a latejar.

Porque é que não pensaste nisso antes?

— Achas que me vou arrepender de estar contigo porque não podes ter lhos?

— Sei que te arrependerás porque isso já aconteceu antes.

— Já te disse que não quero ter lhos dessa maneira.

A Dahlia abana a cabeça.

— Não é a primeira vez que oiço alguém dizer-me isso.

Podia encontrar cem maneiras diferentes de lhe dizer que gosto dela o su ciente para a escolher, mas nenhuma delas terá importância a menos que encontre uma maneira de lho mostrar.

Pró: ela pode achar a minha lista romântica.

Contra: pode rejeitar-me depois de eu lhe revelar um dos meus maiores segredos.

Cala-te e mostra-lhe.

Pego no telemóvel e abro a aplicação de notas.

— Lê isto.

A Dahlia tira-me o telemóvel e lê as primeiras linhas da nota.

— Tens estado a fazer uma listas de prós e contras sobre mim?

Anuo.

— Pró: é uma nódoa a jogar xadrez. A sério? — Franze o nariz.

— Não tenho a culpa que começasses todos os jogos com a abertura do peão da rainha. Devias variar de vez em quando.

A Dahlia volta à lista.

— Pró: gosto dela o su ciente para também ir para Stanford. — Olha para mim durante alguns segundos, sem pestanejar. — Escolheste Stanford por minha causa?

— Sim. Tu gostavas da Califórnia e eu gostava de ti, portanto, fazia sentido.

A Dahlia abana a cabeça, incrédula.

— Há quanto tempo é que estás a fazer esta lista?

— Desde pouco tempo depois de teres começado a concorrer ao concurso de beleza da Rainha dos Morangos.

— Isso foi há mais de uma década. — Ela pestaneja.

— Eu sei.

— Mas porquê?

— Gosto de tomar decisões informadas.

A Dahlia continua a ler a lista enquanto murmura para si mesma.

— Há aqui coisas que eu já não faço.

Eu sei. Infelizmente, herdei o gosto pela nostalgia da minha mãe e nunca o consegui ultrapassar, que é o único motivo pelo qual nunca consegui apagar a lista, por mais vezes que tenha tentado fazê-lo.

Passados mais alguns minutos, a Dahlia chega ao fim da lista.

— Só tens um contra.

Contra: é possível que ela nunca venha a gostar de mim.

— A pouco e pouco, os teus contras começaram a passar irritantemente para a coluna dos prós.

A gargalhada sai-lhe como um meio soluço.

— Isso é ridículo.

— Não, Dahlia, é amor.

— Concordaste em ter uma relação casual, sabendo que os teus sentimentos podiam nunca ser correspondidos? — A incredulidade tinge-lhe a voz.

— Sim.

— Porquê?

— Algumas pessoas valem o risco.

O lábio inferior treme-lhe.

— A vida sem ti era uma série de prós e de contras. De riscos e de recompensas. Preto e branco, com poucos tons de cinzento. Mas depois voltaste e acendeste um interruptor dentro de mim, inundando o meu mundo de cor depois de dez anos de escuridão, e não tenciono abrir mão disso. Nem agora, nem nunca.

As lágrimas acumulam-se junto das pestanas dela.

— Podes não acreditar nas minhas palavras neste momento, mas não irei parar até que acredites. Portanto, podes continuar e tentar afastar-me, mas já sabes, com base na nossa história, que nada me impedirá de te provar que estás errada.

52 Gracias por eso, pendejo: Obrigado por isso, imbecil.

53 ¿En la camioneta de tu papá? ¿En serio?: Na carrinha do teu pai? A sério?

54 Nunca en mi vida: Nunca na vida.

55 ¡No empieces conmigo!: Não discutas comigo.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Julian

Opercurso até casa da Dahlia é feito em silêncio. Ela passa a maior parte do tempo a olhar pela janela enquanto eu me mantenho concentrado na estrada. Apesar de estar ansioso por saber como ela está, contendo-me e mantenho-me calado, não querendo aumentar a inquietação dela.

Só quando paro diante de casa da Dahlia é que ela nalmente fala, surpreendendo-me.

— Desculpa.

Pestanejo rapidamente.

— Porque é que...

— Sei que és boa pessoa, possivelmente, a melhor pessoa que alguma vez conheci, mesmo que dês comigo em doida. — Roda um dos anéis. — A tua lista. Céus. Não acredito que passaste mais de uma década a elaborá-la.

— Doze anos, mas quem está a contar?

O queixo dela estremece.

— Talvez se as coisas fossem diferentes para mim, nós pudéssemos...

— Para.

— Mas...

— Não. Não quero ouvir seja qual for a desculpa que passaste o percurso inteiro a inventar.

— Não podes ignorar o óbvio. — A Dahlia ca com os músculos tensos.

— Ainda bem que estamos nalmente de acordo.

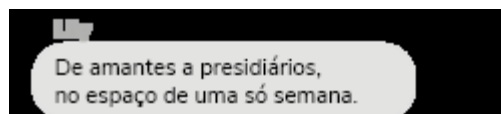
Afasta os olhos.

— De que é que precisas? — pergunto-lhe.

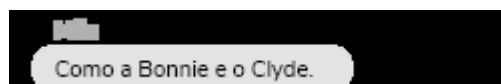
— De tempo? De alguma comida e de uma noite bem dormida?

Sinceramente, mal consigo pensar com clareza, quando mais conversar, quando estou tão exausta.

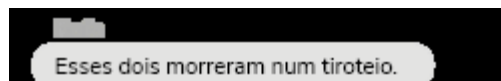
— Está bem. — Posso dar-lhe isso... por um dia, pelo menos.



De amantes a presidiários,
no espaço de uma só semana.



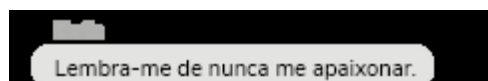
Como a Bonnie e o Clyde.



Esses dois morreram num tiroteio.



Juntos.



Lembra-me de nunca me apaixonar.

Os ombros dela descaem quando dá um suspiro pesado.

Agarro-a e dou-lhe um beijo nas costas da mão.

— Tudo vai car bem.

— Não paras de dizer isso.

— Só porque não vou parar até que que.

A Dahlia lança-me um último olhar antes de saltar para fora da carrinha e de se dirigir para a porta de casa.

Não me lembro do trajeto que faço até minha casa, porque passo o tempo todo perdido em pensamentos, a organizar todas as coisas que preciso de resolver.

O silêncio recebe-me como uma marcha fúnebre quando entro em casa e me dirijo para a cozinha para aquecer qualquer coisa para comer. Como algumas garfadas antes de o telemóvel vibrar contra a bancada de mármore, com uma nova mensagem da Lily no chat do grupo Muñoz-Lopez.

Anexa uma fotografia de mim e da Dahlia na cela de detenção. A Rosa envia uma ligação para agendar uma consulta com o padre Anthony enquanto a minha mãe responde com um GIF de um coração com olhinhos e uma mensagem.

Respondo-lhes dizendo a todos que apaguem a fotografia dos telemóveis e do chat antes de sair para ir à esquadra fazer uma segunda visita ao Roberts esta noite.

— Já de volta? — Encosta-se ao balcão.

— A quantas pessoas enviou a fotografia a?

— Só à Lily.

— Apague-a do seu telemóvel.

— Tenciono fazê-lo, depois de o repórter me contactar para me dar um preço por ela.



— Quanto está a pedir? — pergunto-lhe rispidamente.

— Dez mil.

Arranco um post-it do bloco e entrego-lho.

— Dê-me o seu NIB e mandarei transferir o dinheiro no espaço de uma hora.

As sobranceiras dele arqueiam-se rapidamente.

— Não se vai dar ao trabalho de negociar?

— O seu NIB. — Bato com o dedo no papel.

— Aumente para doze mil.

— Vou baixar a oferta para sete se não parar de falar.

O sorriso dele desaparece enquanto escrevinha no papel antes de mo entregar.

Guardo o NIB no bolso interior do casaco.

— Apague-a.

— Agora?

Bato com o sapato no chão. O Roberts suspira conforme pega no telemóvel e me explica o processo de apagar a prova.

Assim que ele termina, saio da esquadra, envio uma mensagem à Dahlia a dizer que já tratei da fotografia e volto para casa. Quando entro, vejo que a Dahlia ainda não respondeu ao chat nem à mensagem que lhe enviei, o que não é normal.

O jantar cai-me no estômago como uma pedra enquanto tomo um duche e me eno na cama.

Vais arranjar maneira de fazer com que tudo resulte, então para mim mesmo no escuro.

Só preciso de descobrir como fazer isso.

A Dahlia passa a maior parte da manhã seguinte escondida no gabinete dela, portanto, só a consigo ver quando aparece na reunião de equipa que foi marcada há mais de uma semana.

Inicialmente, pensei em tratar dos assuntos com a minha equipa em privado, mas a falta de conexão da Dahlia e as suas tentativas de me evitar constituem um desafio singular que tenho de ultrapassar.

Mostrar à Dahlia que tenciono manter-me por perto vai exigir muito mais do que limitar-me a prometer-lhe que me vou mudar para São Francisco. Preciso de fazer algumas mudanças necessárias na minha vida, a começar por uma coisa que ando a adiar há anos.

A Dahlia abstraiu-se mentalmente da discussão há vinte minutos, quando eu, o Ryder e o Mario começámos a rever as questões logísticas sobre a remodelação da casa em Lake Aurora. Passa o tempo a fazer desenhos para a sua linha de decoração e dou por mim a distrair-me algumas vezes com o jeito que ela tem.

— Estamos todos de acordo? — pergunta o Mario.

— Sim. — Olho de relance para o Ryder. — Podes car, depois de o Mario se ir embora?

Ele anui.

A Dahlia faz uma última alteração no desenho antes de pôr o tablet debaixo do braço e de se levantar da cadeira.

— Preciso que ques — digo-lhe.

Franze o rosto com uma expressão confusa enquanto se volta a sentar.

— Vejo-vos a todos na próxima semana. — O Mario baixa o queixo e sai da sala de conferências.

— O que é que se passa? — pergunta-me o Ryder.

Torno a sentar-me.

— Estive a pensar...

A cadeira da Dahlia range quando ela apoia os cotovelos na mesa e se inclina para a frente.

— Em quê? — O meu gestor de projeto ena um lápis atrás da orelha.

Pigarreio.

— Preciso de ajuda.

A Dahlia arregala os olhos.

— Seja o que for de que precise, conte comigo. — O Ryder não hesita, o que me apanha de surpresa.

— Não sabes o que estou prestes a pedir-te.

— Não importa. O Julian já fez muito por mim, portanto, estou disposto a tudo.

Pestanejo. A Dahlia parece tão chocada quanto eu enquanto passa os olhos entre nós os dois.

O Ryder continua:

— Antes de me contratar, depois do meu último destacamento, estava a ter di culdade em voltar à vida civil. Quando z a entrevista para este emprego, estava a viver no carro e a sofrer de stressse pós-traumático.

Escondo um estremecimento.

— Não me tinha apercebido de que as coisas estavam tão más.

A Dahlia estica o braço e aperta-lhe a mão antes de voltar a afundar-se na cadeira.

— O senhor não é o único homem orgulhoso desta cidade, patrão — diz-me o Ryder, esboçando um pequeno sorriso.

— Não, mas é o mais orgulhoso — comenta a Dahlia.

Lanço-lhe um olhar sisudo.

A gargalhada suave do Ryder não se coaduna com as suas feições rudes.

— Devo-lhe muito, portanto, se precisa da minha ajuda, estou mais do que disposto a dar-lha.

O lábio inferior da Dahlia estremece.

Merda.

Oscilo entre a timidez e a gratidão antes de aterrar algures no meio.

— Não me debes nada.

— Quer a minha ajuda ou não? — pergunta-me.

— O facto de o Julian estar a pedi-la é prova su ciente. — A expressão do rosto da Dahlia vale cada grama de orgulho de que abdicó quando faço a única coisa que me treinei para evitar fazer.

— Sim, quero a tua ajuda. — Os meus ombros descontraem quando a tensão se esvai do meu corpo.

— Diga-me do que precisa.

— Aqui entre nós, surgiu algo que vai exigir que eu me mude para o mês que vem, portanto, preciso de reestruturar a empresa de maneira que possa continuar a funcionar sem a minha presença.

O Ryder levanta as sobrancelhas e a Dahlia franze o sobrolho.

— Vai mudar-se? — pergunta-me o Ryder.

— Sim. Embora vá participar nas reuniões virtualmente e venha cá de duas em duas semanas para ver o que se passa pessoalmente, preciso da tua ajuda com as operações do dia a dia e para manteres tudo sob controlo.

A Dahlia afasta os lábios.

— Com certeza — anui o Ryder.

— Ótimo. Estava a pensar no seguinte... — revejo a minha ideia com o Ryder e a Dahlia observa-nos. Ele dá-me a sua opinião e bastantes conselhos úteis e ajusto o meu plano com base nos conhecimentos dele. A Dahlia também faz alguns comentários que levo em conta.

Depois de passarmos uma hora a reestruturar as operações dos Empreendimentos de Luxo Lopez, o Ryder levanta-se e dá-me uma palmada nas

costas.

— Nunca pensei ver o dia em que, finalmente, o Julian decidisse fazer o que é melhor para si e não para a empresa. — Olha de relance para a Dahlia. — E, provavelmente, é a si que devo agradecer a promoção e o aumento.

As maçãs do rosto do rosto dela cam tingidas de um cor-de-rosa suave.

— Eu não tive nada que ver com isto.

— Certo. — diz o Ryder.

Teimosa, formo a palavra com a boca.

O Ryder mostra-me o polegar levantado.

Ambos sabemos que a Dahlia é a única pessoa que conseguiria convencer-me a mudar toda a estrutura da minha empresa, contudo, ela recusa-se a aceitar essa possibilidade porque isso apenas ameaçaria enfraquecer o argumento dela, já de si fraco.

O Ryder sai da sala de conferências e a Dahlia levanta-se para o seguir, mas prendo-a contra a porta antes que tenha oportunidade de escapar.

— Ainda não terminei contigo.

Levanta expressivamente os olhos para o meu rosto.

— O que é que queres?

— A tua opinião é um bom começo.

Ela brinca com um dos anéis.

— Estás mesmo a pensar mudar-te para São Francisco?

— Foi o que se passou na última hora que me delatou?

Lança-me um olhar furioso.

Suspiro.

— Durante quanto tempo planeias contrariar-me no que diz respeito a isto?

— Durante o tempo que for preciso para te convencer de que tudo isto é um grande erro. — Os olhos vidrados dela estão cheios de incerteza e destroça-me saber o quanto ela sofre em silêncio por causa da ansiedade.

— Queres falar sobre erros? Muito bem. Vamos a isso.

A surpresa perpassa-lhe pelo rosto.

— Houve alguns motivos para eu te ter afastado naquela altura. Desgosto. O

stresse de gerir uma empresa em di culdades. O medo que tinha de a nossa relação não sobreviver à distância e a todos os outros obstáculos que se atravessavam no nosso caminho. Contudo, o maior erro que cometi foi acreditar que estavas melhor sem mim porque eu não era suficientemente bom para ti.

Permiti que a minha baixa autoestima e as minhas inseguranças interferissem

com o que queria ter contigo e diabos me levem se vou deixar que

cometas o mesmo erro. Na verdade, proíbo-te de o fazeres, porque me recuso a passar mais dez anos à espera de que ganhes juízo.

A Dahlia pestaneja umas quantas vezes.

— Irei sempre lutar por aquilo que for do nosso melhor interesse, mesmo que isso signi que lutar contra ti. — Dou-lhe um beijo na cabeça e saio da sala antes que não o consiga fazer, deixando a mulher que amo para trás, a pensar naquilo que lhe disse.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Julian

Decido manter-me afastado da empresa e da casa do fundador, tanto porque quero dar ao Ryder uma oportunidade de gerir as operações correntes dos Empreendimentos de Luxo Lopez sem que eu faça microgestão como para que a Dahlia veja que estou a levar a sério o facto de lhe dar espaço.

Tento queimar alguma energia nervosa treinando, fazendo algumas playlists e almoçando com a minha mãe, mas o alívio não dura muito, especialmente depois de a Dahlia me enviar uma mensagem com o seu itinerário da viagem para São Francisco.

Não tardo a dar por mim a andar para trás e para diante nos compridos corredores de minha casa enquanto os meus pensamentos entram em espiral.

Quando disse à Dahlia que iria sempre lutar por aquilo que é do nosso melhor interesse, mesmo que isso signi casse lutar contra ela, estava a falar muito a sério.

Contudo, primeiro, tenho de acabar de lutar contra o meu passado. Há anos que ando a lutar contra as minhas inseguranças e chegou a altura de enfrentar aquilo que adiei durante demasiado tempo...

Aceitar que sou su cientemente bom — não só para a Dahlia, mas, mais importante ainda, para mim mesmo.

Consequentemente, esta noite dirijo-me para o único sítio onde nunca imaginei que voltaria a entrar.

A carpintaria do meu pai.

Tentei regressar aqui ao longo dos anos, mas a tarefa sempre me

pareceu impossível e sempre fugi rapidamente antes de entrar no sítio onde eu e o meu pai passámos anos a trabalhar, dando continuidade à tradição dos Lopez que começou com o trisavô dele.

Há uma razão principal para eu ter evitado a carpintaria e tem tudo que ver com as ferramentas penduradas na parede traseira e com o signi cado que têm.

Tenho a mão a tremer quando eno a chave na fechadura e a rodo. O clique da fechadura e o ranger da porta soam distantes por causa do sangue que me lateja nos ouvidos.

Já dentro da carpintaria e depois de respirar fundo cinco vezes, levo a mão ao interruptor e acendo-o. Os meus pés cam colados ao chão enquanto olho em volta. Graças às limpezas periódicas da minha mãe, a sala está tão limpa que se pode comer em cima de todas as superfícies, incluindo do chão.

O meu pai teria detestado isto.

Dou mais um passo para o interior da carpintaria, apesar de sentir que tenho blocos de cimento amarrados aos pés. Demasiadas memórias enchem o espaço, fazendo-me car com o coração pesado e com a respiração ofegante.

Te extraño, Papi.⁵⁶

Dirijo-me para a parede do fundo, onde as ferramentas do meu pai continuam penduradas como ele gostava, fazendo parecer que pode regressar a qualquer momento.

Céus, quem me dera que isso fosse verdade.

Há um segundo conjunto de ferramentas ao lado das dele.

«Uma herança da família Lopez», disse-me o meu pai com um pequeno sorriso conforme apontava para cada ferramenta que fora passada de geração em geração.

Cresci a perguntar ao meu pai quando é que seria a minha vez de receber as ferramentas e a resposta dele nunca mudou.

«Quando provares que as mereces.»

Posso ter perdido essa oportunidade no dia em que ele morreu, mas z todos os possíveis por o orgulhar, e à família Lopez, quando assumi o

negócio da família, apesar de não ter experiência nem um curso universitário.

A dor surda no meu peito intensi ca-se e agarro-me à bancada com todas as forças. As picadas que sinto nos olhos não têm nada que ver com alergias ou com restos de serradura no ar. E o mesmo se passa com o aperto que sinto na garganta e com as palpitações do coração.

Uma gota escorre-me pela bochecha e limpo-a antes de olhar para o teto à procura de uma fuga de água. Contudo, a visão nublada torna impossível ver grande coisa para lá das lágrimas que me turvam os olhos.

Correm-me pela pele como gotas de chuva, caindo em rápida sucessão. Da última vez que chorei assim, o meu pai estava a ser enterrado. Embora o buraco

no meu peito tenha sarado desde então, a dor surda nunca desapareceu e reaparece nas alturas mais inconvenientes.

Tremem-me os ombros.

«Conta até cinco.» O meu pai agarrava-me nos ombros e obrigava-me a copiar os movimentos dele.

«Outra vez», dizia-me quando a contagem original até cinco não resultava.

As lágrimas não param, mas o pânico que sinto diminui a cada respiração exagerada.

A dada altura, depois da quinta respiração, consigo controlar-me e estico a mão para a primeira herança dos Lopez que vejo. Tenho os dedos a tremer, mas apresso-me a parar os tremores apertando-os em volta da base do martelo.

Avanço para a minha velha bancada de trabalho. A minha mãe pode ter colocado algumas ferramentas no sítio errado, sem querer, mas tudo o resto está na mesma, até ao último projeto em que trabalhei antes de me ir embora para a universidade.

A caixa de joias semiacabada era para ser um presente de Natal especial para a Dahlia. Ao longo dos anos, oferecemos sobretudo um ao outro presentes que eram piadas ou que tinham sido escolhidos pelas nossas mães, mas, no Natal antes de tudo ter ido por água abaixo, era suposto ter sido diferente.

Era suposto nós termos sido diferentes.

Depois de termos dado aquele beijo, percebi que não podíamos voltar a como as coisas eram antes disso, e também não queria que isso acontecesse. Queria muito mais.

Contudo, depois, o meu pai morreu e a minha mãe caiu noutra depressão profunda, e senti-me responsável por a ajudar a ultrapassá-la. Pus o meu desgosto de lado — uma decisão estúpida a longo prazo — e afastei a Dahlia depois de lhe ter dito que ela era uma distração.

Permiti que as minhas inseguranças interferissem naquilo que queria e os medos que sentia de não ser suficientemente bom para ela consumiram-me até que deixei de suportar a ideia de estar com ela. A Dahlia tinha uma série de sonhos e eu era um caco quebrado, com as probabilidades contra mim.

Agora tens uma oportunidade para corrigir os teus erros.

A dor enche-me o peito quando levanto a caixa de joias inacabada. Quero voltar a encontrar a coragem que tinha, começando por enfrentar o maior obstáculo que algum vez tive.

Ultrapassar o meu passado.

Com as mãos a tremer e o coração a bater desenfreadamente, pego em mais algumas das ferramentas dos Lopez e começo a trabalhar para terminar a caixa de joias. Não sei durante quanto tempo co meticulosamente obcecado com este projeto, mas sinto-me viciado na adrenalina que me corre nas veias.

Quando, por fim, termino, tenho o corpo todo a suar e estou a ofegar como se tivesse corrido uma maratona. Uso a batinha da camisa para limpar a testa suada antes de olhar para o produto acabado.

Um dia, hei de oferecer esta caixa de joias à Dahlia. Só não tenho a certeza de quando será.

56 Te extraño, Papi: Tenho saudades tuas, pai.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Dahlia

-Parece que a princesa dos reality shows finalmente decidiu regressar ao seu trono de tequila. — O Lorenzo deixa-se cair no banco ao lado do

meu e pousa o copo de uísque no balcão.

— Não tens nada melhor para fazer com o teu tempo do que vir aqui?

—

Passo os olhos pelo bar relativamente vazio.

— Nem por isso. — O Lorenzo encolhe os ombros.

— Precisas de um emprego.

— Às oito da noite de uma terça-feira? — Ele levanta o sobrolho.

— Então, que tal um passatempo?

— Conspirar contra os meus inimigos conta?

— Tens inimigos? Em Lake Wisteria? — Franco o sobrolho.

Ele dá uma gargalhada com os lábios encostados ao copo, mas o som parece assustador e assombrado em vez de caloroso e entusiasmado.

— O que é que tu estás a fazer aqui? — pergunta-me antes de eu ter tempo de dizer mais alguma coisa.

— Vim ter com a minha irmã. — Olho para o telemóvel pela terceira vez nos últimos dez minutos. Quando convoquei uma saída de raparigas de emergência, a Lily sugeriu que nos encontrássemos no Last Call depois de ela fechar a orista, dizendo que estava com desejos das batatas fritas deles.

— É a Lily, certo?

Viro-me para lhe lançar um olhar furioso.

— Porque é que perguntas?

O Lorenzo ignora a minha pergunta e faz-me outra.

— Ela está solteira?

— Não. — Semicerro os olhos.

— Hum. Quem é o tipo?

— Jesus, portanto, não te dês ao trabalho de te atirar a ela.

— Quer ser freira?

— Quase. Virgem até ao casamento. — Abafo uma pequena gargalhada antes de me denunciar.

O Lorenzo franze o lábio superior com uma expressão de nojo.

— Fantástico.

Faço sinal ao Henry para se aproximar e peço-lhe dois hard seltzer.

Uns minutos depois, a porta do bar abre-se de rompante e a minha irmã entra intempestivamente, usando o meu sobretudo preferido e as botas de estilista que me roubou. Estremece e despe-o, revelando mais roupa minha.

— Estou capaz de a matar.

Os olhos do Lorenzo escurecem quando percorre o corpo da minha irmã.

— Para de micar a minha irmã! — Dou-lhe uma palmada na nuca.

Ele bebe o resto do uísque de uma golada antes de levantar a mão para pedir outro.

Reviro os olhos enquanto deslizo do banco e arrasto a Lily para o outro lado do bar, para bem longe do olhar escaldante do Lorenzo.

— Desde quando é que és amiga do Lorenzo? — pergunta-me com um esgar.

— Conhece-lo?

— Nem por isso. — Franze o nariz. — Passa pela orista todas as sextas

feiras para ir buscar dois ramos de ores personalizados.

— E?

Encolhe os ombros.

— Não gosto da sensação que me transmite.

Talvez o Julian tenha razão em relação ao Lorenzo e seja melhor mantermo-nos afastadas dele.

Pelo menos, a Lily não parece interessada nele.

A minha irmã desliza para o reservado, sentando-se à minha frente.

— E então, para que é esta reunião de emergência?

Passo-lhe a lata de hard seltzer de vodca.

— Estou com um dilema.

A Lily dá uma gargalhada para si mesma.

— És bastante famosa por isso.

— Estou a falar a sério.

A minha irmã abre a lata e bebe um gole.

— Está bem. O que é que se passa?

— Tive uma oferta para um novo programa que propus.

— Parabéns! — Bate com a lata na minha antes de me olhar nos olhos.

—

Ou não?

— É em São Francisco. — Deixo cair o corpo sobre a mesa.

— Isso é longe.

Deixo cair os ombros.

— O Julian disse que está disposto a mudar-se...

— Mas não acreditas nele?

Mexo no fecho do blusão.

— Trata-se mais de estar com medo de que ele cumpra a promessa.

A Lily inclina a cabeça.

— Agora estou confusa. Isso não devia deixar-te feliz?

— Não quero que ele mude a vida toda por minha causa. — O Julian pode vir a arrepender-se dessa decisão e, por causa disso, sentir-se ressentido comigo, e não sei se conseguiria ultrapassar esse tipo de desgosto pela segunda vez.

A Lily estica o braço e dá-me a mão.

— Já pensaste que ele pode estar a fazer isto não só por ti, mas também por si mesmo? — indaga. Mantenho-me em silêncio e a Lily preenche-o com outra revelação chocante. — Há anos que o Julian anda a dizer que quer trabalhar menos, mas nunca fez nada para concretizar isso, apesar de ser extremamente evidente para toda a gente que o rodeia que devia fazê-lo.

— A sério? — Pestanejo algumas vezes.

— Sim. Portanto, podes imaginar quão surpreendidos todos cámos quando, subitamente, ele começou a trabalhar num projeto contigo, começou a visitar os estaleiros de construção com mais frequência e não consegue parar de sorrir quando fala em visitar novas casas contigo... algo que não faz há, pelo menos, dois anos.

— Ele... eu... — Sinto um nó apertado formar-se-me na garganta.

A Lily dá-me um apertão tranquilizador na mão.

— E não queiras que eu comece a falar da cena da carpintaria. As pessoas desta cidade não param de falar de como ele teve tantos ciúmes que deu uma promoção a um tipo só para o manter longe de ti.

Desatamos as duas à gargalhada.

— Como é que descobriram isso? — pergunto-lhe.

— O carpinteiro que ele promoveu gosta mais de chisme do que a Jose na.

Bebo um grande gole da minha lata de hard seltzer.

— Não pedi ao Julian que zesse nada disso.



— É precisamente o que eu quero dizer. Ele decidiu fazer essas coisas porque o fazem sentir-se feliz, portanto, porque é que agora há de começar a duvidar dele e das escolhas que faz?

Baixo os olhos para a mesa.

— Porque tenho medo de que ele se arrependa disso a longo prazo, depois da fase da lua de mel terminar e de a realidade bater à porta.

— E se não se arrepender? — Recosta-se para trás. — Sem ofensa, mas estou mais preocupada com que tu faças a escolha errada se decidires afastá-lo.

— O quê?! — Levanto as sobrancelhas.

— Não há muitos homens como o Julian, logo, devias agradecer às tuas estrelas da sorte por ele ter cado nesta cidade pequena, porque, se se tivesse ido embora, por esta altura, já alguém lhe teria deitado a mão. Disso tenho a certeza.

A ideia de o Julian estar com outra pessoa agonia-me.

Isso é porque o amas.

Mas se o meu amor não foi su ciente para salvar uma relação condenada no passado, porque é que desta vez seria diferente?

Apaixonar-me pelo Julian foi fácil, mas perdoar a mim mesma e ultrapassar um passado que ainda me assombra?

É quase impossível, porra.

Em vez de ir para casa, vou de carro até casa do Rafa. Não tenho a certeza de quem ca mais surpreendido pela minha visita — se eu ou se ele —, embora me diga para entrar sem fazer grande alarde disso.

Eu e o Nico passamos cinco minutos a conversar antes de o Rafa o mandar voltar para a cama.

— Adoro-te! — O Nico rodeia-me com os braços para me dar um último abraço antes de voltar a correr para o quarto.

— Desculpa aparecer assim sem avisar — balbucio quando o Rafa me leva para a sala de estar.

— O Nico cou contente, portanto, não há problema, mas não transformes isso num hábito.

— Não me atreveria. — Dou uma gargalhada.

— Queres beber alguma coisa? Tenho água, aguas frescas e álcool.

— Estou bem.

— Como queiras. — Deixa-se cair no confortável cadeirão de cabedal que está à frente do sofá e pega no telemóvel pela segunda vez esta

noite.

Sento-me com uma postura hirta enquanto ele toca no ecrã antes de o trocar por uma cerveja.

— Mais uma vez, obrigada por não correres comigo ou coisa que o valha.

— Não tenho a certeza de que te tivesses ido embora mesmo que o zesse. —

Levanta a cerveja num brinde ngido. — E então, o que é que se passa?

— Não sei bem como perguntar-se isto sem parecer malcriada...

— Somos praticamente família, portanto, sou obrigado a perdoar-te mesmo que sejas.

— Tens razão.

— A tua visita tem alguma coisa que ver com o meu primo? — pergunta-me. Pestanejo algumas vezes.

— Mais ou menos.

— Foi o que pensei.

— Mas também tem que ver com... tu sabes... aquilo que te contei... —

gaguejo.

— Sobre não poderes ter lhos?

— Sim. — Dou um suspiro de alívio.

— O que é que isso tem? — Mantém um tom descontraído.

— Tenho tido di culdade em aceitar a situação.

— É compreensível. Eu também tive di culdade em aceitar a situação quando o problema ocular do Nico foi diagnosticado.

— Quando soubeste da doença do Nico, tu... — Tenho di culdade em terminar a frase.

— Pensei em não querer ter mais lhos?

— Sim. — Deixo cair os ombros.

— Claro. Era impossível não pensar nisso depois de saber que o meu lho vai car cego por causa de uma doença que herdou da minha família disfuncional.

— Era impossível saberes que tinhas um tio qualquer que teve a mesma doença.

O Rafa bebe um grande gole de cerveja.

— Eu sei isso, mas os pais têm tendência para se sentir culpados por tudo o que acontece aos lhos, quer seja culpa nossa quer não.

— Imagino que sim. — Baixo os olhos.

— Contudo, para responder à tua pergunta inicial, optei por fazer uma vasectomia depois de saber da doença do Nico.

— A sério? — Franzo o sobrolho.

— Achei que era a coisa mais responsável a fazer. Se alguma vez quiser outro lho, com grande ênfase no se, contribuirei para o bem de todos e adotarei.

— Isso faria a Jose na feliz.

— Ela caria fez com qualquer neto ou neta. Há anos que me massacra para dar um irmão ao Nico e, sim, antes que me perguntes, sabe que já não posso gerar lhos. — O olhar penetrante do Rafa faz-me sentir que estou a ser analisada a fundo.

Ganho coragem para lhe fazer a segunda pergunta.

— Achas que, a longo prazo, o Julian se importaria de não ter lhos gerados por ele?

O Rafa demora tanto a falar que co com medo de que não vá dignar-se a responder-me.

— Não tenho a certeza se ele falou contigo sobre querer ter lhos ou se... —

volto a falar.

— Isso não é uma coisa que devesses perguntar-lhe diretamente?

— Já o z.

— Mas não con as nele? — O Rafa passa os olhos pelo meu rosto.

— Não con o em mim mesma, portanto, não é nada pessoal.

Aperta a garrafa de cerveja com mais força.

— O meu primo tem os seus defeitos, mas é um homem de palavra, logo, se te disse que não quer ter lhos biológicos, é porque isso é verdade.

Fico com a garganta seca.

— Mas, efetivamente, lembro-me de ele ter dito qualquer coisa nesse sentido ao longo dos anos.

— Disse?

— Sim. Eu e ele não nos abrimos muitas vezes em relação aos nossos sentimentos, mas sei o su ciente sobre a vida dele antes de eu ter entrado nela para me sentir à vontade para dizer que foi dura.

Aperto as mãos com tanta força que co com os dedos lívidos.

— Era demasiado nova para compreender o impacto que tudo isso teve nele.

— O Julian tem imenso jeito para canalizar as emoções para outras coisas.

— É o que tenho vindo a aprender — murmuro entre dentes.

— Sei que não acreditas nele e não te censuro. As pessoas como eu e tu... Já

não somos do tipo de con ar, depois de termos sido magoados como fomos. —

Olha para um ponto distante.

Ver o Rafa lutar contra os seus demónios é como olhar para o meu re exo pela primeira vez.

A pele de galinha espalha-se pelo meu corpo e os pelos da nuca eriçam-se quando enfrento o meu maior defeito.

Adoro o Rafa, mas não quero acabar como ele, a culpar-me por uma relação falhada anos depois de ter terminado, enquanto me debato com problemas de con ança.

Céus, não.

O som distante de alguém a bater à porta com força sobressalta-me.

— Estás à espera de mais alguém?

— Não, mas tu estás. — O Rafa levanta-se.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Julian

Quando o Rafa me enviou uma mensagem há dez minutos, a dizer que a Dahlia tinha passado por casa dele, fui logo para lá.

Houve algo na mensagem críptica dele que me deixou preocupado. Levanto o punho para bater novamente à porta, mas esta abre-se antes de a minha mão lá chegar.

A Dahlia sai de casa e fecha a porta atrás dela.

— O Rafa mandou-te uma mensagem?

— Sim. Estás bem? — Olho para o rosto dela, procurando sinais de inquietação.

— Humm... estou?

— Ele disse-me que estavas a chorar.

— A chorar? — Soa tão confusa quanto parece.

— Ou não?

— Estava a provocar-te.

Diabos o levem.

— Vieste até aqui porque pensavas que eu estava perturbada?

— Sim. — Esfrego a nuca.

A expressão imperscrutável da Dahlia faz-me voltar a falar.

— Então estás bem?

— Sim. Queria fazer umas perguntas ao Rafa.

— Sobre o quê?

A Dahlia ena as mãos nos bolsos do sobretudo.

— Importas-te que caminhemos um pouco enquanto falamos?

— Não.

— Podemos ir ver os animais? Já passou algum tempo desde que vi a Penelope. — Inclina a cabeça na direção do celeiro.

O som das nossas botas a esmagar a relva por baixo dos nossos pés enche o

silêncio, embora este não dure mais de um minuto antes de eu o quebrar.

— O Rafa está a par do teste que zeste?

— Sim. — Mantém os olhos xos em frente.

— Há quanto tempo?

— Desde que voltei — replica sem hesitação.

Embora sinta respeito pelo Rafa por ter guardado segredo das novidades da Dahlia, egoisticamente, gostava que me tivesse contado.

— Ele não me disse nada.

A Dahlia olha para mim de relance pelo canto do olho.

— Estou um bocado surpreendida por ele não te ter contado.

— O Rafa é de con ança.

— É engraçado, dado que ele disse uma coisa parecida sobre ti.

— Acreditas nele?

— Quero acreditar em ti.

Fico em silêncio enquanto nos dirigimos para o celeiro. A Dahlia para junto da primeira baía e estica a mão.

— Olá, linda menina.

A Penelope, a égua de corrida reformada que o Rafa salvou há uns anos, encosta a cabeça contra a palma da mão da Dahlia. Fico parado atrás dela, prendendo-a entre o meu corpo e a porta da baia.

— Não quero acabar como o Rafa. — O murmúrio da voz dela mal se ouve por cima do pesado suspiro da égua.

Paro de respirar.

— Não quero passar o resto da minha vida a ser amarga e a questionar tudo e todos. Quero com ar. Quero amar. Quero viver livremente sem ter de me preocupar com se vou ser magoada, abandonada ou traída.

— O meu primo há de car melhor e tu também. — Viro-a para mim.

— Tenho medo. — A Dahlia encosta-se à baia.

— Eu sei. — Dou-lhe um beijo na cabeça.

— Como é que posso ter a certeza de que vais car satisfeito por adotar uma criança? — pergunta, pondo os braços em volta do corpo.

— Porque sempre admirei os meus pais por adotarem o Rafa.

A única resposta que recebo é uma fungadela.

— Eles trataram-nos aos dois da mesma maneira. Com atenção. Disciplina.

Amor. Nem uma única vez zeram com que qualquer de nós sentisse que não éramos os dois lhos deles. Mas, no fundo, eu sabia que o Rafa preenchia um



vazio na vida da minha mãe que eu não podia preencher, por mais que me esforçasse por fazê-lo. Houve algo no interior da minha mãe que mudou depois de passar anos a sofrer abortos espontâneos e um nado-morto, e o Rafa tornou-se na peça que faltava na vida dela. Em todas as nossas vidas.

A Dahlia pestaneja, com os olhos vidrados.

— A adoção nunca será uma segunda escolha para mim. Nunca foi e nunca será, porque sentir isso seria ir contra tudo aquilo em que os

meus pais acreditavam e que tornou a nossa família completa.

Os segundos passam a uma velocidade dolorosamente lenta e quase cedo à tentação de preencher o terrível silêncio, até que a Dahlia me impede de o fazer.

— Acredito em ti — declara, pousando a palma da mão no meu rosto.

Depois da conversa de ontem à noite em casa do Rafa, sei que eu e a Dahlia estamos a avançar na direção certa, apesar de, no m da semana, ela apanhar um avião para São Francisco para se encontrar com a Archer Media.

Tenho energia acumulada para gastar, portanto, vou para a carpintaria do meu pai para começar a trabalhar num novo projeto. O meu sábado passa a correr enquanto corto, moldo e lixo diferentes peças de madeira. De vez em quando, o telemóvel vibra, mas ignoro as mensagens, sabendo que, na segunda-feira, o Ryder vai lidar com o que quer que precise de ser feito.

Embrenho-me na tarefa em mãos e perco facilmente a noção do tempo, até que umas pancadas sonoras na porta quase me fazer cortar o dedo na serra circular.

— Julian! Abre! — grita a minha mãe antes de tornar a bater com o punho na porta.

Tiro os óculos de proteção e a máscara e destranco a porta.

— O que é que estás aqui a fazer?

A minha mãe entra na carpintaria com um recipiente de plástico.

— Vim trazer-te jantar.

— Como é que sabias onde é que eu estava? — Tiro-lho das mãos.

— Recebi um alerta da câmara do caminho de acesso que instalaste há uns anos. — Os olhos dela brilham cheios de lágrimas enquanto olha em volta da carpintaria.

Passo a mão pela camisa coberta de serradura.

— Está um bocado desarrumada.

A minha mãe pestaneja umas quantas vezes antes de se virar para mim com um sorriso hesitante.

— Perguntava a mim mesma quando é que nalmente regressarias aqui.

— Vi que a mantiveste limpa e arrumada para mim ao longo dos anos.

— O teu pai teria detestado — responde-me.

— Com todas as bras do seu ser.

Ambos damos uma gargalhada.

— Sabia que era apenas uma questão de tempo até que cá voltasses, portanto, não queria que a encontrasses desarrumada.

— Pensas em tudo. — O meu peito enche-se de emoção.

— Agora vai comer antes que a comida arrefeça. — A minha mãe empurra-me para um banco e obriga-me a provar o seu famoso pozole.

Faço uma pausa a meio da garfada.

— Não passaste por cá só para me trazer comida, pois não?

A minha mãe passa um dedo pela bancada, recolhendo serradura e restos de madeira.

— Queria ver o que é que o meu lho criminoso estava a fazer para a Dahlia.

— Nunca disse que era para ela.

— Certo. — A minha mãe funga.

Como não consegue car parada, põe-se a ver os meus planos e notas enquanto acabo de comer.

Levanta um papel onde estão anotadas uma série de medidas e apontamentos.

— Estás a construir isto?

— Hum hum.

— Para a casa do fundador?

— Sim.

A minha mãe dá um guincho de felicidade.

— A Dahlia vai adorar.

— Não lhe digas nada.

— Não me atrevera. — Levanta as mãos.

Enquanto como, a minha mãe distrai-se rapidamente com uma prateleira que está perto do fundo da carpintaria.

— Oh, Julian. Isto é lindo! — Passa a mão pela parte de cima da caixa de joias que eu z antes de rodar a manivela algumas vezes. — Puseste-a a tocar uma música!

Os primeiros acordes da canção tocam e a minha mãe arregala os olhos.

— É perfeita.

— Achas? — Esfrego a nuca.

— Claro. — Volta a pousar a caixa de joias terminada na prateleira e, de seguida, dá-me um beijo na cabeça. — Pronto, vou deixar-te voltar ao teu projeto secreto.

— Queres ajudar-me? — A pergunta sai-me dos lábios a toda a velocidade.

— Queres a minha ajuda? — Põe-me a mão na testa para ver se estou com febre. — Estás a sentir-te bem?

Afasto a mão dela e dou uma gargalhada.

— Esquece que eu falei.

— Não! Adoraria ajudar-te.

— Lembras-te de como se usa uma serra circular? — Passo-lhe um pedaço de madeira por acabar e rouba-mo das mãos com um ofego.

— Não me insultes dessa maneira no local de culto do teu pai.

O meu peito estremece quando dou uma gargalhada profunda.

Pega no pedaço de madeira e aponta-mo.

— Ajudei o teu pai na carpintaria muito antes de tu nasceres, portanto, é bom que te lembres disso, mijo.

Depois de acabar de comer, eu e a minha mãe trabalhamos lado a lado durante horas. Corrige-me algumas vezes, fazendo-me lembrar o meu pai quando me repreende pela técnica de carpintaria e pela seleção de madeiras para as peças mais complexas.

Relutantemente, dou a noite por terminada quando a minha mãe está prestes a cair para o lado e eu já não consigo usar corretamente a serra sem tremer.

— Isto foi muito divertido! — Põe os braços transpirados e cobertos de serradura à volta do meu corpo. — Obrigada por me incluíres.

Devolvo-lhe o abraço, ignorando a pequena pontada de culpa.

— Foi bom ter a tua ajuda.

— Podes pedi-la sempre que quiseses. — Olha para mim com os olhos vidrados. — Quem me dera que o teu pai estivesse aqui connosco. Teria adorado ajudar-te a criar uma peça especial para a Dahlia.

Os meus pulmões deixam de funcionar.

A minha mãe liberta-se dos meus braços e estica uma mão trémula para uma das velhas ferramentas do meu pai.

— Fico contente por estares a usá-las.

Não consigo falar e, menos ainda, respirar.

— O teu pai teria querido que casses com elas.

Cerro as mãos para as impedir de tremer.

A minha mãe segue o movimento antes de voltar a olhar para mim.

— O teu pai tencionava dar-tas depois de terminares o curso...

Mas nunca teve oportunidade de o fazer.

— Sei que ele está a olhar por nós e a desejar não ter sido a razão de não teres acabado o curso em Stanford. — Sustém a respiração. — Mas também sei que teria cado incrivelmente orgulhoso de ti por te teres mostrado à altura e teres tomado conta de mim e do negócio dele. Neste curto espaço de tempo, alcançaste mais do que alguma vez sonhámos ser possível.

Fico com o coração preso na garganta apertada.

A minha mãe abre-me a mão cerrada antes de fechar os meus dedos em volta da pega do martelo.

— Te quiero con todo, mi corazón. 57

Depois de me dar um último beijo no rosto, sai da carpintaria, deixando-me ter o espaço de que tão desesperadamente preciso.

Seguro o martelo do meu pai com os olhos marejados de lágrimas.

Te extraño mucho, Papi.58

Dirijo-me para a parede do fundo e volto a colocar o martelo no seu sítio. As lâmpadas por cima de mim tremeluzem duas vezes e co com pele de galinha nos braços.

Será possível que...

Não, a Dahlia deve ter-me envenenado a mente com todas aquelas conversas sobre o fantasma da casa do fundador.

No entanto, apesar de tudo aquilo em que acredito, acabo por falar em voz alta.

— Te quiero, Papi.

57 Te quiero con todo, mi corazón: Amo-te muito, meu amor.

58 Te extraño mucho, Papi: Tenho muitas saudades tuas, pai.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Dahlia

-Oque é que se passa contigo? — A Lily arranca-me o comando da mão e desliga o televisor a meio do episódio.

— Porque é que zeste isso?

— Porque não estás a prestar atenção.

— Estava, sim. — Cruzo os braços por cima do pijama.

— Pois, pois. Nem sequer estremeceste quando o chefão decapitou aquele tipo com um machete.

— E então?

A Lily levanta uma sobancelha.

— E então, afastas sempre os olhos quando chegam às partes sangrentas.

Dou um suspiro pesado que a faz estalar os dedos.

— Estás a ver?! É a quinta vez esta noite que fazes isso.

Deixo cair a cabeça contra o sofá.

— Isto tem alguma coisa que ver com a tua viagem de amanhã a São Francisco? — A Lily senta-se de lado no sofá.

— Sou assim tão óbvia?

— Um bocadinho.

— Devia estar contente por as coisas estarem a avançar tão depressa, sempre que penso em ir-me embora...

— Desejavas poder car?

A dor que sinto no peito aumenta.

— Sim, mas depois sinto-me dividida entre querer o meu programa de televisão e desejar poder viver aqui.

Por mais que adore o meu programa e expandir a minha marca, ainda gosto mais da ideia de car em Lake Wisteria.

A Lily põe as pernas debaixo do corpo.

— Porque é que não hás de poder ter as duas coisas?

— A empresa de produção é na Califórnia. — Franzo o sobrolho.

— E então? Há muitos programas que são lmados noutros estados e noutros países. Tenho a certeza de que eles podiam fazer algumas alterações para que ambas as partes quem satisfeitas.

Bufo.

— Não estou propriamente em posição de fazer exigências. — Depois de a minha antiga produtora ter desistido do contrato, a última coisa que quero é perturbar a Archer fazendo alterações ao plano original.

— Podias pelo menos perguntar, para ver o que dizem.

— Mas...

A Lily não me deixa terminar o raciocínio.

— Qual é a pior coisa que pode acontecer?

— Mandarem-me dar uma volta?

A minha irmã levanta o queixo enquanto atira o cabelo por cima do ombro.

— Nesse caso, não valem o teu tempo e a tua energia. — Tira o meu telemóvel de cima da mesinha de café e atira-mo para o colo. — Liga à tua agente.

Fico a olhar para o ecrã desligado.

— Fá-lo. Fá-lo. Fá-lo — cantarola a Lily.

Mas e se a Archer Media recusar e desistir do projeto?, pergunta a voz irritante dentro da minha cabeça.

Depois de tudo o que o Julian fez para mostrar que gosta de mim, incluindo oferecer-se para se mudar para a Califórnia, o mínimo que posso fazer é correr o risco de fazer a pergunta.

— Que se lixe. — Desbloqueio o telemóvel.

A Lily ca a ver conforme procuro o contacto da minha agente e lhe ligo.

— Dahlia! O que é que se passa?

Pigarreio.

— Tenho estado a pensar numa coisa e queria saber a tua opinião antes da nossa reunião.

— De que se trata?

Tenho o coração a bater descompassadamente no peito.

— Achas que a Archer estaria disposta a mudar o local das Imagens?

— Para onde?

— Para Lake Wisteria.

A Lily mostra-me o polegar levantado.

— Há uma série de casa históricas na cidade, portanto, o conteúdo seria o mesmo, mas eu podia voltar a viver aqui — continuo.

A Jamie faz uma pausa momentânea e os meus pulmões param de funcionar enquanto espero.

— Não sei. Isso não faz parte da proposta original e eles já têm equipas preparadas em São Francisco para os outros programas que produzem, por isso, é bastante provável que digam que não.

— Oh. Eu compreendo. — O meu entusiasmo esmorece.

— Posto isso, deixa-me ver o que posso fazer.

— Vais perguntar-lhes? — Fico com a voz aguda.

— Sim, mas não posso garantir que digam que sim.

O entusiasmo substitui a terrível preocupação que me estava a sufocar.

— Achas que ajudaria se eu lmasse alguns vídeos das propriedades da cidade? Ou talvez mostrar-lhes alguns projetos em que tenho estado a trabalhar? Lake Wisteria e as cidades em volta estão repletas de casas a implorar por ser restauradas, além de que os habitantes dariam um bom entretenimento televisivo.

— Vou falar com o meu contacto e ver o que eles dizem.

— Obrigada, Jamie! És a maior.

A gargalhada dela é a última coisa que oiço antes de desligar.

— Fizeste-o! — A Lily atira os braços para o meu pescoço.

Devolvo-lhe o abraço, pondo nele todo o amor e admiração que sinto pela minha irmã.

Embora tivesse pensado em pedir que o programa fosse lmasdo aqui, talvez nunca tivesse arranjado coragem para o fazer se a Lily não me tivesse incentivado a tentar.

Não tenhas muita esperança.

Demasiado tarde.

CAPÍTULO CINQUENTA

Dahlia

Opeso que sinto no peito e que não desaparece desde que saí de Lake Wisteria torna-se progressivamente pior a cada hora que passo em São Francisco.

Devia estar contente por estar de volta aos meus velhos sítios habituais, mas nem sequer uma taça de poke do meu restaurante preferido me salva da tristeza opressiva que me sufoca.

Estava à espera de que essa sensação diminuísse quando entrei no edifício da Archer Media, apenas para car desiludida quando isso não aconteceu.

— E então, o que achaste? — pergunta-me a minha agente quando as portas do elevador se fecham. Os caracóis loiro-arruivados enquadram-lhe o rosto como uma auréola, dando-lhe uma aparência enganosamente amorosa que não corresponde à mulher que passou a última hora em duras negociações com o pessoal da Archer Media.

— Não sei bem. — Encosto-me ao corrimão quando o ascensor começa a descer para o átrio.

— Estás a falar da Archer ou do programa? — A Jamie franze o sobrolho.

— De tudo?

— Sei que estavas determinada a lmar em Lake Wisteria, mas os olheiros deles concordam que São Francisco será um excelente local para lmar a primeira temporada. Depois disso, se o programa for renovado por mais uma temporada, coisa que ambas sabemos que será, então poderás ser tu a escolher o próximo local.

Em teoria, esta ideia parece excelente, mas, de cada vez que penso em voltar a viver em São Francisco, o buraco que sinto na barriga aumenta, algo que nunca pensei que fosse acontecer depois de ter passado anos a viver aqui.

O meu instinto diz-me para não aceitar o contrato da Archer Media e isso não se deve apenas ao homem que me espera em Lake Wisteria.

Ainda com as na tua intuição, depois de tudo aquilo por que passaste?



Não, mas está na altura de começar a con ar, porque estou farta de duvidar de mim mesma. Deixei que as opiniões e os pensamentos críticos do Oliver e dos Creswell me assombrassem durante demasiado tempo, e para quê? Para me torturar duvidando de cada decisão que tomo?

Fui eu que criei a empresa Designs da Dahlia do zero. Claro que o Oliver me incentivou a publicar uma fotografia, mas fui eu que fiz o trabalho necessário para transformar o meu nome numa marca. E, sim, os Creswell ajudaram a produzir o meu programa, mas os fãs mantiveram-se fiéis a mim e ao meu trabalho, não às pessoas que financiaram o projeto.

Está na altura de perdoares a ti mesma os erros que cometeste no passado e de avançares.

— O que queres que lhes diga? — A Jamie continua a escrever no telemóvel.

— Gostava de ter mais algum tempo para pensar no assunto.

— De quanto tempo estás a falar?

— Não tenho a certeza. Talvez uma semana?

A Jamie dá um assobio.

— Pode haver alguma reação negativa em relação à calendarização.

— Eu sei. Se decidir antes, aviso-te, mas quero demorar o tempo que for necessário e pensar bem nisto.

No entanto, sinto que já tomei a minha decisão.

Regressar à minha casa vazia solidifica a minha preocupação crescente em relação a voltar a viver em São Francisco. Distraio-me voltando à velha rotina de fazer o jantar, ver uma reposição de um dos meus programas preferidos e tomar um duche até cair com os dedos das mãos e dos pés engelhados, mas nada parece atenuar a dor que sinto no peito enquanto penso na situação em que me encontro.

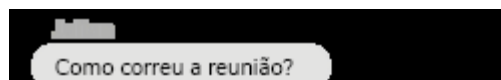
Eno-me na cama e espero que o sono me leve em breve, para me

salvar dos pensamentos incessantes que me passam pela cabeça.

De que serve voltares para aqui por causa de um programa se te vais sentir sozinha e miserável?

A dada altura nos últimos três meses, Lake Wisteria começou a parecer mais o meu verdadeiro lar, enquanto São Francisco se tornou mais numa memória distante.

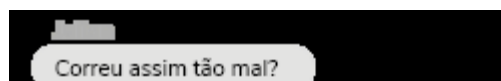
O telemóvel apita com uma nova mensagem. Tiro-o da mesinha de cabeceira



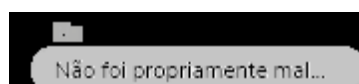
Como correu a reunião?



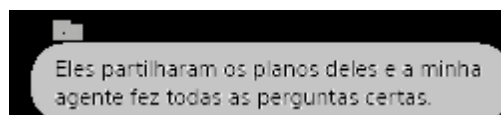
Bem.



Correu assim tão mal?



Não foi propriamente mal...



Eles partilharam os planos deles e a minha agente fez todas as perguntas certas.



Mas...

e vejo quem me enviou uma mensagem a esta hora.

Sinto um aperto no peito. Embora tenha mudado o nome de contacto dele há pouco tempo, ainda não estou totalmente convencida de que adoro a mudança.

Envio-lhe uma resposta rápida.

Não tenho tempo de escrever mais nenhuma resposta antes de aparecer uma nova mensagem dele.

Os meus dedos voam pelo ecrã.

Como não me consigo lembrar de uma resposta adequada que não aumente automaticamente as esperanças dele, não lhe respondo.

Um minuto depois, o meu telemóvel vibra com uma chamada. Fico indecisa entre atender a chamada do Julian e deixá-la ir para o correio de voz, antes de decidir con ar nos meus instintos e atender o maldito telemóvel.

— Olá.

— Olá. — O laivo de surpresa no tom de voz dele faz-me sentir pior do que é hábito.

— Como é que correu a reunião? — pergunta-me.

— Bem.

— Que resposta entusiasmante.

Deixo-me cair na cama, soltando um bu do.

— Queres falar sobre isso?

— Não sei. Passei a noite toda a pensar no assunto e não estou mais próxima de tomar uma decisão sobre o contrato de televisão.

— Tu? Indecisa em relação ao futuro? Não acredito.

Dou uma gargalhada.

— Juro que, normalmente, não sou tão indecisa.

— Vi-te a passares uma hora a decidir se querias pintar uma sala de branco casca de ovo claro ou branco casca de ovo escuro, que, por falar nisso, são a mesma cor.

— Isso não é verdade. Uma tinha um acabamento acetinado e a outra tinha um acabamento semimate, se não te importas.

A gargalhada rouca do Julian desperta uma sensação no meu baixo-ventre.

— Ultimamente, pensas demasiado em tudo, mas não há problema.

— Tu não és aquele tipo que esconde listas de prós e contras pela casa fora?

— Encontraste-as?

Olho xamente para o teto.

— Só por curiosidade, chegaste a alguma conclusão quanto à melhor marca de papel higiénico?

— Eu sabia que era um erro dar-te a chave de minha casa.

Desta vez, ambos nos rimos.

— Dahlia?

— Sim?

— Te amo.⁵⁹

Tudo para. O meu coração. Os meus pulmões. A minha capacidade de falar.

— Não estou à espera de que me digas o mesmo, mas não queria que passasse mais um dia sem que o ouvisses. — A conexão dele puxa todos os os do meu coração.

O tipo de amor altruísta e discreto do Julian é o amor que passei anos a procurar e nunca encontrei — até agora.

O Julian não foi o único a viver um apagão de dez anos.

Eu também o vivi.

Luto contra os meus canais lacrimais e perco a batalha com uma fungadela.

— Não chores.

— Não estou a chorar... — A minha voz estremece.

— Parece-me que estás.

— Cala-te e diz isso outra vez.

— Parece-me...

— Não. A outra coisa.

— Não chores?

Se ele estivesse aqui, apagava-lhe o sorriso do rosto enchendo-o de beijos.

Que festa?

Pensava que era por causa disso que querias reunir-te com a Archer esta semana em vez de na próxima.

O meu convite deve ter-se perdido no correio.

Merda. Estás na lista de quem tem de confirmar a presença.

— Esquece! — bufo.

— Amo-te. Boa noite — repete antes de desligar o telemóvel.

Depois da conexão do Julian não consigo adormecer, portanto, dedico-me a obcecar-me com a nossa conversa até a ter reproduzido cem vezes.

Sei com todas as bras do meu ser que o Julian me ama e já está na altura de lhe mostrar que sinto o mesmo, ainda que isso signifique voltar a pôr o meu coração em risco. Sentir o amor do Julian por um momento que seja é muito melhor do que passar uma vida inteira sem ele, a pensar no que poderia ter acontecido se lhe tivesse dado uma hipótese.

No dia seguinte, o meu telemóvel apita com uma mensagem da minha agente a perguntar-me se vou à festa deste sábado.

A Jamie anexa uma fotografia da quinta festa anual de pós-produção dos Creswell.

O telemóvel vibra com uma chamada.

— Olá, Jamie.

— Eles que se lixem!

Fico de olhos completamente arregalados.

— Não sabias disto?

— Quer dizer, fui a essas festas no passado, mas pensei que este ano, depois de tudo o que aconteceu, não iriam dar uma festa.

— Que grandes imbecis. — Oiço a fúria dela pelo telemóvel.

— Não faz mal.

— Não, claro que faz! Fizeram isto de propósito para te embaraçar.

— Só se eu os deixar.

Oiço-a andar para trás e para diante, com os saltos a bater no chão.

— Não estás a pensar ir, pois não?

Mantenho-me em silêncio.

— Dahlia, não podes estar a falar a sério. Evoluíste tanto desde a primeira vez que nos conhecemos. Não precisas de pôr esse progresso em risco.

Da primeira vez que me encontrei com a Jamie, fui-me abaixo no gabinete dela depois de lhe contar a história de como o meu agente anterior tinha desistido de mim enquanto cliente. Nessa altura, estava deprimida, mas não sabia, e a minha falta de controlo em relação às minhas emoções estava no fundo do poço.

Mas olha para ti agora.

— Quero mostrar-lhes que não deram cabo de mim. — Podem quase ter conseguido fazê-lo, mas ainda estou aqui, a lutar por mim mesma e pelo futuro que mereço.

— Queres que eu seja a tua acompanhante?

Re ito naquilo por uns segundos antes de pensar melhor.

— Na verdade, já tenho um acompanhante.

— É um borracho?

— Sem dúvida! — respondo-lhe antes de dar uma gargalhada.

— Inteligente?

— Irritantemente inteligente. — FRANZO o nariz.

— Por favor, diz-me que é rico.

— Faz com que a herança do Oliver pareça dinheiro para brincar.

A Jamie assobia.

— Fico contente por ti. Parece alguém a não deixares fugir.

Eu sei, e chegou a altura de dizer isso ao Julian.

59 Te amo: Amo-te.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Julian

O meu telemóvel toca, interrompendo-me a meio do corte de um bloco de madeira.

— Dahlia? — pergunto assim que atendo.

— Ouve, quero que saibas que podes recusar, mas tenho um pedido louco para te fazer...

— Conta comigo.

A gargalhada dela é o som mais doce do mundo.

Recompõe-se antes de dizer:

— Ainda não ouviste o pedido.

— Preciso de ouvir?

A Dahlia resmunga qualquer coisa entre dentes, que não percebo.

— O que é? — Franzo o sobrolho.

— Os Creswell vão dar a sua festa anual de natal da pós-produção e, convenientemente, eu fui parar à lista de pessoas que têm de comparecer à presença.

Não sou minimamente surpreendido. Com a comunicação social a apoiar a Dahlia depois do casamento abrupto do Oliver em Las Vegas e do desastre que foi a última temporada do programa deles, os Creswell estão a precisar de fazer muito controlo de danos.

— Quando é? — Atiro o poste de madeira para o lado e começo a

limpar a bancada.

— Amanhã à noite.

— Estarei aí logo de manhã. Queres que leve um smoking ou um fato?

— Julian.

— Boa escolha. Vou pôr os dois na mala e podes escolher o que preferires. —

Limpo as mãos cobertas de serradura à camisa.

— Queres mesmo ir?



— Tu estás a pensar ir?

— Sim — replica após uma pequena pausa.

— Nesse caso, sim, quero ir.

— Obrigada — murmura antes de desligar.

Da última vez que estive em São Francisco, mal tinha dinheiro para pagar um bilhete de avião em classe económica para ir passar as férias a casa e, no entanto, aqui estou agora, a estacionar o meu jato privado numa faixa de aterragem isolada.

O Sam ganhou um belo bónus de Natal por encontrar um piloto à última hora e por me alugar um Ferrari vermelho que vale mais do que todos os meus automóveis juntos.

Estaciono o carro à porta de casa da Dahlia antes de desligar o motor e sair. O

estilo vitoriano condiz na perfeição com a Dahlia, com os frisos de madeira branca, a parte lateral azul e aquelas janelas salientes que ela tanto adora.

Subo os degraus, passo por cima do tapete gasto que diz «Mi casa es tu casa»

e todo à campinha.

— Um momento!

A porta abre-se uns minutos depois.

A Dahlia esfrega os olhos para afastar o sono.

— Vieste.

— Disse-te que viria. — Ponho-lhe o braço em volta da cintura e colo a boca à dela, beijando-a como sonhei fazer desde que ela se foi embora de Lake Wisteria há quatro dias.

O beijo torna-se rapidamente castigador enquanto descarrego a frustração e preocupações nos lábios dela, sugando-os e mordendo-os até a fazer sibilar.

Afasto-me e encosto a testa à dela.

— Tive saudades tuas.

— Não passou sequer uma semana desde a última vez que te vi.

— Quatro dias são demasiado tempo.

— És carente.

— A quem o dizes.

A Dahlia boceja.

— Quando disseste que chegavas de manhã, achei que fosse mais tarde.

— Pensei que podíamos passar o dia juntos.

— O que é que tens em mente?

— O que quiseses.

— Pequeno-almoço, sem dúvida.

— Sim, por favor. — A minha barriga ruge em con rmação.

— Pedicures?

— Pode ser? — Faço uma careta.

A Dahlia bate palmas.

— Compras?

— Já estava a contar com isso.

A pura felicidade que irradia da Dahlia faz com que ter-me levantado tão cedo tenha valido a pena.

Agarra-me nas mãos e puxa-me para dentro de casa antes de fechar a porta atrás de mim.

— Dá-me uns minutos para me vestir. Podes bisbilhotar à vontade.

Tenciono aproveitar a oportunidade, mas uma caixa fechada ao lado da porta faz-me parar.

— Tenho estado a pensar em devolver-lhe as coisas.

— Enganaste-te na morada. O código postal do inferno é seiscentos e sessenta e seis.

A Dahlia põe os braços em volta da minha cintura.

— Ainda só chegaste há dois minutos e já me estou a sentir melhor em relação a tudo.

— Vou encontrar mais alguma coisa do Oliver espalhada pela casa?

— Não. Isto sempre foi a minha casa, apesar de ele detestar a ideia de vivermos separados.

— Lembra-me de agradecer à tua mãe por se opor a tu viveres com alguém antes do casamento.

— Tenho a sensação de que, um dia, te vais arrepender dessa a rmação.

— O que...

O toque do telemóvel desperta-lhe a atenção e a Dahlia sobe as escadas a correr, deixando-me sozinho. A paleta de cores quentes, os soalhos de madeira maciça e a mistura de mobiliário e texturas combinam na perfeição com o estilo da Dahlia, embora as caixas de cartão espalhadas por todas as divisões pareçam deslocadas.

A luz natural entra pelas janelas, realçando as molduras penduradas numa linha reta. Cada uma tem um desenho diferente.

A orista da mãe dela. A casa do fundador. A atual sala de estar, com diferentes artigos da sua coleção de decoração.

— Estás pronto?

Viro-me e vejo que a Dahlia está vestida para enfrentar o tempo frio lá de fora.

— Vais mudar de casa? — Aponto para um monte de caixotes ao lado dela.

— Sim.

— Para onde? — Sinto um aperto na barriga.

— Não tenho a certeza se já ouviste falar dela, mas há uma pequena cidade no Michigan chamada Lake Wisteria...

— O quê?! — Devo ter ouvido mal.

— Eu disse-te que era pequena.

— Vais voltar para casa?

— Vou.

— Porquê?

— Recusei o contrato com a Archer Media.

— Porquê? — Pestanejo algumas vezes.

— Não me pareceu a coisa certa.

— Então e o teu programa?

A Dahlia encolhe os ombros.

— Quando o contrato certo surgir, saberei.

— Sem dúvidas?

— Sim. Nunca tive tanta certeza em relação a nada.

Ponho-lhe as mãos em volta das ancas e puxo-a para mais perto de mim.

— Mas não precisas de voltar para Lake Wisteria. Podíamos continuar a viver aqui...

A Dahlia põe os braços em volta do meu pescoço e puxa-me para mais

perto dela.

— Não quero viver em São Francisco.

— Mas...

— Julian?

— Sim?

— Te amo también. — Levanta-se em bicos dos pés e cola a boca à minha.

Um arrepio percorre-me as costas quando a Dahlia aprofunda o beijo. As nossas línguas fundem-se uma na outra, digladiando-se até carmos ambos sem fôlego.



A Dahlia afasta-se, dando uma gargalhada.

— Que me dizes a pirarmo-nos daqui?

— Onde queres ir primeiro? — Tiro as chaves do carro do bolso traseiro.

— Aos nossos velhos sítios favoritos.

— Vai à frente. — Faço um gesto em direção à porta de casa.

Saímos para a rua e a Dahlia tira as chaves da carteira para trancar a porta.

Carrego no botão do porta-chaves e o Ferrari apita.

A Dahlia ca de olhos arregalados.

— Deixas-me conduzir?

— Força! — Atiro-lhe o porta-chaves.

Quase o deixa cair, mas dá um salto no último segundo e apanha-o.

— A sério?

— Claro. É alugado. — Abro-lhe a porta do condutor.

A Dahlia regula o banco para a altura dela.

— Mas vamos concentrar-nos em não ter acidentes hoje. — Salto para o banco do passageiro e aperto o cinto de segurança.

A Dahlia põe os óculos escuros, ajusta o retrovisor e começa a conduzir estrada abaixo, fazendo os pneus derrapar e o meu coração saltar por causa disso.

— É tão bom quanto te lembravas? — pergunta-me a Dahlia.

Bebo mais um gole de café gelado.

— Não é mau.

— Não é mau? É o melhor! — Pega na minha palhinha e dá um gole.
— É

delicioso e recuso-me a aceitar qualquer outra resposta.

— É a nostalgia que te está a fazer pensar assim. — Ponho-lhe o braço em volta do corpo e puxo-a contra mim enquanto olho para a Torre Hoover. —

Parecia muito mais alta quando éramos caloiros.

A Dahlia dá uma gargalhada.

— Tudo neste campus parecia grande e assustador.

— Durante o primeiro ano, estavas com tantas saudades de casa que quei convencido de que ias pedir transferência para uma universidade local.

— Só sobrevivi por causa de ti.

— Ajudámo-nos mutuamente quando éramos caloiros, mas sobreviveste aos outros três anos sozinha.

A Dahlia encolhe um dos ombros.



— Acabei por começar a gostar de São Francisco.

— Por falar em São Francisco, onde queres ir a seguir?

— Lembro-me de alguém ter falado em compras.

Tiro a carteira do bolso e pego no cartão dourado.

— Compra o que quiseres para esta noite.

— Ia usar um vestido que já tenho... — Tira-me o cartão da mão. — Mas já que insistes!

O calor espalha-se pelo meu peito como um inferno, consumindo-me.

É engraçado que tenha passado dez anos a procurar alguém que me zesse sentir uma fração daquilo que a Dahlia me faz sentir, apenas para acabar aqui, com esperança de poder passar o resto dos meus dias com ela.

Apesar de ter sido eu a pagar a dispendiosa conta da boutique, a Dahlia só me deixa ver o vestido quando chega a altura de sairmos para o evento.

Oíço os saltos dela a bater nos degraus, mas só me viro quando a Dahlia para no patamar.

A minha vista afunila até só a ver a ela.

— Preciosa.

Desde o cabelo e a maquilhagem perfeitamente arranjados até ao vestido de seda, a Dahlia parece que vale mil milhões. Dá uma pequena volta e o tecido do vestido utua à volta do corpo dela, mudando de cor com a luz.

— Lembra-te disto quando receberes a conta do cartão de crédito no m do mês.

Agarro-lhe a mão e faço-a rodopiar novamente, recebendo a melhor das gargalhadas em resposta.

— Quem é o estilista?

— Porque é que perguntas?

— Porque quero comprar um de cada cor em vez de me queixar do preço. —

Estendo o braço para ela mo dar. — Tens a certeza de que queres ir à festa?

— Tenho. — Dá-me o braço e dirigimo-nos para a porta.

— Só queria ter a certeza. — Ajudo-a a sentar-se no banco do passageiro do Ferrari antes de me sentar ao volante.

— Podes pôr música?

— Estás virada para a playlist Stressada e deprimida ou para a Que se lixem as canções de amor?

— Para a última, sem dúvida.

Arranco em direção à mansão dos Creswell, com música rap a sair das colunas. A propriedade deles situa-se na melhor zona da cidade, onde o terreno custa quase tanto quanto as almas das pessoas que lá vivem.

A equipa de empregados de estacionamento apressa-se a abrir-nos as portas e a ajudar a Dahlia a sair do carro. Quando estico a mão para o braço dela, estremece.

— Ainda tens a certeza de querer fazer isto? — pergunto-lhe novamente.

Nota-se uma mudança visível quando a Dahlia endireita os ombros e levanta o queixo.

— Sim, tenho a certeza.

Roubo-lhe um beijo antes de ela me empurrar com uma gargalhada e se queixar de que lhe estrago o batom.

— Estou aqui para ti.

— Podes prometer-me uma coisa? — Levanta o indicador.

— O quê?

— Quando vires o Oliver, por favor, não lhe dês um soco.

— Queres ser tu a fazer as honras?

— Não. Passar uma noite numa cela de prisão contigo foi su ciente para me durar a vida inteira.

Levo a mão dela à minha boca e beijo-a.

— Prometo não lhe dar um soco.

Por mais que queira fazê-lo.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Dahlia

-Dahlia! — Um dos membros da equipa de Imagens, a Reina, chama o meu nome e, quando me viro, vejo que ela, a Hannah e o Arthur estão a acenar para mim.

— Quem são? — O smoking do Julian toca-me nas costas quando me murmura ao ouvido.

— Fazem parte da equipa que trabalha nos bastidores.

— Gostamos deles? — O facto de o Julian pôr ênfase na palavra gostamos arrepia-me.

— Sim, gostamos muito deles. — Embora, nos últimos seis meses, não me tenha mostrado muito boa amiga. Eles tentaram, mas para mim era mais fácil controlar a minha depressão afastando-me da vida que tinha antes.

Puxo a mão do Julian e levo-o para junto da velha equipa, onde sou rapidamente afastada dele e puxada para um abraço de grupo.

— Tivemos saudades tuas! — diz-me a Hannah, a minha maquilhadora, que usa madeixas roxas e um piercing na língua, antes de a Reina, uma Barbie de Malibu em tamanho real, me puxar para um segundo abraço. — Não respondeste a muitas das nossas mensagens.

— Estava... — Coro.

— A ouvir música country? — Os olhos perspicazes da Hannah cruzam-se com os meus.

— Exatamente.

— Nós compreendemos. Os rapazes são terríveis. — O Arthur, o cabeleireiro do programa, avalia as minhas raízes espigadas. — Estás a precisar de um corte.

— Já me vou embora amanhã, se não perguntava-te se tinhas tempo.

— Podemos car mais uns dias, se quiseres — propõe o Julian.

— E quem é este tipo bem-apegoado? — O Arthur põe-se a galá-lo.

Não o posso censurar por car deslumbrado, uma vez que tive a mesma reação há pouco, quando o Julian saiu do meu quarto de visitas com um smoking feito à medida.

— Sou o namorado dela, o Julian. — Estende a mão, mas o Arthur afasta-lha e dá-lhe um abraço.

— Ouviram isto? — Vira o Julian para o outro lado e exhibe-o como se fosse um leiloeiro. — A Dahlia tem um namorado!

— Queres que te dê um microfone, para que todas as outras pessoas da festa saibam que a Dahlia tem um namorado? — pergunta-lhe a Hannah.

— Namorado?

Os pelos dos meus braços eriçam-se quando rodo sobre os calcanhares e me deparo com o Oliver parado ali perto, boquiaberto, de bebida na mão e com a reluzente aliança de casamento no anelar esquerdo. Em tempos, achei-o bonito, mas agora sinto-me maldisposta com a presença dele.

Pre ro as náuseas a um coração partido, portanto, vou encarar esta reação como uma vitória.

A Olivia, que está parada ao lado do meu ex, com um lindíssimo vestido de tule e um espantoso anel de diamantes semelhante ao que eu tive antes, mantém -se calmamente calada, embora a apanhe a baixar ligeiramente o queixo na minha direção, num reconhecimento silencioso.

O Julian põe o braço em volta da minha cintura, afastando o desconforto ao acariciar-me a anca com o polegar. Enquanto ele procura confortar-me, o Oliver nunca se teria dado ao trabalho de o fazer, isto porque, em primeiro lugar, o meu ex nem sequer se teria dado conta do meu desconforto. Como poderia fazê-lo quando estava sempre concentrado em impressionar todas as outras pessoas que estavam na sala?

Pensar que, em tempos, o comparaste ao Julian...

Ponho a minha mão por cima da do Julian e aperto-lha.

— Julian? — O Oliver está boquiaberto.

— Oliver.

O maxilar acentuado do meu ex cerra-se com força.

— Não fazia ideia de que estavam juntos.

— Eu teria dado o nome dele como meu acompanhante na resposta ao convite, se tivesse efetivamente recebido um convite.

O rosto do Oliver perde a tonalidade dourada.

— Em relação a isso, a minha mãe...

— Está aqui mesmo! — A senhora Creswell chega, com o seu cabelo loiro

perfeitamente penteado e o sorriso enganadoramente doce, enquanto o marido vem atrás dela, enchendo a boca de aperitivos e olhando para todo o lado menos para a mulher.

— Dahlia. — Estende-me os braços, mas ignoro-a.

O Julian faz um ruído baixo que se assemelha imenso a uma gargalhada.

A senhora Creswell baixa os braços.

— Fico muito contente por teres vindo.

— Tenho a certeza que sim, visto que aceitou o convite em meu nome.

O pai do Oliver engasga-se com um pedaço de chupa-chupa de borrego.

A senhora Creswell junta as mãos.

— Bem, estamos muito entusiasmados por te ter aqui para a festa de pós-produção de m de temporada.

— Ah, sim?

O olho direito dela estremece.

— Claro. És uma das razões pelas quais o programa teve tanto sucesso.

— Ela foi a razão — comenta o Julian asperamente.

O grande pestanejar da senhora Creswell é muito incaracterístico.

— E o senhor é?

— Julian Lopez. O meu ex-companheiro de quarto e novo namorado da Dahlia. — O Oliver consegue manter o tom desdenhoso no mínimo.

— Já tens um namorado novo? Que rápida.

— Tenho a certeza de que o Oliver pode falar em primeira mão da experiência que é conhecer a sua alma gémea, tendo em conta que cou noivo e casou no espaço de uma hora. — O Julian puxa-me para mais perto dele.

Provavelmente pressentindo a tensão, a senhora Creswell chama um operador de câmara para junto de nós, numa péssima tentativa de acalmar a situação.

— Oh, ótimo. Vamos tirar uma fotogra a para os jornais. Juntem-se todos.

O Julian puxa-me para o lado antes de o ash disparar, deixando os Creswell de olhos arregalados e de boca aberta.

— Diz as palavras e piramo-nos daqui — diz-me, segurando-me no queixo.

— Viste a expressão estampada no rosto dele agora mesmo?

Passa o polegar pelo meu lábio inferior.

— Vi.

— És o maior.

O Julian devolve-me o sorriso. Um ash dispara, capturando o nosso momento de intimidade.

O Julian espreita por cima do meu ombro.

— O Oliver está a detestar cada minuto disto.

— Numa escala de um a dez?

— Um nove, no mínimo.

— De certeza que conseguimos fazer melhor do que isso. Quero que

ele grite, chore e vomite, tudo ao mesmo tempo.

— És muito mazinha, mas amo-te por seres assim.

— Já te mostro o que é ser mazinha. — Agarro-o pelas lapelas do smoking e puxo-o para baixo para o beijar.

O Julian leva a palma da mão ao fundo das minhas costas e segura-me com força à medida que me beija com a mesma intensidade brutal. É um beijo apaixonado e possessivo, que faz o meu corpo formigar e a minha cabeça andar à roda enquanto as nossas bocas estão coladas.

O Julian dá tudo de si a cada beijo, fazendo-me sentir amada, admirada e apreciada.

É exatamente aquilo que eu quero de um companheiro e mais ainda, e mal posso esperar para ver onde esta nova fase da vida nos vai levar.

— Porra. Onde é que posso encontrar alguém que me beije assim? —

pergunta o Arthur num tom muito alto, fazendo-me car com as maçãs do rosto a arder.

O Julian põe-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

— Passei dez anos à procura, portanto, desejo-te a maior das sortes.

O Arthur abana a mão em frente do rosto.

— Se não casares com o Julian, caso eu.

— Volta a falar em casamento e vais ver o que acontece.

O Arthur levanta as mãos.

— Está bem, menina mazinha. Recolhe essas garras acrílicas antes que alguém se magoe.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Julian

A única altura em que deixo a Dahlia sozinha é para ir buscar duas bebidas.

Felizmente, tem algumas boas pessoas a fazer-lhe companhia, portanto, consigo esperar junto ao bar sem ter de me preocupar com

ela.

— O Oliver conseguiu a casa? — pergunta uma mulher ao meu lado.

— Conseguiu nalmente convencer o vendedor a fazer negócio e é suposto assinarmos o contrato na segunda-feira — diz uma voz delicada que deve ser da Olivia.

Ouvir o nome do Oliver faz-me car atento, mas tenho o cuidado de me manter de costas para as mulheres enquanto escuto a conversa.

— Por quanto é que vão vender?

— Oito milhões.

— És uma cabra sortuda! — exclama a outra mulher.

A Olivia dá uma gargalhada.

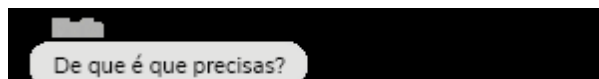
— Nunca pensei que conseguíssemos encontrar uma casa para venda em Presidio Heights, mas passámos por lá de carro um dia e apaixonei-me pelo lote da esquina da Rua Clay. O Oliver prometeu-me a casa como prenda de casamento.

— Onde é que posso encontrar alguém como ele? — pergunta a outra mulher entusiasticamente conforme eu abro a aplicação Dwelling no telemóvel e entro com as credenciais de administrador. Embora neste momento não haja casas disponíveis na Rua Clay, só há quatro lotes de esquina.

— É a casa de estilo edwardiano de que falaste antes? — pergunta a outra mulher.

— Não. Essa acabou por car na família. Esta tem mais um estilo europeu.

Só preciso de alguns cliques para encontrar a única casa que corresponde à descrição da Olivia. Abro o feed de mensagens com o Rafa e escrevo-lhe a pedir um favor.



Envio-lhe a ligação da Dwelling e um pedido, ao que ele me responde

com

«Dá-me vinte minutos».

Não demoro muito a encontrar a Dahlia e os amigos, visto que são os mais ruidosos da festa. Enquanto estive no bar, alguém puxou um dos aquecedores de exterior para mais perto da mesa, onde lança um caloroso brilho alaranjado sobre os quatro.

— Graças a Deus. — A Dahlia pega no coquetel sem álcool que lhe trouxe e bebe metade de um só trago.

— Estás com sede? — Dou uma gargalhada antes de beber um gole da garrafa de cerveja.

— Estou terrivelmente desidratada, obrigada por perguntares. — A Dahlia bate com o copo na minha garrafa. — Saúde. — Bebe outro gole antes de fechar os olhos e suspirar.

— O que é que estás a fazer?

— A enganar o meu cérebro para pensar que isto tem álcool.

— Se quiseses...

— Não. Eles não merecem que eu estrague os progressos que z. — Dá mais um gole na bebida conforme eu puxo uma cadeira e ponho o braço nas costas da dela.

Os amigos dela continuam a conversar sobre os novos programas para os quais foram contratados e sobre como nunca ninguém se irá equiparar à Dahlia.

Recosto-me na cadeira e aprecio as interações deles, que acabam todas com a Hannah, a Reina e o Arthur a discutir sobre qualquer coisa.

A felicidade da Dahlia irradia a cada sorriso, gargalhada e piada e sinto-me honrado por ela me ter convidado para a festa para a ver desabrochar diante da família que se esforçou ao máximo por a destruir.

Depois de uma das piadas do Arthur, a gargalhada da Dahlia é tão intensa que inclina a cabeça para trás, o que faz com que toda a gente olhe para ela, incluindo o Oliver.

Agarro as costas da cadeira dela com mais força enquanto lanço um olhar furioso ao Oliver.

A nossa troca de olhares é interrompida quando o bolso dele se ilumina com o



ecrã do telemóvel. Leva a mão ao bolso e pega no aparelho, franzindo o sobrolho para o ecrã.

Inclino-me para a Dahlia e murmuro:

— O que é que achas de unirmos forças e pregarmos partidas a outras pessoas, em vez de um ao outro?

— O que é que zeste? — A Dahlia arregala os olhos.

— Ouvi a Olivia dizer que o Oliver estava prestes a comprar uma casa em Presidio Heights, como prenda de casamento. — Inclino o queixo em direção a ele. A Dahlia vira a cabeça para o Oliver.

— O que é que quer dizer? A casa foi comprada por outra pessoa? — O

Oliver está a gritar para o telemóvel.

Algumas pessoas olham de relance para ele com expressões confusas.

— Prometeu-me que era minha. — Afasta-se na direção oposta, a bater os pés, mas para a meio caminho. — Dez milhões de dólares?

— Diz-me que não o zeste. — A Dahlia solta um ofego.

Ponho-lhe uma madeixa de cabelo solta atrás da orelha.

— Só por curiosidade, o que achas de casas cuja in uência arquitetónica é o Renascimento italiano?

— Desprezo-as totalmente, com todas as bras do meu ser.

— Perfeito. Eu também.

A gargalhada que sai dos lábios da Dahlia faz com que a casa valha cada centavo.

Mal tem tempo de recuperar o fôlego antes de me perguntar:

— Compraste realmente uma casa aleatória que ambos detestamos só para seres mesquinho?

— Não. Comprei uma casa aleatória que ambos detestamos só porque estou extremamente apaixonado.

Por insistência da Dahlia, somos nós que conduzimos a carrinha das mudanças cheia até cima de volta a Lake Wisteria, em vez de contratarmos uma empresa para fazer o serviço. Ela diz que tem demasiadas coisas valiosas, mas apercebo-me rapidamente do seu plano para prolongar a viagem o mais possível.

Três dias depois, estaciono a carrinha à porta de casa dos Muñoz, bocejando.

Eu e Dahlia saímos da carrinha, lutando contra o sono enquanto nos encaminhamos para a porta.

Agarro-lhe a mão e puxo-a para junto de mim.

— Podias mudar-te para minha casa.

— Desculpa, mas a minha resposta não mudou desde que me pediste isso há uma hora.

— Mas tenciono decorá-la para o Natal.

— A sério? — A Dahlia franze o sobrolho.

— Sim. Sou eu que vou fazer a posada⁶⁰ este ano, o que signi ca que me vais ajudar.

Ela dá uma gargalhada.

— É justo, depois de tudo o que zeste por mim durante a Ação de Graças.

— Por causa de tudo o que é preciso fazer, é provável que seja melhor que ques comigo. Por tempo indeterminado.

A Dahlia abana negativamente a cabeça.

— Está bem. — Dou um suspiro. — Vou respeitar o teu desejo de não vivermos juntos até nos casarmos.

— Partindo do princípio de que casamos, para começar.

Dou-lhe um pequeno toque no nariz.

— É amoroso pensares que tens escolha.

A Dahlia faz um som que é meio gargalhada, meio bu do.

— Céus. O que é que vou fazer contigo?

— Tenho algumas ideias. — Beijo-lhe as costas da mão esquerda.

— Dahlia! — A Rosa sai de casa a correr, de chinelos peludos e com a cabeça cheia de rolos de Velcro.

— Mami.

A Rosa puxa a lha para um abraço rápido e apertado antes de me rodear com os braços e me fazer car sem ar nos pulmões.

Parece que te perdoou o incidente da cadeia.

Depois, afasta-se.

— Trouxeste a nossa menina de volta a casa.

— A decisão foi inteiramente dela. A minha única função foi guiar a carrinha.

A Rosa olha para mim com olhos castanhos e brilhantes que me lembram imenso os da Dahlia.



— Fizeste muito mais do que isso.

A Dahlia vira costas e limpa a maçã do rosto.

— Estás a chorar? — Dou uma gargalhada.

Ela faz-me um pirete enquanto entra em casa.

— Detesto-te.

Há coisas que nunca mudam.

Quando ajudei o Callahan Kane a remodelar a casa dele no verão passado, com um prazo quase impossível, sabia que, um dia, lhe cobraria o favor que me cou a dever, mas não tinha planeado usá-lo para bene ciar a Dahlia.

O meu plano pode dar mau resultado, mas se isso signi car ajudar a Dahlia a conseguir um contrato para um programa de televisão que a

torne completamente feliz, então vou apelar ao homem que me deve um grande favor.

O Callahan Kane é um homem difícil de contactar. Todas as minhas chamadas vão para o voicemail, o que só piora a minha ansiedade a cada dia que passa.

Enquanto isso, concentro-me no meu projeto e em preparar-me para a época natalícia. A Dahlia ajuda-me a decorar a minha casa e retribuo o favor fazendo amor com ela debaixo da árvore de Natal e vendo alguns episódios da sua telenovela preferida.

O Sam quase não me telefona, o que me faz ter fé na capacidade do Ryder de me ajudar a gerir os Empreendimentos de Luxo Lopez. Sei que ele não me vai desiludir e o retorno que toda a gente me dá sobre ele apoia isso, portanto, estou a sentir-me mais con ante em relação a afastar-me um pouco e começar alguns projetos privados em conjunto com a Dahlia.

Volto a telefonar para o Callahan Kane pela segunda vez hoje e ele atende ao terceiro toque.

Não há dúvida de que os milagres se concretizam.

— Julian Lopez. A que devo este raro telefonema?

Pigarreio.

— Lembra-se daquele favor que me deve?

— Direto ao assunto. Isso agrada-me. Faz-me lembrar o meu irmão...

— Lembra-se do favor? — interrompo-o antes que comece a divagar.

— Porque é que não me refresca a memória?

Batuco com os dedos na bancada de trabalho.

— Remodelei a sua casa em troca de um favor à minha escolha.

— Ah, certo. Quer que eu o ponha em contacto com o Declan ou o Rowan?

— Quero falar com a pessoa responsável pelo departamento DreamStream da Empresa Kane.

— Quer reunir com o meu departamento de streaming para televisão?

Para quê?

Mantenho-me em silêncio.

— Porque é que um empreiteiro como o Julian... — Para de falar e faz um ruído de con rmação. — Ah. Acho que sei porquê.

— Pode ajudar-me ou não?

— Claro, mas primeiro tem de me responder a três perguntas.

— Quais? — pergunto-lhe.

— Este pedido para se reunir com o nosso departamento de streaming tem alguma coisa que ver com a Dahlia?

— Sim.

— Está apaixonado por ela?

— O que é que isso tem que ver...

— Responda à minha pergunta para eu compreender a gravidade da situação.

Este pendejo.

— Sim, estou apaixonado por ela.

— Ótimo. Isso signi ca que fará qualquer coisa para a ajudar.

— Qual é a última pergunta?

— Está livre esta noite?

— Esta noite?

— Sim, há algum problema?

— Não. — No entanto, vou ter de pensar numa boa desculpa para cancelar os planos para jantar com a Dahlia.

— Ótimo. Vá ter comigo ao aeroporto privado às sete horas.

Não faço a mais pequena ideia daquilo em que me estou a meter, mas sei que a Dahlia vale todos os esforços, incluindo aturar o Callahan Kane e o seu temperamento irritantemente alegre.

60 Posada: Festival de Natal mexicano para comemorar a história da natalidade.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Dahlia

O meu telemóvel ilumina-se quando o Ryder está a falar do prazo para o projeto de renovação de Lake Aurora.

— Peço desculpa. — Saio da sala de conferências e atendo a chamada da minha agente.

— Não vais acreditar com quem acabei de falar ao telemóvel! — guincha a Jamie.

Afasto o telemóvel da orelha para impedir que os meus tímpanos expludam.

— Com quem?

— Com a DreamStream!

— A subdivisão da Empresa Kane?

— Sim! Já ouviste falar deles?

— Há alguém que não tenha ouvido?

A Jamie dá uma gargalhada.

— É verdade. Bem, contactaram-me a perguntar se estás disponível para um programa que criaram.

— Foram eles que te contactaram?

— Eu sei. Estou tão chocada quanto tu. Não que tu não sejas fantástica, mas os contratos da DreamStream são fabulosos. Com uma empresa destas a produzir o teu programa, tornar-te-ias muito conhecida.

Encosto-me à parede antes que os meus joelhos cedam.

— Que tipo de programa estão a pensar fazer?

— Bem, essa é a melhor parte. Estão dispostos a fazer o que tu quiseres e onde quiseres, desde que os deixes produzi-lo e transmiti-lo

em streaming.

— Estás a gozar! — Um contrato destes parece demasiado bom para ser verdade.

Provavelmente porque é.

Não. Elimino os pensamentos ansiosos antes que tenham tempo para se

espalhar.

No entanto, ainda assim, há algo nesta proposta que parece demasiado conveniente.

O que é que isso importa? Se eles estão dispostos a permitir que assumas total controlo criativo do programa, isso tem alguma importância?

Mas não consigo deixar de perguntar a mim mesma como é que uma proposta destas surgiu.

— Quem é que te contactou? — pergunto-lhe.

— O Declan e o Callahan Kane — replica sem hesitação.

— Os dois?

— Sim. O Callahan Kane está a fazer trabalho de consultoria com a DreamStream. Disse que descobriu que tinhas uma proposta para um programa através de alguém da cidade e que sabia que o irmão iria querer estar envolvido, uma vez que a mulher dele é tua grande fã.

Alguém da cidade?

Não demoro mais de alguns segundos a perceber tudo.

C'um caraças. Isto está mesmo a acontecer.

Devo ter dito as palavras em voz alta, porque a Jamie dá uma gargalhada e diz:— Sim, está.

Dou uma palmada no peito para fazer com que os meus pulmões voltem a funcionar.

— Quando podemos reunir com eles para tratar de tudo?

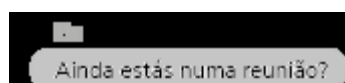
A Jamie começa a descrever-me a proposta de maneira mais pormenorizada e oiço-a diligentemente, com o entusiasmo a aumentar a cada minuto que passa.

Dez minutos depois, desliga a chamada com a promessa de me enviar o contrato revisto assim que esteja pronto.

Agora preciso de encontrar o tal alguém da cidade responsável por tudo isto e tenho a forte sensação de saber onde está.

Quando decidi voltar para Lake Wisteria, estava à espera de que o Julian retomasse o seu cargo habitual na empresa, mas quei surpreendida quando ele se manteve el ao seu plano original. Agora, só vai ao escritório três vezes por semana e passa o resto do tempo a administrar as construções e a ajudar nos estaleiros.

Além disso, estamos a tratar da casa de Lake Aurora juntos, como colíderes do projeto.



Já não o via tão feliz desde... bem, desde sempre.

Abro o nosso feed de mensagens e escrevo ao Julian.

Responde-me uns segundos depois.

Dirijo-me para o gabinete do Julian e só paro para cumprimentar o Sam antes de entrar na sala privada e fechar a pesada porta atrás de mim.

O Julian recosta-se na cadeira.

— Pensei que tínhamos combinado não nos ver até à hora de almoço.

Era um esforço meritório para conseguirmos fazer o trabalho que precisávamos de fazer antes das férias de Natal da próxima semana, mas o Julian deu cabo desse plano assim que interveio na minha vida.

Desprezo a cadeira que está à frente da secretária e sento-me no colo dele. O

Julian põe o braço à minha volta e ponho o meu em volta do seu pescoço antes de colar a minha boca à dele.

O Julian geme quando deslizo a língua pela dele, fazendo-o estremecer ligeiramente. Enterra os dedos nas minhas ancas enquanto aprofunda o beijo.

Por mais vezes que ele reclame a minha boca, os meus dedos dos pés encaracolam-se e sinto um arrepio nas costas como se fosse a primeira vez.

Passado um minuto, o Julian afasta-se relutantemente.

— Por mais que adore esta visita inesperada, tenho uma chamada daqui a dez minutos.

Limpo a marca de batom que lhe mancha o canto da boca.

— Não há problema. Só te queria agradecer.

— Agradecer o quê?

— O que quer que tenhas feito para eu conseguir um contrato com a DreamStream.

Fica com os braços tensos.

— Eu não z...

Encosto-lhe um dedo à boca.

— Não me mintas nem te faças de namorado humilde. — É a primeira vez que lhe chamo meu namorado e o choque no rosto dele faz com que a espera tenha valido a pena.

— Namorado?

— Não deixes que o título te suba à cabeça.

— É um bocadinho tarde de mais para isso. Tem validade vitalícia?

Dou-lhe um beliscão entre as costelas, fazendo-o saltar.

— Começa a falar, se não... — Estico a mão para repetir o beliscão, mas ele prende-a contra a coxa.

— Queria que tomasses a decisão que fosse melhor para ti e não uma

que se baseasse na in uência que eu tive no processo.

— Nesse caso, admities que interferiste?

— Se por interferir queres dizer que simplesmente me certi quei de que a pessoa certa sabia da tua disponibilidade e interesse em lmar um novo programa, então sim, sou culpado disso.

— Eu sabia! — Dou-lhe uma palmada no ombro.

— Como é que descobriste?

— Bem, foi só um palpite, mas foi um bom palpite, tendo em conta a tua ligação ao Callahan Kane e o facto de seres a única pessoa da cidade que sabia que eu tinha uma proposta para um novo programa.

— Ele devia-me um favor. — As pontas das orelhas dele cam coradas.

— E usaste-o para mim?

— Sei o quanto gostarias de ter o teu próprio programa.

A família Kane raramente ca a dever favores, portanto, o facto de o Julian usar o dele para fazer a proposta para o meu programa é muito importante para mim.

Sinto um aperto no peito.

— Não acredito que me conseguiste um contrato com a DreamStream.

O Julian segura a minha cabeça entre as palmas das mãos.

— A única coisa que z foi falar com o Declan e contar-lhe a tua ideia para um programa. O facto de a empresa dele te oferecer um contrato deve-se exclusivamente a ti e aos teus anos de trabalho árduo. — Faz uma pausa. — E, provavelmente, ao facto de a mulher do Declan Kane talvez ser a tua segunda maior fã.

— Quem é o primeiro?

— Estás apaixonada por ele. — Passa-me os dedos pelo cabelo e rouba-me outro beijo.

O telemóvel pousado na secretária toca e afastamo-nos com um gemido.

— É melhor atender.

Passo os lábios pelos dele.

— É melhor.

O Julian suspira.

— Não tornes isto mais difícil para mim.

Passo-lhe a mão pela braguilha das calças.

— Não tenho a certeza de que isso seja possível.

— Dahlia — geme enquanto lhe passo os dedos pela glande.

O telemóvel torna a tocar e saio de cima do colo dele. O olhar escuro do Julian percorre-me o corpo conforme me dirijo para a porta e sinto a mesma vaga de borboletas na barriga que parece nunca desaparecer, aconteça o que acontecer.

— Vemo-nos daqui a uma hora. — Olho de relance por cima do ombro.

— Conta com meia hora. E despe a roupa interior.

— Combinado.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

Julian

Uma semana depois

Pela primeira vez, a noite de Natal foi comemorada em minha casa, com a ajuda da minha mãe e da Dahlia. A última vez que tínhamos estado todos juntos em minha casa no Natal fora antes da morte do meu pai, portanto, quei um bocadinho assoberbado quando toda a gente invadiu a minha cozinha logo de manhã cedo, com as coisas necessárias para fazer tamales.

A preparação da comida é uma produção que dura o dia inteiro, cheia de música, risos e demasiadas história embaraçosas sobre as nossas infâncias.

Quando acabamos de jantar e o relógio dá a meia-noite, um Nico impaciente arrasta-nos a todos para a sala de estar para abrir os presentes.

O meu a lhado destrói o papel de embrulho mais depressa do que um super -

herói, revelando o seu presente. Solta um guincho antes de saltar para os meus braços.

— És o melhor tio de sempre!

A Dahlia apanha do chão os passes VIP para os bastidores da Fórmula 1.

— Bela escolha.

— Tu podias ter sido a melhor madrina de sempre — digo-lhe, metendo-me com ela.

Quando lhe falei em dividirmos a prenda do Nico este ano, a Dahlia bufou e disse-me que não lhe passava pela cabeça poupar dinheiro com o a lhado.

«Agora podemos ser namorados, mas isso não significa que vamos deixar de lado a nossa competição em breve», disse-me.

Devia ter contado com uma resposta destas da parte dela depois de termos passado oito anos a tentar suplantar-nos um ao outros com os nossos presentes, mas, ainda assim, quei surpreendido.

A Dahlia dá-me um toque com a anca.

— Não me descartes da competição para já.

Não sei como é que ela vai ultrapassar o meu presente. Depois de ter passado um mês a ouvir o Nico falar do seu piloto mexicano preferido, o Elías Cruz, tive a certeza de que tinha de lhe oferecer passes VIP para os bastidores como prenda de Natal. Embora só se interesse por Fórmula 1 há relativamente pouco tempo, graças à ama, a Ellie, que vê as corridas religiosamente, o Nico tornou-se rapidamente num superfã.

— Boa sorte para fazeres melhor. — Dou um beijo na cabeça da Dahlia antes de me sentar no sofá.

— Também comprei passes para ti e para a Ellie. — Atiro ao Rafa o presente que mantive escondido atrás do sofá até o Nico abrir o dele.

— Um passe para a Ellie? Porquê? — O Rafa faz um esgar.

— Hum...porque o Nico disse que ela vai fazer a viagem de verão convosco?

A veia do pescoço do meu primo parece prestes a explodir enquanto olha xamente para o lho.

— Isto é verdade?

— Disseste que eu podia fazer o que quisesse. — O Nico põe o cordão com o cartão VIP ao pescoço.

— Disse que podias fazer o que quisesse, não disse que podias convidar quem quisesse.

— Quero fazer coisas xes com a Ellie, portanto, ela tem de vir. Duh! — O

Nico faz uma pose ao meu lado enquanto a minha mãe nos tira uma fotogra a.

— O teu lho apanhou-te! — A Lily dá uma gargalhada.

O olho do Rafa estremece quando tira mais dois passes para os bastidores do saco das prendas e resmunga um rápido obrigado. Toda a gente sabe que ele vai concordar com o que quer que o Nico queira, desde que isso faça o lho feliz, incluindo levar a ama numa viagem à volta do mundo que vai durar o verão inteiro, mesmo que deteste cada segundo da experiência.

— Não tens de agradecer os bilhetes. Não te esqueças de nos enviar fotogra as e vídeos do Nico e da Ellie a passar-se. — Pisco-lhe o olho.

O Rafa esfrega a sobancelha com o dedo do meio.

— Por favor. Não discutam na noite de Natal. — A minha mãe dá uns estalinhos com a língua.

— Desculpa, mãe — dizemos eu e o Rafa ao mesmo tempo.

— É a minha vez! — anuncia a Dahlia conforme dá uma pequena caixa

embrulhada ao Nico. — Toma.

— Obrigado! — O Nico arranca entusiasticamente o papel de embrulho às riscas vermelhas e brancas antes de dar um grito.

— O que é? — O Rafa inclina-se para a frente para ver os bilhetes que o Nico agarra com toda a força.

O meu a lhado atira os braços para o pescoço da Dahlia e abraça-a até ela car quase roxa com falta de oxigénio.

— Calma. — Afasto-o dela. — O que é que a tua madrinha te deu?

— Bilhetes para um concerto da banda Duke Brass!

— O quê?! — A minha mãe ofega.

— Uau. — A Lily está boquiaberta. — Bela maneira de nos envergonhares.

Merda. Estes bilhetes são impossíveis de obter. Eu próprio tentei arranjar dois para o Nico, sem sucesso.

— Como é que conseguiste? — O Rafa continua de olhos arregalados.

— Conheço um tipo. — A Dahlia encolhe os ombros.

— Que órgão é que vendeste?

— Um de que não preciso.

— É bom que estejas a gozar — murmuro ao ouvido da Dahlia.

Ela nem pestaneja.

— Há uma razão para termos nascido com dois rins, Julian.

— Dahlia.

Encolhe os ombros e lanço-lhe um olhar furioso.

A Dahlia dá-me um encontrão.

— Um tipo da iluminação que trabalhou no meu programa agora faz parte da equipa de produção da digressão, portanto, entrei em contacto com ele e implorei-lhe que me arranjasse dois bilhetes.

— É o melhor presente de sempre! — O Nico começa a saltar e a abanar os braços.

A Dahlia pisca-me o olho várias vezes.

— Oh. Podias ter sido o melhor padrinho [61](#) de sempre, mas não foste.

Não precisei da tua ajuda.

Encosto os lábios à orelha dela e sussurro:

— Continua a falar assim e vou pôr-te o rabo igual ao papel de embrulho que escolheste.

A Dahlia ca vermelha como um tomate, o que desperta a atenção da minha

mãe quando nos tira uma fotografia.

— É para o álbum de família! — diz-nos, a sorrir.

Toda a gente continua a abrir os presentes. De cada vez que pego num dos meus, a Dahlia anima-se, apenas para depois não conseguir esconder a desilusão quando o entrego a outra pessoa.

Só quando já quase todos os presentes foram abertos é que ela tira de debaixo da árvore uma caixa com o meu nome escrito num cartão.

— Toma. É o meu presente para ti.

— Compraste-me um presente?

— Sim. — A Dahlia ca com as maçãs do rosto coradas.

Tiro cuidadosamente o papel de embrulho, demorando-me a fazê-lo só porque adoro a rara mostra de timidez da Dahlia.

— Não é nada de especial — comenta enquanto dobro o papel de embrulho num quadrado perfeito para reciclar.

— Importas-te de te despachar? Alguns de nós querem ir para a cama antes de o Pai Natal chegar — anuncia a Lily.

— Sim! — O Nico dá-lhe um high ve. — Ela tem razão!

— Está bem. — Dou uma gargalhada conforme abro a tampa da caixa e levo a mão ao interior. — O que é que me... — Paro de falar quando puxo o presente para fora.

Vejo duas diferenças essenciais entre o troféu de Segundo Melhor que a Dahlia me deu de presente quando acabámos o secundário e este. A primeira é que este troféu é muito maior e a segunda é que a placa tem uma inscrição diferente.

Primeira Escolha.

— Gostas? — A Dahlia olha para mim.

Luto contra o aperto que sinto na garganta quando lhe digo:

— Adoro.

— Sei que, provavelmente, é um disparate, mas como guardaste o último...

— Não acaba a frase.

— É perfeito. — Ponho-lhe o braço em volta da cintura e beijo-a, o que me granjeia um som de vomitar por parte do Nico, uma série de oohs e aahs das nossas mães, um suspiro da Lily e o Rafa a resmungar qualquer coisa para si mesmo.

A Dahlia é a primeira a interromper o beijo.

— Quanto tempo achas que vai demorar até que eles parem de fazer isto sempre que nos beijamos?



— Têm quase uma década para compensar, portanto, acho que vão demorar pelo menos alguns anos a acalmar.

A Dahlia solta um gemido.

— Deus nos ajude.

— Isto outra vez? — Tira-me a venda preta das mãos.

Carrego no acelerador e conduzo em direção ao Bairro Histórico.

— Detestaria dar cabo da tua surpresa de Natal.

A Dahlia tem os joelhos a tremer quando põe a venda sobre os olhos.

Conduzo cuidadosamente a carrinha pelas estradas geladas que levam à casa do fundador, tendo atenção às curvas acentuadas e ao pavimento escorregadio.

A Dahlia só volta a falar quando a próxima canção termina.

— Devia ter adivinhado que tinhas planeado qualquer coisa depois de

me deixares de mãos a abanar.

— Achavas que eu não te tinha comprado um presente?

— Não sei, mas não me ia queixar depois de toda a história da DreamStream, que equivale a dez presentes num só.

Estaciono diante da casa do fundador e desligo o motor.

— Já te disse que o contrato com a DreamStream se deveu a ti e ao teu talento, não a mim.

Duvido que ela acredite em mim antes de se reunir pessoalmente com a equipa depois das férias de Natal, mas é bom salientar o sucesso dela sempre que volta a ser atingida por dúvidas em relação a si mesma.

A Dahlia espera dentro da carrinha enquanto dou a volta e lhe abro a porta do passageiro. Estremece encostada a mim quando a ajudo a sair para a noite fria.

Dou-lhe o braço e levo-a em direção à casa.

A Dahlia ena as luvas nos bolsos do sobretudo.

— Compraste-me outra casa?

— Não.

Tem os dentes a bater quando passamos o portão que leva ao pátio das traseiras.

— Um jato privado?

— Queres um?

A Dahlia dá uma gargalhada.

— Não, mas aposto que mo compravas se to pedisse.

Passo-lhe o dedo pela ponta do nariz, que está a car vermelha.

— Finalmente, estás a começar a entender.

— A quantidade de dinheiro que tens é inacreditável.

— E o amor que sinto por ti também, mas não te oiço a queixares-te.

— Pois não.

Ponho-lhe a mão no fundo das costas e empurro-a.

— Só mais uns passos. — Encaminho-a para o sítio perfeito e largo-a.

—

Agora, ca aí e não tires a venda.

— Está bem? — Sopra ar quente para as mãos conforme me apresso a ligar o interruptor de fora. Quando regresso, encontro-a exatamente onde a deixei.

Tenho os dedos a tremer quando lhe tiro a venda por cima da cabeça.

A Dahlia ofega.

— Julian!

En o a venda no bolso do casaco.

— O que achas?

A Dahlia dá uns passos em direção ao gazebo e estaca.

— Construístes isto?

En o as mãos nos bolsos da frente das calças de ganga.

— Sim.

A minha equipa pode ter-me ajudado a montar tudo, mas estive presente durante todo o processo.

— É fabuloso. — Estica a mão para tocar na coluna.

— Ainda bem que achas. — Subo os degraus e paro no meio da plataforma.

A Dahlia segue-me enquanto aprecia os pormenores.

— É exatamente igual ao que o Gerald desenhou para a Francesca.

— Fiz algumas alterações. — Passo os dedos por uma dália talhada na madeira, que teria sido uma rosa se tivesse seguido o desenho original do Gerald. Felizmente, a minha mãe teve uma ideia diferente, o que acrescentou um toque pessoal à peça.

— Adoro-o por muitos motivos, mas, sobretudo, porque foste tu que o

construíste — a rima, com os olhos a brilhar.

Puxo-a para mim. A Dahlia aninha-se no meu abraço e os nossos corpos fundem-se à medida que nos perdemos noutro beijo.

A dada altura, a neve começa a cair em volta do gazebo, cobrindo o chão como açúcar em pó.

— Um Natal branco! Há anos que isto não acontecia! — A Dahlia desata a

correr.

Fico no gazebo a vê-la rodopiar em círculos enquanto tenta apanhar flocos de neve com a língua.

Não há nada no mundo mais bonito do que a Dahlia a rir para o céu, parada diante da casa que tenciono transformar no nosso lar.

Deixo-a divertir-se durante alguns minutos antes de lhe pôr o braço em volta da cintura e de a puxar para a casa do fundador.

— Onde é que vamos?

— Para casa.

— O quê? Porquê?! Acabámos de chegar!

— Não vamos a lado nenhum. — Abro a porta das traseiras e entro em casa, arrastando-a atrás de mim.

Ambos soltamos um suspiro quando os nossos dedos das mãos e dos pés começam a descongelar.

A Dahlia espeta-me um dedo no peito.

— O que querias dizer quando disseste que íamos para casa?

— Estás parada dentro dela. — Aceno para a sala de estar.

A Dahlia pestaneja. E torna a pestanejar mais umas quantas vezes.

— Vamos car com a casa?

— Nunca tencionei vendê-la. — Mordo a língua.

— Nunca?

Abano negativamente a cabeça.

O olhar dela passeia-se pela sala, provavelmente espelhando os seus pensamentos.

— Porquê?

— Há anos que é minha.

— Anos?

— Sim.

A Dahlia abre a boca, mas as palavras não saem.

Respiro fundo.

— Lembras-te do que me respondeste no concurso da Rainha dos Morangos?

Quanto te perguntei o que querias se tivesses direito a três desejos?

A Dahlia arregala os olhos.

Apanhá-la de surpresa é fácil, mas fazê-la car sem palavras? É um feito difícil que nunca pensei que iria conseguir.

«E, como último desejo, quero ser proprietária da casa azul do fundador»,

disse-me com toda a seriedade, depois de desejar que o cancro não existisse e poder ter uma última conversa com o pai.

A Dahlia tem os olhos a brilhar, não por causa do luar que entra pela parede de janelas, mas por causa das emoções fortes que ameaçam consumi-la.

— Nunca me esqueci.

Uma única lágrima desliza pela maçã do rosto dela e limpo-a com um beijo.

— Tornaste o meu desejo realidade sem que eu me apercebesse disso.

— A voz falha-lhe.

Quando a casa do fundador foi posta à venda há uns anos, comprei-a sem hesitar. Inicialmente, foi uma maneira estúpida de me vingar de

uma mulher que tinha todo o direito de seguir em frente com outra pessoa. Contudo, de cada vez que pensava em destruir a casa, parava e pensava em quão magoada a Dahlia caria se voltasse e a casa tivesse desaparecido.

Felizmente, nunca avancei com o plano de demolição. Não tenho a certeza de que a Dahlia me tivesse perdoado se o tivesse feito e a maneira como tudo acabou por acontecer é muito melhor.

— Então é o cartaz que anunciava a venda pelo qual passámos depois de me ajudares a livrar-me do anel de noivado?

— Enviei uma mensagem ao Sam a pedir-lhe que zesse o favor de colocar o cartaz enquanto tu estavas a comer a nieve do Cisco.

— Estás a gozar. — Faz uma pausa antes de voltar a falar. — E o facto de me teres pedido para te ajudar a desenhá-la...

— Originalmente, foi porque a minha mãe me implorou que te arranjasse um trabalho para te ajudar a superar um período difícil.

O lábio inferior da Dahlia começa a tremer.

— Podias ter escolhido qualquer casa para trabalharmos juntos, mas escolheste esta.

— Sim.

— Porquê?

— Porque sabia que não conseguirias resistir a trabalhar nesta casa... mesmo que isso signi casse trabalhares comigo.

— Porque é que não a demoliste há anos?

— Era esse o plano original.

— O que é que te impediu de o fazeres? — Põe os braços em volta do meu pescoço.

— Enfurecer o Gerald?

A Dahlia dá uma gargalhada e bebo o som com os lábios. Beijo-lhe a testa. As maçãs do rosto. Os cantos da boca e a curva do pescoço. Beijo todos os pontos que a minha boca alcança enquanto a Dahlia faz o mesmo.

— O que dizes a tornarmos esta casa nossa? — Dou-lhe um beijo na base do pescoço.

— É tentador, mas sabes o que a minha mãe acha de eu viver com alguém antes de casar.

— Isso é fácil de resolver.

A Dahlia revira os olhos.

— Volta a perguntar-me daqui a um ano.

— Vou fazer-te cumprir essa promessa.

Até lá, tenciono tornar esta mulher minha em todos os sentidos da palavra.

Minha para amar. Minha para casar. Minha para acarinhar enquanto formos vivos.

Fim

61 Padrino: Padrinho.

EPÍLOGO

Dahlia

Seis meses depois

Ocalor envolve-me e suspiro enquanto me aninho mais contra a sua fonte. O

elástico em volta da minha cintura aperta-me, libertando-me da névoa da inconsciência.

Acordo de supetão na cama errada.

— Merda!

É a terceira vez este mês que eu e o Julian não conseguimos manter-nos acordados depois de carmos até muito tarde a fazer coisas que fariam com que a minha mãe tivesse de se confessar em meu nome durante os próximos cinco a dez anos.

O Julian esfrega os olhos para acordar antes de se sentar e se encostar à cabeceira. Fico rapidamente distraída com o peito dele e com os

músculos tonificados que sobressaem quando ajusta as almofadas atrás das costas.

Leva a mão ao meu rosto.

— Se continuares a olhar assim para mim, não vais conseguir sair daqui antes de a tua mãe acordar.

O meu coração palpita uma ou duas vezes conforme me encosto à mão dele.

— Devia ir-me embora. — No entanto, não consigo reunir força de vontade suficiente para me afastar do toque do Julian.

Para a maior parte das pessoas, a regra da minha mãe de não viver com alguém antes do casamento pode parecer arcaica — e concordo plenamente com isso —, mas não tenciono desair as crenças de Antigo Testamento dela em breve, sobretudo quando, daqui a uns meses, isso não vai ter a mínima importância.

O Julian pega-me na mão antes de eu ter hipótese de sair da cama.

— Podíamos resolver este problema irritante casando hoje.

Desato a rir, mas paro quando ele não faz o mesmo.

— Espera. Não estás a gozar?

Acaricia o meu dedo anular, fazendo-me estremecer.

— De todo.

— Queres casar hoje?

— O boletim meteorológico da noite passada disse que o dia iria ser soalheiro, sem nuvens e sem tempestades de verão durante a tarde — anuncia descontraidamente.

Pestanejo algumas vezes antes de falar.

— Viste o boletim meteorológico ontem à noite?

— E no dia anterior também.

— Há quanto tempo é que andas a fazer isso?

O Julian não pestaneja quando me diz:

— Desde que comprei o teu anel.

Os meus olhos quase saltam das órbitas.

— O meu anel? — Salto para cima dele, prendendo o seu corpo por baixo do meu. — Compraste-me um anel?

O brilho dos olhos dele rivaliza com o sol que entra pela fresta nas persianas ao nosso lado.

— Sim, mas disseste que querias esperar até ao próximo...

— ¡Vete a la chingada! ¡Necesito verlo ahora mismo! [62](#)

O Julian dá uma gargalhada maravilhosa.

— Primeiro, tens de o encontrar.

— Escondeste-o?

— Claro. Na semana passada já te apanhei a bisbilhotar pelo quarto, portanto, não podia correr riscos.

Sinto as maçãs do rosto a arder. Quando encontrei o recibo de um seguro de uma joalharia por baixo do banco da carrinha do Julian, depois de ele ter ido passar o fim de semana a Detroit com o Rafa, senti-me curiosa em relação ao que ele teria comprado. Embora os meus pensamentos tenham ido diretamente para um anel, convenci-me a mim mesma a pensar que ele tinha comprado uns brincos de diamantes clássicos para o meu aniversário, que se aproxima.

Ainda assim, bisbilhotei o quarto dele, mas não descobri nada.

— Se o encontrares, é todo teu. — O Julian dá-me um beijo na testa.

Salto da cama com um guincho antes de revistar o quarto do Julian de cima a baixo.

O caos que deixo para trás faria concorrência com o quarto da minha irmã.

— Está algures lá em bai...

Desato a correr escadas abaixo, deixando o Julian para trás a arrumar o que eu desarrumei, embora, pela gargalhada que dá, pareça não se importar.

Procuro em cada centímetro quadrado da casa do Julian, incluindo dentro do piano de cauda, no espaço apertado atrás das sanitas e dentro de todas as painéis, frigoríficos e eletrodomésticos suficientemente grandes para esconder a caixa de um anel.

Onde é que está?

Ou ele cou esperto depois de eu ter encontrado as suas listas de prós e contras escondidas pela casa fora ou então, para começar, nem sequer escondeu o anel aqui.

Devias saber que ele te ia enganar.

Caminho a passo pesado enquanto me dirijo para as escadas, pronta para admitir a derrota.

— Já o encontraste? — A voz profunda do Julian a ecoar nos tetos altos sobressalta-me.

Sigo o som da voz dele até à sala de estar, onde o encontro encostado à estante onde estão alguns dos objetos de que mais gosta, incluindo a sua coleção de livros d'O Príncipezinho e os dois troféus que lhe ofereci.

Espera lá...

Veri quei por trás dos troféus, mas não vi no interior.

Boa, Dahlia.

Ponho-me em bicos dos pés e tiro o troféu de Segundo Melhor da prateleira.

Vazio.

Podia ter jurado...

O Julian troca o troféu que tenho na mão pelo de Primeira Escolha que lhe ofereci no Natal.

Fico de olhos arregalados ao ver a caixa de madeira que está no interior e não consigo controlar as tremuras nos dedos quando ponho a mão dentro do troféu e pego na caixa de joias personalizada.

— Foste tu... — Não consigo dizer o resto da frase quando o Julian se ajoelha.

Pousa o troféu no chão, ao lado do corpo, antes de estender a mão.
Coloco a

caixa de joias na palma da mão dele. Deste ângulo, consigo apreciar a habilidade do trabalho, incluindo os detalhes impecáveis e complexos.

O Julian abre a tampa e revela um lindíssimo anel de diamantes, pousado numa almofadinha de veludo. O modelo vintage parece uma or, com um solitário reluzente rodeado por um círculo de diamantes ovais que se assemelham a pétalas.

Fico com a vista nublada e pestanejo desesperadamente para afastar as lágrimas, rezando para que não caiam antes de ele ter oportunidade de falar.

O anel é perfeito.

O Julian é perfeito.

E são ambos meus.

A caixa treme-lhe na mão.

— Ensaiei o meu discurso mais de cem vezes, mas nada me parecia bem, portanto, vou improvisar e esperar que digas sim.

Já disse sim há meia hora, durante a caça ao tesouro espontânea, mas o Julian não precisa de saber isso.

Não sou assim tão generosa.

— Disseste-me que querias esperar um ano antes de falarmos em casamento, mas acho que não consigo aguentar nem mais um dia, quanto mais outros cento e oitenta e sete, antes de te pedir para seres minha mulher.

Sustenho a respiração quando ele roda a manivela da parte lateral da caixa. As primeiras notas da minha canção preferida começam a tocar enquanto o Julian tira o anel da caixa e o levanta para eu poder ver o modelo exato que teria escolhido para mim mesma.

— Podes ter começado por ser minha rival, mas és muito mais do que isso.

És a minha sócia de negócios e a minha melhor amiga. A pessoa que mais me desagrada e a pessoa mais certa para mim... e espero que queiras ser minha mulher.

O nó apertado que tenho na garganta desaparece quando desato a rir. A mão com que o Julian segura o anel treme quando olha para mim com os olhos a brilhar e o mais carinhoso dos sorrisos.

Deixo-me cair de joelhos e tomo-lhe o rosto entre as mãos.

— Quero.

Os lábios dele colam-se aos meus e o anel ca esquecido quando reclama a minha boca, partilhando mil promessas implícitas enquanto me beija.

O Julian foi e será sempre a minha primeira escolha, e tenciono passar o resto



das nossas vidas a demonstrar-lhe isso.

Interrompe o beijo, deixando-me sem fôlego, à medida que me põe o anel no anular antes de me beijar os nós dos dedos.

— Que me dizes a casarmos hoje?

Solto um ofego.

— Sem um vestido?

— Sim ou não, Dahlia?

— Não devíamos falar sobre os prós e os contras de não ter um casamento tradicional...

O Julian faz um som que é meio gemido, meia rosnadela e que me faz ter um ataque de riso.

— Está bem. Vamos casar.

A casa do fundador — que agora é conhecida como o nosso lar — está a rebentar de atividade enquanto as nossas famílias se apressam a preparar-se para um casamento espontâneo. Nenhum deles parece demasiado surpreendido com a ideia, o que prova que o Julian planeou tudo isto desde o início. Desde a minha irmã ter o buquê de noiva perfeito já preparado até a Jose na conseguir uma licença de casamento a um sábado, de todos os dias possíveis, tudo corre da melhor maneira.

— Linda. — A minha irmã tira-me uma fotografia a a olhar pela janela para o gazebo.

A Jose na e a minha mãe estão abraçadas, limpando os cantos dos olhos enquanto olham para mim.

— Vocês vão dar cabo da maquilhagem — repreende-as a Lily antes de tirar outra fotografia.

— Que bella63 — diz a Jose na, a fungar.

— Mija. — A minha mãe vem ter comigo e puxa-me para um abraço que a Lily captura com a máquina.

Estendo as mãos e chamo a Lily e a Jose na, que se juntam ao nosso abraço.

— Tem cuidado com o cabelo dela.

— E com o vestido. — A Jose na ca atenta à cauda de cetim.

A minha irmã deve ter andado a coscuvilhar a minha conta do Pinterest, porque todos os pormenores, desde o véu de renda até ao vestido branco que, por acaso, tinha no armário, corresponde àquilo que imaginei para mim mesma.

A música de piano a tocar no jardim desperta-nos do momento.

A Lily pousa a máquina fotográfica numa mesinha de apoio.

— É a nossa deixa! O Julian deve estar a sair neste preciso momento.

Permaneço colada à janela, mas a Lily puxa-me antes de eu ter oportunidade de ver o meu futuro marido.

A minha irmã leva-nos para fora da sala e pelas escadas abaixo antes de parar em frente das portas duplas que levam ao alpendre e ao pátio.

Flores e velas ladeiam o caminho que leva ao gazebo, que foi decorado como outro dos meus quadros de sonho. O Julian permanece alheio aos meus olhares, parado por baixo das ores suspensas que caem do teto do gazebo, com um fato azul-escuro que se funde com o lago atrás dele.

É o meu futuro marido.

Fico com a vista enevoada e a Lily avisa-me para não dar cabo da maquilhagem pela décima vez esta noite.

Leva a mão ao bolso do vestido e tira um botão de rosa amarelo.

— Achei que o teu buquê precisava de uma recordação do pai, uma vez que não pode estar presente. — Põe o botão de rosa no centro do buquê.

Sinto picadas nos olhos.

— Pensei que não querias que eu chorasse.

— Desculpa! Lembra-te de tomares o teu tempo e caminhares lentamente, para não caíres de cara no chão e partires outro braço.

— És hilariante.

A Lily endireita-me o véu e dá uma pequena gargalhada antes de sair para o jardim para se juntar ao pequeno grupo que está em volta do gazebo. Há menos de vinte pessoas no nosso casamento improvisado e eu não podia estar mais feliz.

Tudo aquilo de que preciso é do Julian, do funcionário da conservatória e de um par de testemunhas para a papelada, que são da nossa família.

O Rafa baixa o queixo na direção do meu lado e o Nico passa as mãos pelas teclas do piano, começando a tocar as primeiras notas.

— Não te atrevas a chorar — entoo para mim mesma enquanto saio para o jardim.

Todas as cabeças se viram para mim. Mal consigo ouvir a música por cima do bater do coração e a única coisa que faz com que os meus pés continuem a mover-se é o homem que está parado por baixo do gazebo, a olhar para mim como se eu tivesse pendurado no céu a lua que brilha sobre nós.

Os saltos dos meus sapatos batem nos degraus quando entro no gazebo que o Julian construiu, apreciando as velas e as ores que cobrem todas as superfícies.

O Julian levanta-me o véu e a Lily pega no meu buquê, libertando-me as mãos para ele mas dar.

Inclina-se para mim e murmura-me ao ouvido:

— Eres la mujer más hermosa de todas. [64](#)

Fico cheia de pele de galinha nos braços e inclino-me para trás com um sorriso, apreciando-o.

Já vi o Julian com um ar feliz, mas, neste momento, está praticamente a brilhar das emoções que transmite.

— Estás pronta? — Aperta-me a mão.

Olho de relance para a Jose na, que deve ter tirado uma licença para celebrar casamentos, antes de inclinar a cabeça para o cérebro por trás de toda esta operação.

— Tinhas isto tudo planeado, não tinhas?

O Julian levanta-me a mão e beija-a.

— Jaque mate, cariño. [65](#)

Fico com a barriga cheia de borboletas, que me fazem sentir leve e alegre.

— Estamos aqui reunidos hoje para testemunhar o casamento de duas almas gémeas que estavam destinadas a car juntas. E embora algumas pessoas não possam estar sicamente presentes, sabemos que estão connosco em espírito. —

A Jose na inclina a cabeça para o lado.

Sigo o olhar dela até à mesa colocada ao lado do gazebo, onde alguém pôs uma fotogra a dos nossos pais, abraçados em frente de Lake Wisteria.

Como não quero testar o meu rímel à prova de água, pestanejo algumas vezes antes de me virar novamente para o Julian.

O mundo para à nossa volta quando nos olhamos nos olhos. Mal presto atenção ao discurso da Jose na, porque estou demasiado embrenhada no nosso momento para me importar com os votos tradicionais. Eu e o Julian já partilhámos as nossas promessas privadas há horas, a seguir a ele ter feito amor comigo depois de fazer o pedido de casamento, portanto, esta cerimónia é mais para as nossas famílias do que para nós.

Acompanho o discurso e repito o que a Jose na diz sempre que o Julian me aperta a mão.

Depois, a mãe dele en a o telemóvel no bolso do vestido e anuncia:

— Podes beijar a noiva.

O meu coração ameaça explodir com a vaga de emoções que se apoderam de mim, mas não tenho um momento de descanso antes de o Julian pôr o braço à minha volta e reclamar o seu primeiro beijo como meu marido.

O melhor xeque-mate de sempre.

62 ¡Necesito verlo ahora mismo!: Preciso de o ver imediatamente.

63 Que bella: Que bonita.

64 Eres la mujer más hermosa de todas: És a mulher mais bonita do mundo.

65 Jaque mate, cariño: Xeque-mate, meu amor.

EPÍLOGO ALARGADO

Dahlia

Três anos depois

-Dahlia... isto... — A minha última cliente da temporada do programa, uma sobrevivente de violência doméstica, tapa a boca enquanto olha para a sala de estar. — Fabuloso! — Põe os braços à minha volta.

Um dos microfones de palco desce para apanhar a minha próxima frase.

Seguro a Mindy com o braço esticado.

— Espero que isto a ajude a refazer a vida que deseja.

O episódio da Mindy tem tudo que ver com amor-próprio e empoderamento depois do fim de um casamento tóxico de trinta anos. Enquanto trabalhávamos na casa dos sonhos dela, explorámos juntas a redescoberta dela própria e a recuperação da sua confiança — um processo doloroso com o qual me identi quei completamente.

O programa Remodelar com a Dahlia não tem que ver apenas com a remodelação de casas. Tem que ver com partilha e com aprender com as experiências de vida, com explorar relações complexas e com

normalizar a saúde mental. Não temos medo de abordar os tópicos mais pesados — algo que me impediram de fazer na última estação em que trabalhei. Em vez disso, damos-lhes tanto tempo de antena quanto ao mobiliário que escolho e aos acabamentos com que ando obcecada.

Os espetadores adoram o conceito e as minhas audiências são superiores às de todos os outros programas de remodelação de casas, incluindo os que são produzidos pela Archer Media. Tem sido incrível trabalhar com a família Kane e com a equipa de produção da DreamStream e mal posso esperar por lmar a nossa quarta temporada no próximo ano.

A Mindy ca com os olhos cheios de lágrimas.

— Obrigada, do fundo do coração. Sonhei ter uma casa a que pudesse chamar minha, mas isto... é tudo aquilo que desejei e mais ainda.

— Corta! — anuncia o realizador antes de a equipa começar a aplaudir e a tecer elogios.

Puxo a Mindy para um último abraço.

— Estou muito feliz por si.

— Digo o mesmo. Sigo a sua carreira desde a segunda temporada do seu último programa e avançou muito.

— Obrigada. — Aperto-lhe as mãos porque sinto um aperto no coração.

Levam a Mindy para fazer uma entrevista pós-revelação e deixam-me sozinha.

A Reina vem ter comigo e puxa-me para um abraço de esmagar os ossos.

— Dahlia! Este sítio é fantástico. Tenho di culdade em escolher a minha divisão preferida.

— Excedeste-te. — A Hannah olha de relance para as estantes do chão ao teto que o Julian fez à medida para mim.

Embora as participações do meu marido no programa sejam limitadas, por motivos de privacidade, das raras vezes em que os meus telespetadores tiveram um vislumbre do meu Carpinteiro Ken caram a babar-se.

— Põe-na no chão antes de dares cabo do meu trabalho. — O Arthur leva a mão ao cinto de apetrechos de cabelo e pega numa escova.

A Hannah limpa-me os cantos dos olhos com um lenço de papel.

— Poupa as lágrimas para depois da entrevista nal.

— Vocês são os melhores. — Ponho os braços em volta deles e aperto-os. —

Vou ter saudades vossas.

— São só quatro meses. — A Reina dá-me um empurrão com a anca.

O Arthur compõe-me o cabelo.

— São quatro meses a mais. Como é que vais sobreviver à Europa sem nós?

— À Europa?

A Hannah dá uma cotovelada nas costelas do Arthur enquanto a Reina lhe lança um olhar venenoso.

— Dahlia.

A voz do Julian faz-me sentir uma descarga elétrica pelo corpo todo e, quando me viro, vejo-o encostado a uma das estantes que construiu.

— O que estás a fazer aqui? — pergunto-lhe depois de ir ter com ele.

Põe o braço em volta da minha cintura e puxa-me contra o peito.

— Queria estar aqui quando terminasses as Imagens da temporada.

Sinto um formigueiro da cabeça às pontas dos pés.

— Estou quase a acabar.

— Quanto tempo demoras?

— Mais uma entrevista e depois sou toda tua.

O olhar dele escurece.

— Ótimo, porque o jato está pronto e preparado para levantar voo.

— Onde é que vamos agora?

— Estava a pensar na Grécia. — Passa os lábios pelos meus, o que lhe vale um grito da Hannah por causa da maquilhagem.

— Tiras muitas férias para alguém que tem uma lista de afazeres de um quilómetro.

— Tenho uma década de férias perdidas para compensar.

Levanto o sobrolho.

— E que desculpa é que vais arranjar daqui a sete anos?

O Julian esboça um sorriso malicioso.

— Férias de família?

Devolvo-lhe o sorriso.

— Gostava muito. Um dia. — Tendo em conta o sucesso do meu programa, ainda não estou nem pouco mais ou menos pronta para assentar e dar início ao processo de adoção, e o Julian também não.

Demorei alguns meses, mas as nossas famílias já sabem da minha escolha de não ter lhos. Foi difícil falar-lhes dos resultados do teste, mas, com o Julian ao meu lado, conseguimos ter a conversa complicada e acabámos por ser uma família mais forte por causa disso. As nossas mães já não nos perguntam quando vão ter netos, o que é um alívio.

Tomei as medidas necessárias para impedir o risco de uma gravidez, mas o Julian optou por fazer uma vasectomia para atenuar as minhas preocupações, portanto, por agora, estamos muito contentes com os nossos títulos de melhor tia e tio.

Embora adoremos crianças, ainda não estamos prontos para as criar.

Olhando para trás, sinto-me contentíssima por a vida que idealizei para mim mesma não ser aquela que acabei por ter, porque agora tenho uma carreira de sucesso e o homem dos meus sonhos.

Em tempos, pensei que nada disto seria possível, mas o Julian adora provar que estou enganada sempre que tem oportunidade de o fazer.

Independentemente de, agora, estarmos casados e a trabalhar juntos, há coisas

que não mudam.

E espero que nunca mudem.

Agradecimentos

Há muitas pessoas que ajudaram a tornar possível este livro e esta é a minha oportunidade de lhes agradecer.

Aos meus leitores — por vossa causa, o sonho desta autora é possível. O facto de cada um de vós apostar nos meus livros é extremamente importante para mim e é algo que nunca tomarei por garantido. Obrigada do fundo do coração pelo vosso amor e apoio. Espero que tenham gostado de ler Amor Redesenhado!

À Kimberly Brower — obrigada por seres a melhor agente que um escritor podia pedir. Estou-te muito grata por teres feito parte deste processo desde a primeira vez que propus a ideia e não poderia ter feito isto sem ti.

E ao resto da equipa da Brower Literary, incluindo a Joy — muito obrigada por despenderem tanto tempo e cuidado para ajudar a série Bilionários de Lake Wisteria (e o resto dos meus livros) a chegar a tantos leitores.

À Christa, à Letty, à Gretchen e ao resto da equipa da Bloom — obrigada por darem tudo por tudo à história do Julian e da Dahlia, desde o primeiro esboço de desenvolvimento até à versão nal. À Pam, à Katie e à Madison — obrigada por me ajudarem a transformar o lançamento do livro num grande sucesso.

À Dom — obrigada por me acolheres na família Bloom e por acreditares nas minhas histórias. Estou muito grata por fazer parte do incrível legado que estás a criar com a editora Sourcebooks.

À equipa da Piatkus, incluindo à Ellie e à Anna — obrigada por me ajudarem a lançar os meus livros não só no Reino Unido, mas em todo o mundo. Tornaram possíveis muitos dos meus sonhos e mal posso esperar por esta aventura convosco.

À Nina, à Kim e a toda a gente na Valentine PR — não tenho a certeza de onde estaria sem vocês, mas co contente por não ter de descobrir. São todos tão empenhados em fazer de cada lançamento um sucesso e estou-vos grata por tudo o que fazem nos bastidores para tornar isso possível.

À Erica — mal acreditar que este é o oitavo livro em que trabalhamos juntas.

É uma loucura pensar que o mais provável seria eu não estar a fazer isto se não fosse por Throttled, e é algo que nunca esquecerei. Adoro-te (e à M).

À Becca — é difícil condensar a minha gratidão em poucas linhas, portanto, vou ter de te enviar uma mensagem de voz. Como é que posso agradecer-te me teres incentivado a ser a melhor versão de mim mesma? É impossível, mas é esta a minha tentativa!

À Sarah — obrigada do fundo do coração por tudo o que fazes para me ajudar com as minhas histórias. É verdadeiramente notável pensar que trabalhamos juntas há anos, na revisão e na edição, e mal posso esperar pelo próximo livro.

À Mary — tequeño mucho. Obrigada por seres a Melhor de Sempre. A rainha do design grá co. A amiga com quem posso contar sempre, mesmo quando as nossas baterias sociais estão quase vazias. Respondeste a tudo o que te atiro com um emoji do WhatsApp escolhido na perfeição e não sei mesmo o que faria sem ti. À Jos — não sei se teria conseguido manter a cabeça no sítio durante este processo sem ti e sem a tua amizade. És a melhor miúda moderna, leitora alfa, oradora motivacional e genial a resolver problemas. E um grande obrigada por me salvares da Vida Secreta do Amor Redesenhado.

À Nura — é difícil acreditar que este é o quarto livro em que foste a minha leitora alfa, mas aqui estamos! O teu entusiasmo, a tua excitação e as tuas excelentes sugestões ajudaram a levar este livro ao nível seguinte e estou grata por queres fazer parte do meu processo.

Às minhas incríveis leitoras beta, a Amy, a Elizabeth, a Fernanda, a Jan, a Kendra, a Janelle, a Isabella, a Katelyn e a Mia — obrigada por estarem à altura do desaio de serem as minhas leitoras beta. Cada uma de vós contribuiu com algo único para o processo e estou-vos grata por terem partilhado comigo as vossas competências incríveis e um tempo precioso. Por causa do vosso retorno, este livro foi elevado ao nível seguinte para mim e nunca esquecerei isso!

À Leticia — obrigada por reveres este livro. És extremamente talentosa e preocupas-te muito com o teu trabalho, e tenho sorte por a Elsie nos ter apresentado.

À minha família — obrigada por participarem nesta viagem louca comigo.

Seja a ajudar-me com as encomendas ou a ouvir-me divagar sobre ideias para o enredo, estão sempre presentes para me apoiar em todas

as situações.

Ao futuro senhor Asher — obrigada por tornares a vida e este processo assustador em algo divertido. Por tua causa, lembro-me de rir mais e de stressar

um bocadinho menos.

Document Outline

- AVISO RELATIVO AO CONTEÚDO
- CAPÍTULO UM
- Julian
- CAPÍTULO DOIS
- Dahlia
- CAPÍTULO TRÊS
- Julian
- CAPÍTULO QUATRO
- Dahlia
- CAPÍTULO CINCO
- Julian
- CAPÍTULO SEIS
- Dahlia
- CAPÍTULO SETE
- Dahlia
- CAPÍTULO OITO
- Julian
- CAPÍTULO NOVE
- Dahlia
- CAPÍTULO DEZ
- Dahlia
- CAPÍTULO ONZE
- Dahlia
- CAPÍTULO DOZE
- Julian
- CAPÍTULO TREZE
- Dahlia
- CAPÍTULO CATORZE
- Dahlia
- CAPÍTULO QUINZE
- Julian
- CAPÍTULO DEZASSEIS
- Julian
- CAPÍTULO DEZASSETTE
- Dahlia
- CAPÍTULO DEZOITO
- Dahlia
- CAPÍTULO DEZANOVE
- Julian
- CAPÍTULO VINTE

- Julian
- CAPÍTULO VINTE E UM
- Julian
- CAPÍTULO VINTE E DOIS
- Julian
- CAPÍTULO VINTE E TRÊS
- Julian
- CAPÍTULO VINTE E QUATRO
- Dahlia
- CAPÍTULO VINTE E CINCO
- Julian
- CAPÍTULO VINTE E SEIS
- Dahlia
- CAPÍTULO VINTE E SETE
- Dahlia
- CAPÍTULO VINTE E OITO
- Julian
- CAPÍTULO VINTE E NOVE
- Dahlia
- CAPÍTULO TRINTA
- Dahlia
- CAPÍTULO TRINTA E UM
- Julian
- CAPÍTULO TRINTA E DOIS
- Julian
- CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
- Dahlia
- CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
- Julian
- CAPÍTULO TRINTA E CINCO
- Dahlia
- CAPÍTULO TRINTA E SEIS
- Dahlia
- CAPÍTULO TRINTA E SETE
- Dahlia
- CAPÍTULO TRINTA E OITO
- Dahlia
- CAPÍTULO TRINTA E NOVE
- Dahlia
- CAPÍTULO QUARENTA
- Julian
- CAPÍTULO QUARENTA E UM
- Dahlia
- CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

- Julian
- CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
- Dahlia
- CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
- Julian
- CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
- Julian
- CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
- Julian
- CAPÍTULO QUARENTA E SETE
- Dahlia
- CAPÍTULO QUARENTA E OITO
- Julian
- CAPÍTULO QUARENTA E NOVE
- Dahlia
- CAPÍTULO CINQUENTA
- Dahlia
- CAPÍTULO CINQUENTA E UM
- Julian
- CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS
- Dahlia
- CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS
- Julian
- CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO
- Dahlia
- CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO
- Julian
- EPÍLOGO
- Dahlia
- EPÍLOGO ALARGADO
- Dahlia
- Agradecimentos